This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 907,413

PROPERTY OF

The University of Michigan Library

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

O CEDRO VERMELHO

I

J.H.CALHARDO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

869.8
G6292
1874

v.1-2

Pertence a propriedade d'este livro, no imperio do Brazil, ao sr. Agostinho José de Almeida, cidadão brazileiro, residente no Pará.

63- 358137

ADVERTENCIA

Se tiverem apparecido ou se apparecerem ainda algumas folhas impressas do *Cedro vermelho,* sem que pertençam á presente edição, previne-se o publico de que esse facto é devido a um abuso de confiança, com manifesta violação da lei de propriedade litteraria. Os detentores d'essas folhas não teem, nem tiveram nunca, titulo ou direito legal que justifique a detenção. Haviam contratado com o auctor a publicação da sua obra, mas não a tinham pago. Como este se queixasse, repetidas vezes, de não se fazerem escrupulosamente todas as emendas marcadas por elle nas provas typographicas, escandalisaram-se; e fiados em que não tinham assignado documento, que juridicamente podesse obriga-los, faltaram aos seus compromissos. Confessaram, todavia, que eram jus-

tas e fundadas as reclamações do auctor, como se vê do seguinte periodo da carta de um d'elles:

«Reconheço que v. tem rasão; e de certo que a inepcia, má vontade ou inexperiencia d'aquelles homens da typographia, reunidas á minha igual inexperiencia ou frouxidão, teem dado resultados deploraveis.»

Apesar d'estas ingenuas e positivas declarações, e não contentes com os prejuizos que a sua falta de fé, depois de um anno de espera, occasionava ao auctor, retiveram em si as folhas impressas do manuscripto que não compraram!

No primeiro impeto de indignação esteve o auctor tentado a leva-los aos tribunaes; depois resolveu estampar-lhes aqui os nomes, expondo-os ás naturaes consequencias da falta de probidade commercial; por fim, nem isso faz. Acha hoje naturalissimo que procedesse assim com elle o homem que ainda ha pouco tempo confessava dever-lhe tudo e lhe escrevia phrases tão succulentas como estas:

«E qualquer que seja sempre a minha posição e a sua, conservarei sempre uma eterna

gratidão por tantas finezas immerecidas, e a minha bôca só pronunciará o seu nome para o encher de bençãos e agradecimentos.»

Não se tomem estas revelações por immodestia do auctor, que as faz sómente com o fim de tornar mais frizantes, no seu caso, as palavras do grande orador romano: *Habemus confitentem reum.* «Temos um réu que confessa».

PREFACIO

O auctor d'este drama saía apenas da infancia quando o destino o levou ás praias que banha o Amazonas. Por lá viveu nove annos, ora embalado pelas ondas do gigante dos rios e dos seus lagos e tributarios, ora attrahido e encantado pela grande voz das florestas.

De volta á patria, não perdeu a memoria do formoso paiz onde passára a idade juvenil; a distancia, que diminue as proporções das cousas, foi impotente com elle, porque o seu pensamento lhe traz sempre presentes, revestindo-as de fórmas ainda mais grandiosas, todas as bellezas que viu alem do Oceano. O tempo e as enfermidades, que tudo gastam, não lhe esfriaram o enthusiasmo; a sua admiração, seguindo as leis de desenvolvimento da vida, cresceu com a idade e tentou por mais de uma vez traduzir-se em factos, embora modesta e obscuramente.

O *Cedro vermelho* aspira tambem á demonstração d'estas verdades e sentimentos. Não o dá o auctor como estudo acabado de costumes; é apenas um quadro imperfeito, composto com recordações da sua mocidade.

Tendo-se representado, ha dezoito annos, no theatro de D. Maria II, onde um publico illustrado e benevolo se dignou recebe-lo com singular favor, sáe hoje em livro, com as correcções e desenvolvimentos que pareceram convenientes para accentuar melhor os caracteres e tornar a leitura mais aprazivel.

Nas *notas e esclarecimentos,* que formam o segundo volume, tentou-se dar uma idéa da paizagem... Mas, que palheta acharia as tintas proprias e que pincel seria assás feliz para reproduzir, colorido com verdade, um painel d'aquella terra de prodigios?!... O auctor sabe que póde ser accusado de pretender disfarçar com o esplendor do scenario os defeitos insanaveis da sua obra; resigna-se, porém, se conseguir provar que não é indigno do titulo de 'amigo sincero do Brazil' com que foi honrado por um grande principe.

A

SUA MAGESTADE

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

O CEDRO VERMELHO

DRAMA

Representado a primeira vez, em Lisboa, no theatro de D. Maria II
em 8 de maio de 1856

PESSOAS

LOURENÇO, O CEDRO VERMELHO — Indio Juruna.
FRANCISCO — Guarda marinha da armada portugueza.
DUARTE — Coronel da guarda nacional do Pará.
BRACELETE DE FERRO — Indio Juruna.
BRAZ..... } Tapuios.
THOMÉ..... } Tapuios.
ANTONIO..... } Tapuios.
JUIZ DA FESTA DE S. THOMÉ } Tapuios.
JOÃO — Escravo preto.
MATHILDE — Sobrinha de Duarte.
MIQUELINA..... } Tapuias.
JUIZA DA FESTA DE S. THOMÉ } Tapuias.

Tapuios, Tapuias, Pretos e Pretas.

Logar da scena: — Margens do lago Curumú,
na provincia do Pará.

EPOCHA — 1837.

Côres, trajos e adereços das personagens

LOURENÇO

No primeiro e segundo actos

Vestidura de pennas de arara, papagaio e tucano, sem mangas, descendo até aos joelhos, cingida ao corpo, e alargando em fórma de saial da cintura para baixo; os buracos por onde sáem os braços, bem como o do pescoço, debruados com juncos e pennas curtas, de diversas côres, levantadas para fazer grossura; collares de contas variadas; brincos triangulares, de vidro branco; cabello preto, comprido, apartado ao meio e caído para traz; cocar ou diadema de pennas vermelhas e amarellas, tendo na frente duas mais altas; pulseiras de missanga e pennas de peito de arara e papagaio; o mesmo enfeite nas curvas das pernas e nos artelhos; sem barba, nem pinturas no rosto; descalço; côr de bronze escuro. Armas: arco, mais alto que um homem, de madeira escura, com corda de curauá; frechas de differentes tamanhos, algumas do comprimento do arco, outras mais curtas, com ferros de osso, de taboca e de ferro, uns com feitio de punhaes, outros de arpão e azagaia; na parte anterior das frechas, azas de duas pennas, sendo uma de cada côr e postas com a rama em sentido

contrario; as mais curtas teem enfiado ao pé do bico um caroço de tucuman; algumas sem azas.

Nos tres ultimos actos

Saial de folhas de palmeira verde, e braceletes iguaes nos punhos, curvas das pernas e artelhos; cocar das mesmas folhas, cobrindo-lhe a cabeça até ás orelhas; no peito uma especie de arnez de pelle de jacaré, preso ao pescoço, costas e cintura com largas tiras de couro de anta; um rosario de coral ao pescoço, com uma cruz de oiro pendente. Armas: arco, frechas e espingarda. Na scena final, não traz cocar nem rosario, e o tangapema de Bracelete de Ferro substitue as outras armas.

FRANCISCO

Casaco de xadrez azul e branco, e calça da mesma fazenda; camisa branca, de collarinhos grandes, voltados para baixo; lenço preto no pescoço, com laço á maruja; chapéu de folhas de palmeira; sapatos pretos, de entrada baixa; meias de riscado azul e branco. No ultimo acto, bonnet de guarda marinha portuguez.

DUARTE

Calça e casaco de linho pardo de Hollanda; camisa branca, de collarinhos direitos; lenço de côr ao pescoço; bonnet da guarda nacional do Pará; sapatos pretos de entrada baixa; meias brancas.

BRACELETE DE FERRO

Saial de pennas de varias côres; uma pelle de onça, com parte da cabeça e focinhos do animal, serve-lhe de capacete e de manto; no braço direito

uma argola ou bracelete de metal branco, muito larga; nos artelhos e curvas das pernas, cintas de algodão, tecidas com pennas, e tendo pendentes caroços de inajá, seccos e cortados ao meio, que fazem ruido de cascaveis com o movimento; cabello riçado e atado no alto da cabeça, com uma folha de palmeira e duas pennas de arara levantadas, que só se vêem quando lhe cáe a pelle, depois de ferido. Armas: arco de pau avermelhado; frechas com tacuáras de taboca e de ferro; espada ou tangapema, de pau de arco, de fórma cylindrica, tendo o punho coberto com fio de tocum almecegado, pendente do pescoço para as costas; escudo oblongo, de couro de anta, debruado com pennas, e enfiado no braço esquerdo. Corpo todo pintado com tintas escuras e vermelhas, em riscos ondeados e caprichosos; beiços pretos; descalço.

BRAZ

Calça de algodão riscado, justa ás pernas e muito curta; camisa de riscado encarnado e branco, desabotoada no collarinho. Faca na cinta, em bainha de couro; arco, frechas com ferros de osso, e tacuáras de ferro. Côr acobreada; descalço.

THOMÉ

Calça branca de algodão fino; camisa de chita, de xadrez arroxado. A mesma côr de Braz; descalço.

ANTONIO

Calça de algodão de xadrez largo, branco e côr de tijolo; camisa de riscado azul. A mesma côr dos outros; descalço.

JUIZ

Calça encarnada, justa e curta; casaca verde-claro, de abas estreitas e compridas sobrepondo uma na outra, forrada de amarello, e com grandes botões de aço; camisa côr de canario, desabotoada no collarinho; sem lenço no pescoço; um grande laço de fitas brancas e encarnadas, preso n'uma casa da casaca; chapéu redondo, de palha de palmeira, com a cópa alta e aguda, e com fita côr de rosa, tendo esta as pontas caídas. A mesma côr dos outros; descalço.

JOÃO

Calça e camisa de algodão grosso, branco. A calça curta e estreita. Côr preta; descalço.

TAPUIOS

Calças de riscados variados; camisas de diversas côres. Alguns, com chapéus como o do juiz, mas sem fitas. Côr das carnes, variando entre o chumbo e o cobre; todos descalços.

PRETOS

Calças curtissimas, de algodão branco, grosso, justas ás pernas; sem camisas; descalços.

MATHILDE

Roupão até aos pés, de cassa branca, aberto no peito, deixando ver a camisa de cambraia fina orlada de rendas, apertado na cintura com uma fita escoceza, e aberto tambem da cintura para baixo de modo que descobre parte da saia de cassa differente; mangas largas, compridas e enfeitadas, assim como o corpo e saias, com fitas escocezas guarnecidas de rendas brancas. Manta de gaza ou

filó, quando sáe de noite, no segundo acto. Collares e pulseiras de oiro. Penteado alto, elegante, em fórma de capacete, variando graciosamente de uns para outros actos. Flores naturaes no cabello. Sapatos de côr clara.

MIQUELINA

No terceiro acto: saia de cassa branca, um pouco curta, com folhos de renda azul clara, e enfeitada com flores naturaes. Camisa de cambraia branca, muito decotada, ornada de rendas alvadias. Mangas só até ao antebraço. Pulseiras e collar de contas de vidro. Cabello atado no alto da cabeça; pente de tartaruga, com virola de oiro na parte superior e pingentes do mesmo metal. Côr, como a dos tapuios; descalça. No quarto e quinto actos, saia de chita riscada e camisa de cassa ordinaria.

JUIZA

Saia côr de canario, enfeitada com laços de fita branca e côr de rosa, com as pontas caídas; camisa branca, muito decotada, com rendas côr de rosa; mangas abotoadas no antebraço, com botões de oiro; laços amarellos e côr de rosa nos hombros; rosario imitando coraes ao pescoço, com uma grande veronica de oiro; argolas do mesmo metal nas orelhas; pulseiras irmãs do rosario; cabello atado no alto da cabeça em fórma de concha; pente muito grande, de tartaruga, com virola e pingentes de oiro; flores naturaes á roda do pente; lenço branco na mão; anneis de tartaruga e de oiro. A mesma côr dos tapuios; descalça.

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ

Saias brancas de cassa; camisas da mesma fazenda, todas decotadas e com enfeites de rendas;

penteados altos, com pentes de tartaruga e flores no cabello; lenços brancos nas mãos. Côr, a dos tapuios; descalças.

TAPUIAS

Saias de chita, de côres claras e variadas; camisas brancas e de côres; lenços nas mãos; penteados differentes: umas prendem o cabello com pentes altos, de diversos feitios, e outras com travessinhas de metal e de tartaruga; pulseiras de contas e collares iguaes; brincos de oiro, coral, pedras, etc. Côr, como as outras; descalças.

PRETAS

Saias muito curtas, de differentes côres; camisas iguaes, sem mangas, muito decotadas; descalças.

ACTO PRIMEIRO

Margem meridional do lago Curumú. Á direita do espectador começa uma floresta, destacando-se d'ella algumas araucarias e palmeiras de mediana grandeza. Á esquerda, casa terrea, coberta com folhas de palmeira pindoba, já velhas, e vestida em partes de jasmineiros floridos e outras trepadeiras; as paredes da casa são de barro; as portas e janellas, de pau, com venezianas amarellas. Em torno da habitação, ananazes e bananeiras com fructo; rosas mogorins, assucenas, jasmins brancos e jasmins de Cayena em florescencia. Á frente da casa, um largo terreiro com mangueiras, laranjeiras, coqueiros, goiabeiras e cuieiras, todas com fructos. Ao fundo, o lago, sobre cujas aguas se debruçam dos arvoredos grandes festões de maracujá. Alem do lago avista-se vagamente a floresta da margem opposta. Duas redes atadas nas mangueiras; uma esteira no chão, com objectos de costura em cima; uma banca de madeira tosca e bancos á roda.

SCENA I

DUARTE, recostado em uma das redes; FRANCISCO, junto d'elle, de pé, apoiando-se n'uma espingarda com uma das mãos, e tendo um ramo de nenufares na outra; MATHILDE, sentada na esteira, com um bordado no regaço, olha distrahidamente para a floresta; JOÃO, á borda do lago, acabando de tecer um paneiro.

DUARTE

Que lhe pareceram as nossas plantações, Francisco?

FRANCISCO

Lindissimas! Sinto que o coronel me não tivesse convidado ha mais tempo para eu vir admira-las. É assombrosa a natureza do seu paiz! Que variedade de plantas, de fructos, de aves e de insectos deslumbrantes! Que florestas magnificas! que vastas campinas e que lagos immensos!... Senhora D. Mathilde, peço licença para lhe offerecer um ramo de nenufares. (Dando o ramo a Mathilde.) São formosissimas estas flores! Para as apanhar tive que expulsar de entre ellas um jacaré audacioso, que pretendia impedir-me de entrar nos seus dominios.

MATHILDE, acceitando friamente o ramo

Não são feias... porém, a flor do mururé grande é muito mais bonita.

DUARTE, a Francisco

Não se metta com jacarés; ha muitos n'este lago, e é arriscado brincar com elles.

FRANCISCO, mostrando a espingarda

Eu sei a maneira de os tratar sem que elles abusem da minha confiança.

DUARTE

É preciso muito sangue frio e muita cautela; o senhor não está costumado ainda

aos nossos lagos e aos nossos matos; peço-lhe que não se exponha.

FRANCISCO

Serei prudente para mostrar-me grato a v. ex.ª Mas diga-me se não é pena que similhantes patifes destruam, com as suas cabriolas impias e selvagens, flores tão viçosas como aquellas?

DUARTE

A natureza foi liberal comnosco. O jacaré nos lagos, a onça nos bosques e o jaguar nas campinas, pódem cortar largo e estragar á vontade, que não nos prejudicam.

FRANCISCO, sentando-se na rede

Se esses senhores exercem livremente a sua tyrannia na terra e nas aguas, é natural que considerem o homem como intruso, e não o poupem...

DUARTE, sorrindo

Elles são reis... tributarios. Aqui só o homem é soberano absoluto. O mato offerece-nos, sem prejuizo da onça, a caça de muitas variedades, as riquissimas madeiras de construcção, as gommas preciosas, as plantas medicinaes e os oleos odoriferos; vestem-se as campinas de abundantes pastos para en-

gordar os nossos rebanhos, e o tigre não nos disputa o capim, com quanto se esqueça de vez em quando de respeitar as nossas rezes!... Os rios e os lagos fornecem-nos peixes de mil qualidades sem prejudicar a existencia dos crocodilos. (Levanta-se, vae fallar com alguns pretos que atravessam a scena carregados com paneiros á cabeça, e segue-os até á borda do lago.)

FRANCISCO

Paiz de maravilhas!... (Olhando para Mathilde.) E de fadas tambem!

MATHILDE, forcejando por sorrir

Viu alguma no seu passeio?

FRANCISCO

Vi... a dama do lago.

MATHILDE

É mais feliz do que eu! Vivo aqui desde muitos annos, e não a encontrei nunca. É formosa?

FRANCISCO

Eu acho-a formosissima.

MATHILDE

Querem ver que está namorado!

FRANCISCO, encarando-a fixamente

Seria imprudencia?

MATHILDE, baixando os olhos

Talvez... (Olhando novamente para elle.) Se ella lhe ordenasse que a seguisse ao fundo do lago?...

FRANCISCO

Obedecia.

MATHILDE, erguendo-se

Ah!... que estava fazendo a mysteriosa naiade quando o senhor a encontrou?

FRANCISCO, áparte

Francisco, toma juizo! Não te deixes ir atraz do chôro! (Alto.) Acariciava um jacaré, promettendo-lhe o coração do primeiro homem que se atrevesse a adora-la.

MATHILDE, rindo

Tem graça! Veja se cáe em dar-lhe o seu. O senhor desenha? Ha de me fazer o retrato da dama do lago.

DUARTE, que se approximava e ouviu as ultimas palavras, a Francisco

Talvez ignore ainda que Mathilde tambem é artista?

FRANCISCO

Não sabia.

DUARTE

Desenha com soffrivel correcção e pinta a aguarella.

MATHILDE

O tio exagera... A mestra franceza que me deu algumas lições, falleceu quando eu principiava apenas...

DUARTE

Deixe-a fallar. Tem feito lindas vistas do Curumú.

FRANCISCO, a Mathilde

Sei que não possuo nenhum titulo para que me honre com a sua confiança... e avalio o que perco! Desde que vim da cidade, com o senhor coronel, poucas vezes me tem sido concedida a honra de ver a v. ex.ª; mas como tenho agora de vir aqui mais frequentemente, por causa das colheitas que se approximam, esforçar-me-hei para...

MATHILDE, a Duarte, interrompendo Francisco

O tio tem boas lembranças! Fallar nos meus nadas a um europeu instruido e talvez grande artista?!... (A Francisco, sorrindo.) Não lhe mostro as minhas obras... e espero que não se escandalise.

FRANCISCO, com um sorriso de despeito

Não sou sujeito a despeitar-me... nem tinha de quê. (Áparte.) É uma selvagem!... encantadora. (Alto.) É verdade que... por outro lado... (Áparte.) Estou bonito! Nem sei o que

digo! (Alto, olhando para o relogio e erguendo-se.) O que me peza é ter de ir já para a villa!...

DUARTE, dirigindo-se para casa

Se lhe parece, fique esta noite comnosco; não nos incommoda; a casa é grande, e ha muito onde armar uma rede. (Entra em casa.)

SCENA II

MATHILDE, FRANCISCO, JOÃO á beira do lago

MATHILDE, sentando-se na rede

Vae zangado commigo?

FRANCISCO

Não tenho motivo... nem direito... nem me era possivel zangar-me com v. ex.ª

MATHILDE

Bem sabe que sou sertaneja; nasci quasi nas selvas, e tenho ás vezes meus assomos de... selvagem. (Levanta-se.)

FRANCISCO, approximando-se e pegando-lhe respeitosamente na mão, que ella lhe offerece

Oh! minha senhora!... (Aparte.) Adivinhar-me-ía o pensamento? (Alto.) V. ex.ª exagera... como a natureza do seu paiz. (Beija-lhe a mão.)

JOÃO, mostrando o que tem na mão

Dize a mim se acha bom este.

BRAZ, examinando-o

Hum... (Abanando a cabeça.) nem por isso!...

JOÃO, despeitado

Que tem que dizê a elle?

BRAZ

O paneiro de guarumá deve ser feito com talla verde para se poder apertar; se este é para metter farinha, não presta.

JOÃO

Porquê?

BRAZ

Tem os buracos muito largos, e rasga-se logo a folha com que for empalhado.

JOÃO, mettendo os dedos pelo tecido do paneiro

Tapuio dize isso por inveja... é vérdade qui talla estava quasi sêcca... (Voltando o paneiro de roda.) mas puxou ella bem! Vossê não intende d'estes coisa. Espera ahi, qui vae chamá pae sinhô.

SCENA V

BRAZ, só, olhando para o lago

Até que emfim torno a ver-te, meu lago do Curumú!... Ah! quantas vezes estive em

risco de não beber mais da tua agua! Os brancos venceram!... Tive de fugir, e preciso atravessar para a outra banda. De cá, ninguem me conhece; mas toda a demora d'este lado é perigosa. Esta noite, quando o mutúm cantar pela segunda vez, tomarei a primeira canôa que achar no porto, e adeus margem de Alemquer! Chegando ás matas das cabeceiras do lago, desafio os brancos para que vão lá prender-me!

SCENA VI

BRAZ, DUARTE

DUARTE

Que é que queres?

BRAZ, áparte

Jurupari! Este conhece-me!

DUARTE, reparando n'elle

Esta cara!... Onde a veria eu?! Tu já me serviste? Ah! agora me lembro! fugiste-me na cidade, por occasião da entrada dos cabanos.

BRAZ

Não fui eu, patrão.

DUARTE

Não, não fôste; eras meu remador... e por signal, que abalaste, levando-me uma espingarda!

BRAZ

O patrão engana-se.

DUARTE

Não te chamas Braz?

BRAZ

O meu nome é Joaquim.

SCENA VII

DUARTE, FRANCISCO, BRAZ, depois JOÃO

FRANCISCO, com um desenho na mão

Que admiravel aguarella! Os sabios da culta Europa ficariam assombrados se vissem o primor com que nas margens do Curumú se cultivam as artes do desenho.

DUARTE, que tem estado a examinar Braz

Não teimes; eu conheço-te perfeitamente.

BRAZ, imperturbavel

O patrão nunca me viu.

DUARTE

Peior é essa! Eu perdôo-te se me fallares com franqueza. Tu sabes arpoar pirarecú? Pois ficas commigo; dize a verdade: foste tu o remador que me fugiu com a espingarda?

BRAZ

Joaquim não é mentiroso nem ladrão; e é Joaquim que eu me chamo.

DUARTE

Vae-te com os diabos!

FRANCISCO, approximando-se

Que tem, senhor coronel?

DUARTE

Estou furioso contra este velhaco!

FRANCISCO

Tranquillise-se; dizia um philosopho illustre, que nada ha n'este mundo que valha a colera de um homem prudente.

BRAZ, saindo

Adeus, patrão.

DUARTE

O cachorro antes quer ir-se embora do que dizer que é o proprio! Cabano?!

FRANCISCO, baixo a Duarte

É um revolucionario?! Porque não o prende?

DUARTE

Ó tapuio?!

BRAZ, voltando

O patrão fallava commigo?

DUARTE

Anda cá, homem; tu não és mura?

BRAZ

Não, senhor; nasci no Tapajós, e meu pae é mundurucú.

DUARTE, disfarçando a ira

Bem; n'esse caso tomo-te para meu pescador. (Áparte.) Deixa estar que te hei de agradecer o atrevimento de me teres desmentido!

BRAZ

O tapuio não é enganador.

DUARTE

Melhor para ti! Ó João?

JOÃO

Pae sinhô?

DUARTE

Vae apanhar o café dos topés, que estão á beira do lago. Leva esse homem para te

ajudar. E dize aos teus parceiros, quando vierem com os paneiros de cacau, que não os deixem ao sol. Quero tudo recolhido. (João sáe com Braz.)

SCENA VIII

DUARTE, FRANCISCO

FRANCISCO

Não gosto da cara d'elle.

DUARTE

São os nossos arabes errantes. O seu prazer é estarem hoje n'um logar e ámanhã n'outro. Com a mesma facilidade com que se justam n'uma casa ou n'uma canôa, abalam sem despedir-se, mudam de nome e de naturalidade, segundo as circumstancias, e mentem com admiravel sangue frio!

FRANCISCO

Se o coronel sabe que este pertenceu aos facinoras, que sob a denominação de cabanos devastaram a provincia, porque não o mette na cadeia?

DUARTE

Vejo-o desmentir-me com tanta audacia, que chego a hesitar se será o mesmo! Porém, deixe-o commigo; a villa é perto, e elle

não perde nada em esperar. A cabanagem, que se julgava inteiramente extincta com a destruição do acampamento de Icuipiranga, parece que ainda tem restos para as bandas do Rio Negro. No principio do mez chegou a Santarem uma divisão encarregada de perseguir esses assassinos, e eu recebi ordem para capturar os que se refugiassem no meu districto; felizmente, Alemquer fica-lhes fóra de mão, e ainda bem! A não serem os meus escravos, eu não tenho soldados com que possa contar para esse serviço. Não falle n'isto a Mathilde. Onde estará ella?

FRANCISCO

Anda com a preta na canôa.

DUARTE

Com este sol!... Já é mania! Ella não gosta de ir para a nossa fazenda das margens do Surubiú, nem de estar na casa da villa ou no engenho, onde o senhor reside, porque se creou quasi sempre n'este sitio. Diz que prefere o Curumú aos outros lagos, e esta residencia, onde nos faltam todas as commodidades, ás melhores que possuimos, porque vive aqui em completa liberdade. A mãe tambem já assim era... e aqui falleceu, coitada! Eu, como velho, estou pelo que ella quer, se bem que, ás vezes, assus-

to-me com o seu genio aventuroso e audaz! Não faz idéa do atrevimento com que Mathilde percorre a floresta! Nada lhe mette medo!...

FRANCISCO, mostrando o desenho

E que talento que ella tem! É bellissima esta aguarella!... As ondas encapelladas pela tempestade, o deserto incendiado ao longe, as arvores curvadas pelo tufão, e, para supprir a ausencia dos jacarés e das onças, está a côr local representada por este gentio pittoresco, inclinado sobre o arco, e contemplando com tranquilla indifferença a revolução da natureza. Ha immensa poesia n'este quadro!

DUARTE

Foi copiado fielmente da ponta do mangue.

FRANCISCO

Quem serviu de modelo para o indio?

DUARTE

Elle mesmo.

FRANCISCO

Elle mesmo?!

DUARTE

Ainda não o viu?

FRANCISCO

Não vi a quem?

DUARTE

O gentio.

FRANCISCO

Qual gentio?

DUARTE

O nosso.

FRANCISCO

O coronel tem um gentio? Isso é serio? um selvagem primitivo, sem ser de theatro?! Peço-lhe por favor que me deixe ver immediatamente o homem da natureza. Eu ainda acabo por me fazer sabio no meio d'este luxo de historia natural!

DUARTE

Duvidava da existencia dos gentios?!

FRANCISCO

Perdão; sei que ainda ha muitos, e que a poder de cachaça, de ferros velhos e de pelles de missionarios, se renova com elles o casco da população dos tapuios. Baptisam-se alguns de vez em quando, a troco de ferramentas; mas quando lhes parece, tornam a fugir para os seus matos, onde continuam placidamente a comer-se uns aos outros; e para se distrahirem mimoseiam com frechadas os viajantes do Amazonas e dos seus tributarios! Aos proprios indios mansos tenho ouvido muitas vezes fallar dos bravos, como se se tratasse de animaes ferozes; e é

por eu saber isto que duvidava da existencia de selvagens artisticos e poeticos, como o que vejo aqui pintado... O coronel não se escandalisa com a minha franqueza?

DUARTE, sorrindo

Acho-a apreciavel. Se não viu ainda o Cedro Vermelho é porque o senhor Francisco vem aqui poucas vezes, e elle anda sempre á caça, unico serviço que se compraz fazer-me. É certo que os trabalhos emprehendidos para civilisar os indios estão muito longe de dar resultados satisfactorios; e a guerra civil veiu ha dois annos interromper as missões; mas uma grande parte das aldeias e villas do alto Amazonas está cheia de gentios, que pouco a pouco se vão domesticando com o contacto dos já civilisados. Deve, porém, confessar-se que para os trazer ao gremio social tem sido menos proficua a catechese do que os negociantes chamados regatões, que se servem d'elles para remadores das suas canôas.

FRANCISCO

Esses não são anthropophagos?

DUARTE

Quem sabe?!

SCENA IX

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, depois LOURENÇO

JOÃO, entrando a correr

Pae sinhô? pae sinhô?! vae jacaré assanhado atraz di canôa di sinhásinha! Accode a ella!

DUARTE, correndo para o lago e voltando logo

Dá cá a minha espingarda!... Lourenço? Lourenço? (João corre para o lago.)

FRANCISCO

Eu tenho aqui a minha. (Corre para casa.)

LOURENÇO, entrando, a Duarte

A tua voz treme como o canto das guaribas quando sentem o perigo perto! Alguem offendeu o tio Duarte?

DUARTE, apontando para o lago

Um jacaré persegue minha sobrinha!...

LOURENÇO, depois de ter olhado rapidamente para onde Duarte lhe apontou

Que o chefe se não assuste. Rosa do Surubiú vae dentro do ubá juruna. (Curva o arco sob o joelho direito para lhe retezar a corda.)

JOÃO, gritando e subindo a scena

Preta já não póde rémá! Boliram com bi-

cho, que tem ôvo na praia, vae deitá o seu dente d'elle á borda di canôa!...

DUARTE, correndo para a praia

Não te pedi a espingarda?! (João corre para casa, apparece Francisco com a espingarda, e o preto volta atraz d'elle, empunhando uma grande faca.)

FRANCISCO, vendo Lourenço

Eis o gentio!... (Olhando para o lago.) e um jacaré!... O reino animal em todo o seu esplendor! (Põe a arma á cara, fazendo pontaria para o lago.)

LOURENÇO, larga o arco e as frechas, e tira a espingarda a Francisco

A Rosa do Surubiú não pede auxilio! No seu coração corre o sangue dos guerreiros brancos!

FRANCISCO, querendo tirar-lhe a espingarda

Elle desarma-me com esta franqueza?! Eu atiro melhor do que tu... á frecha, não digo nada, mas á espingarda, has de me dar licença que...

DUARTE

Deixe-o, deixe-o!... (Francisco cede.)

LOURENÇO, fazendo pontaria

O juruna aprendeu com o chefe branco. (Dispara a arma, larga-a, tira a faca das mãos de João, corre para a praia e precipita-se no lago.)

que sendo administrador do engenho do coronel Duarte, não convem que elle saiba isto.

DUARTE

Isso agora é outro cantar! Descanse, que eu não digo nada ao velho. Todos temos as nossas fraquezas.

FRANCISCO, apertando-lhe a mão com affecto

O coronel é capaz de fazer com que eu me esqueça de voltar para o meu paiz!

DUARTE, sinceramente

Tomára eu!

SCENA X

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, MATHILDE, LOURENÇO

FRANCISCO, indo ao encontro de Mathilde

Não sei se devo felicita-la pela ver livre de um perigo, que tanto a divertiu?

DUARTE, beijando-a

Que susto que me pregaste!

MATHILDE, a Francisco, depois de ter correspondido ás caricias de Duarte

Muito agradecida.

JOÃO, trazendo um copo de agua

Aqui está agua, siô môço.

FRANCISCO

Dá á senhora moça.

MATHILDE, sentando-se na rede

Não tenho sêde.

FRANCISCO, áparte

Que mulher! (Bebe.)

DUARTE, a Mathilde

Se continuas com os teus passeios imprudentes, sem levar comtigo algum escravo de confiança, ainda nos vens a dar desgosto grande!

MATHILDE

A preta bateu com o remo na cabeça do jacaré, e elle correu atraz de nós.

JOÃO

Jacaré tinha ôvo mittido nos fôia secco da praia; não é bom buli com bicho que tem ôvo, porque assanha todo.

DUARTE, a João

Quem te pede o teu parecer? (João afasta-se para a beira do lago.) Porque não gritaste logo, Mathilde?

MATHILDE

Disse ao João que chamasse Lourenço.

(Lourenço approxima-se vindo do lago, grave e indifferente, sem cocar e todo molhado.)

DUARTE, pondo a mão no hombro de Lourenço

Anda cá, meu nobre juruna. Agradeço-te a dedicação que tens por nós, e admiro cada vez mais a tua intrepidez e destreza.

LOURENÇO

Quando partiu para as regiões da morte aquella que o gentio chamára Voz de Caraxoé, ordenou ao Cedro Vermelho que vigiasse e defendesse sua filha.

MATHILDE

Minha boa mãe!...

LOURENÇO

O guerreiro deve ser fiel aos mortos e aos vivos. Emquanto o tejupar do branco der hospitalidade ao juruna, as armas do filho de Bracelete de Ferro protegem Rosa do Surubiú.

DUARTE

Vae dizer á preta Luiza, que te dê café com aguardente. Estás molhado e póde fazer-te mal.

LOURENÇO, sorrindo

O Cedro Vermelho nasceu nas margens florentes do Xingú; as aguas do teu lago

não podem offende-lo. (Afasta-se lentamente, seguido de João.

FRANCISCO, vendo-o afastar-se

Tambem me parece! N'aquella pelle não entram sezões quartãs ou terçãs! É quasi de bufalo!

MATHILDE, áparte

Heroe e poeta!... e não entende o amor!...

SCENA XI

DUARTE, MATHILDE, FRANCISCO

DUARTE, a Francisco

Admira-se da linguagem do gentio?

FRANCISCO

Eu ando continuamente admirado, desde que vivo na sua terra!

DUARTE

O meu selvagem, que se exprime quasi sempre em estylo figurado, e por vezes com muita propriedade, julga-se descendente dos tupys, que tinham a faculdade da poesia e do canto; e eu penso muitas vezes se a musica não será um bom meio para civilisar os indios?...

FRANCISCO

Quem sabe?! Conviria experimentar. Como o apanhou?

DUARTE

Veiu commigo n'uma das viagens que eu fiz ao rio Xingú. Pertence á tribu juruna, raça de indios muito intelligente, mas muito pouco conhecida.

FRANCISCO

E deixou-se ficar aqui até agora?! Admira como sacrificou facilmente os habitos da vida livre dos bosques!

DUARTE

Affeiçoou-se á mãe de Mathilde, que lhe ensinou o portuguez e o curou de uma enfermidade; emquanto ella viveu, nunca demonstrou desejos de nos deixar; porém, depois que falleceu minha irmã, tenho-o visto muitas vezes a calcular pelo sol para que lado fica a sua terra.

FRANCISCO

Qualquer dia vae-se-lhe embora.

MATHILDE, com impeto

Não o calumnie! Lourenço é reconhecido.

DUARTE, a Francisco, sorrindo

Fica avisado para não lhe faltar ao respeito diante de Mathilde, que se constituiu protectora do juruna... E elle merece que o estimem. (Afasta-se, passeiando pelo terreiro.)

FRANCISCO, que ficára admirado da vivacidade de Mathilde, dirigindo-se a ella

O que eu disse foi sem intuito de offen-

de-lo. E agora, desde que sei que tem tão altas protecções, estou persuadido de que não lhe faço favor nenhum considerando-o a phenix... dos selvagens.

MATHILDE, com despeito, ergue-se e torna a sentar-se

Ha de fazer-lhe justiça quando conhecer melhor o coração altivo e generoso, e o caracter franco e independente de que elle é dotado.

FRANCISCO, querendo dominar o pasmo

Realmente?!... N'esse caso vou toma-lo por modelo, se v. ex.ª m'o permitte. (Aparte.) Que enthusiasmo! Se ella não fosse artista!...

MATHILDE, tentando disfarçar a colera e batendo com o pé no chão

O senhor maneja a ironia com muita facilidade!... (Francisco approxima-se d'ella na attitude respeitosa de quem se desculpa.)

DUARTE, olhando para o lago

O mariola do preto está posto de conversa com o tapuio, e não me recolhem o café! Ó Francisco, tenha a bondade de lá ir e esfogueteie-me aquelles tratantes.

FRANCISCO, baixo a Mathilde

Se me diz isso a serio, vou-me deitar ao Curumú, para que a dama do lago dê ao meu coração o destino que sabe.

MATHILDE, ainda meio irada, baixo

Pois vá, que eu quero ver!

FRANCISCO, baixo

Tinha animo de me ver afogar?! Faço-lhe a vontade! Agora, não, porque vou cumprir as ordens de seu tio... mas... depois, quando eu não tiver nada que fazer. (Sáe.)

SCENA XII

MATHILDE, DUARTE

MATHILDE, rindo

Que singular caracter!

DUARTE, approximando-se

Que tal achas este rapaz?

MATHILDE

Parece-me bom moço; talvez um poucochinho apaixonado de epigrammas!

DUARTE

Estimo que te não desagrade; tenho-o experimentado e reconheço que é sinceramente nosso amigo, homem de bem ás direitas, trabalhador e intelligente como poucos. Gosto muito d'elle!

MATHILDE

Se o julga digno da sua amisade, é justo.

DUARTE, como consultando-a

Tem-me lembrado associa-lo á nossa casa?...

MATHILDE

Como o tio quizer; eu não entendo nada d'essas cousas.

DUARTE

Nós não temos parentes chegados... Eu estou velho; posso faltar-te de repente e tu ficas para ahi sósinha...

MATHILDE, correndo para elle

Meu querido tio!... (Abraça-o.)

DUARTE, commovido e fazendo-lhe meiguices

Isto ha de ser um dia, filha! É inevitavel; e não desejo deixar-te ao desamparo. Se eu morresse agora, em que triste situação te verias tu, só com os escravos?!...

MATHILDE

E o Lourenço.

DUARTE

O Lourenço é selvagem; e o que nós precisâmos é de um marido.

MATHILDE, soltando-se-lhe dos braços

Um marido?! Qual?

DUARTE

Não te assustes; ainda temos tempo... Comtudo, recommendo-te que penses algumas vezes n'isto; convem que... Tu bem percebes!... Eu sympathiso muito com este moço...

MATHILDE

Casar com o portuguez?! Oh!... (Corre para casa.)

DUARTE, que não a viu sair

Porque não? Um homem galante, amavel e instruido... Que é d'ella?! Mathilde? É de um arrebatamento esta rapariga! (Entra em casa.)

SCENA XIII

LOURENÇO, depois BRAZ

LOURENÇO

A folha da jatuaíba tem caído seis vezes no lago, e descido com as correntes para o grande rio depois que eu deixei de ver as cachoeiras do Xingú e a taba juruna. Os fructos do tucuman e do inajáseiro amadurecem e cáem; rebentam os novos cachos, que tornam a despir-se, e o guerreiro, que por vã curiosidade deixou o paiz onde nasceu, fica sempre á beira do lago dos tapuios! O sol e a lua vogam silenciosos na sua ca-

nôa de nuvens e de anil, procurando através dos arvoredos amazonicos as terras ferteis, onde as antas cortam com os pés as barreiras dos rios... e o Cedro Vermelho não vae como elles ver o Bracelete de Ferro e o Peito de Tiépiranga! Meu pae!... minha mãe!... O branco é um chefe, que tem coração... e Voz de Caraxoé salvou o teu filho da doença... Oh! Peito de Tiépiranga, filha dos mundurucús, se tu visses Voz de Caraxoé quererias servi-la como escrava! Os seus olhos eram mais brilhantes do que as azas do guainambi que os brancos chamam beija flor, e puxavam para si todos que a viam; as suas mãos, finas e lustrosas como as folhas do guarumá, eram mais brancas do que as pennas da urátinga, e perfumadas como a flor da jabatopita! A sua voz, doce como os favos de mel creados no pau de arco, parecia o canto suave do caraxoé da varzea, e nos seus dias tristes assemelhava-se ao suspirar da rola quando lhe roubam o companheiro!... O Cedro Vermelho escutava-a sem respirar, esquecido da sua tribu e dos seus inimigos, porque as suas palavras matavam todo o odio e toda a colera e faziam vir as lagrimas aos olhos do guerreiro!... Oh! mal haja o vento ardente das planuras do Curumú, que lhe fez murchar no rosto as rosas mogorins! Como a arvore da cupahiba, quando

lhe tiram todo o oleo, inclina sobre o tronco os ramos desfallecidos e as folhas sem vida, assim Voz de Caraxoé adormeceu, para nunca mais acordar, á borda d'este lago funesto! O juruna quer fugir d'aqui, mas não póde!... A Rosa do Surubiú é filha d'aquella que o arrancou das prisões da morte!

BRAZ

Antes que o branco teime outra vez que me conhece, vou desamarrar a canôa... (Vendo Lourenço.) Um gentio!... (Olha com disfarce para a outra banda do lago.)

LOURENÇO

O meu irmão quer atravessar o lago?

BRAZ, com surpreza

Porquê?! (Áparte.) Ouviria o que eu disse?!

LOURENÇO

Da outra banda póde-se dormir sem medo dentro dos tejupares dos tapuios; o mato é cerrado e a caça não foge do caçador; as goiabas e os araçás apodrecem aos pés das arvores, e o engáseiro verga com o peso dos fructos sobre as aguas serenas do Curumú.

BRAZ

O meu irmão veiu de lá?

LOURENÇO, com altivez

Eu sou juruna; minha mãe é filha de um chefe mundurucú, descendente dos tapajós e dos cambebas; e meu pae vem da nobre raça dos tupys conquistadores; a nação a que pertenço vive livre da auctoridade dos brancos; o cedro não cresce nos areiaes onde os tapuios são servos.

BRAZ

Servos?!... E que procura o selvagem nas praias dos indios mansos?

LOURENÇO

O meu irmão sabe porque vão as aguas do lago para o rio? Porque andam noite e dia as correntes impetuosas do Amazonas, do Tapajós e do Xingú? Porque arrastam os ventos as folhas do jenipapeiro, espalhando-as pela campina, muito longe d'onde nasceram? Pois eu vim como as correntes e como as folhas das arvores. Porque vim?... não sei; a ilha fluctuante ou a tartaruga levadas ao collo do grande rio não sabem tambem para onde vão, nem quem as empurra; e deixam-se ir embaladas pelas ondas.

BRAZ

Não entendo o gentio.

LOURENÇO

Porque o gentio é um guerreiro independente. (Volta-lhe desdenhosamente as costas e entra no bosque.)

BRAZ, ameaçador, áparte

Maracajá do Xingú! Se eu te encontrar no meu caminho!... (Dirige-se para a beira do lago.)

SCENA XIV

MATHILDE, FRANCISCO, BRAZ á beira do lago

MATHILDE, áparte

Casar com o portuguez! E o meu ideal?! Não póde ser!... (Senta-se na rede.)

FRANCISCO, áparte, olhando para Mathilde

Como ella está distrahida!... Parece-me que arrisco uma declaração em regra?... (Alto.) Ainda não tive occasião de me deitar ao lago... mas descanse, que não me esqueço.

MATHILDE, sorrindo

Estou perfeitamente socegada, porque confio na sua boa vontade. Não gosta de estar na rede?

FRANCISCO, sentando-se na outra rede

Sou doudo pelas redes! O balanço faz-me lembrar do meu navio, da minha vida er-

rante, de... (Balouçando-se.) Isto deve ter sido inventado por Sardanapalo. (Áparte.) Que asneira! Ella sabe lá quem foi Sardanapalo?!

MATHILDE, que o tem estado a observar, áparte

Elle não é feio!... Porém... sacrificar-lhe a minha creação poetica é impossivel e absurdo! (Alto.) De que modo seria acolhida em Lisboa uma selvagem como eu, se algum capricho da sorte me arremessasse de repente ao seio da sociedade portugueza?

FRANCISCO, áparte

A pergunta parece uma provocação! (Alto.) Com o respeito affectuoso com que no meu paiz se acata a virtude, com a admiração que inspira a belleza aos povos cultos, e com o enthusiasmo com que o amador de botanica festejaria a flor maravilhosa de uma planta rarissima.

MATHILDE

Lisonjeiro!

FRANCISCO

Digo o que sinto e o que penso; e faço justiça ao gosto delicado dos meus compatriotas. Na Europa sabe-se que os astros mais formosos são os que brilham no céu dos tropicos.

MATHILDE, sorrindo

E eu pareço-me com elles?

FRANCISCO

Se parece?! (Aparte.) Eu declaro-me! (Alto.) Os seus olhos fazem empallidecer o esplendor do cruzeiro do sul...

MATHILDE, erguendo-se

Não abuse da sua intelligencia contra uma pobre sertaneja ignorante, que não sabe responder a taes galanteios. (Aparte.) Tem graça o tal senhor portuguez! (Sáe rindo.)

FRANCISCO, que se ergueu, desapontado

Cada vez me entendo menos com mulheres! Ora esta! Desafiou-me para que lhe chamasse formosa, e vae-se, zombando de mim!... É uma selvagem, palavra de honra!... É uma selvagem... seductora! Eu creio que não lhe disse nenhuma inconveniencia?... Mas protesto, que não me sei haver com ella! N'outra parte teria adiantado os meus negocios com quatro banalidades... aqui, faço diligencia para ser amavel e cáio como os maus actores diante de um publico exigente!...

BRAZ

O patrão chamou?

FRANCISCO, olhando para elle com espanto

Eu?! Ah! sim... chamei para te dizer, que vás para o diabo que te ature.

BRAZ, áparte

Marinheiro!... Gosta da branca e ella não o quer; é bom ir sabendo, porque me póde servir.

SCENA XV

FRANCISCO, DUARTE, BRAZ

DUARTE

Que fazes ahi parado? Vae ajudar o preto a deitar a mandioca de môlho. Viste o Lourenço?

BRAZ

É o gentio? Não vi.

DUARTE

Dize ao João, que mande dois moleques voltar o pirarecú; e quando acabares de lá has de ir cortar jussáras de paxiuba para fazer um girau na casa do forno.

BRAZ, áparte

Trabalha-se aqui muito! Isto não me servia, ainda que eu não tivesse necessidade de fugir. (Sáe.)

SCENA XVI

DUARTE, FRANCISCO

DUARTE

O senhor não quer beber uma cuia de vinho de cacau ou de taperibá? Olhe que é excellente para mitigar a sêde; aconselho-lhe antes o de cacau, porque o outro é muito acido. O assahy faz-me muita falta; mas ainda não consegui acclimata-lo no Curumú. Que tal se vae dando com minha sobrinha?

FRANCISCO

Optimamente; isto é... por ora tenho tido pouca convivencia com ella; mas parece-me muito... muito...

DUARTE

Exaltada?... (Francisco protesta por gestos, que não era isso que queria dizer.) Tem rasão; porém, eu conheço-a bem e affirmo-lhe que é dotada de muito boas qualidades. (Francisco faz signaes de assentimento.) Coração excellente!... Depois de casar, passam-lhe todos os devaneios.

FRANCISCO, *á parte*

Ella tem devaneios!

DUARTE

Parece-me que o senhor me disse uma vez por alto, que odiava o matrimonio?

FRANCISCO

Eu! Nós nunca fallámos n'esses assumptos.

DUARTE

Que maior consolação póde haver para o homem do que receber os affagos e carinhos da familia?! O celibatario não conhece, na solidão em que vive, a verdadeira felicidade da existencia humana. Ainda o que lhe vale, no seu caso, é viajar... mas as viagens acabam tambem por cansar e aborrecer a gente.

FRANCISCO

Eu não sou adverso ao casamento; elle é que anda indisposto commigo, sem que eu tenha culpa. Já sonhei muitas vezes com as alegrias serenas do lar, ao lado de uma mulher bella, rodeado de louras creancinhas!... Poesia tudo! Agora, quasi que não penso n'isso, porque me teem succedido cousas de fazer arripiar as carnes.

DUARTE

Realmente?

FRANCISCO

Não faz idéa! Com esta idade, já estive para casar cinco vezes!

DUARTE

Oh! com os diabos!

FRANCISCO

Felizmente... ou infelizmente, como acontecia ao heroe de um romance, que li ha tempos, no momento supremo acho sempre alguem que me empalme a noiva.

DUARTE, com espanto

Essa agora!

FRANCISCO

É verdade; a sorte privou-me até hoje de ouvir o doce nome de esposo da bôca de uma mulher adorada; mas, como compensação, quando estou ameaçado por qualquer perigo, parece que uma voz mysteriosa e solícita suspende a catastrophe, bradando-lhe: 'Poupa esse homem, que não é marido! respeita-o, porque tem escapado cinco vezes ao laço conjugal!' E a desgraça afasta-se de mim e vae caír sobre um dos meus vizinhos.

DUARTE, sorrindo

Ora, adeus! Vamos dar um passeio até á ponta do mangue; mais devagar conversaremos a este respeito.

FRANCISCO

De passagem, confortarei o meu espirito com uma cuia do seu vinho de cacau. (Sáem.)

SCENA XVII

LOURENÇO, MATHILDE

LOURENÇO

O indio servil quer enganar o Cedro Vermelho. Deseja atravessar o lago sem que o vejam!... A esperteza traiçoeira do mura não póde competir com a sabedoria do guerreiro juruna.

MATHILDE, com o ramo de nenufares na mão

Lourenço?

LOURENÇO

Rosa do Surubiú?

MATHILDE

Sabes que me salvaste a vida?

LOURENÇO

A tua mãe curou o Cedro Vermelho; o chefe branco ensinou-o a pegar na arma de fogo.

MATHILDE

Porque continuas a chamar-te Cedro Vermelho? O teu nome é Lourenço.

LOURENÇO, com orgulho

Uso do nome por que me conhece a minha nação. Voz de Caraxoé quiz que o gen-

tio fosse baptisado, e os desejos d'ella dobravam a vontade do juruna como as mãos obrigam a jacitára a apertar os rolos do tabaco.

MATHILDE

Sei que a amavas e respeitavas muito. Comtudo, não crês no Deus que ella te ensinou a adorar!

LOURENÇO

A mão que faz andar o sol e a lua, que puxa pelas arvores para as fazer crescer, que empurra as aguas dos grandes rios para uma região mysteriosa, a fim de que ellas não alaguem o paiz da caça que sustenta os jurunas, é a mesma que suspende os passaros no ar e solta os ventos, que derrubam florestas e viram canôas. Voz de Caraxoé explicava-me que ella pertence a um Deus unico, creador do gentio, do branco e do preto; eu não o conheço; mas sei que nos seus dias de colera Elle apaga as estrellas do céu, que são as luzes do seu tejupar, e manda o trovão e o raio fazer tremer os peitos dos valentes, para mostrar que é só elle o chefe invencivel.

MATHILDE, áparte

O sublime e o absurdo! E esta alma poetica não comprehende a minha! (Approximando-se d'elle com arrebatamento.) Lourenço!... (Hesita um instante.) Toma estas flores.

LOURENÇO, pegando nas flores, com admiração

Um ramo de mururé! Quando o piága juruna corôa com a flor de oiára o seu maracá, as aguas do Xingú ou as do Tapajós correm tintas de sangue inimigo. Que a Rosa do Surubiú ensine ao Cedro Vermelho se este ramo é uma ordem de vingança.

MATHILDE, áparte, com paixão

Não me entende! Ah! que importa! O meu amor não descerá jamais das regiões do idealismo até ao nivel das paixões brutaes e vulgares!... (Vendo Braz approximar-se, afasta-se lentamente.)

SCENA XVIII

LOURENÇO, BRAZ, depois FRANCISCO

BRAZ, áparte

O patrão desconfia de mim! Se não corro tão depressa para o cafezal, apanhava-me a desamarrar a montaria!... A branca deu os mururés ao gentio!... Que quererá aquillo dizer?!

LOURENÇO, contemplando o ramo, que tem na mão

Oh! Bracelete de Ferro, porque não tem o Cedro Vermelho a tua sabedoria para comprehender o que significa, segundo as tra-

dições do povo juruna, um ramo de mururé-miri?!

BRAZ, tocando-lhe no hombro

O gentio sabe agora por que veiu para o lago dos tapuios? É porque as flores do Curumú são mais bonitas que as da sua terra.

LOURENÇO, fitando os olhos nos de Braz

O meu irmão fugiu da onça? Vejo-o tremer como se o tivesse tocado o puraqué do lago! (Pondo-lhe a mão sobre o coração.) Quando o juruna corre, o seu coração bate com a impaciencia de alcançar o inimigo e não com medo d'elle; o rosto dos bravos não muda as côres como a flor da camará-juba.

BRAZ

Eu não estou cansado... não vim a correr.

LOURENÇO

O tapuio quer atravessar o lago, porque o chefe reconheceu-o; se os homens da minha raça fossem covardes denunciantes eu podia faze-lo caír como a sumaumeira a quem as correntes do Xingú levaram a terra das raizes!...

BRAZ

O gentio engana-se.

LOURENÇO

As armas dos brancos não se confundem

com os cipós e os troncos da floresta, como os arcos e os tacápes dos indios... (Braz quer ir para a floresta; detendo-o com um gesto.) Os matos são menos cerrados d'este lado do Curumú e os olhos do gentio vêem através dos cipoaes; a espingarda já não está onde o tapuio a escondeu.

BRAZ

Não fui eu... é falso.

LOURENÇO

Só os homens invilecidos pelo servilismo faltam á verdade. O meu irmão póde fugir, que eu não tentarei impedi-lo; mas aquelle que não respeita o tejupar que lhe deu hospitalidade, é um inimigo do juruna; e se quizer morder na mão que lhe deu sustento, encontrará o ferro da minha tacuára.

BRAZ

Isso é um desafio?!

LOURENÇO

Os filhos da minha tribu não são salteadores nem piratas.

BRAZ

Quer dizer que o são os da minha?

LOURENÇO

Quando me faltarem troncos de aninga para alvo das minhas frechas, escolherei o

peito de um indio mura. Eu tinha quinze annos e o maior guerreiro dos parintins, chamado Cedro Vermelho o terrivel, foi esmagado pelo meu tacápe de sucupira. Tomei o seu nome em memoria do meu primeiro feito, para honrar a minha nação. Aos dezesete annos queimei o campo dos meus parentes mundurucús, que tinham rompido a alliança com os jurunas, e a minha tribu denominou-me Tatá Japinong, que na lingua dos velhos tupys quer dizer Onda de Fogo. Aos dezoito annos fui metter uma frecha na porta do rei dos apiácas, e ganhei-lhe as armas em combate. Após esta acção os anciãos elegeram-me chefe, conjunctamente com o Bracelete de Ferro, acclamando-me Apiába Acanhemo ou Homem Terror! Para não affrontar meu pae, saí do Xingú por conselho do pagé, e não quiz outro nome senão o de Cedro Vermelho. Que póde dizer de si um indio errante, que vive de roubos como os jacarés famintos e que descende dos comedores de carne humana?!

BRAZ, furioso

Que os muras não se gabam! Eu não queimei as palhoças dos parintins, mas ajudei a incendiar a cidade dos brancos; associei-me á matança dos seus marechaes; fiz fugir um exercito commandado por generaes sabios e

valentes; e não ando a alardeiar façanhas como os vaidosos que se assimilham ás mulheres!

LOURENÇO, recuando respeitoso

O meu irmão é um chefe?! O seu peito não mostra as côres do muruxi, do urucú e do jenipapo com que se pintam os homens esforçados!... Se tambem as não vê no corpo do juruna, apagou-as a vontade de uma mulher e não o desejo de encobrir com a falta d'ellas a tribu a que pertenço.

BRAZ

Não preciso pintar-me para disfarçar o medo. (Medem-se algum tempo em silencio.) Ahi vem o branco!

LOURENÇO

O logar do combate?

BRAZ

Na praia dos cajueiros.

LOURENÇO

A minha frecha de guerra estará cravada na mungubeira do lago ao primeiro canto da saracura. (Braz dirige-se para a beira do lago; Lourenço contempla o ramo de flores e encaminha-se lentamente para a floresta.)

FRANCISCO, vendo o ramo na mão de Lourenço

O gentio com as minhas flores!... Lá se foi o meu sexto projecto de casamento!...

Preterido, até por um selvagem! Oh! raiva!... D'esta vez não é brincadeira; vou-me deitar a afogar... (Deitando-se placidamente na rede.) depois de dormir a sésta. (Cáe o panno.)

ACTO SEGUNDO

Bosque de cajueiros, carregados de flores e fructos, nas immediações do local onde se passa a acção do primeiro acto. Á esquerda, canapé tosco, de troncos de arvore, tendo ás costas e braços forrados com trepadeiras. Á direita, uma mungubeira, rodeada de murtas e assucenas. Ao fundo, vê-se o lago através dos arvoredos.

SCENA I

MATHILDE, só, passeando

Foi d'aqui, da praia dos cajueiros, que reparei n'elle pela primeira vez, ao cabo de cinco annos! A minha mestra de desenho ensinava-me a esse tempo a traduzir a historia de Othello e Desdemona... Que raio de luz!... Crear n'estes ermos um heroe mais completo do que o mouro de Veneza! Até então olhára-o com indifferença e n'esse dia vi-o levantar-se diante de mim como a visão poetica da ventura immaterial! Comecei a ama-lo... amo-o, com o mais puro sentimento que póde nascer n'um coração sincero!

Mulher e branca, apaixonada por um indio!... Com que delicias os hypocritas civilisados proclamariam similhante escandalo, se eu não vivesse ignorada n'estas selvas quasi virgens?! Felizmente, estou livre d'elles! O servilismo e a vida pautada, a que são condemnadas as mulheres da minha condição, nas villas e cidades, repugnam á minha natureza. Que importa que me chamem selvagem? Em vez da escravidão, imposta ao meu sexo pela tyrannia social, vivo a meu gosto, na amplidão dos lagos, entre as magnificencias das florestas! Para as pobres captivas das salas, as obrigações e deveres, que as peiam como os troncos onde prendemos os nossos escravos; para mim, a liberdade completa, a satisfação de todos os meus desejos e aspirações, a faculdade de me interessar desaffrontadamente por tudo quanto é grande e nobre, e de seguir o ideal que mais apraz á minha phantasia!... (Senta-se no canapé.) A vinda do portuguez e o pensamento que esse facto despertou em meu tio perturbam agora a corrente serena da minha existencia!... Eu não posso casar com o homem de côr?... Falta-me acaso o animo para vencer a preoccupação, que intimida o orgulho e a vaidade feminina? Não; mas, desde que o meu amor baixasse das espheras superiores onde vivem as concepções sublimes, envergonhar-me-ía

eu d'elle! Serei, pois, maior que Desdemona!... Tambem não devo casar com o moço estrangeiro, porque para isso teria de aniquilar a imagem querida, que povôa a minha solidão de extasis deliciosos!... Será a presença do branco perigosa para o indio? A civilisação augmenta as forças dos que a conhecem e dá-lhes recursos perfidos!... A ironia e o ridiculo são armas terriveis; e afigura-se-me que o portuguez as emprega pouco generosamente contra Lourenço... Porventura suspeitará o que mais ninguem percebe?! É necessario desenganar meu tio e dar-lhe rasões, que justifiquem a minha recusa aos proprios olhos do seu protegido... Ah! ahi vem elle! (Volta-se com disfarce, fingindo não ver Francisco.)

SCENA II

MATHILDE, FRANCISCO

FRANCISCO, *áparte*

Que desengraçada mania com que está o meu amigo coronel! Então, não embirra em querer casar-me com a sobrinha?!... E já vejo que quando se lhe encaixa uma cousa na cabeça, é de fazer suar o topéte... aos outros! Eu caí em lhe dizer que gosto d'ella e o bom velho ía-me pegando logo na pala-

vra! Não senhor; não estou pelos autos; sobre tudo agora, que a julgo apaixonada pelo seu poetico gentio!... (Sorrindo.) É um disparate; ella não póde preferir selvagens a homens civilisados. Que bonita cousa, se em Lisboa soubessem que eu tinha tido similhante rival!... Com os diabos! antes dar um tiro na cabeça... do tupinambá. (Dando estalos com os dedos.) Ah! agora, agora!... já percebo o negocio! O meu excellente Duarte deu pelo namoro de Mathilde com o indio e quer atalhar o mal, casando-a commigo!... Pois está arranjado! (Ponderando.) É verdade que eu não tenho prova nenhuma de que fosse ella quem offereceu os meus nenufares... O bruto podia ter achado ali o ramo e... perdão; se a bella romantica se esqueceu das flores, foi porque não pensava em quem lh'as dera. Isto é claro como agua! Sondemos o terreno com prudencia. (Approximando-se de Mathilde.) Que virá ella fazer a esta praia depois do sol posto? A casa é perto... comtudo, não lhe faltavam passeios ainda mais proximos!... (Examinando-a.) Como está pensativa! (Tosse.)

MATHILDE, voltando-se

Ah!... ficou!

FRANCISCO, áparte

Nota a minha presença com sentimento!...

(Alto.) Seu tio convidou-me para darmos um passeio no lago, ao nascer da lua. As noites de luar, tão formosas em todas as latitudes, no Brazil, e sobre tudo n'esta provincia, são incomparaveis! Julga que eu fiz mal em ter ficado?

MATHILDE

Pelo contrario. E onde está meu tio?

FRANCISCO

Ando a procura-lo.

MATHILDE

Talvez fosse para a ponta do mangue, que é o sitio de que mais gosta; eu prefiro a praia dos cajueiros.

FRANCISCO, olhando em torno de si

Tem rasão! Este logar é encantador! As arvores carregadas de flores e fructos; as assucenas e murtas derramando na atmosphera seus perfidos aromas, que embriagam suavemente; o lago, dormindo tranquillo aos pés d'estes arvoredos ridentes; o céu, sem nuvens, povoando-se de esplendidas estrellas!... (Sentando-se ao lado de Mathilde.) Oh! como se está aqui bem! Felizes dos que tiveram por patria este paraizo!

MATHILDE

O senhor é poeta?

FRANCISCO

Tive tenção de o ser; pareceu-me haver nascido predestinado para jungir syllabas em columnas, sommando-as como algarismos. Foi mais uma illusão... perdida!

MATHILDE

Ensaie outra vez; o local, a hora, o aspecto d'esta natureza, de que parece tão enamorado, devem inspira-lo.

FRANCISCO, erguendo-se, áparte

Lá vae asneira! A culpa é d'ella, que me está desafiando... Não; tenhâmos juizo! Caír em fazer-lhe versos, era estender-me de vez! (Olhando para ella de través.) Palavra de honra, que estou com vontade de me ajoelhar a seus pés, e adora-la como divindade d'estes bosques!

MATHILDE

Resolve-se?

FRANCISCO, sentando-se

Não posso.

MATHILDE

Porquê?!

FRANCISCO

Porque a minha musa intimida-se diante d'estes cajueiros floridos, á vista d'esse lago soberbo, do céu resplandecente que nos cobre, de... de tudo, emfim, que estou vendo

e admirando! Isto inspira poesia que não se traduz em palavras rimadas; sente-se, falla ás almas, deleita-as, desvaira-as talvez e... géra o amor, a paixão, o sentimento ardente que... que dá impetos divinos aos corações humanos! (Aparte.) Ella não diz nada! Querem ver que está pensando no selvagem emquanto eu estrago o meu estylo mais selecto?!

MATHILDE, levantando-se

Ahi vem meu tio; se quizerem ir dar o seu passeio, póde ser que eu os acompanhe. (Encaminha-se para a borda do lago.)

SCENA III

FRANCISCO, depois DUARTE

FRANCISCO, furioso

Sejam lá poetas com gente que vive empanzinada de poesia! Admirem-se das suas arvores enormes; façam o elogio dos seus lagos, da sua immensa bicharada, e esperem por um agradecimento! Fizeram a sua obrigação, louvando tudo isto, que realmente é bello! (Approximando-se de um cajueiro.) Ella gosta d'estas arvores? Pois vou quebrar-lh'as e atirar com os cajús á cabeça d'aquelle jacaré que ali vae passando. (Apanha um cajú.) Nem se-

quer olhou para mim, quando eu ía quasi declarar-lhe que... que... (Come o cajú.) Delicioso fructo! Realmente, fiz bem em não lhe dedicar versos, porque o podia estragar!... (Apanha outro cajú e come-o.) É inutil disperdiçar bonitas palavras com quem não as entende... ou finge não entender! O gentio voltou-lhe a cabeça, esfaqueando jacarés e serpentes; e eu não tenho remedio senão fazer tambem alguma d'essas selvagerias, para me distinguir... Parece-me que trazendo-lhe um tigre pelas orelhas me tornarei digno do seu agrado?... De que diabo me serve ser branco e, segundo affirmava minha mãe, rapaz sympathico, se um bruto côr de chumbo me leva a palma? Bem dizia o meu Virgilio, no tempo em que eu tinha pretensões de lhe traduzir as Eclogas:

> Oh! moço bello, não te fies muito
> Na côr; as flores brancas das alfenas
> Cáem; colhem-se as negras violetas!

E o que me vale é não estar ainda apaixonado a valer!... Que assim mesmo estou capaz de me sarapintar com alguma tinta feia e de arranjar estylo apropriado?... Ella gosta d'isso, e, francamente, não se me dava de lhe ser agradavel.

DUARTE

Álerta, meu amigo!

FRANCISCO

Álerta?! Para quê?

DUARTE

Não me enganei com o tapuio; é o cabano que me fugiu na cidade e desconfio que não veiu só.

FRANCISCO, querendo sair

Quer que o mande já engaiolar?

DUARTE, detendo-o

Nada de precipitações! O patife espreita-me e não faz senão olhar para a outra banda, como se esperasse de lá alguem.

FRANCISCO

Serão restos da cabanagem, que viessem esconder-se no Curumú?

DUARTE

Póde mais facilmente ser alguma quadrilha composta de soldados desertores e dos assassinos, que elles tinham o dever de perseguir, e aos quaes se reuniram por vezes para roubar de sociedade. Em todo o caso sejâmos prudentes; eu estou prevenido com seis armas carregadas a duas balas, e uma caixa de cartuchos excellentes.

FRANCISCO

E eu trago aqui as minhas pistolas... É

um costume velho de soldado moço, que me ensinaram na Africa; e pareceu-me que não o devia desprezar n'este paiz e no tempo em que vivemos... (Sorrindo.) sobre tudo, desde que soube as forças de que o coronel póde dispôr na villa do seu commando.

DUARTE, vexado

É uma vergonha!... Não me dão meios para pagar e sustentar os soldados, de maneira que muitas vezes acontece estar só um d'elles de sentinella á cadeia e não haver outro para o render! E ordenam-me que auxilie a captura dos cabanos e que policie o meu districto!?... Não fallemos n'isto, que me faz mal. Vamos ao passeio projectado, para não causarmos desconfianças, e tratemos de andar acautelados.

FRANCISCO

E se encontrarmos o tapuio?

DUARTE

Nem palavra! Se elle desconfia, foge, e ficaremos ignorando as suas intenções, que eu desejo saber a todo o custo.

FRANCISCO

O coronel confia nos seus escravos?

DUARTE

Absolutamente; são todos fieis. O proprio João, que é medroso, daria a vida por mim; nunca me larga quando desconfia que corro algum risco.

FRANCISCO

O João é bom preto. Se o tapuio tiver cumplices e se forem muitos?... Não seria melhor prender já este? A sua prisão não transtornaria o plano de todos?

DUARTE

Póde ser; mas eu ficaria ignorando se effectivamente ha outros combinados com elle. Não nos dando nós por achados e estando apercebidos para qualquer eventualidade, breve saberemos tudo.

FRANCISCO

Lembre-se que os cabanos se apossaram da cidade do Pará em 1835!...

DUARTE

Lembro; mas não me esqueço tambem de que foi por tolice e injustificado pavor de quem a defendia. Se eu tivesse o commando d'ella, afianço-lhe que não tinham lá entrado. Silencio! Ahi vem o tapuio.

SCENA IV

FRANCISCO, DUARTE, BRAZ

BRAZ, á beira do lago, espreitando para a outra banda

O gentio não anda longe. A branca está ali!

DUARTE

Elle olha tanto para o lago!... Veja se descobre alguma cousa ao longe?

FRANCISCO, curvando-se

Não vejo nada... Ah! uma canôa!

DUARTE

Occultemo-nos atrás d'esta mungubeira. (Escondem-se.)

FRANCISCO, espreitando para o lago

A embarcação vem direita á praia. (Tirando as pistolas do cinto, que trás escondido por baixo do casaco.) Oh! que recordações da minha vida de soldado, a bordo da corveta *D. João Primeiro!* Minhas pobres pistolas, vamos talvez ter uma distracção momentanea, uma abordagem em miniatura, para matarmos as saudades!...

DUARTE

Repare d'este lado; no fim do areial; não é minha sobrinha?

FRANCISCO

É sim, senhor. (Fernando a olhar para o lago.) Na canôa veem duas pessoas.

DUARTE

O tapuio esconde-se!... É porque não são dos seus.

BRAZ, que tentava occultar-se, vendo Duarte e Francisco, áparte

Espreitavam-me! (Alto, caminhando para elles.) O preto João e o gentio andam a pescar no lago; eu tambem sei arpoar peixe-boi e pirarecú; frechar tucunaré, arauaná, surubim e tambaqui; bater timbó e pescar de todos os modos. Quando o patrão quizer, o Joaquim vae buscar peixe.

DUARTE

Pois sim. (Áparte.) Cuidas que me embaças? Eu te direi o peixe que has de trazer!

FRANCISCO, escondendo as pistolas

Que estavas fazendo ahi?

BRAZ

Vim ver se havia tartarugas a desovar na praia. A lua está para nascer e em casa faz muito calor.

DUARTE, baixo a Francisco

Não o espante.

BRAZ

A branca tambem gosta de olhar para o lago quando o gentio está pescando.

FRANCISCO, áparte

Até o tapuio percebeu já o namoro?!...

DUARTE

Pódes ir deitar-te; temos que saír de madrugada para a villa.

BRAZ

Ainda é muito cedo, patrão. (Vae-se.)

SCENA V

DUARTE, FRANCISCO

DUARTE

Se esta noite não houver novidade, ámanhã prégo com elle na cadeia.

FRANCISCO, indignado e como se estivesse só

É o resultado das educações feitas com a leitura de novellas! Se eu alguma vez tiver filhas e as apanhar a ler romances!... É verdade que na Europa não ha gentios pittorescos... mas ha outros selvagens poeticos, mil vezes peiores! Os livros perniciosos che-

gam a toda a parte! Até aos sertões do Brazil!... A cousa é clara!... Os passeios solitarios, as minhas flores na mão do alarve... Agora é que eu sei a que genero de devaneios o coronel se referia!

DUARTE, approximando-se

O senhor está a fallar só?! Eu não me referia a nenhuns devaneios; disse que ámanhã metteria o tapuio na cadeia.

FRANCISCO, atrapalhado

O coronel ouviu-me?! Tenho estado a discutir se conviria... se valerá a pena de... Percebe?... A situação póde tornar-se grave de um momento para o outro e eu meditava um plano de defeza.

DUARTE

Diga lá, a ver se eu approvo.

FRANCISCO, fazendo-lhe gestos grandiosos com as mãos e os braços

É um projecto vastissimo, complicado... com bases e ramificações... (Fallando-lhe em voz baixa e espreitando para os lados.) Não se póde dizer aqui... as arvores e o lago teem ouvidos! Disfarcemos, fallando em outra cousa. Não acha sua sobrinha um pouco triste e abstracta?

DUARTE

É genio; ficou assim desde que lhe morreu a mãe. O senhor vae-se entendendo bem com ella?

FRANCISCO, confidencialmente

Tire d'ahi a idéa; não tente brigar com o meu destino, porque ha de dar-se mal. Eu não sou casavel. Se teima em querer levar por diante o seu projecto, prepare-se para grandes desastres.

DUARTE, sorrindo

Estou preparado... para os fazer felizes.

FRANCISCO, gravemente

Eu avisei-o a tempo; depois não se queixe de mim, nem me accuse pelo cataclismo infallivel que virá esborrachar os seus planos. A Providencia, que me disputa ás mulheres, lá tem as suas rasões. Ouça a minha historia; estou certo que mudará de opinião depois de ouvi-la. A primeira noiva que eu tive morreu quando acabava de me escrever uma carta, modelo de elegancia epistolar, na qual me retirava a sua promessa por lhe eu ter censurado um fato de banho, que lhe desenhava demasiadamente as fórmas. Era uma artista, que adorava a plastica mais do que o futuro marido.

DUARTE, philosophicamente

São cousas que acontecem.

FRANCISCO

A segunda, reconsiderou, por eu ser ainda simples guarda marinha, e casou com um marchante para ter todos os dias um bife do assêm, que era a sua unica paixão. A terceira, que não nascêra dotada da ternura carnivora, embirrou commigo por eu lhe beijar um dia a ponta do dedo minimo e casou com o tratante que lhe levava a minha correspondencia!... A quarta... ah! coronel, a quarta foi a que me custou mais!

DUARTE

Que fez ella, homem?! O senhor é um abysmo de aventuras!

FRANCISCO

Imagine uma rapariga de vinte annos, loura, de olhos azues... não; os olhos eram verdes; um pé, que parecia feito de encommenda; a cintura... de vespa! Eu amava-a doidamente! e ella adorava-me com uma d'essas paixões, que se encontram sómente nos romances e que fazem a desgraça de quem as quer imitar. Tomei todas as precauções imaginavois para que a fortuna me

não fosse contraria; exigi até que os parentes da noiva pedissem a minha mão...

DUARTE, duvidoso

Seriamente?!

FRANCISCO

Foi tudo inutil.

DUARTE

Tambem essa falhou?!

FRANCISCO

Na vespera do casamento, fugiu com o meu melhor amigo.

DUARTE, com espanto

A mulher que o adorava com a tal paixão de romance?!

FRANCISCO, fazendo-lhe comicamente com a cabeça um signal affirmativo

Quanto á quinta, dou-lhe um anno para adivinhar o motivo do rompimento.

DUARTE

Era algum homem disfarçado em mulher?

FRANCISCO, levantando as mãos para exprimir admiração

Julgava-se viuva!... E quando íamos para a igreja, encontrámos o marido vivo no caminho!

DUARTE, recuando

Se não o tivesse por homem serio, acreditava que...

FRANCISCO

Dou-lhe a minha palavra!

DUARTE, convencido

Basta. Não mudo de parecer, apesar da sua incrivel historia. Á sexta vez, casará, se for da sua vontade, assim como é da minha.

FRANCISCO, apertando-lhe a mão

Serei eternamente grato á sua amisade; mas peço-lhe que não teime; o primeiro obstaculo será sua propria sobrinha; e, se esse faltar, surgirá outro, de nos atterrar a todos!

DUARTE

Cale-se, que ella está ali. Não é sensato irmos agora ao lago, como tinhamos projectado, para ver nascer a lua; outra noite gosará esse espectaculo, que hoje podemos observar aqui da praia. Mas, primeiro vamos a casa; preciso tomar algumas precauções indispensaveis e que não dêem na vista. (Sáem.)

SCENA VI

MATHILDE, só, vendo-os afastar

Conspiram debalde contra a minha liberdade! O coração da mulher que pretendem conquistar é como a fortaleza, que não abre as portas aos sitiantes emquanto tem dentro um campeão esforçado. Se pódem, matem ou expulsem o heroe invisivel que defende o meu peito e dêem depois os seus assaltos em regra. Antes d'isso, o reducto será inexpugnavel; e, se me provocam, proclamarei os meus sentimentos para afugentar de uma vez os pretendentes importunos. (Passeiando.) A preoccupação de seculos não se destroe n'um dia nem n'um anno; levanta-se, como um phantasma ameaçador, diante do meu espirito, cada vez que pretendo ir alem das convenções estupidas do mundo. Mas não me assusta a lucta, nem duvido da victoria. Ah! quanto me será glorioso resolver o problema do nivelamento das raças! O Evangelho estabelece o principio da igualdade humana e os homens atrevem-se a despreza-lo! Não se nivelam elles com as mulheres de côr?! Aonde está pois a justiça e a equidade, se a minha paixão pelo indio, levando-me a toma-lo por esposo, for taxada de ignominia?! O amor é um sentimento e

não uma conveniencia social; Deus dá-o a todas as creaturas humanas, sem distincção de classes, de raças ou de côres, como beneficio commum e não como dom exclusivo para erguer barreiras odiosas. (Parando.) O casamento é uma instituição, que santificará...

SCENA VII

MATHILDE, LOURENÇO

LOURENÇO, que se tem approximado d'ella vagarosamente

Rosa do Surubiú?...

MATHILDE, com sobresalto

Ah! (Senta-se.)

LOURENÇO

O Cedro Vermelho e o Jutahi Preto estão muito longe das suas montanhas; o preto falla com a lua, que passa sobre as mais altas sapucaias e lhe traz saudades do paiz natal; o gentio, quando anda no meio do lago, pensa nas florestas que banha o Xingú e o Tapajós...

MATHILDE

Vens do lago?

LOURENÇO

O descendente dos sabios tupys aprendeu com os velhos jurunas, que nenhum guer-

reiro deve pôr-se a caminho para qualquer empreza sem ouvir palavras de conselho. Jutahi Preto não é um chefe, mas tem a sabedoria da velhice e o coração liso como as folhas do cambuy.

MATHILDE

Foste aconselhar-te com o João? Para quê?

LOURENÇO

O preto é escravo; não tornará a ver as suas palmeiras!... O juruna é livre; e os homens da minha nação preferem a morte ao captiveiro.

MATHILDE, com anciedade

Quem quiz escravisar-te?!

LOURENÇO

Aquella mungubeira tem despido seis vezes os seus casulos algodoados e outras tantas estes cajueiros tornaram em fructos côr de sangue as suas rosadas flores, desde que o jenipapo, o urucú, o muruxi e o anil, não mostram na face do Cedro Vermelho os signaes que distinguem os guerreiros independentes dos indios servis aldeados.

MATHILDE

Queres partir?!

LOURENÇO

Se o juruna fosse dissimulado e ingrato como os muras, não diria ao chefe branco e á Rosa do Surubiú: O meu ubá sabe o caminho que conduz do lago ao rio.

MATHILDE, dolorosamente, áparte

Partir?!... quebrar-se o meu encanto!...

LOURENÇO

Esta noite dormirei pela ultima vez no tejupar dos brancos. Quando o tucano sacudir o orvalho das pennas do seu collar vermelho, entoarei o canto da partida; e ao romper do sol direi adeus á villa do Surubiú, que os brancos chamam Alemquer.

MATHILDE, consternada

Que motivo te obriga a deixar-nos de improviso?!

LOURENÇO

Rosa do Surubiú põe sempre as mesmas flores na cabeça? Um dia, jasmins vermelhos; no outro, brancos, azues ou côr de oiro; e o gentio é sempre o mesmo.

MATHILDE

Julgas que alguem se aborrece de ti? É isso que queres dizer? Ah!... se soubesses comprehender... (Pausa.) O teu paiz é muito longe?

do que o marupá e forte como o pau d'arco! Minha mãe chama-se Peito de Tiépiranga, por cantar como as aves e ser vermelha como o sol...

MATHILDE, com sentimento doloroso

Não me entende! Não sabe que a sua partida é impossivel! (Ergue-se e approxima-se d'elle.) No teu paiz não ha mulheres?

LOURENÇO, com vaidade

As filhas dos jurunas são alegres como as rosas mogorins do Curumú! Quando o clamor do boré chama os guerreiros ao combate, ellas correm tambem para o inimigo com a intrepidez do jaguar que acommette a preza.

MATHILDE, hesitando

E... são formosas?... Mais do que eu?

LOURENÇO

A Rosa do Surubiú vale uma tribu para o Cedro Vermelho.

MATHILDE, com um grito de jubilo

Ah! até que emfim arranquei-te uma confissão!... Pois bem!... não pódes partir, porque eu fiz de ti o meu ideal... amo-te. Serás o meu Othello!

LOURENÇO, que a comprehendeu, fica absorto um instante, depois ajoelha aos pés d'ella com as mãos postas

Quando tua mãe ajoelhava ao pé da rede do gentio e lhe dava a beber a vida, erguia as mãos para o céu; as suas lagrimas caíam sobre as minhas faces e lavavam-me da doença, como o balsamo suavissimo da cabureiba lava e cura as feridas dos valentes prostrados pelas frechas dos apiácas ferozes! Eu não sei o que Voz de Caraxoé dizia ao teu Deus; mas faço o que ella fazia.

MATHILDE, com paixão

Levanta-te, meu nobre guerreiro; eu tambem te prefiro a todos... mas ordeno-te que respeites a minha fraqueza!

LOURENÇO, erguendo-se, com altivez e dignidade

O Cedro Vermelho é um chefe, que foi salvo por tua mãe. (Mudando de tom.) Se elle te levasse ao seio da nação juruna, as filhas das cachoeiras dansariam em torno de ti, coroando-te de jaborandís e de baunilhas como sua companheira...

MATHILDE, com voz sentimental

Oh! não materialises o que é divino!

LOURENÇO, proseguindo, melancolicamente

Porém a flor do Surubiú perderia as cô-

res logo que se visse distante dos seus bosques. As margens do meu rio não podem agradar sempre senão aos que lá viram pela primeira vez apparecer o sol através da chuva de estrellas despenhada das cataractas. A planta d'estes matos, transportada para as planicies do Xingú, morreria, como a folha do mururé quando seccam os lagos; e ainda antes das primeiras chuvas os jurunas pareceriam mais selvagens aos teus olhos do que os proprios muras!

MATHILDE

Não partirás; nem eu iria comtigo. Mas... não rasgues as vestes poeticas de que te vestiu o meu affecto. Desprende-te de todas as recordações barbaras e abre o teu espirito á luz da chamma que me abrasa. Tu és baptisado; deixa-me educar-te, instruir-te, converter em realidade o meu sonho, transformando-te no ente superior que idealisei. A minha missão é, talvez, providencial; mas temo que seja superior ás minhas forças! Ajuda-me a desempenha-la, tornando-te docil. Quando o meu amor e os meus conselhos tiverem polido a tua intelligencia e feito do heroe selvagem um typo completo de cavallaria, consentirá a branca em tomar-te por marido diante do seu Deus e dos seus parentes.

LOURENÇO, depois de breve pausa, apontando para o pé da mungubeira

A tua mãe está ali. (Mathilde olha atterrada para onde elle aponta.) Não foi para companheira do gentio que ella te deu mais sabedoria do que possue um chefe. Eu jurei sobre as suas mãos já frias e pela cruz do teu Deus, que ella me deu n'esse instante, que te guardaria, como deposito sagrado, até ao dia em que achasses um branco digno da tua escolha; e que mataria sem piedade o homem que te offendesse!

MATHILDE, indo ajoelhar-se ao pé da mungubeira

Oh! minha santa mãe... perdoa-me! A tua ternura previdente véla sobre mim, ainda d'alem da campa!

LOURENÇO

Fallas com ella? Dize-lhe, que o gentio é fiel á sua memoria e que não lhe roubará sua filha.

MATHILDE, erguendo-se, áparte

Como é possivel deixar de ama-lo?!

LOURENÇO, pegando-lhe nas mãos

O sol do Curumú derrete a resina cheirosa dentro da casca do cajueiro e obriga os magoaris e as garças a procurarem as sombras das arvores; depois, quando o ar

da noite refresca outra vez o sangue das plantas e dos passaros, já não lembra o calor ardente do meio dia! A tua cabeça e o teu coração queriam fazer do cacique gentio um chefe superior aos brancos para desculpar a tua escolha?... As pinturas guerreiras facilmente se apagaram do meu corpo; mas a côr da pelle juruna, que aguas ou que oleos conseguiriam muda-la?! Deixa partir o barbaro; o bom tio Duarte sempre me tratou como amigo e como parente; e Voz de Caraxoé chamava-me seu filho... O Cedro Vermelho, descendente dos tapajós conquistadores e da nobre raça dos cambebas, tornar-se-ía igual aos mais covardes tapuios se te deixasse acreditar, que era possivel mudar a sua natureza como o cedro se muda em ubá!... (Larga-lhe as mãos; Mathilde afasta-se com a cabeça baixa e ar meditativo.)

SCENA VIII

MATHILDE, LOURENÇO, BRAZ

BRAZ, áparte

Ouvi tudo! O gentio não quer casar com a branca!... É um tolo. Eu cá, não fazia ceremonias! Ter tio branco e coronel, convinha-me, para arranjar os meus negocios!

MATHILDE, vendo-o, áparte

O tapuio! (Alto.) Procuras alguem?

BRAZ, olhando para Lourenço

Estou á espera do canto da saracura.

MATHILDE

Que significa isso?

BRAZ

A saracura é o primeiro passaro que se ouve cantar de madrugada.

MATHILDE, áparte

Será tolo ou velhaco? (A Lourenço, baixo.) Não partas... e cala-te.

LOURENÇO, nobremente

A bôca do chefe prudente não se abre como as favas do engá para deixar cahir a semente que attrahe as cobras.

SCENA IX

LOURENÇO, BRAZ

BRAZ, rindo ironicamente

As brancas do Surubiú sympathisam com o indio bravo e dizem-lhe os seus segredos?... O meu irmão é feliz!

LOURENÇO

As tuas palavras amargam como os fructos da andirobeira; o gentio antes quer combater do que ouvir-te fallar. Ainda não nasceu a lua; mas a praia está deserta e as minhas armas nunca precisaram de luz para chegar ao corpo de um tupinaén. (Quebra um ramo de murta e atira-lh'o aos pés.)

BRAZ

O preto está na canôa; e a saracura não cantou ainda.

LOURENÇO, com desprezo

Para um tupinambá é sempre hora de combate; só os covardes adiam a vingança! Meus paes conquistaram a terra que habitam, expulsando os tapuios canibaes, teus antepassados! Se tu não és capaz de vingar as injurias da tua raça, eu sou tupy, e sustentarei em toda a parte e a toda a hora o nome e a gloria da minha. (Sáe; Braz segue-o com o olhar e faz-lhe um gesto de ameaça.)

SCENA X

BRAZ, JOÃO

JOÃO, atravessando a scena

Tapuio buliu com gentio?

BRAZ

O gentio é tolo.

JOÃO, voltando atraz

Tolo? (Rindo.) Tolo é tapuio! Lourenço pega em cobra viva, faze fugi onça e os tigre só com o seus ôios d'elle; trépa no pau mulato, que é lizo como palma di mão di sinhásinha, e escarrancha em cima, dizendo: 'Dia hoje é bom para caçá os veado, porque vento vae d'aqui;' ou: 'é bom para caçá os anta porque nuve corre d'acolá!' Se está chovendo e véntando forte, dize: 'Tempestade botou no chão os cacho do tucumá; vae matá pôrco ou caititú...' E traze elle sempre, quando dize que vae matá! Tapuio, que atrapaia todo a deitá mandioca de môio, chama tolo a gentio!... (Rindo.) Abre os ôio, Joaquim! tu é que é tolo! (Sáe.)

BRAZ, com rancor

Tambem o negro me provoca! Ah! livrem-se de que triumphemos novamente! (Encaminhando-se para a praia.) Ainda me não deixariam o lago desembaraçado? Esta só pelo diabo! Ahi vem outra vez os brancos! (Afasta-se rapidamente.)

SCENA XI

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, todos com espingardas

DUARTE, caminhando cautelosamente

Pschiu!... creio que ouvi andar?...

FRANCISCO

A noite vae-se tornando escura!...

DUARTE

E o patife sem ir para casa! Ó João, não vês nada?

JOÃO

Vê só pae sinhô e siô môço.

FRANCISCO

O gentio tambem não apparece!

DUARTE

Esse não me dá cuidado.

FRANCISCO

E se nos atraiçôa?

DUARTE

Esteja descansado. Ó João, não vês nada?

JOÃO

Já não vê pai sinhô nem siô môço; vê só a mim quando apalpa eu.

DUARTE

O senhor Francisco deve ir pelo cafezal, esperar-me á ponta do mangue; caminhe com disfarce... como quem anda caçando; e se houver novidade, finja que atira a uma cotia e corra logo para casa. (Francisco vae-se.) Tu ficas aqui, João. Se ouvires o tiro do senhor moço, vae tambem reunir-te comnosco; antes d'isso, não retires. Recommendo-te bom olho e dedo no gatilho. (Vae-se.)

JOÃO, estupefacto

Bom ôio!... e dedo no gatio! Pae sinhô não dize porque mette dêdo em gatio! João não sabe nada... Pae sinhô?!

DUARTE, de longe

Pschiu!...

JOÃO

Já calou... e não sabe! Siô môço fallava de atraiçoá?!... (Olhando á roda de si.) Sentiu mexê os foia! Se vem jacaré botá seus ôvo d'elle em cova de areia?!... Não vê nada!.. Branco dize, que ninguem dorme este noite e armou parceiro todo com espingarda e traçado dentro em casa!... (Assustado.) Agora mexeu!... E não é vento que bóle com arve!... Sinhô dize, que dá um tiro e fogo para casa... E se mata gente?! (Preparando-se para atirar.) Atira

ao ar... não, que bala póde caír em cabeça di pae João e quebrá ella!

SCENA XII

JOÃO, BRAZ

BRAZ

Já passaram... não; ali ficou alguem!... Será o gentio?

JOÃO, atterrado

Quem falla ahi? É jacaré, que está pondo ôvo?

BRAZ

O preto!... Ó pae João?

JOÃO, querendo fazer-se forte

Não conhece ninguem; dize quem é, senão mata.

BRAZ, áparte

Que diz o negro!... (Alto.) Sou eu, o Joaquim.

JOÃO, respirando

Ah! é tapuio! (Fingindo-se mais valente.) Se não tem conhecido elle tão depressa, mettia bala nos ôio como Lourenço fêze a jacaré.

BRAZ, approximando-se d'elle com desconfiança

Porquê?

JOÃO

Estou espérando traidô.

BRAZ

Qual traidor?

JOÃO

Pae sinhô e siô môço não dize a mim como chama elle.

BRAZ

Ah!... e... onde estão os brancos?

JOÃO

Foram na ponta di mangue procurá.

BRAZ, áparte

Querem prender-me! (Alto.) E o gentio?

JOÃO

Está sumido.

BRAZ, depois de pensar um pouco

E o preto não sabe quem é o traidor?

JOÃO

Se sabia agarrava logo elle.

BRAZ

Não é preciso ser muito esperto para se perceber que é o gentio!...

JOÃO

Lourenço?!

BRAZ

Pois quem?

JOÃO, reflectindo

Por isso anda fugido!

SCENA XIII

JOÃO, BRAZ, MATHILDE

MATHILDE

Quem está ahi? É o tio Duarte?

JOÃO, áparte

Sinhásinha! Não assusta a ella. (Alto.) Pae sinhô foi passeá na ponta dí mangue.

MATHILDE

Anda remar; quero ir aó lago.

JOÃO

Oia jacaré, sinhásinha! No'te parece di breu!

MATHILDE

Tens medo? Não tarda a nascer a lua.

BRAZ, áparte

Se vão á canôa, encontram lá a minha rêde e as frechas que agora embarquei...

(Alto.) Está muito escuro, sinhá; póde virar-se a canôa.

JOÃO, depois de breve hesitação, a Mathilde

Pae sinhô mandou a João que espérasse aqui elle; não póde ir rémá.

MATHILDE

Pois que venha o Joaquim.

BRAZ

Eu?!...

JOÃO, baixo a Braz

Faze vontade a ella; é mélhó não fallá di traidô, que assusta toda.

BRAZ, áparte

Oh! que lembrança!... Vou vingar-me de todos!

MATHILDE, indo para o lago

Não ouves?

BRAZ

Já vou, senhora branca. (Baixo a João.) Se o gentio apparecer, atira-lhe, e toma cuidado não o erres. (Vae para o lago; o clarão da lua principia a alumiar a scena.)

JOÃO, heroicamente

Deixa commigo elle! Cuidou que era home di bem e estimava como branco!... Agora, vae dá um lição!

SCENA XIV

João, Lourenço

LOURENÇO

Canta, canta, jurutauhi do Curumú. Eu sei que a tua voz escarnece do juruna, que não tem animo para seguir com o sol de ámanhã o caminho das cachoeiras! O ramo de mururé, que o Cedro Vermelho cuidava ser ordem de partida ou de vingança, era um signal de amor! Oh! se ella soubesse!... Silencio, juruna! Se não tens força para vencer a paixão e resistir á voz de uma mulher, como has de ser digno de commandar guerreiros e de triumphar dos teus inimigos?! A sabedoria ensina-te a calar os segredos do coração; e o dever manda-te ser fiel aos teus juramentos. A morta levantar-se-ía diante do perjuro, como as sombras dos arvoredos se levantam sobre as aguas, accusando a luz que foge!... A branca não saberá jamais que as suas palavras caíram no peito do indio como o orvalho cáe sobre o capim, que nasce depois das queimadas!

JOÃO, áparte

Sente falla di gente, e não vê gente fallá!...

LOURENÇO, indo para João

Ai! do portuguez, se for indigno d'ella!

JOÃO, vendo-o, assustado

Lá vem traidô! Si desconfia que João tem orde para matá elle, esgana preto!... (Vendo que Lourenço se approxima.) Sélvage, não avança contra mim!

LOURENÇO, caminhando sempre

Que tem o Jutahi Preto?

JOÃO, áparte, com terror

Vae esfaqueá, como feze a jacaré!... (Atira a espingarda ao chão e foge, gritando.) Pae sinhô, pae sinhô?!... Cá está gentio! (Sáe; apparece a lua por cima dos cajuciros, illuminando o lago e a scena toda.)

SCENA XV

LOURENÇO, MATHILDE e BRAZ na canôa, que se avista vogando rapidamente no lago, FRANCISCO, DUARTE

BRAZ, gritando, com escarneo

Adeus, Cedro Vermelho, valente guerrêiro! Quando a saracura cantar, que a tua frecha esteja cravada na mungubeira do lago! O indio mura leva-te a tua amante; ri-se de ti e do teu desafio, dos brancos e dos pretos!

MATHILDE, afflictivamente

A mim, Lourenço! Lourenço!

LOURENÇO, com um rugido guttural, pondo uma frecha no arco

Hugh!... O bico d'esta frecha tem o urari dos cambebas; e as azas são pennas de urubú tinga...

FRANCISCO, pondo-se de um salto ao lado d'elle e mettendo a espingarda á cara

Espera! A bala vae mais depressa.

DUARTE, esbaforido

Não matem minha sobrinha!...

LOURENÇO, erguendo rapidamente com o arco o cano da espingarda de Francisco, ao tempo que parte o tiro

A canôa foge e o mura faz escudo da branca! (Ouve-se uma gargalhada de Braz; Francisco e Duarte correm para a praia.) Zomba, salteador covarde; o teu riso é o grasnar sinistro do passaro hiumára, noticiador da morte, que vôa sobre a tua cabeça! Antes de tres dias o teu corpo será repartido entre os jacarés do lago! (Cáe o panno.)

ACTO TERCEIRO

Margem septentrional do lago Curumú. No primeiro plano: interior de espaçosa choupana, sem parede no fundo, sendo os lados e o tecto forrados de folhas de palmeira. Á esquerda, porta de communicação para um quarto. No centro, sustentando a cumieira, um esteio, d'onde pendem, enroladas em fórma de fardo, e presas pelas cordas enfiadas nos punhos, algumas redes de dormir. Á direita, quatro potes grandes, sem azas, tendo as bôcas tapadas com folhas de bananeira brava; dois paneiros de farinha, um sobre outro, estando o de cima já aberto; o moquém, com lume por baixo, e uma perna de veado a moquear sobre a grade. Ao lado da porta, tres degraus, cobertos com um panno branco e sobre o ultimo de cima a imagem de S. Thomé, entre dois vasos de barro, pintados, cheios de assucenas bravas e jasmins; em cada um dos degraus, dois castiçaes, tambem de barro, com vélas de cêra. A um e outro lado, bancos de troncos de arvores. Na parede, uma espingarda lazarina, com seu polvorinho preso ao cano, um arco, algumas frechas, um terçado e uma faca de mato.— No segundo plano, fóra da barraca, largo terreiro, terminando á borda do lago. Ao centro, um mastro, enfeitado com folhagens e flores naturaes e uma bandeira no tope. Em torno do mastro, fogueiras, que illuminam inteiramente o

*

exterior, mas dão escassa luz para o interior da choupana. Á esquerda, floresta.— Nos ultimos planos, o lago, que se perde nas sombras da noite.

SCENA I

Ao levantar do panno ouvem-se, da banda do lago, e já muito proximo, toques de tambor e de pifano, foguetes e tiros de espingarda. THOMÉ sáe do quarto, corre para a praia e depois de ter olhado na direcção d'onde se ouvem os tiros, torna a entrar na choupana.

THOMÉ

Elles ahi estão! Se não viesse a Miquelina dansar commigo, não emprestaria a minha casa. Querem fazer a festa de S. Thomé e nomearam um juiz que nem sequer tem um tejupar coberto de pindoba!... Se me não elegerem a mim para o anno, eu lhes direi!... E quem sabe se tirariam esmolas que cheguem para os festejos?! (Principiam a desembocar no terreiro tapuios e tapuias, que se dirigem para a praia.) Começa a chegar gente; a noite estava tão bonita ha pedaço e de repente fez-se escura como aza de urubú!... Vou accender as vélas. (Tira um tição debaixo do moquém e com elle vae accendendo as vélas que estão nos castiçaes.) Ouve-se trovejar! Se vem chuva no meio da festa é que ha de ser divertido!... E a Miquelina sem apparecer! Disse-me que viria logo que se avistasse a canôa e os festeiros estão quasi

desembarcando!... (Accende a ultima véla.) Póde ser que esteja no porto á espera de mim?... (Sáe e dirige-se para a margem do lago, onde se acham os tapuios e as tapuias. Ao mesmo tempo vem atracando uma canôa de duas toldas de folhas de palmeira, toda embandeirada e illuminada, com muitos tapuios e tapuias dentro, continuando-se a bordo d'ella os toques de tambor e pífano, deitando-se foguetes e dando-se salvas de espingarda, a que corresponde com outras o povo que está na praia.)

SCENA II

THOMÉ, JUIZ, JUIZA, ANTONIO, TAPUIOS, TAPUIAS

THOMÉ, reentrando a correr na choupana

O diacho é que a minha espingarda tem o cão partido!... Ah! deita-se-lhe fogo com um tição. (Tira a espingarda e o polvorinho da parede.) Viva o senhor S. Thomé, que é o santo dos tapuios! (Corre para a praia.)

JUIZ, dentro da canôa

Andem para terra! Venha, senhora Juiza. (Desembarca.) Já lá vae o mau tempo! D'aqui a pouco torna a vir luar!

JUIZA, saindo debaixo da tolda de ré

Tragam o Sabyré; vamos saltar as fogueiras e cortar o mastro. (Desembarca.)

THOMÉ

Lá me esqueceu o machado! Esperem ahi.

(Volta correndo a casa, entra no quarto, e sáe logo com um machado, cujo cabo está coberto de fitas de todas as côres, com muitos laços; reune-se aos outros, que estão acabando de desembarcar, e formam todos processionalmente. Na frente vem Thomé com o machado ás costas; atraz d'elle, e a par um do outro, um tapuio tocando tambor e uma gaita similhante a um pifano, e Antonio, que empunha a haste de uma bandeira branca em que se vê grosseiramente debuxada a imagem de S.Thomé; após estes, colloca-se o Juiz, dando a direita á Juiza; depois seguem tres mulheres com o semi-circulo chamado Sahyré, pegando uma de cada lado do diametro, e a terceira, que fica mais atraz, segurando na ponta de um cordão ou fita, que prende na cruz da peripheria. Estas tres mulheres vão dansando e agitando o Sahyré ao compasso do tambor e da gaita, e cantando uma melopêa monotona. Atraz, caminha o povo, que responde em côro ao canto d'ellas, tambem em recitativo.)

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ, cantando

Bonita mulher é Santa Maria
E Jesus menino é lindo como ella.

(Todos se encaminham para o mastro, que está no terreiro.)

CÔRO

Oh! Santa Maria, Santa Maria,
Nos céus e na terra, bemdita sejaes!

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ, cantando

Do céu veiu a cruz sagrada
Que ha de salvar nossas almas.

CÔRO

Oh! Santa Maria, Santa Maria,
Nos céus e na terra, bemdita sejaes!

(Quando chegam ao meio do terreiro, o Juiz recebe o machado de Thomé e apresenta-o á Juiza, que o levanta ás mãos ambas e dá um golpe no mastro, depois reentrega-o ao Juiz.)

AS TRES MULHERES DO SAHYRÉ, cantando

Sahyré, Sahyré, Sahyré
Em louvor do senhor S. Thomé.

(O Juiz dá outro golpe no mastro, põe o machado ás costas e a procissão anda tres vezes á roda do mastro, cantando sempre as mulheres que levam o Sahyré, e respondendo-lhes o côro, com as mesmas letras.)

CÔRO

Sahyré, Sahyré, Sahyré
Em louvor do senhor S. Thomé.

(Finda a terceira volta, entram na barraca, vão direitos ao altar de S. Thomé, dando tambem tres voltas á roda da casa e fazendo todos uma mesura ao santo, cada vez que passam por diante d'elle; dada a volta final, as mulheres do Sahyré passam para diante e as duas da frente principiam a dansar com elle, avançando para o santo, recuando e tornando a avançar, ao mesmo tempo que a terceira, que pega na fita, dansa para os lados; a multidão imita estes movimentos, cantando sempre todos.)

CÔRO GERAL

Sahyré, Sahyré, Sahyré
Em louvor do senhor S. Thomé!

(Finda a ceremonia, vae cada um para seu lado, todos se felicitam e conversam entre si; outros entram para o quarto, guardam a bandeira, tambor, etc., etc.)

SCENA III

JUIZ, JUIZA, THOMÉ, ANTONIO, TAPUIOS, TAPUIAS

JUIZ

Viva o nosso S. Thomé! viva o santo dos tapuios!

TODOS

Viva!

ANTONIO

Uma festa assim nunca se fez em nenhum dos lagos de Alemquer!

JUIZ

Tupana! Que não é capaz, meu mano! É verdade que nunca houve tantas esmolas, nem tinhamos nunca ido tão longe pedi-las. No Paranámirim tiveram este anno muito cacau, por isso todos queriam dar a S. Thomé.

JUIZA

Os brancos da outra banda offereceram um paneiro de café, uma frasqueira de cachaça e um frasco de aguardente do Reino.

JUIZ

Vamos nós bebe-la?

JUIZA

É para S. Thomé.

JUIZ

S. Thomé não bebe aguardente.

ANTONIO

Se querem, eu vou busca-la á canôa.

JUIZA

Não, que é precisa para ámanhã. O senhor Juiz vae-se embora logo depois da festa e por isso se deu já hoje o primeiro golpe no mastro. Antes da sua partida bebe-se a aguardente.

JUIZ

Está dito, senhora Juiza. Vamos dansar ou canta-se primeiro a ladainha?

JUIZA

Queremos dansar primeiro; a ladainha fica para o fim.

THOMÉ, *á parte*

E a Miquelina sem apparecer!

SCENA IV

Os mesmos, Miquelina

MIQUELINA, com uma fita na mão, correndo para Thomé

Dia de S. Thomé ha de ser ámanhã. (Atando-lhe a fita no braço.) Cuidava que não havia de pagar a festa, senhor Thomé?

THOMÉ, com alegria

Ora... não brinque, senhora Miquelina!

JUIZ

Amarraram o Thomé! Olha, olha!... viva o Thomé!

TODOS

Viva o Thomé!

ANTONIO

Viva o Thomé, que ha de pagar a festa!

THOMÉ

Pagarei; fui apanhado!... (Olhando para Antonio, áparte.) Embirro com este homem!

MIQUELINA, chegando-se a Thomé

Não gostou que eu o amarrasse? Faça a festa, que eu dou um cacho de bananas, um paneirinho de beijús, e duas gallinhas.

THOMÉ, coçando na cabeça, baixo

Deixe!... a festa ha de fazer-se; eu tenho ali quatro potes de caxiri, e lá dentro ha mais bebidas; eram para quando se tratasse do meu roçado... porém, basta a senhora Miquelina querer!... Hontem matei um veado; ali está um quarto d'elle a moquear... E pela manhã sempre ha de apparecer mais alguma paca para ajudar... senão, ha peixe no lago, bate-se timbó, e está prompto.

MIQUELINA, baixo

Se eu for juiza para o anno, quer ser juiz commigo?

THOMÉ, idem

Se quero ser juiz com a senhora Miquelina?!... (Com explosão de jubilo.) Vou abrir um pote de caxiri!

ANTONIO

Eh! lá, Thomé?! Então, hoje não se bebe?

THOMÉ

Quem é que diz que se não bebe? Ahi teem caxiri; se for preciso vae-se buscar vinho de tucuman, guariba, tiborna, e aguardente de beijú!...

ANTONIO

Como tu és rico! Pois vamos a isso tudo, homem! Bem vês que hoje é vespera de

S. Thomé; Thomé é o teu nome, foste amarrado, paga!

THOMÉ, áparte

Guloso! (A Miquelina.) Quem é este tapuio?

MIQUELINA, baixo

Chamam-lhe o Antonio mura, veiu para aqui ha pouco e dizem que tem estado em Macapá ou na cidade; eu não o conheço bem, apesar d'elle me fazer muita festa!

THOMÉ, o mesmo

Ah! faz-lhe festa?! pois espere, que o vou pôr fóra.

MIQUELINA

Deixe-o; não faça barulho diante de tanta gente.

THOMÉ, áparte

Elle quer-me dar cabo de tudo! Quando chegar o Santo Antonio, hei de tambem manda-lo amarrar de vespera, ainda que seja por uma velha, só para o obrigar a pagar como eu estou pagando hoje.

ANTONIO

Ó senhora Miquelina, quer dansar commigo?

MIQUELINA

Pois sim, danso.

THOMÉ, baixo a Miquelina

Se dansar com elle, não conte commigo para juiz.

MIQUELINA, dando um grito

Ai!

TODOS

Que foi?

MIQUELINA

Torci um pé; não posso dansar.

THOMÉ, enthusiasmado, comsigo

Isto é que é saber mentir!

ANTONIO, que o ouviu, áparte

Patife! não queres que ella danse commigo? Quem paga é o teu caxiri! (Gritando.) Ó gente?! Venham todos beber; vamos ao caxiri do Thomé!

TODOS, menos Thomé

Viva o Thomé! Venha caxiri!

THOMÉ, áparte

Ladrão!... Mas não dansas com ella!

ANTONIO, pega n'uma cuia e rasga as folhas das bôcas de dois potes

Quatro potes cheios! É fartar ahi, manos! (Enche a cuia, bebe e passa depois aos outros, que vão tirando e bebendo, tanto os homens como as mulheres.)

THOMÉ, áparte

Vae-se todo! Uma bebida feita de mandioca escolhida!

ANTONIO

Agora, ao veado! (Pega na perna de veado que está no moquém e corta um bocado.) Não está lá muito bem assado, porém, escapa assim mesmo! (Comendo.) É bom! (Vae ao paneiro de farinha, tira-a aos punhados e come.) Vocês não querem comer? (Os outros dividem entre si o quarto de veado.)

THOMÉ, áparte, furioso

Cachorro! Como se está vingando de não dansar com a Miquelina!

ANTONIO

Thomé? Aonde está o môlho de tucupi?

THOMÉ, áparte

Que desavergonhado!... E não tenho remedio senão ser franco... diante da Miquelina. (Alto.) Na cozinha.

ANTONIO

Custa-te a fallar?! Parece que dás as cousas de má vontade! (Entra no quarto.)

SCENA V

JUIZA, JUIZ, MIQUELINA, THOMÉ, TAPUIOS, TAPUIAS

THOMÉ, áparte

Se não estivesse aqui a Miquelina!...

JUIZ, comendo um pedaço de veado

Não se dansa?

JUIZA, roendo um osso

Não sei por quem se espera!

THOMÉ

Vamos a isto; vamos a isto!

JUIZ

Os tocadores foram á canôa buscar os instrumentos. O meu Xeiro, o Chico do Igarapé grande e o compadre Manduca tocam viola; o Peixe-boi e o Cabeça de capiuára acompanham na rebeca. (Entram os tocadores tapuios com tres violas e duas rebecas e sentam-se todos n'um banco, afinando os instrumentos.)

THOMÉ

Vae commigo, senhora Miquelina?

MIQUELINA

Se faz gosto?... (Os tocadores começam a tocar o lundú.)

THOMÉ

Sentem-se por onde acharem logar. (Sentam-se os que pódem caber nos bancos; outros, ficam de pé, ao fundo; Thomé começa a dansar, estendendo e encolhendo os braços para Miquelina, em fórma de desafio, como é uso entre os dansadores do lundú, e dando estalos com os dedos, ao compasso da musica.)

MIQUELINA, dansando com elle; aos tocadores

Mais depressa!

JUIZ

Bravo, senhora Miquelina! bravo! Ó Thomé, faz passagens! Pula, que eu vou cantar! Venham mais dansadores. (Reunem-se aos dansadores dois tapuios, duas tapuias e dansam os tres pares em linha, as mulheres todas de um lado, e os homens do outro.)

THOMÉ, dansando

Cante, meu Juiz.

JUIZ, colloca-se ao lado dos tocadores e canta no estylo da musica que elles estão tocando

O enambú canta nos matos,
D'onde avista o jacaré;
Viva a senhora Juiza
Da festa de S. Thomé.

Rabo de macaco
É ruim de esfolar;
Cabeça de bagre
Não tem que chupar.

JUIZA, depois de cantar o Juiz, colloca-se do outro lado dos tocadores, e canta, em outro estylo de lundú, que elles acompanham immediatamente

Nasci á beira do lago,
Onde nasce o mururé.
Viva o Juiz mais brioso
Da festa de S. Thomé!

Ai! Ai! não me bula,
Me deixe ficar;
Me faça requebros,
Que quero chorar!

JUIZ

Bravo, senhora Juiza!... Ó Thomé, faze esse lundú bem tremido!... Assim! Assim!... (Canta.)

O cacau dá vinho doce,
Doce fructa o biribá;
Mas não ha nada mais doce,
Do que os quindins de Yáyá.

Mingau de batata
E de Jurumú;
As moças bonitas
São do Curumú.

TODOS

Viva o nosso Juiz! Viva!

JUIZ

Viva a Miquelina e o Thomé! Venham mais dansadores! Tudo brinca!

JUIZA

Senhor Juiz, cante a modinha da Coropira.

JUIZ

A Miquelina logo canta, que tem mais graça.

MIQUELINA

Venham render-me, que já não posso.

SCENA VI

Os mesmos, Antonio

ANTONIO, áparte

A cunhã não podia dansar commigo e está dansando com o Thomé! Vou tirar-lh'a. (Corre para diante de Thomé, volta-se para Miquelina, fazendo estalar os dedos, e fica dansando com ella.)

THOMÉ, que ficou sem par, afastando-se dos dansadores, áparte

Isto hoje acaba mal! Sempre tive zanga com tapuios muras...

JUIZA, indo substituir Miquelina

Eu tambem sou gente. (Dansa com Antonio; Miquelina fica de fóra.) Deixem-me dansar.

ANTONIO, dansando com a Juiza

Pois não, senhora Juiza. (Áparte.) Ora o diabo da mulher!...

JUIZ, indo dansar com a Juiza

Vocês cuidam que eu não ténho pernas?
(Toma o logar de Antonio.)

THOMÉ, áparte

Bem feito!

ANTONIO, áparte

Pozeram-me fóra, de proposito!

JUIZ, dansando

Senhora Miquelina, cante o romance da Coropira.

MIQUELINA

É melhor dizer o conto sem ser cantado; ouçam. (Pára a musica e a dansa; recita.)

— «Onde estás, meu terno amante?
E noite, e chama-te amor;
Vem guardar teu arco e frechas,
Oh! meu gentil caçador!» —

Cala-se a linda tapuia,
E escuta sem respirar
Cada vez que o vento agita
As folhas do tejupar.

Depois repete os queixumes,
Chama outra vez o seu bem;
E passa a noite aos suspiros
Sem que appareça ninguem!

— «Perdeu-se na mata virgem,
Perdeu-se mais uma vez!
Quem sabe se por enganos
Que a Coropira lhe fez?!...» —

É dia; ergueu-se da rede,
Pelos matos se internou,
Bradando: — «Querido?! Volve!
A mim! A mim! Aqui estou!

— «Escuta! nas sapopemas
Bate co' o terçado teu!
Não ouves a tua amada?
Por aqui!... sou eu! sou eu!» —

E cuidando ouvir-lhe as vozes
No ruido que ella só faz,
Corre, e a bulha dos seus passos
Torna a illusão mais fallaz!

— «Não fujas! Sou eu! Querido?
Sou tua amada; vem ver!» —
E o echo a quem vae seguindo
Sempre a correr, a correr!

Salva rios e barrancos,
Passa fôjos e espinhaes;
E a sombra que ella persegue,
Foge-lhe cada vez mais!...

Cae, emfim, sobre a folhagem
De que está coberto o chão,
E com voz já mal distincta
Chama inda o amado em vão!

— «Juruti, pomba amorosa» —
Lhe diz então a floresta:
— Não alargues mais o vôo;
Faze o ninho... e dorme a sésta.

— «Á Coropira pertence
Quem entra em seus arvoredos;
O teu querido foi morto
Por saber os meus segredos.» —

Ninguem viu mais a tapuia;
Mas dizem que não morreu;
E que foi por ser formosa,
Que nos bosques se perdeu.

JUIZA

Pobre moça! É o que acontece a quem se perde na mata virgem!

THOMÉ

Qual historia! Isso são contos feitos pelos brancos letrados para brincar. Nenhum tapuio se perde no mato, porque todos sabem guiar-se pelo sol.

JUIZ

Você duvida da Coropira?

THOMÉ, assustado

Lá isso, não!

JUIZ

A Coropira é o Deus do mato, assim como a Oiára é o Deus do rio; não se póde brincar com elles, porque se disfarçam em homem ou em mulher e furtam as tapuias e os tapuios bonitos.

ANTONIO

Não fallem n'essas cousas. Vamos dansar! Vamos á jáca!

VOZES

Antes a chula! A chula!

ANTONIO

Pois sim; tirem pares. (Tomando Miquelina pela mão.) Dansa agora commigo, senhora Miquelina?

THOMÉ, puxando Miquelina pelo braço

Não póde; já me tinha promettido a mim.

ANTONIO

É mentira!... deixa-a escolher.

THOMÉ, irritado

Mau!... Ella já disse, que dansa commigo!

ANTONIO

Eu não a ouvi dizer.

THOMÉ, vendo que Miquelina hesita, larga-lhe o braço

Póde escolher quem quizer.

ANTONIO, baixo, a Miquelina

Danse commigo, que eu levo-a á villa para o padre nos casar.

MIQUELINA, chegando-se para Antonio

Prometti primeiro a este. (Antonio olha para Thomé com ar de triumpho.)

JUIZ

Tirem pares!

THOMÉ

Aqui dentro ninguem dansa mais! A casa é minha, quero amarrar a rede para dor-

mir, e se alguem teimar, dou-lhe uma frechada! (Movimento geral de espanto; Lourenço entra na choupana.)

SCENA VII

Os mesmos, Lourenço

LOURENÇO, descansando no chão a coronha da espingarda e endireitando o arco e frechas, que traz a tiracollo

O guerreiro não aponta o bico da frecha ao peito de seus irmãos; as armas fazem-se para combater inimigos. (Todos o olham com curiosidade.)

THOMÉ

Quem és tu? D'onde vens?

LOURENÇO

Sou filho do Bracelete de Ferro; entre os meus companheiros chamo-me Cedro Vermelho; para os traidores sou Onda de Fogo e Homem Terror; os brancos da outra banda do lago deram-me o nome de Lourenço.

JUIZ

É o gentio do coronel Duarte.

TODOS, approximando-se d'elle

Um gentio?!

MIQUELINA

Um gentio?! Deixem-m'o ver. Ai! como é bonito! (Recuando.) Mas isto come gente! (Todos se afastam.)

LOURENÇO

O Cedro Vermelho sabe como se apanha o peixe dos lagos e a caça dos matos; a sua nação despreza a carne dos adversarios mortos... mas não perdoa aos vivos!

MIQUELINA

Gosto do gentio. (Approxima-se.) Elle não é bravo! (Todos se chegam outra vez.) Morderá? (Chega cautelosamente uma das mãos á bôca de Lourenço.) Não morde! (Sensação; signaes de admiração.)

LOURENÇO, sorrindo, e correndo a mão pela cabeça de Miquelina

A Garça do lago cuida que o juruna é filho de jaguar?

MIQUELINA, rindo

Chamou-me Garça do lago!... Não ouviram?! Tem graça!

ANTONIO, a Miquelina

Deixe-o; para que está a mexer com elle?

MIQUELINA

E você que lhe importa?!

THOMÉ, áparte

Toma, cabeça de tátú!

ANTONIO

Já não quer casar commigo?

MIQUELINA

Se vossê fosse tão bonito como este gentio! (Todos se riem; Antonio afasta-se despeitado.)

LOURENÇO, apontando para as fogueiras

As fogueiras da festa ardem diante do tejupar; o indio viajante não vem interromper as dansas dos seus irmãos.

MIQUELINA

Não te vás embora!... Queres dansar commigo?

LOURENÇO

O Cedro Vermelho não sabe senão dansas guerreiras. (Aos tapuios.) Os meus irmãos são homens esforçados e destros no remo e no jacumá. Quanto tempo deve gastar o mais intrepido remador do Curumú para cortar de um lado ao outro as aguas aniladas do lago? (Todos o olham sem responder.)

THOMÉ

Eu atravesso-o n'uma hora.

LOURENÇO, com alegria

O ubá do juruna é mais veloz! Acompanha a carreira do pirá-jaguára!

JUIZ

Que nos importa isso? Ninguem duvida de que o gentio seja bom remador. Se quer dansar comnosco, danse; e senão quer, vamos nós á chula.

THOMÉ

Eu já disse, que não quero aqui mais festa.

JUIZ

Vamos para o terreiro.

VOZES

Vamos, vamos! (Vão saindo pelo fundo.)

ANTONIO

Não se precisa da casa do Thomé. Vem, Miquelina?

MIQUELINA

Não. (Sáem todos, menos Lourenço, Miquelina e Thomé, e logo em seguida recomeçam o lundú, sem que a musica impeça de se ouvir tudo que se diz na scena, e sem se avistarem as personagens que estão fóra da choupana.)

SCENA VIII

MIQUELINA, LOURENÇO, THOMÉ

LOURENÇO

O tejupar é do meu irmão?

THOMÉ

É sim; o gentio póde demorar-se o tempo que quizer.

MIQUELINA

E eu, não?

THOMÉ

Quem a manda embora?

MIQUELINA

Lourenço?... é assim que te chamas? Anda dansar commigo?

LOURENÇO

Não, Garça do lago; as minhas dansas só as entende quem nasce na taba juruna, ao pé das cachoeiras do Xingú.

THOMÉ, áparte

Que teima com o gentio!

MIQUELINA, a Lourenço

Eu ensino-te as minhas.

LOURENÇO

Só é permittido aos chefes aprenderem as que desenvolvem as forças para a guerra.

MIQUELINA, indo para Thomé

Que pena! Fazia tanto empenho em dansar com elle! Vamos, Thomé?

THOMÉ, alegre

Quer ir commigo?! (Áparte.) Eu logo vi que me não deixava pelo outro! (Sáem.)

SCENA IX

LOURENÇO

Os tapuios do Curumú são homens de paz, filhos de indios mansos, que adoram o Deus dos brancos; o mura vinha acolher-se entre elles por saber que não lhe fariam mal... e que tinha ao pé as florestas da terra firme, bem cobertas de arvoredos!... Como não queria partir sem trazer canôa, obrigou Rosa do Surubiú, que ía passear ao lago, a vir na sua companhia. O Tupá da branca, offendido com a violencia do mura, mostrou a sua colera, cobrindo a lua de nuvens e fazendo tremer a terra com as vozes do trovão e dos ventos. O juruna teria visto a canôa se o luar se não escondesse; ouviria

o bater do remo, se a tempestade não gritasse mais alto... O covarde não remou direito ás fogueiras... Virá pelo mato, para deixar aos tapuios Rosa do Surubiú, que lhe pesaria mais do que a arvore caída pesa ao jaboty, e lhe prenderia os passos como a corda do arpão cravado no casco da tartaruga a prende ao ubá do frechador cambeba. Não ousará offende-la, por temor de que o alcancem. Que o grande Deus dos homens fortes a proteja emquanto as armas do Cedro Vermelho estiverem longe d'ella! (Tira o arco e as frechas, senta-se no chão e leva a mão á cruz de um rosario, que traz ao pescoço.) Aqui está o talisman, que Voz de Caraxoé me deixou quando partiu para o paiz da morte! — 'Jura-me por isto, que defenderás Mathilde' — disse ella; — 'e se tornares á guerra, leva-o ao pescoço e beija-o nas occasiões de perigo. Quando sentires a morte, abraça-te n'esta cruz e a tua alma tornará a ver a minha.' — É hoje a primeira vez que uso do legado... porque vou procurar sua filha. (Fitando os olhos na cruz.) Acaso preciso eu de ti para vencer um inimigo?!... Cumpra-se a vontade dos mortos. (Beija a cruz.) O filho d'alem do mar é valeroso como os guerreiros tupys!... Quando o Cedro Vermelho tiver punido o roubador da branca, partirá para a terra dos jurunas!... Foi fiel ao seu juramento... O homem que

SCENA XI

ANTONIO, BRAZ

ANTONIO

Vamos ao caxiri do Thomé, emquanto elle dansa... Quem está ahi?

BRAZ, que tentava esconder-se

Antonio! É a ti mesmo que eu procuro.

ANTONIO

Braz!... tu não morreste?!

BRAZ, inquieto sempre, não perde de vista a porta do quarto, nem o fundo da cabana, onde vae espreitar de vez em quando, durante todo o tempo que está em scena

Bem vês, que não.

ANTONIO

Disseram-me que te tinham morto na cidade...

BRAZ

Fugi da cadeia e vim até Santarem como remador de uma canôa; lá, conheceram-me e tornaram a prender-me.

ANTONIO

Como te livraste segunda vez?!

BRAZ

Deixei a sentinella em meu logar; metti-me na primeira montaria que achei no porto e remei sem parar até ao Surubiú. De Alemquer vim por terra, e fiz mal, porque encontrei da outra banda o coronel Duarte e elle conheceu-me!

ANTONIO

Mau foi isso! Vou chamar os tapuios...

BRAZ

Se chamas alguem, mato-te!

ANTONIO

A mim?!

BRAZ

Trata-se da minha vida. O gentio veiu só?

ANTONIO

É d'elle que tens medo?

BRAZ

Medo?!... eu fui um dos que tomaram a cidade! E vocês que fizeram no sertão?

ANTONIO

Tanto como tu e os outros ou mais ainda. Eu vim para aqui, só depois de destruido o acampamento de Icuipiranga, ha poucos dias.

BRAZ

Fugiram covardemente!

ANTONIO

Tambem tu e os teus amigos!

BRAZ, chegando-se a elle

Eu?! Se tu tivesses caído em poder de um branco chamado Soares de Andréa; se o sentisses, como eu senti, agarrar-te pelos cabellos e dizer-te, com voz que ainda me faz tremer: — 'Cães! Julgam que eu não tenho mais que fazer senão mandar instaurar processos morosos, dando-lhes occasião para fugirem da cadeia? O governo encarregou-me de pacificar o Pará; vocês não querem tomar juizo, obedecendo á lei, e a lei faz-se obedecer pela força. Senhor ajudante, mande lá fuzilar este patife!'

ANTONIO

E não o mataram?

BRAZ

Elle é que ía dando cabo de todos que lhe caíam nas mãos!

SCENA XII

ANTONIO, BRAZ, MIQUELINA

MIQUELINA

Aonde está o gentio? Ai! quem é aquelle?

BRAZ, querendo saír, a Antonio

Cala-te!

ANTONIO

Não te assustes. É meu irmão, senhora Miquelina.

MIQUELINA, áparte

São ambos cabanos!

BRAZ

Procura o gentio?...

MIQUELINA

Que é d'elle?

BRAZ

Não está ahi fóra?

MIQUELINA

Não; sumiu-se de repente!

BRAZ, baixo a Antonio

Preciso farinha; vou para as cabeceiras do Curumú e espero-te ali. (Vae para saír.)

ANTONIO, detendo-o, baixo

Anda por lá um destacamento, que veiu de Pauxis pelos lagos atrás de mim e de outros quatro ou cinco tapuios, fugidos como eu de Icuipiranga. Os caboclos do Curumú não sympathisam commigo e estou a ver em que as cousas param, a fim de mudar de sitio. (Miquelina sáe e torna a entrar, olhando com desconfiança para os dois.)

BRAZ, espreitando para o fundo, baixo

O mato é grande; atravessarei para Gurupátuba; vem commigo, se queres, mas arranja farinha para termos ao menos com que fazer xibé. Os brancos vieram com o gentio?

ANTONIO

Esconde-te, que eu vou saber.

MIQUELINA

Parece-me que está ali o Lourenço?...

BRAZ, rapidamente a Antonio, baixo

Espero-te no igarapé. (Sáe.)

ANTONIO, a Miquelina

Não diga a ninguem que viu o Braz. (Sáe.)

SCENA XIII

MIQUELINA, MATHILDE

MIQUELINA

Estes homens não são bons!... Braz foi cabano... e o irmão tambem não é por santo que vem para aqui esconder-se!... Thomé sempre é melhor... porém, se o gentio me quizesse?!...

MATHILDE, entrando precipitadamente

Não me viu!... Achei o caminho de uma roça e pude sair da tapéra onde elle me julgava segura!...

MIQUELINA

Quem é a senhora branca?!

MATHILDE

Sou sobrinha do coronel Duarte. Um miseravel trouxe-me á força da outra banda do lago.

MIQUELINA

Seria o Braz?!

MATHILDE

Diz elle que se chama Joaquim; penso que muda o nome.

MIQUELINA

Então é o mesmo, com certeza. Fugiu agora d'aqui, com medo do gentio.

MATHILDE, reanimando-se

De Lourenço?!

MIQUELINA

Sim.

MATHILDE, com alegria

Já veiu?! Estou salva! Corre; procura-o; dize-lhe que o chama Rosa do Surubiú. Elle veiu por minha causa. (Tirando um annel do dedo.) Acceita isto para ti e vae depressa!

MIQUELINA, áparte

Veiu por amor d'ella?! (Alto.) Não; não quero o teu annel, branca; quero antes o gentio.

MATHILDE, com espanto

Tu?! tu queres Lourenço?! conhéce-lo?! Acaso o amas?!...

MIQUELINA, ingenuamente

Gosto muito d'elle!

MATHILDE, caindo sentada n'um banco

Ah!...

SCENA XIV

MATHILDE, MIQUELINA, BRAZ

BRAZ, depois de correr a vista por toda a scena, a Mathilde

Porque foge de mim? Se eu quizesse fazer-lhe mal, quem a defenderia no meio do Curumú?

MATHILDE, erguendo-se

Se o teu fim era unicamente atravessar o lago, porque não me deixaste livre na canôa, assim que desembarcaste?

BRAZ, approximando-se d'ella

Porquê? (Rindo.) Porque eu sou cabano e seu tio quer prender-me... (Com raiva.) quer matar-me!

MIQUELINA, a Braz

Ella procura o gentio; leva-a comtigo. (Mathilde faz a Miquelina um gesto de indignação.)

BRAZ, a Mathilde, em tom de zombaria

Os brancos dizem que é bom amansar os indios e ensinam-os a pensar e a ter idéas... foi por isso que nós nos lembrámos um dia de tomar a cidade, para gosarmos tambem da riqueza, que elles nos obrigam a tirar dos nossos matos e não repartem comnosco. Por eu ter aprendido a pensar, é que trouxe

commigo a branca... e não a entregarei aos seus parentes sem que o coronel alcance do governo legal o meu perdão. Não lhe farei mal nenhum; mas não grite...

MATHILDE, imperiosamente

Miseravel! ordeno-te que sáias da minha presença!

BRAZ, rindo

Não vê que a tenho em meu poder?! Não sabe que estamos á beira do mato?!

MATHILDE, com espanto

Queres obrigar-me a seguir-te?! Ousarias pôr mãos violentas n'uma fraca mulher?! Vae-te; foge; prometto, que ninguem te perseguirá.

BRAZ, com ira concentrada

Obrigado; rejeito a sua generosidade forçada. Os seus parentes insultaram-me; e o seu amante desafiou-me! O tapuio vinga-se como e quando póde. (Apontando para a floresta.) Ali acaba o dominio dos brancos; d'aquelle mato para dentro não ha rei nem lei; é homem contra homem e astucia contra astucia! Começa á beira d'este bosque o paiz da minha independencia! Com que direito entram n'elle os que nasceram nas cidades? Quem os chama? Quem lhes pede a sua civilisação, os seus costumes, os seus inventos e o

seu governo tyrannico? Querem instruir-nos e só nos ensinam a conhecer quanto somos infelizes! Civilisam-nos... costumando-nos á sua aguardente, para nos dominarem! (Rindo, fortemente.) Um dia colherão o fructo do seu trabalho! Ha pouco lhes mostrámos que os tapuios aprendem facilmente a manejar as armas de fogo e que depois de domesticados não são inimigos do regalo em que vivem os seus senhores! Perseguem-nos com os seus padres e com os seus vicios; compadecem-se da nossa rudeza e selvageria, e convertem-nos em escravos do seu trabalho! Devastam os nossos arvoredos para avançarem com as suas povoações, que só nos trazem o conhecimento da nossa miseria e inferioridade!... Por toda a parte se ouvem já os golpes malditos do machado destruidor, e o estalar do incendio que devora as arvores derrubadas! A itaúba e o pau de arco, o louro e a massaranduba, o cedro e a sapucaya, desabam como montanhas! As aldeias e as villas invasoras, sentam-se audaciosas ás margens dos rios e dos lagos e ás bordas das clareiras. É a civilisação, roubando aos habitantes das selvas a espessura onde escondiam a sua nudez e os fructos de que se alimentavam, e substituindo-lhes a existencia livre pelo servilismo degradante! (Com mais cólera.) Ah! isto ha de acabar!... É

preciso que nos paguem, cedo ou tarde, as affrontas que nos fazem! Dos da tua raça não queremos senão o sangue e a aguardente! Acompanha-me! Se os teus parentes respeitarem a minha vida, não serás offendida; senão!...

MATHILDE, tirando a faca de mato, que está na parede

Para traz, assassino covarde!

SCENA XV

MATHILDE, BRAZ, MIQUELINA, ANTONIO, DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, LOURENÇO, TAPUIOS, TAPUIAS

ANTONIO, entrando a correr pelo fundo

Foge, Braz!

BRAZ, querendo armar o arco

É o gentio?

ANTONIO

Os brancos! (Braz corre para a porta do quarto, apparece ali Duarte.)

DUARTE, apontando uma espingarda para Braz

Alto ahi, miseravel! (Braz corre para o fundo e acha-se em frente de Francisco e João, com as armas tambem á cara.)

FRANCISCO

Se dás mais um passo, morres!

JOÃO

Tapuio do diabo! Vem dizê a mim que gentio é que é traidô!

DUARTE

Chamas-te Braz ou Joaquim, grande patife?

BRAZ, atterrado e supplicante

Sou Braz, sim senhor; não me mate!... Eu não fiz mal á branca.

LOURENÇO, vindo do fundo, seguido por todos os tapuios e tapuias, que olham com curiosidade para as personagens que estão na choupana; depois de lançar a Mathilde um rapido olhar de contentamento

O tejupar onde o juruna foi recebido como amigo, é um asylo sagrado.

MATHILDE, com alegria

Lourenço!

FRANCISCO, áparte

Mau! Se temos scena de Shakspeare, não gosto!

LOURENÇO, approximando-se de Mathilde e correndo-lhe a mão pelo cabello, ao mesmo tempo que examina Francisco com vista escrutadora

Esperava que saísse o mura insultador de mulheres, porque um guerreiro não viola jamais o logar em que recebeu hospitalidade.

FRANCISCO, indignado com o movimento de Lourenço, baixo, a Duarte

O senhor tolera... e ella consente similhantes familiaridades!...

DUARTE, baixo a Francisco, sorrindo

É assim que os indios exprimem a sua amisade a qualquer pessoa.

FRANCISCO, encolhendo os hombros

Acho forte!...

DUARTE, a João, indicando Braz

Amarra esse tratante. (Ouvem-se alguns murmurios entre os tapuios.)

LOURENÇO, impondo silencio a todos, com gesto altivo, fazendo abaixar as armas

O Cedro Vermelho é um chefe? Ninguem toque no seu inimigo! (Entrega a espingarda a João; a Braz.) O teu rosto muda de côr como o cenemby que toma o sol sobre os ramos da embaubeira! Sabes que o aipim e o milho estão maduros e temes que eu mande preparar os vinhos do sacrificio?!... Os cambebas de quem descendo, por Peito de Tiépiranga, não dão a morte aos prisioneiros, ainda que elles pertençam á tribu infame dos muras. (Sorrindo desdenhosamente.) Tu é que poderás fazer dos fructos do cajueiro o licor embriagante, que usam os teus parentes an-

thropophagos, para comeres a carne do teu adversario, se tiveres destreza e valor para vence-lo. Reteza a corda do teu arco! (Inclina o arco sob o joelho direito, obrigando-o a vergar e retezando-lhe a corda pela ponta que fica voltada para cima. Braz imita-o.) Não affrontemos o tejupar hospitaleiro que nos acolheu; ali fóra temos terreiro e luz para que possam voar duas frechas. Saiamos! E pede ao assacú venenoso em que mergulhaste as pontas das tuas tacuáras, que te livre do urari que teem as minhas. (Tomam cada um sua frecha de tacuára e sáem lentamente pelo fundo, em disposição de arma-las nos arcos; Mathilde faz um movimento de terror e quer segui-los. Duarte, suspende-a com um gesto imperioso.)

MATHILDE, dolorosamente

E se elle morrer?!

FRANCISCO, com gravidade comica, e como querendo tranquillisar Mathilde

Não consentiremos que o outro o coma. (Cáe o panno.)

ACTO QUARTO

Grande clareira, na floresta virgem do lado septentrional do Curumú, cortada ao meio por um igarapé ou riacho; os colossos vegetaes de muitas especies, que a circumdam, estendem sobre ella e o ribeiro as suas grandiosas ramarias. Numerosos sipós de todas as grossuras, claros, escuros, cinzentos, castanhos, pardos e de verdes differentes, lisos, rugosos, direitos, torcidos, em ondulações caprichosas e phantasticas, atravessam de umas para outras arvores, descendo perpendicularmente das maiores alturas até ao chão, onde criam novas raizes, tornando a subir pelos troncos vizinhos. Dos sipós e dos arvoredos pendem fructos variadissimos, de exquisitas fórmas, de todas as côres e tamanhos; flores de especies raras, esplendidamente coloridas, e algumas do tamanho de umbellas, agitam-se no espaço, procurando o sol por entre a multidão das trepadeiras, que formam de todos os lados festões, laçarias e grinaldas. A nobre familia das palmeiras serve de candelabros e de columnas a este magestoso templo da natureza tropical. Aqui, a inajá mostra em compridos cachos os seus fructos pardacentos; ali, ostenta-se a tucumá com longos corymbos dourados e vermelhos; alem, penduram-se da elegante miriti enormes thyrsos, carregados de formosos pomos revestidos com escamas de oiro; mais adiante, a marajá espinhosa com as

BRAZ

Bem viste como lhe fugi! Quando todos julgavam que eu tomava terreno para armar a minha frecha, metti-me na floresta e deixei-os logrados.

ANTONIO

O outro é muito fino! Deitou-se no chão, para ouvir o ruido dos teus passos nas folhas seccas, e se não fosse eu, estavas filado.

BRAZ

Como?

ANTONIO

Quando o vi deitar-se, metti-me tambem no roçado, e como sabia que tu vinhas para a banda do igarapé, corri por outro sitio e elle caíu no laço como um curumi!

BRAZ

Estás certo d'isso?

ANTONIO

Depois que a Miquelina e o Thomé souberam que és meu irmão, entendi que devia dormir no mato; não tendo rede para amarrar, fiz a cama debaixo de umas folhas de ubim e adormeci um bocado. Quando acordei, vinha amanhecendo e a primeira cousa que vi foi o gentio, passando por cima dos cipós que se cruzavam sobre a minha ca-

beça! Ninguem o sente! É como uma cobra que se arrasta pelos ramos!... Até a sua côr se confunde com a dos troncos!

BRAZ, olhando para cima, assustado

Se eu o visse primeiro!...

ANTONIO

Os olhos luziam-lhe através das folhas como os da onça que espreita o veado.

BRAZ

E não te viu?

ANTONIO

Não; deixei-o afastar-se, levantei-me e corri pela borda da tapéra, para elle cuidar que eras tu.

BRAZ

Sentiste-o ir atraz de ti?

ANTONIO

Nem o vi nem ouvi mais! Já te disse, que ninguem o sente! Como sabe que o ruido dos passos sobre as folhas seccas se ouve muito ao longe, anda como os macacos, de ramo em ramo, e de cipó em cipó. Foge depressa para Monte Alegre, se tens amor á vida!

BRAZ

Elle traz frechas ou arma de fogo?

ANTONIO

Traz só espingarda.

BRAZ

Quem te disse que desappareceu a moça?

ANTONIO

Passei agora mesmo pelos brancos, sem que me vissem. Andam a procura-la, e cuidam que foste tu quem tornou a roubar-lh'a.

BRAZ

Vae á barraca do roçado velho, no portinho, e traze-me a rede, que eu lá deixei. Vê se me compras um paneirinho de farinha para ticuára, e vem procurar-me nas cabeceiras d'este igarapé.

ANTONIO

Eu não tenho com que comprar... Foge, que ahi vem gente!... (Braz corre para o riacho, e desapparece sem ruido por entre o espesso arvoredo, que borda as margens.)

SCENA II

ANTONIO, DUARTE, FRANCISCO, JOÃO

DUARTE, baixo a Francisco

Ali está um caboclo!

FRANCISCO, baixo a Duarte, apontando a arma

Quer que o segure?

DUARTE, idem

Homem, você vae-se tornando feroz!

FRANCISCO, idem

Desculpe; ando a aprender a selvagem, para ver se consigo produzir melhor effeito.

ANTONIO, voltando-se, assustado

O branco quer matar-me?! Eu não sou o Braz.

DUARTE, acotovelando Francisco

Qual matar! Assim se mata gente, sem mais nem menos?! Viste minha sobrinha?

ANTONIO

Não, senhor.

DUARTE

Onde está o Braz?

ANTONIO

Não sei.

FRANCISCO

E o Lourenço?

ANTONIO

Quem é o Lourenço?

FRANCISCO, a Duarte, baixo

Elle caçôa-nos; é melhor obriga-lo a fallar claro.

DUARTE, a Francisco, baixo

Seja prudente; quem o ouvir, ha de julga-lo peior do que um anthropophago!...

FRANCISCO, idem

É preciso que tenhamos côr local.

DUARTE, a Antonio

Se me descobres minha sobrinha, dou-te uma espingarda nova e um garrafão de aguardente.

ANTONIO

Vou procura-la. (Afasta-se indolentemente.)

SCENA III

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO

DUARTE

É dia claro; até aqui seguimos as margens do igarapé; mas eu não conheço o mato d'este lado do Curumú, e por isso não me atrevo a ir mais longe. Estamos n'uma clareira, que já pertence á floresta virgem.

FRANCISCO

Palavra?! (Olhando para tudo que o rodeia, solta um grito de admiração e de jubilo.) Oh!... que esplendido quadro! Não tinha reparado ainda! (Fica um

instante como extasiado, depois vae á borda do riacho e ainda vendo tudo em volta da clareira; Duarte segue-lhe os movimentos com satisfação, e João olha espantado para os dois.) É admiravel! Que soberbas arvores! Que multidão de cipós, que variedade de plantas!... Ah! (Correndo para um tronco.) que graciosissimas orchidéas! (Indo a outra arvore.) E estas?!... Se meu pae visse isto!... Ainda não disse ao coronel, que meu pae é um botanico illustre? Pois fique sabendo. Que magnificencias! Que palmeiras! Que fructos! Que flores!... Que troncos e que raizes originalissimas! É impossivel que esta clareira não seja um pedaço do Paraizo terreal!... O coronel sabe se elle seria por aqui algures?

DUARTE

O quê?

FRANCISCO, apanhando do chão um fructo de miriti

O Paraizo. (Duarte sorri-se.) Este fructo, coberto de escamas de oiro, é lindissimo! (Quer comer-lo, mas não consegue metter-lhe os dentes.) Oh! diabo! Isto é fingido?! Parece de pau! (Olhando com desconfiança para os arvoredos.) Querem ver que estou n'uma floresta de theatro?! (Sacode uma arvore que está coberta de fructos amarellos, similhante a gemmas de ovo cozidas; cáem alguns fructos, que elle apanha.)

DUARTE

O fructo da palmeira miriti é dos mais formosos para a vista, mas não dos melho-

res para comer... salvo para quem pertença á familia dos roedores.

FRANCISCO, olhando para os que acaba de apanhar

E esta! Uma arvore, que dá gemmas de ovos cozidas!... (Come.) com assucar!

DUARTE

Esse fructo chama-se cotitiribá, que quer dizer 'fructo da cotia'.

FRANCISCO

Ah! os bichos do seu paiz são ainda mais felizes do que a gente! Que luxo de alimentação variada! Agora é que eu acho a explicação do motivo por que os indios não querem que os civilisem! A civilisação obriga-os a trabalhar; e quem tem tantos meios de subsistencia, não precisa matar-se. Veja como essas palmeiras estão carregadas!... E que abundancia em todos estes arvoredos! Até nos cipós... (Apanha o fructo esverdeado de um cipó e vae para o metter na bôca.)

DUARTE, tirando-lh'o rapidamente

É venenoso!

FRANCISCO, cuspindo

Safa! Por isso o patife é tão bonito!

DUARTE

O senhor atira-se a tudo!... Tenha cautela! Convem não comer nenhum fructo dos que os macacos não comem.

FRANCISCO, encarando-o, com espanto

O coronel quer dizer com isso, que elles são os nossos mestres?! Sempre me quiz parecer. E como me é impossivel frequentar a escola d'esses professores originaes, abster-me-hei d'aqui em diante de comer cousas desconhecidas... Assim evitarei tambem muitos logros!

DUARTE

Vamos embora.

FRANCISCO

Espere ainda um pouco, por favor; deixe-me tornar a ver isto bem. (Andando em torno da clareira.) A floresta virgem!... Aquelles vadios, que lá em Lisboa se diziam meus amigos, são capazes de não me acreditarem, quando eu lhes contar que estive aqui, n'esta selva contemporanea de Adão e Eva... e que me pendurei nos cipós, á maneira dos nossos mestres bugios! (Encosta a arma a um tronco, trepa por um cipó dos mais grossos e balouça-se.)

DUARTE, rindo

O senhor está doudo!

JOÃO, sorrindo

Siô môço dá um queda, cáe no rio e besunta todo di tijuco!

FRANCISCO, descendo

Enganas-te, pae João; eu sou marinheiro... O coronel ha de me passar um attestado, de como eu me baloucei nos cipós da floresta virgem?...

DUARTE, rindo

Pois sim. O peior é que não achâmos o tapuio nem minha sobrinha!

FRANCISCO, pegando na espingarda

Tudo por culpa do estupido gentio! Queria bater-se em duello como um gentleman! Aquella não me esquece mais!

DUARTE

Na sua opinião seria um acto covarde proceder de outro modo.

FRANCISCO

N'esse caso, que se arranjem os dois entre si. Escusâmos nós de nos incommodarmos.

DUARTE

E Mathilde?

FRANCISCO

Ainda pensa que o tapuio a levou segunda vez?!

DUARTE

Certamente.

FRANCISCO

Deixe-se d'isso; ella foi passear á praia ou talvez ao lago.

DUARTE

Não diga absurdos! Depois do que lhe aconteceu, só se tivesse perdido o juizo é que se arriscaria outra vez sósinha.

FRANCISCO

Ah! meu respeitavel amigo!... quem póde gabar-se de conhecer o coração da mulher?! Pelo que tenho aprendido, estudando esse aleijão recheado de tyrannia e de sensibilidade, affirmo-lhe que nada ha mais absurdo... nem mais logico. Sua sobrinha tem a alma tão ardente como o sol que lhe embalou o berço! N'aquella cabecinha encantadora ardem volcões, capazes de devorar estas florestas maravilhosas!

DUARTE

Isso é poesia que o senhor está fazendo.

FRANCISCO

Chame-lhe o que quizer. A imaginação de Mathilde não se contenta só com os seus

lagos e rios magestosos, com as suas matas paradisiacas, nem com as vastas campinas dos seus sertões; precisa mundos novos para se alimentar... e anda á procura d'elles.

DUARTE

Confesso que não percebo!

FRANCISCO

Ha uma idade em que todos os corações se sentem assaltados por sentimentos vagos, por desejos indefinidos, pela avidez do ignoto!... Perdão; ía faltando ao respeito devido á magestade augusta d'estes bosques, impingindo-lhes a noticia de como principiam os primeiros amores!...

DUARTE

Julgo ter apanhado d'essa embrulhada, que minha sobrinha se apaixonou?... (Ponderando.) Póde ser... sim... desde certo tempo, que me parece coincidir com a sua ultima visita, acho-a effectivamente mais melancolica!

FRANCISCO

A sua melancolia provém de saber que o coronel pretende casa-la commigo.

DUARTE

Essa é nova! Se ella o ama, se o senhor não a vê com indifferença e se eu consinto

no casamento, como póde isto causar-lhe tristeza?!

FRANCISCO, áparte, levantando os olhos para o céu

Oh! simplicidade dos bosques! Oh! ditosa ignorancia dos primeiros patriarchas!... Bem se vê que estamos n'uma floresta virgem, no mundo primitivo!

DUARTE

Que diz a este argumento?

FRANCISCO

É fortissimo!...

JOÃO

Pae sinhô e siô môço, aprompta espingarda, que sente macaco nos arve! Costuma vir coatá di serra atirá côco di sapucaia em cabeça di caçadô e mata elle!

DUARTE

Silencio! (Põem todos as armas em attitude de se servirem d'ellas, João escorrega e cáe contra uma arvoreta, que se agita.)

SCENA IV

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, LOURENÇO

LOURENÇO, com a espingarda na mão, saindo de entre os ramos e cipós ao pé de João

O ouvido do Jutahi Preto é fino!

JOÃO, que se ergueu, pulando para o lado, assustado

Gentio cáe dos nuve!

DUARTE

Lourenço?... Viste-a?

FRANCISCO, com admiração comica, áparte

Como póde o europeu conservar-se grave n'uma terra em que as mulheres romanticas passeiam pelos matos com as onças e serpentes, e onde as arvores, quando as sacodem, deitam abaixo gemmas de ovos cozidas e homens... crús?!

LOURENÇO, depois de ter encarado attentamente Francisco

O tio Duarte é valente e sabe affrontar os perigos; porém, os indios muras são assassinos e correm nos matos melhor do que os brancos. O teu ouvido não sentirá no leito do igarapé os passos do inimigo.

FRANCISCO, áparte

Porque diabo olhará elle tanto para mim desde hontem?! (Alto.) A culpa é tua; porque deixaste fugir o tapuio?

LOURENÇO, com altivez

Porque não mato os meus adversarios quando estão captivos. Os jurunas tambem eram ferozes e crueis antes do sangue dos cambebas se ter cruzado com o d'elles; de-

pois, os guerreiros do Bracelete de Ferro aprenderam a respeitar os prisioneiros. O Cedro Vermelho ha de obrigar o seu covarde inimigo ao combate singular, ainda que para isso tenha de atravessar todas as florestas amazonicas. O mura tem um irmão, que quer enganar o gentio, escondendo-se debaixo das folhas seceas e correndo pelas tapéras... (Sorrindo.) Os ouvidos do chefe não se enganam com o passo dos que o medo faz correr!...

DUARTE, impaciente

Tudo isso é secundario; o que me interessa agora é saber se viste Mathilde?

LOURENÇO, como procurando em torno de si

Rosa do Surubiú? Trouxeste-a comtigo para lhe descobrires os segredos da floresta virgem?... Fizeste mal.

DUARTE

Desappareceu da barraca dos tapuios.

FRANCISCO

Logo depois que tu saíste... percebes?

LOURENÇO, com admiração e tristeza

Oh! filha dos caribas, o teu sangue é como o oleo que ferve dentro da cupahibeira até achar saída! Mal haja a confiança que tens

nos ouvidos e nos olhos do juruna! Eu vejo tanto como o acauan, que dos ultimos ramos do tauari avista entre as sapopemas a jaquiranaboia e a jeraráca; faço menos bulha do que o anambé comendo os fructos acidos do taperibázeiro; e sei correr como o veado, quando foge do sucurijú; mas quem póde impedir que a frecha do caçador, escondido entre as folhas do urucuri, derrube a cotia, que julgava seus os fructos caídos da palmeira?

FRANCISCO, áparte

Os diabos me levem se eu não sympathiso com o meu rival! (Cantarolando, em voz baixa.)

Oh! mio rivale sympathico!

DUARTE

Visto isso, não pódes indicar-nos para que lado devemos ir procura-la?!

LOURENÇO, olhando para Francisco

Quem vê no céu o rasto da lua? O vôo do juruty não deixa signal nos ares; e ninguem póde dizer para onde o vento levará as rosas brancas e perfumadas que arrancou da envireira! (Francisco faz-lhe com a cabeça um signal de assentimento.)

DUARTE

O teu faro é admiravel; distingues pelo

cheiro os animaes e as pessoas que estão a grande distancia; talvez isso te auxilie?...

LOURENÇO

Nos lagos, nos rios, nas margens das florestas, nos logares onde os arvoredos não estão florídos, o juruna sente e conhece quem se approxima. Aqui, o olfato perde-se com as exhalações da baunilha, do cumarú, do curimbó, do cauré e da salsarana; as flores do pau de arco levam até ao meio do lago os seus aromas suaves! (O sol penetra repentinamente através das ramarias, inundando a clareira de sua luz esplendida.)

FRANCISCO, com um grito de enthusiasmo

Bravo, sol! bravo! Que magestosa entrada! Faltavas tu para dar sublimidade a este espectaculo assombroso! (Contempla extasiado os arvoredos, brilhantemente alumiados; Lourenço olha para elle como quem o comprehende; João encara-o com o espanto que já uma vez manifestára.)

DUARTE

É bello, realmente!

FRANCISCO, descobrindo-se, commovido

É divino! (Duarte, cedendo aos sentimentos que movem Francisco, descobre-se; João imita-o.) Dir-se-ía a imagem do Creador, mostrando-se na creação! Eu te saúdo, oh! sol, esplendor e alma do universo!... E saúdo-vos tambem, epicos pro-

digios de verdura! Diante da vossa grandeza senti uma impressão quasi igual á que tive, quando pela primeira vez contemplei o Oceano! Materialistas, espiritos fortes, atheus, scepticos, descrentes de todas as especies, vinde aqui, e se não reconhecerdes Deus n'este maravilhoso quadro... é porque sois todos uns asnos!

LOURENÇO, tomando rapidamente a attitude de quem escuta

Os pés da onça não quebram cautelosamente os ramos!...

DUARTE, cobrindo-se

Eu não ouço nada!

FRANCISCO, reparando na posição pittoresca de Lourenço, larga a arma e o chapéu

Oh! que soberba attitude! Isto é de tentar os menos artistas! (Apalpando as algibeiras.) Não te mexas!... Um lapis?... cá está. (Apalpando os bolsos.) Papel? papel?! Quem me dá um papel?!! Se eu tivesse aqui o meu album!... (A Lourenço.) Assim! assim ainda estás melhor! (A Duarte, que sustém difficilmente o riso.) Veja se me dá um...

LOURENÇO, partindo a correr

Esconde-se! É um inimigo! (Desapparece sem ruido.)

FRANCISCO, desapontado

Ei-lo ahi vae! Aquillo não é homem é uma frecha! (Escutando.) E ninguem o sente! (Áparte.) Deixa-lo correr; por mim, póde ir até ao fim do mundo! A caçada ao tapuio, alem de infructuosa, já me vae parecendo massada!

JOÃO

Está fôia mexendo e não é com vento! Aprompta espingarda!... Atira, pae sinhô, qui sente pirigo!

DUARTE, pondo-se com a arma em posição de atirar

Aonde, toleirão?

SCENA V

DUARTE, FRANCISCO, JOÃO, THOMÉ

THOMÉ

O gentio vae doudo!

DUARTE

Para onde foi elle?

THOMÉ

Sei cá! Se não me reconhecesse tão depressa, esganava-me!

FRANCISCO, baixo, a Duarte

E este quem é?

DUARTE, baixo a Francisco

Um meu conhecido; chama-se Thomé. Não lhe metta medo; o senhor tem uns ares de admiração, que atterram toda a gente!

FRANCISCO, idem

Ora, adeus! Quem vive entre estas cousas espantosas, não se atterra com tão pouco. E se não quer que eu me admire, vamos d'aqui. Para fallar com franqueza, já estou cansado de me admirar.

DUARTE

Anda cá, Thomé: tu sabes que sempre te compro a tua farinha, e te vendo os meus generos mais baratos. Queres auxiliar-me?

THOMÉ

A prender o cabano? Ajudo, sim, patrão; e tambem a prender o irmão, que é tão bom como elle! (Áparte.) Se o empurro para fóra do Curumú, caso com a Miquelina!...

FRANCISCO

Elle tem irmão?

THOMÉ

Tem sim, senhor; e penso que andam já no mato ambos.

DUARTE

Provavelmente é o que passou por nós ha pedaço.

THOMÉ

Veiu por aqui? Tão longe! Anda atraz da Miquelina, o patife! O roçado d'ella é junto á tapéra.

DUARTE

Vê se encontras minha sobrinha, traze-a, e conta commigo para padrinho quando te casares.

FRANCISCO

Talvez que ella já esteja na aldeia?... E não se me dava de ir até lá, respirar um ar mais puro.

DUARTE

Pois vamos. (Sáem, seguindo a margem do riacho.)

THOMÉ, indo atraz d'elles

Eu vou buscar o meu arco; os brancos devem seguir o igarapé, até ao sitio onde ha roças; esperem-me ahi, que não tardo nada.

SCENA VI

THOMÉ, MIQUELINA

MIQUELINA

Ouvi fallar para este lado! Ah! são os brancos e Thomé.

THOMÉ, voltando atraz

Miquelina!

MIQUELINA, querendo sair

Vim apanhar folhas de ubim e de guarumá, para empaneirar farinha.

THOMÉ

Quer que eu a ajude?

MIQUELINA, afastando-se

Não é preciso.

THOMÉ

Se fosse o Antonio mura que se lhe offerecesse, acceitava?

MIQUELINA

Bem m'importa esse!

THOMÉ

Não, não importa!... Ah! agora me lembro! Veiu atraz do gentio?!

MIQUELINA

Viu-o?

THOMÉ

Se não queria casar commigo, para que me amarrou hontem á noite?

MIQUELINA

Foi para rir.

THOMÉ

Com estas cousas não se brinca; podia haver morte de homem, e a culpa era sua.

MIQUELINA

Credo! morte de quem?

THOMÉ

Do mura.

MIQUELINA

Pois olhe, Thomé, eu antes o queria a você, do que a elle. O Lourenço desprezame!...

THOMÉ, áparte

Honrado gentio! Ainda bem!

MIQUELINA

Será por gostar da branca que elle me não quer?

THOMÉ, áparte

Ah! elle gosta da branca?!... Melhor! vou mais depressa procura-la! (Alto.) Não vem para casa?

MIQUELINA

Ainda não apanhei as folhas...

THOMÉ, áparte

Bem sei; vaes á cata do selvagem! Eu hei de desencantar a sobrinha do coronel, seja onde for!... E depois, veremos. (Sáe.)

SCENA VII

MIQUELINA, só, examinando algumas arvoretas e cipós

A filha dos brancos não saberá que é perigoso andar n'estes matos? Se não a encontrar a onça ou não a desencaminhar a Curupira, ha de acha-la o tapuio... e se esse tambem não der com ella... cá estou eu!... (Examinando um arbustinho, carregado de fructos similhantes a pimentas da India.) O cunambi, com os seus baguinhos pretos!... bastavam tres ou quatro, espremidos n'uma cuia de agua, para me eu ver livre d'ella e ficar com o gentio... (Observando uma arvoreta.) A caxinduba tem agora fructinhos verdes!... é signal de estar o leite mais venenoso!... (Tira do seio um embrulho, que desenrola, e mostra dois pedaços de cipó.) Já aqui levo o timbó da capoeira e o juruti pepena, que são ambos venenosos; ali atraz, marquei o araticú-cúpanan cheio de fructos... (Vendo um cipó enleado n'uma arvore.) Este cipó será uvari?... Alem vejo o arvoeiro, abrindo as bages onde cria os bagos amargos... Um pouco de sumo de qualquer d'estas plantas, misturado no mingáu da branca, mata-a com certeza... Ah! o melhor é dar-lhe a cheirar as flores do assacuzeiro! Vou apanha-las. (Encaminha-se á pressa para a borda do igarapé, de repente pára; reflecte um instante e volta para traz.) Não, não quero; era uma grande

maldade! Ella nunca me fez mal... gosta do gentio? tambem eu gosto. (Deita fóra os bocados de cipó.) Ai! agora é que me lembro!... Vou procurar Lourenço e dar-lhe agua da raiz de manacan para o adormecer; e quando elle acordar, offereço-lhe poquéca de tamacuaré... dizem que quem come d'esse lagarto fica enfeitiçado de amores pela pessoa que lh'o deu!... Vou experimentar. (Sáe rapidamente.)

SCENA VIII

Antonio, Thomé

ANTONIO

Que viria a Miquelina fazer aqui tão cedo? O caminho da sua roça é pela bôca do igarapé!... Não me agrada ver tanta gente a visitar o mato virgem! Vou procurar o Braz e mudo-me tambem com elle para Gurupátuba. Já arranjei farinha e piraén...

THOMÉ, áparte, espreitando Antonio

O cabano viria seguindo a cunhã pelo faro?! Que se faça agora tolo!... O vizinho Magoari, que encontrei no caminho, emprestou-me a sua espingarda, e estou resolvido a limpar o Curumú de patifes da laia d'este.

ANTONIO, áparte, vendo-o

Outra vez o Thomé! (Alto.) Vens espreitar-me?

THOMÉ

Que te importa?

ANTONIO

Não gosto que andem atraz de mim.

THOMÉ

Hei de andar por onde eu quizer.

ANTONIO

O mato é largo; não quero que ninguem me vigie.

THOMÉ

Sou filho do Curumú; estou na minha aldeia, e tenho aqui perto os meus roçados.

ANTONIO, sentando-se n'um pau caído

Mas não estás na tua barraca, para mandares pôr a gente fóra. (Corta um arbusto e entretem-se a descasca-lo com a faca, que tira do cinto.)

THOMÉ

Querias mais caxiri, guloso?! Trata de te mudares do lago; já todos aqui sabem quem és. Vae para o Solimões, onde vivem os muras. Antes da cabanagem, estiveste em Macapá e em Gurupátuba com o Braz; fizeram lá bonitas cousas e vieram para cá fugidos. Nós demos-lhes hospitalidade e sus-

tento, porque não os conheciamos. Teu irmão foi para a cidade, como remador do coronel Duarte, e lá roubou-o e fez-se cabano; depois, tu furtaste uma canôa no Paranámiri, e foste metter-te com os revoltosos de Icuipiranga. Já vês que sei a tua vida e a dè teu irmão!... Como agora os querem prender, voltam ambos para os tolos do Curumú, que os aturem! Estão enganados! No Curumú não ha muras nem ladrões.

ANTONIO, erguendo-se de chofre

Se estivesses sem espingarda, não me dizias isso!

THOMÉ

Não a furtei, como tu e teu irmão costumam fazer.

ANTONIO, querendo atirar-se a elle

Tu calumnias-me!

THOMÉ, apontando-lhe a arma

Vê lá em que te mettes! Olha que a carreguei com duas palanquetas de chumbo, para obsequiar teu irmão; se fazes empenho em ficar com ellas para ti, mexe-te d'esse logar!

ANTONIO, mudando de tom, e approximando-se lentamente

Não nos zanguemos; sejamos amigos como d'antes.

THOMÉ

Amigos?! eu não fui cabano.

ANTONIO, chegando-se mais, sempre com ares e gestos amigaveis

Nem eu; são mentiras com que me intrigam.

THOMÉ

O Chico grande e o compadre Magoari conheceram-te logo.

ANTONIO, mais perto d'elle

Não digas isso a ninguem, que pódem acreditar-te e prender-me. Afianço-te, que são tudo falsidades.

THOMÉ

Tomára eu que te agarrem!

ANTONIO, lançando-se precipitadamente sobre elle

Larga a espingarda, senão mato-te!

SCENA IX

THOMÉ, ANTONIO, DUARTE, FRANCISCO, JOÃO

DUARTE

Não largues, Thomé!

ANTONIO, largando Thomé e querendo fugir

Ah! os brancos! (Todos lhe apontam as armas.)

FRANCISCO

Não corras, que pódes cair.

ANTONIO, acovardado

Que me querem?!

DUARTE

Eu já te explico tudo. Larga a faca.

ANTONIO, hesitando

A faca... é minha.

FRANCISCO, approximando-se d'elle

O senhor coronel pede-te o favor de lh'a emprestares. (Antonio larga a faca.)

DUARTE

João, pega n'aquella faca.

JOÃO, indo pegar n'ella com medo

Não bole com pé, cabano; si pisca os ôio, mette um bala em sua barriga di você. (Apanha a faca.)

DUARTE

Corta um cipó bem fino e comprido. (João corta um cipó similhante a uma corda.) Amarra as mãos d'esse homem atraz das costas.

ANTONIO, querendo resistir

Amarrar-me?! Não consinto; não sou escravo!...

DUARTE, apontando-lhe a espingarda

Talvez prefiras experimentar se eu ainda tenho boa pontaria? Arreda-te lá, João; deixa ver...

ANTONIO, ajoelhando

Ai! ai! Amarra, preto, amarra!

FRANCISCO

Grande invenção foi a das armas de fogo! Até fazem ter juizo!

JOÃO, amarrando Antonio, sem resistencia d'este, com as mãos atraz das costas

Si faze doê, não grita; cipó custa a corrê; pricisa arrochá elle bem!

DUARTE, a Antonio

Tu nunca estiveste na cidade? (Antonio, atterrado, faz um gesto negativo com a cabeça.) Pois vaes vela; e saberás o que é bom, se minha sobrinha não apparecer immediatamente.

ANTONIO

Eu não sei d'ella. (Soltando as mãos e fazendo uma cruz com os dedos.) Juro por esta! (João agarra-lhe as mãos e ata-lh'as melhor.)

DUARTE

Onde está teu irmão escondido?

ANTONIO

Se eu soubesse, confessava.

FRANCISCO

Anda para diante; e trata de não fingires que tropeças, aliás a cousa torna-se grave; pódes caír mais depressa do que pensas.

DUARTE

Thomé, acompanha-nos, a fim de que não tornemos a andar para traz por não acertarmos com a saída. (Sáem.)

SCENA X

Bracelete de Ferro, Miquelina

BRACELETE, entra, pondo cautelosamente os pés no chão e andando sempre de modo que não quebre ramos, nem faça ruído

O lago está perto!... (Farejando na direcção por onde saíram as outras personagens e examinando o chão.) São brancos!... tambem levavam indios mansos... mas nenhum d'elles é juruna. (Tomando os ventos, como fazem os cães quando seguem o rasto quente da caça, e correndo á roda da clareira, solta de vez em quando uma especie de mugido surdo e fareja sempre.) Hough! Hough! O outro rasto é frio!... o orvalho da noite e o calor do dia confundem as emanações... porém, o filho do Bracelete de Ferro não deve andar longe! (Parando ao pé dos cipós onde Francisco se esteve balouçando e cheirando-os.) O timbó açú tem a casca ferida... O homem que subiu aqui não sabe trepar nos cipós... derrubou as flores da ja-

pecanga e quebrou os ramos do guapohi... era branco! (Seguindo os ventos, na direcção da arvore de grandes raizes chatas, onde Braz esteve escondido.) Entre as sapopemas do tauariseiro esteve escondido um indio... (Approxima-se e cheira as tábuas a que Braz se encostára.) Hough! Hough! É mura, inimigo da minha tribu!... (Encaminha-se para o sitio por onde desceu Lourenço, farejando sempre.) Hough! Hough! O cacique dos jurunas passou aqui!... (Cheira e examina as arvores.) Desceu do cipoal... seguia o filho do Solimões... talvez em companhia do branco, seu alliado?!... O Cedro Vermelho é um guerreiro... mas falta-lhe a experiencia e a sabedoria da velhice! Brancos são maus companheiros para andar no mato virgem!... Por toda a parte deixam vestigios!... (Examinando attentamente as ramadas por onde descêra Lourenço.) Não quebrou nenhum ramo, não esfolou nenhum cipó, nem derrubou nenhuma flor ou fructo!... (Examinando o chão.) Hough! Desceu de leve, sem amassar as folhas seccas!... (Com satisfação.) É da minha raça! (Seguindo pelo cheiro todos os passos de Lourenço, até ao logar por onde elle saíu.) Saíu por este lado... (Examinando o chão e os ramos das arvores.) foi só... e corria... (Tornando a examinar o chão.) mas não ía fugindo. (Volta para a scena e senta-se tranquillamente sobre um tronco.)

MIQUELINA, correndo para elle

Lourenço?!... Ai! outro gentio! (Quer fugir.) Que horror de cabeça!

BRACELETE, contemplando-a affavelmente

A filha dos tapuios anda só no mato como a sururina?!

MIQUELINA

Quem és tu?

BRACELETE

Sou Bracelete de Ferro.

MIQUELINA

E que vem a ser isso?

BRACELETE

Se tu és filha de um chefe, meu filho chama-se Cedro Vermelho, o terrivel.

MIQUELINA

Cedro Vermelho? É Lourenço? Conhécelo? Viste-o? É teu filho? Para que trazes esse pedaço de monstro á cabeça?

BRACELETE, gravemente

O homem prudente só pergunta uma cousa cada vez; a sabedoria poupa as palavras. Tu és mulher, e as mulheres fallam como os papagaios.

MIQUELINA, com despeito

E os homens como os macacos! O que eu quero é saber onde está Lourenço?

BRACELETE

Foi esse nome que o tio Duarte poz a meu filho?

MIQUELINA

Cuido que sim.

BRACELETE

Vae dizer-lhe, que o Bracelete de Ferro passou o Tapajós e o Amazonas para vir busca-lo; e que segue o sol ha oito dias pelas florestas de Pauxis e pelos lagos do Surubiú.

MIQUELINA

Queres levar Lourenço?! Para onde? E elle voltará outra vez ao lago?

BRACELETE

A curiosidade nasce nas mulheres como as folhas nas arvores. O guerreiro ouve cantar as araras, os maracanãs e os tucanos e não abre a bôca para lhes dizer onde secca a samambaya de que devem fazer os ninhos. (Miquelina que não o entendeu interroga-o com o olhar.) Não ouves?! (Levanta-se com terror.) É o canto agoureiro do citibó! (Embraça melhor o escudo e tira o tangapema do pescoço.) O seu grito sinistro diante do sol diz ao juruna, que vae morrer um bravo!... (Senta-se meditabundo.)

SCENA XI

BRACELETE, MIQUELINA, MATHILDE

MATHILDE, seguindo pelo fundo á margem do igarapé

Valha-me Deus! Penso que este rio não vae ter ao lago! Desde madrugada que ando perdida na floresta e afigura-se-me que vi agora o tapuio... (Avistando os dois.) Ah! Lourenço! (Approxima-se.)

MIQUELINA

Engana-se, branca!

MATHILDE, reconhecendo o engano, com espanto

D'onde veiu este homem?! Que espantosos ornatos!

MIQUELINA

Não sei.

MATHILDE, a Bracelete

Conheces o Cedro Vermelho?

BRACELETE, apontando para uma grande arvore

Pergunta ao piquiá, se conhece os fructos que espalha entre os das palmeiras.

SCENA XII

MATHILDE, BRACELETE, MIQUELINA, BRAZ

BRAZ, espreitando por entre as arvores, áparte

Tambem será juruna este maldito?! O outro perdeu-me o rasto nas cabeceiras; e como vi agora os brancos, levando meu irmão, preciso a todo o custo apoderar-me da moça, para garantia da minha vida. (Entra resolutamente.) Senhora branca?...

MATHILDE, correndo para Bracelete

Defende-me, gentio!

BRAZ, approximando-se d'ella

A branca foge dos indios mansos para os indios bravos?! Seu tio já me perdoou... e encarregou-me de vir procura-la, para lhe ensinar o caminho do lago.

MATHILDE, tirando do seio uma faca

Mentes! Se me tocas, mato-me.

MIQUELINA

É melhor ir com elle, que não lhe faz mal.

BRACELETE, erguendo-se com ostentação

Quem ousa insultar mulheres diante do Bracelete de Ferro?!

MATHILDE, chegando-se para Bracelete

O pae de Lourenço?! Oh! defende-me d'este miseravel! Sou sobrinha do teu amigo Duarte, e minha mãe chamava ao Cedro Vermelho o seu filho juruna!

BRACELETE, levantando o tangapema, a Braz

Tu és mura! A vida do escravo apagou desde muito no teu corpo as côres da tua raça; mas eu sou juruna, como devos conhecer pelas pinturas do meu rosto, que representam costellas de adversarios mortos ás minhas mãos. O vento do lago, passando através dos arvoredos, trouxe-me logo que cheguei aqui o faro de um inimigo!... Andas fugido do Cedro Vermelho? Aprompta-te para o combate! (Brandindo o tangapema; a Mathilde, que se colloca atraz d'elle.) Não temas, Flor de mamauarana; protege-te o tacápe invencivel de um velho tupy. (Larga o arco e as frechas, para se cobrir melhor com o escudo, e toma uma attitude de combate.)

BRAZ, passando o arco para a mão esquerda e pegando na faca com a direita

Sou mura, é verdade; sou inimigo de teu filho e da tua tribu; e não será esta a primeira vez que o sangue juruna tinja as minhas armas!

MIQUELINA

Credo! não se matem aqui diante da gente!

BRACELETE, avançando para Braz, com a espada erguida e cobrindo-se com o escudo

O peso do meu tangapema fará depressa com que te fuja a voz do peito! (Avança para o tapuio, que vae recuando, e desapparecem ambos.)

MATHILDE, supplicante, a Miquelina

Fujamos! (Miquelina hesita um instante, depois aponta-lhe para o rio.)

MIQUELINA

Siga a margem do igarapé, que vae ter ás barracas. Depressa! Eu fico. (Mathilde segue rapidamente o caminho indicado e desapparece.)

SCENA XIII

BRAZ, MIQUELINA, BRACELETE

BRACELETE, fóra

Não fujas, covarde!

BRAZ, idem

Quando os muros fogem é para se vingarem melhor.

MIQUELINA, olhando para o lado dos combatentes

O velho tropeçou!... Ah! (Recua aterrada.)

BRAZ, entrando

A branca?

MIQUELINA

Não a vi. O tapuio é matador traiçoeiro!

BRAZ, furioso, depois de correr toda a clareira com a vista, levantando contra Miquelina a faca ensanguentada, que traz na mão

O que tu precisavas tambem!...

MIQUELINA, recuando, assustada

Ai! (Braz parte a correr, seguindo o caminho de Mathilde.)

SCENA XIV

MIQUELINA, BRACELETE, LOURENÇO, MATHILDE, ao longe

BRACELETE, cambaleando, sem a pelle de onça e sem o escudo, brandindo a espada

Que é d'elle? Fugiu?! São assim sempre todos os filhos da raça infame dos traidores! A faca é arma vil... como quem usa d'ella... (Quer correr após Braz, e cáe sobre um joelho, amparando-se ao tangapema.) Bem diziam os meus guerreiros, que o Bracelete de Ferro não tornaria a leva-los ao combate! (Encosta-se a um tronco.)

MIQUELINA, commovida

Pobre velho! Se eu tivesse aqui agua do grelo da embauba branca!... (Examinando as plantas proximas.) O sumo do carajurá talvez

lhe faça bem ao golpe?... (Vae para cortar um cipó e vê Lourenço atravessando rapidamente ao fundo.) Lourenço? Acode a teu pae!

LOURENÇO, vendo o velho, estupefacto

Meu pae?! (Approxima-se.) Como veiu o chefe ao lago do Curumú?!

MATHILDE, ao longe

Lourenço?! Lourenço?! O tapuio!...

LOURENÇO, com um rugido de colera

Ah! (Vae para partir; ao pae.) É um inimigo da nossa raça!

MIQUELINA, detendo Lourenço

O velho está ferido. (Ouvem-se dois tiros.) Lá mataram o tapuio! Vou ver. (Sáe.)

SCENA XV

BRACELETE, LOURENÇO

LOURENÇO, voltando para junto do pae

Ferido?! O meu pae encontrou a onça no caminho? (Suspende-lhe a cabeça e ajuda-o a sentar-se na arvore caída a que se apoiava.) Ficou cansado da jornada? Veiu de tão longe procurar seu filho!

BRACELETE

A tribu juruna alliou-se aos mundurucús

para exterminar os apiácas, como tinha feito aos parintins. No principio da ultima lua começámos a persegui-los desde as margens do Mambariára até á foz do Pacuruína. Vencemos em seis combates!... no setimo, o cacique mundurucú foi atravessado por uma taçuára e os seus companheiros desappareceram. O Bracelete de Ferro não pôde suster sósinho o peso do inimigo... e os jurunas perseguidos fugiam gritando: 'Tijuaé pitúba! Tijuaé pitúba!'

LOURENÇO, indignado e com admiração

Velho covarde?! Ao mais valente guerreiro das regiões banhadas pelo Tocantis, o Xingú e o Tapajós?!

BRACELETE, estoicamente

Tinha-se perdido uma batalha!... Os jurunas entendem que quem não vence sempre, não é digno de governa-los. Toquei debalde o boré, para os levar contra os apiácas; responderam-me em altos gritos: 'Acaiacá Piranga! Acaiacá Piranga! Só o Cedro Vermelho nos guiará outra vez pelo caminho da victoria!' O piága disse-me que viesse procurar-te... vim; e antes de achar meu filho, encontrei a faca do mura!...

LOURENÇO, vendo-lhe a ferida

Oh! (Pegando na espingarda ás mãos ambas.) Raio de

Tupá!... Foi elle!... Foi elle!... (A Miquelina, que vem entrando.) Garça do lago, procura o balsamo da massarandúba, as folhas do imbirí ou o oleo santo da cupahiba e trata do chefe, que eu vou buscar-lhe o seu inimigo. (Vae para sair.)

SCENA XVI

BRACELETE, MIQUELINA, LOURENÇO

MIQUELINA

Os brancos já o apanharam! (Lourenço faz um movimento de alegria.)

BRACELETE, detendo Lourenço com um gesto

Espera... e ouve. (Lourenço volta para junto d'elle; a Miquelina que procura entre os cipós e arbustos.) Não te cances, Flor de mamauarana!... o velho covarde, que perdeu o prestigio do mando e se deixou tropeçar na sapopema, para que o niura o esfaqueasse, como se faz ao peixe que bebeu a agua do timbó, deve morrer. O sangue do matador já não póde caír sobre esta ferida a tempo de consolar o Bracelete de Ferro.

LOURENÇO, consternado

Morrer! O meu pae ha de morrer sem que seu filho o dispute á morte?!

BRACELETE, serenamente

As lamentações são proprias de mulheres; um guerreiro não se queixa nunca. O Cedro Vermelho fica vivo; os jurunas serão governados por um cacique valeroso! E o Bracelete de Ferro terá um vingador... se os brancos não roubaram o animo do coração de seu filho, assim como lhe lavaram do corpo as pinturas que distinguem o seu povo...

LOURENÇO, como justificando-se

O chefe branco chama-me seu irmão... porém o gentio é livre; partirá depois de ter vingado o Bracelete de Ferro. (Chora.)

BRACELETE, severamente

Um homem não chora, vinga-se.

LOURENÇO, limpando rapidamente os olhos com as mãos

É justo o que tu dizes! Ensina-me como se morre; falla, para que os meus ouvidos ouçam pela ultima vez as palavras da tua sabedoria. Garça do lago, aprende como os valentes da minha raça impõem silencio á dor.

MIQUELINA, approxima-se, chorando

Tenho tanta pena d'elle!...

BRACELETE

As filhas dos jurunas desprezam as lagri-

mas como nodoas de covardia. O chefe que perdeu o vigor deve caír sem gemidos, como o jaburú quando despe no lago as derradeiras pennas das azas. Ouve os preceitos que te lega o tupinambá. Corpo sem tintas de jenipapo é como pau sem casca, boiando na corrente... As pinturas indicam a nação a que pertence quem as traz no rosto e no peito, e attestam que se não tem medo de ser conhecido. Indios livres, que se alliam com brancos, ficam como a tartaruga voltada no areial com o peito para cima. Antes nadar nos rios pretos ao lado do jacaré, do que avistar um indio mura nos rios de aguas brancas sem ter a frecha no arco. Os mundurucús são valentes e leaes... Os cambebas foram nossos avós... os apiácas, a quem fazemos guerra, descendem como nós dos velhos tupys... mas são vizinhos dos muras e tornaram-se tambem traidores... não te approximes d'elles sem retezar primeiro a corda do teu arco, e sem levares mais duas na cintura... Se accenderes lume no campo da guerra, ensinarás o caminho ao inimigo... se embarcares sem dois remos no ubá, ficarás desarmado quando se quebrar um d'elles... Em terra que não conheças, não gastes frechas com peixe nem caça... não entres em combate sem levar o corpo molhado em oleo de patauá ou de bacába, para que as mãos

do adversario não possam agarrar-te... Nunca faças a guerra sem ouvir os velhos da tribu... chama todos ao conselho e segue só as palavras da sabedoria... Não faças allianças senão com gente da raça tupy... não mates os teus irmãos... (Erguendo-se lenta e solemnemente.) não perdôes aos teus inimigos!...

LOURENÇO, com admiração crescente

O Bracelete de Ferro é um grande chefe!

MIQUELINA

Até parece que está melhor!

BRACELETE, de pé, dominando energicamente a dor que o punge

Disse-te como se vive... Agora vê como se morre. Não entoes o canto da partida senão depois que o corpo do meu inimigo tiver pago a divida do sangue. Então, poderás ir dizer a Peito de Tiépiranga, que se pinte com a tinta que dão os fructos pardacentos do genipapeiro, e que solte os seus cabellos, que são pretos como as azas das araúnas, que eu começo a ter diante da vista! Enterra n'esta clareira o Bracelete de Ferro... elle dormirá aqui, abraçado com as suas armas, tão socegado como se repousasse na tibicuára das cachoeiras. Cedro Vermelho, vencedor dos parintins, novo cacique

dos jurunas: o chefe que morre, saúda-te! (Cáe morto.)

LOURENÇO, larga a espingarda, pega no tangapema do morto e levanta-o sobre este com um gesto de ferocidade

A alma do teu matador não tardará a seguir-te, para que tenhas quem te sirva no paiz da morte! (Brande por tres vezes a espada sobre o cadaver; Miquelina recúa atterrada; o panno cáe.)

ACTO QUINTO

A mesma scena do primeiro acto

SCENA I

FRANCISCO, só, vindo da beira do lago com o arco e as frechas de Braz

Salvè! ninho onde morreu á nascença o meu sexto projecto de casamento! Novo Ulysses, de uma Odysseia caricata, venho de auxiliar Diomedes, não a roubar o Palladio e os cavallos de Rheso, mas, a procurar... a Helena do Curumú!... E aqui estão as armas de Achilles, que me disputava o filho de Telamon, digo, do Bracelete de Ferro! Palavra de honra, que estou farto da vida selvagem! (Encosta o arco e as frechas á parede da casa.) As florestas virgens são admiraveis de magnificencia... e de bicharia! Emquanto eu me extasiava á vista de um tronco de envireira, coberto de formosissimas orchidéas, mordiam-me dois mil bichos ao mesmo tempo! Carapanás, morossócas, piúns, mucuíns, mu-

túcas, maruíns... o diabo! Aposto em como me beberam mais de uma canada de sangue! E cobras?! Vi-as de todos os tamanhos, feitios e côres! Algumas assimilhavam-se a bichas de rabear correndo sobre os arbustos!... Os sapos são enormes! parecem grandes chefes, sentados ás portas dos tejupares, esperando o seu povo para lhe dar audiencia! Aranhas, da grandeza de caranguejos; formigas, brancas, pretas, vermelhas, azues, verdes, roxas, amarellas, pequenas, grandes!... e todas a morder como damnadas! De lagartos, não fallemos! teem feitios impossiveis em historia natural! Desconfio que são projectos de bichos, de que Deus se esqueceu ali no principio do mundo! De vez em quando, encontra-se uma onça, para variar! E todos aquelles patifes olham para a gente com uns ares de familiaridade, que eu lhes dispensava de boamente! A floresta virgem é bella; mas, não quero mais! Fiquei saturado!... Estou até resolvido a ir para a cidade e regressar a Portugal. Para marido da dama romantica, não me apanham... Que ella parece estar agora um pouco mais rasoavel!... Tenho-a curado aos poucos... com o ridiculo. Durante a viagem disse-me algumas cousas amaveis... para desculpar as suas extravagancias. Entrára no mato, distrahidamente, ao romper do dia, e perdêra-se!... Póde

ser... o modo simples por que ella conta o caso, dá-lhe ares de verdadeiro. Quem sabe se o gentio a rejeita?! Que tolice!... não tenho nenhum motivo serio para julga-la tão severamente. Vi as minhas flores na mão d'elle... e ouvi o tapuio dizer aquellas palavras, que me encheram de desconfiança... Porém, de positivo, não sei nada. Mau, mau! Agora desculpo tudo! Estou já como todos os maridos bonachões, e ainda não sou casado! Vae-te embora, Francisco! Pelo seguro, muda-te para longe! Ao menos um capitulosinho romanesco, de alma solitaria e enfastiada, deve ter tido logar!... Ahi vem ella!... Não póde ser; não houve nada de importancia!... É a languidez natural, a bondade nativa das filhas do paiz, que... que... Como ella vem bonita!

SCENA II

FRANCISCO, MATHILDE, DUARTE

DUARTE, vindo do lago, com Mathilde pelo braço

Estamos em casa, felizmente! Como te achas?

MATHILDE, indolentemente

Bem, meu tio; muito obrigada. (Chamando para o lado de casa.) Luiza? Damião? Ignacio?

Venha alguem atar aqui as redes. (Áparte.) Como hei de eu estar, tendo sido causa da morte do velho gentio? Que castigo dos meus desvarios! Nunca mais me consolo!

FRANCISCO

Felicito-a, minha senhora, e ao senhor coronel, pelo seu regresso. Depois de tantos perigos e sustos, não deixa de ser agradavel vermo-nos restituidos aos deuses penates!... (Mathilde inclina-se, agradecendo.)

DUARTE

Devemo-lo ao seu desembaraço; e de todo o coração lh'o agradeço novamente.

FRANCISCO

Não comece outra vez com elogios, senão vou-me embora! Bem basta o que já lhe ouvi da outra banda e durante a travessia!

DUARTE

Não me hei de mostrar reconhecido, tendo o senhor salvado a vida de minha sobrinha?!... (Abraçando Mathilde.) da sua noiva; porque é tempo de fallarmos claramente. Já disse a cada um por sua vez, que levava em gosto este casamento.

MATHILDE, reprehensiva

Oh! tio?!... (Entra uma preta, que amarra tres redes nas arvores.)

DUARTE, com bonhomia

Eu bem sei que se amam... Adivinhei a causa da tua melancolia, minha sonsinha!...

FRANCISCO, protestando

Oh! senhor coronel!

DUARTE, imitando Mathilde e Francisco

Oh! tio?! Oh! senhor coronel! (A Francisco.) Temos a historia do costume?

MATHILDE, áparte, com curiosidade

Que historia?!

FRANCISCO, a Duarte, indicando Mathilde

Não a deixe suppor, que eu me associo ás suas tentativas de violencia!

MATHILDE, baixo, a Francisco

Muito agradecida.

FRANCISCO, idem, a Mathilde

Não tem de quê; se elle continua a teimar, fujo para a cidade.

MATHILDE, áparte, sentando-se n'uma rede

Como?! Foge?!...

DUARTE, sentando-se n'outra rede, a Francisco

Confessa, que não quer casar?!

FRANCISCO

Confesso que sou incasavel. Bem sabe se tenho rasão para dizer isto!

DUARTE

Exponha os seus motivos diante de Mathilde.

FRANCISCO

Oh!... isso não. E, se me permitte, penso que esta discussão na sua presença é um pouco... shocking, como dizem os inglezes.

MATHILDE, áparte

Parece-me que elle exagera! Dir-se-ía que lhe metto medo?!

DUARTE

Vae-te embora, filha. Este homem abusou da nossa confiança. (Mathilde recosta-se na rede e balouça-se.)

FRANCISCO, offendido

Eu?!

DUARTE

O senhor é casado.

FRANCISCO, com um gesto de horror, comico

Não blasphemo! Olhe que faz desabar sobre nós estas mangueiras e coqueiros!

DUARTE

Vae-te, Mathilde; não o ouças nem o acre-

dites. Se elle fosse solteiro, quem o impedia de casar comtigo?

MATHILDE, impaciente

Mas, tio?!... não se casa assim! (Áparte, olhando para Francisco.) Elle sabe alguma cousa!

FRANCISCO, sentando-se na rede que está vazia e balouçando-se

Ha obstaculos fortes... (Olhando para Mathilde.) devaneios, talvez, de uma phantasia caprichosa... (Mathilde, que tinha parado a rede, faz um movimento e balouça-se rapidamente. Áparte.) Apanhei-a! (Alto.) Ou gracejos do coração, que pódem tornar-se graves, e que eu não tenho o direito de apreciar... embora sinta o damno que d'elles resulte.

DUARTE, estupefacto

Isso é grego? Eu não percebo palavra!

FRANCISCO, balouçando-se

Póde ser que alguem perceba. (Mathilde balouça-se mais rapidamente.)

DUARTE, a Mathilde

Ouves o que elle diz? Faze favor de me esclarecer.

MATHILDE, balouçando-se

Eu... tio?... eu... Está hoje tanto calor! (Áparte.) Sabe tudo!... e adverte-me com generosidade!

DUARTE

Ah! vocês atrapalham-se?! Já entendo; estão amuados. Ora deixem-se de creancices! Vamos: desarrufem-se! Eu aqui estou para ouvir ambas as partes... e fazer justiça direita. (Mathilde e Francisco balouçam-se com mais velocidade.) Peior é essa! Respondem-me balouçando-se!

FRANCISCO, pára o movimento da rede e levanta-se

Senhor coronel, acabo de reflectir seriamente; e reconheço, com magua o digo, que me faltam as principaes qualidades que tornam os maridos supportaveis... De hoje em diante a minha posição em sua casa seria insustentavel; despeço-me do seu serviço, e parto, cheio de gratidão pelas suas bondades...

DUARTE, erguendo-se, com espanto

Despede-se?! Porquê? Fallem!

MATHILDE, áparte, suspendendo o balanço da rede

Que vergonha! Adivinhou... ouviu, talvez, a minha conversação de hontem com Lourenço?!... E eu sou tão covarde, que hesito ainda em sacrificar o absurdo ideal, que a minha imaginação creára, o sentimento indigno com que estive prestes a invilecerme, guiada pelas minhas theorias e exagerações romanticas!

DUARTE, cruzando os braços

Não dizem nada!... (Francisco olha para Mathilde, que baixa os olhos e elle vae até ao pé de casa, pega no arco de Braz e põe-se a examina-lo; Duarte passeia.)

MATHILDE, áparte, olhando para Duarte

Pobre tio!... Se elle soubesse por que perigosos caminhos tem andado transviada a minha rasão?!... Que opprobrio! Desde que na ultima noite, dominada ainda pelas divagações do meu espirito enfermo, me perdi nos matos da outra banda, penso que foi Deus quem me enviou este homem de tão longe para me livrar de mim mesma!

DUARTE, parando diante d'ella

Persistes em calar-te?! (Volta-se para Francisco, que está ensaiando uma frecha no arco; zangado.) Escolhe bem a occasião de aprender a atirar á frecha!... (Francisco larga o arco e caminha lentamente para o coronel. A Mathilde.) Então?...

MATHILDE, áparte, erguendo-se com resolução

Talvez seja ainda tempo!... (Com um longo suspiro.) Ai! adeus, Lourenço! Adeus, para sempre! (Alto, e sorrindo.) O tio quer que eu obrigue o senhor Francisco a casar commigo? Bem vê que não posso... nem devo.

FRANCISCO, áparte, picado

Como é isso?! Ella ainda em cima escarnece-me! Ora espera que eu já te ensino!

(Alto.) Obrigar-me?! Afigurava-se-me não lhe haver merecido essa ironia! A minha maior ambição, o meu mais ardente desejo, seria passar a seus pés o resto da minha vida, metamorphosear-me n'uma d'estas flores, que lhe são tão caras, para que a chamma que me abraza, com todos os perfumes da minha alma, se apoderasse dos seus sentidos e d'esse coração rebelde! Tomo por testemunhas do que digo o lago do Curumú e as florestas que o rodeiam, ás quaes tenho confiado os meus segredos e os meus suspiros!... Só Deus sabe a saudade com que me aparto d'estes sitios, onde concebi o mais bello de todos os meus sonhos, e o unico por cuja realisação daria a existencia... senão precisasse d'ella para gosar tamanha felicidade. (Áparte.) Quiz-se fazer esperta commigo; veremos agora como se sáe d'esta declaração!

MATHILDE, que o tem escutado com um sorriso de satisfação

Peço-lhe que me perdôe por eu ter duvidado até hoje da existencia de tão puros affectos... desde que o ouço proclamal-os com tanta paixão e eloquencia, não me é permittido continuar simulando indifferença. Sou grata aos sentimentos que lhe inspiro... é sua a minha mão... (Estende-lhe a mão.) esta mão, que diz desejar tanto.

FRANCISCO, áparte, caindo sentado na rede

Será possivel?! E o selvagem?! Fiquei fresco!... (Ergue-se.) E já não posso recuar!... É duvidoso que ella se curasse inteiramente da tolice!... (Reparando em que Mathilde o espera com a mão estendida.) Ah! perdão... (Approxima-se e beija-lhe a mão; alto.) A alegria torna-me descortez!... Fiquei doudo de contente!... (Áparte.) Estou asseiado! Em todo o caso, o gentio já me não dorme em casa esta noite.

DUARTE

Ora graças a Deus, que os vejo de accordo! (Vae até á porta de casa, falla para dentro, um preto pequeno dá-lhe um cachimbo, com tubo de taquari muito comprido, que lhe accende assoprando n'um tição inflammado.)

FRANCISCO, áparte, sentando-se na rede

D'esta vez não escapo! Quem ha de vir a este deserto para m'a tirar do lanço?! O selvagem, provavelmente, não entra no concurso?... Pobre Francisco de Lemos! Julgavas dar uma lição, e foste apanhado como um patinho! Agora, é casar e cara alegre! Sinto uns calefrios!... (Levanta-se.)

MATHILDE, approximando-se de Francisco, baixo

Adivinho o que está pensando... (Vendo que elle quer falar:) Não m'o diga! Sei que é generoso e isso me basta. Acredite que aprecio

a honra que me faz, e que saberei ser digna do homem que teve a delicadeza de me chamar ao dever sem me ter humilhado. (Sáe.)

FRANCISCO, comsigo, seguindo-a com a vista até ella entrar em casa

De tudo isto concluo, que o homem nunca é completamente asno senão quando tenta ler no coração da mulher! Parece que eu é que me ía tornando indigno d'ella, com as minhas parvoices?! (Duarte volta para a rede, fumando.)

SCENA III

DUARTE, FRANCISCO, LOURENÇO

DUARTE, a Francisco

Não quer tomar uma cachimbada?

FRANCISCO

Não senhor. Ahi vem o gentio! Depressa prestou ao pae as honras funebres!

LOURENÇO

Bom tio Duarte?...

DUARTE

Que é, meu pobre Lourenço? Já sei que teu pae vinha buscar-te e que foi assassinado!... Infeliz velho!

LOURENÇO

O Bracelete de Ferro acabou como o jaguarété pixuna ferido pela giboia. Os seus olhos nunca deitaram lagrimas.

DUARTE

O assassino ha de ser punido, descansa.

LOURENÇO

Quem prendeu o inimigo do juruna?

DUARTE

Quando elle queria obrigar Mathilde a segui-lo pela capoeira, disparou-se casualmente a minha espingarda; o tolo do preto João, cuidando que se tratava de dar salvas, descarregou tambem a sua; vendo isto, o cachorro do tapuio julgou-nos desarmados e passou audaciosamente por baixo da ribanceira, onde estavamos, arrastando comsigo minha sobrinha; o senhor Francisco podia mata-lo com um tiro; porém, o portuguez tem a alma grande e o coração esforçado... (Francisco faz um gesto de descontentamento e afasta-se, indo para a beira do lago.) Preferiu mostrar ao tapuio que tambem era homem, e, largando a espingarda, precipitou-se sobre elle de cima da barreira e desarmou-o immediatamente.

LOURENÇO, lançando um olhar complacente para Francisco

O filho de alem do mar é um valente, di-

gno da alliança dos guerreiros do Xingú! Onde está o mura?

DUARTE

Tenho-o amarrado com o irmão na casa grande. (Francisco volta e senta-se n'uma rede.)

LOURENÇO, a Francisco

O portuguez não tem pae?

FRANCISCO, suspirando

Ainda tinha, quando saí do meu paiz... Agora, sabe-o Deus!

LOURENÇO

O Bracelete de Ferro atravessou o Xingú, o Tapajós e o Amazonas, procurando o chefe que devia substitui-lo no governo da sua tribu; antes porém de ter avistado as margens vermelhas do Curumú, o ferro dos covardes varou-lhe o nobre peito, por elle querer defender a filha do branco.

SCENA IV

LOURENÇO, FRANCISCO, DUARTE, MATHILDE

MATHILDE, que ouviu as ultimas palavras de Lourenço

Perdôa-me, Lourenço!

LOURENÇO, que se vae excitando gradualmente

O chefe tupinambá caíu ás mãos da traição. Dos olhos do Cedro Vermelho, como das aguas que batem nas pedras da cachoeira, saltaram lagrimas de dor e colera; mas um guerreiro não chora, vinga-se! Affirmou-o a sabedoria da velhice.

MATHILDE, consternada

Foi innocentemente que eu causei a morte de teu pae! Tinha-me perdido no mato...

LOURENÇO, com mais força

'Não mates os teus irmãos!... Não perdões aos teus inimigos!' Assim disse a voz da verdade e da justiça.

MATHILDE, áparte

Que tormento merecido!... (Senta-se na rede.)

LOURENÇO, a Francisco

O branco é forte e generoso; se o indio mura lhe tivesse morto seu pae, que fazia?

FRANCISCO

Pedia justiça aos tribunaes... Ah! desculpa; tu não sabes o que são tribunaes.

LOURENÇO

Mas sei o que é justiça; entrega-me o prisioneiro.

FRANCISCO

Era o que faltava! Não foi para tu lhe estragares a pelle com as tuas frechas, que eu lh'a conservei intacta.

DUARTE

Nós não temos direito de o matar; é a lei quem castiga os criminosos.

LOURENÇO

A minha lei exige que o assassino pague a divida de sangue; se não queres entrega-lo, por não ter sido a mão do gentio quem o amarrou, solta-o na minha presença.

DUARTE

Não posso; nem tu tens rasão no que pedes.

LOURENÇO

A vingança é a rasão suprema do meu povo, quando a vingança é justa. Se tu és um chefe, tambem eu o sou; o Bracelete de Ferro caíu defendendo a filha do branco!... Entrega o seu matador ao filho do guerreiro morto.

FRANCISCO, baixo, a Duarte

Tome cautela, que elle no fim de contas é um selvagem... (Olhando de soslaio para Mathilde.) E a selvajaria não tem nada de poetica!

DUARTE, a Lourenço

Preciso meditar. (Dá o braço a Francisco e sáe com elle.)

LOURENÇO, altivamente

O Cedro Vermelho espera; mas não acceita justiça que não seja conforme com os usos dos velhos tupys.

SCENA V

LOURENÇO, MATHILDE

MATHILDE, erguendo-se

Supplico-te por alma de teu pae... e de minha mãe, que me perdões ter eu sido causa involuntaria de tamanha desgraça!

LOURENÇO

Rosa do Surubiú, a tua mãe salvou-me a vida, e meu pae morreu por ti; foi justo, e estamos pagos. O Cedro Vermelho é agora rei dos jurunas, e a sua tribu espera-o para que a leve contra os inimigos. Os meus guerreiros perguntarão pelo Bracelete de Ferro... e se eu lhes disser que o deixei enterrado sem vingança á beira do lago dos tapuios, não me acceitarão por chefe. As mulheres irão apedrejar-me á porta do meu tejupar, chamando-me jaguára pitúba, que quer di-

zer cão covarde! Os anciãos da taba não me convocarão para os conselhos; e os moços insultarão como plantador de maniba e descascador de mandioca o homem que devia governa-los! Serei condemnado aos trabalhos das velhas; terei por armas o tipity e o paneiro; e acabarei por fim em desprezivel desamparo, como o oleo de umiri que perdeu o aroma!...

MATHILDE, enternecida

Infeliz Lourenço!... Não me digas isso, que me fazes muito mal!

LOURENÇO, continuando

Nunca mais arderá o lume debaixo da minha rede; os veados, que tremiam do jururna, saírão dos matos para irem sentar-se á porta da minha cabana, olhando com pasmo para as minhas frechas apodrecidas e para o meu arco sem corda! As antas fossarão a terra onde eu costumava sentar-me; as capuiáras, os cardumes de surubins e os tucunarés estrallados voltarão no rio a canôa de cedro, que d'antes os fazia estremecer no fundo sombrio do pégo das cachoeiras!...

MATHILDE, dolorosamente

Basta, por piedade! Estou assás punida! Não partas para o Xingú; iremos todos os dias

cobrir de flores a sepultura de teu pae, e juntos pediremos a Deus por elle. Ensinar-te-hei a rezar...

LOURENÇO, com ira

Não; os indios livres, que se associam com brancos, ficam como a tartaruga voltada no areial com o peito para cima! É uma sentença dos sabios tupys. Eu partirei, depois da vingança. Aqui tens o talisman de tua mãe, que não livrou o chefe juruna da faca do tapuio! (Tira o rosario do pescoço e vae para arremessar-lh'o; Mathilde tira-lh'o rapidamente e beija a cruz.) O Bracelete de Ferro não quer flores, rezas, nem lagrimas estereis, sobre as suas cinzas inanimadas; é a lembrança e execução das suas vontades que os mortos esperam da fidelidade dos vivos. Meu pae exigiu a alma do seu inimigo, e o Cedro Vermelho ha de mandar-lh'a. (Sáe.)

SCENA VI

MATHILDE, só, com doloroso espanto

Detesta-me! E transformou-se em verdadeiro selvagem! Oh! formoso ideal, que eu julgava descido das regiões celestes, em que lama irás manchar as azas candidas de que te vestiu a minha phantasia?! Amei-o! Amo-o

talvez ainda?!... Não; creio que nem o amei nunca!... Fiz d'elle uma creação poetica, para povoar a solidão melancolica em que vivia; costumei-me a não pensar n'outra cousa... e deixei-me dominar pelo meu sonho! Os successos de hontem e a voz do portuguez, calando lentamente no meu coração, quebraram o encanto e restituiram-me á realidade. Não nego que Lourenço é um typo heroico... e bello; porém, a sua belleza tem clarões terriveis! Ainda agora o seu olhar atterrou-me! A morte do pae e o desejo da vingança deram ás suas feições um ar de ferocidade, que eu não lhe tinha visto ainda! (Vendo Francisco saír de casa.) O meu futuro!... Adeus, bellos projectos de reformar costumes! missão providencial de ensinar a igualdade humana! sentimentos imaginosos de independencia!... Tudo se desvaneceu com o sonho que eu sonhava! A mulher livre dos bosques imita servilmente as que ainda hontem chamava escravas da preoccupação social, e dobra, como ellas, o collo para ser agrilhoada ao carro triumphal da civilisação!... Pobre vaidade humana! (Mette o rosario na algibeira.)

SCENA VII

MATHILDE, FRANCISCO

FRANCISCO, áparte

Vamos ás explicações.

MATHILDE, indo ao encontro d'elle

Sinto-me cheia de sincero reconhecimento pela sua bondade, meu amigo.

FRANCISCO, apertando-lhe a mão com effusão

Esse titulo, com que me honra pela primeira vez, paga-me generosamente.

MATHILDE

Deixe-me dizer-lhe a verdade toda, visto que adivinhou parte d'ella.

FRANCISCO, áparte

Terei de ouvir o elogio do meu rival?!

MATHILDE

A quasi solidão em que tenho vivido sempre, as novellas, que infelizmente me vieram ás mãos, e o aspecto imponente das nossas florestas e dos nossos lagos, lançaram-me n'um estado de exaltação, que facilmente me predispunha para todas as loucuras...

FRANCISCO, sorrindo

Até para a de condescender em casar commigo?

MATHILDE, sorrindo tambem e dando-lhe a mão a beijar

É verdade; até para essa! Uma fraca mulher, guiada unicamente pelos caprichos da sua phantasia, sem mãe, sem exemplo e lição feminina que a guiassem, depois de muitas leituras que uns parentes da cidade irreflectidamente lhe proporcionavam, milagre seria que não compozesse tambem o seu romance com heroe apropriado!...

FRANCISCO, fazendo uma careta, áparte

Explica-se muito bem!

MATHILDE, com melancolia

Quem póde gabar-se de nunca ter tido um desvario mais ou menos duradouro?! N'uma tarde, ao pôr do sol, quando os aromas inebriantes da floresta se espalhavam sobre as aguas serenas do lago e obrigavam os proprios jacarés a vir á superficie d'ellas aspira-los com delicias, tinha eu ido sentar-me a ler na praia dos cajueiros. O Curumú assimilhava-se a immenso espelho, reflectindo os tons quentes das nuvens e as copas dos arvoredos, que pareciam inflammadas pelos ultimos raios da luz solar; os gemidos do

vento íam adormecendo na selva, como sons melancolicos de musicas saudosas; os japins, ás portas dos ninhos que cobriam as acacias vizinhas, calavam-se, para ouvir as vozes dos tucanos ao longe, despedindo-se da tarde; sobre a minha cabeça volteavam, zumbindo, insectos vestidos de purpura e brilhantes; e os beija-flores, debatendo-se entre os festões de maracujá, que pendiam dos cajueiros, passavam com o mel colhido, rapidos como settas, roçando-me a face com as azas microscopicas...

FRANCISCO, meio ironico, meio admirado

O quadro é poetico e está composto com amor de artista! Receio, porém, que o estrague, juntando-lhe mais algum accessorio.

MATHILDE, supplicante

Tenha caridade com os arrependidos. Se o senhor aqui estivesse já, teria sido a figura principal d'essa composição... poetica.

FRANCISCO, áparte

Ah! faltava a figura principal?!...

MATHILDE, proseguindo

O céu turvou-se repentinamente; a voz do trovão e o fuzilar dos relampagos fizeram emmudecer as aves, e fugir os insectos

e os jacarés; o lago envolveu-se em escuridão profunda; e a aza do pampeiro, revolvendo-lhe os seios, arremessou contra as margens as vagas espumantes. Eu tinha tido apenas tempo de me levantar para fugir; quando tudo serenou outra vez como por encanto! As aguas readormeceram; os japins voltaram para as entradas dos berços fluctuantes; ouviram-se de novo os tucanos; os colibris e os insectos resplandecentes reapoderaram-se das flores... e ao mesmo tempo vi apparecer, vogando tranquillamente na sua canôa, como se fôra trazido pela tempestade, o gentio, em quem eu até ali não tinha reparado nunca.

FRANCISCO, mais ironicamente

É um conto das 'Mil e uma Noites!'

MATHILDE, fazendo um gesto de quem se resigna

O indio mostrava-se reconhecido pelos beneficios que recebêra em nossa casa; acatava com religioso respeito a memoria de minha mãe; e hesitava em tornar para a sua tribu, por suppor que eu carecia de ser protegida... A minha imaginação comprouve-se em exagerar-lhe as virtudes e os meritos e levantou-o á altura das creações poeticas! O seu ramo de mururé foi a primeira revelação que elle teve da minha extravagancia...

FRANCISCO, com despeito ironico

Ah!... o feliz mortal ignorou até hontem o culto de que era objecto?!

MATHILDE

E ignora-lo-ía talvez sempre... se a presença de outro homem, com poder mais real e mais forte, não viesse perturbar o repouso da solitaria sertaneja.

FRANCISCO, com incredulidade

Como se explica similhante contradicção?!

MATHILDE

Meu tio disse-me que desejava o nosso casamento; e eu, sentindo o perigo de vida em que via o meu ideal, imaginei regenera-lo... e matei-o mais depressa! Protesto-lhe que o meu coração assistiu como expectador indifferente á comedia da minha phantasia.

FRANCISCO, áparte

Falla com tanta eloquencia, que... Ah! as mulheres teem sempre a suprema habilidade de zombar de nós n'estas cousas!

MATHILDE

Não duvide de mim; fui sincera e desejo mostrar-me grata. Se não reconhecesse a sua generosidade, não seria nunca sua esposa;

dando-lhe a minha mão, peço-lhe que a receba sem suspeitas injuriosas; terá com ella o meu amor e a minha estima. Devia esta confissão ao seu nobre caracter...

FRANCISCO, agradecendo-lhe com uma cortezia

O gentio approxima-se. Peço-lhe o favor de me deixar só com elle.

MATHILDE, afastando-se, áparte

Não sei se o persuadi... nem se fui realmente sincera?!... Oh! coração de mulher, porque te fez Deus tão vario e tão cheio de hesitações e duvidas, que nem sabes o que queres?! (Sáe.)

SCENA VIII

FRANCISCO, LOURENÇO

FRANCISCO, áparte

Que ridiculo papel que eu represento em tudo isto! E porquê?! Para não passar por mal agradecido aos olhos do bom Duarte, que me acolheu como filho! A gratidão obriga ás vezes a cousas bem duras! Por isso ha tantos ingratos! O coronel percebeu que a sobrinha me não desagradava e quiz mostrar-se amavel, casando-a commigo... Fico-lhe obrigado pela lembrança; mas quem

mandou trazer este selvagem da sua malóca?!

LOURENÇO

Os brancos resolveram a entrega do prisioneiro?

FRANCISCO

Temos que tratar de cousas mais sérias. Presta-me toda a attenção que te for possivel; apesar de tu seres gentio, consta-me que possues o aleijão funesto, que entre a gente civilisada se chama coração, e isso não é grande fortuna.

LOURENÇO

A onça tambem tem coração e não perdôa aos seus inimigos.

FRANCISCO

A comparação é digna de sabios canibaes; adiante. Em vez de te humilhar, fazendo-te sentir a tua inferioridade moral, prefiro pedir-te que puxes pela intelligencia até entenderes bem tudo o que vou dizer-te.

LOURENÇO, fitando-o attentamente

O Cedro Vermelho é um chefe.

FRANCISCO

Bem sei; adverte, porém, que por mais grande homem que se seja entre os jurunas, póde muito bem acontecer, que em qualquer

outra parte se não chegue á craveira para regedor de parochia. Repara simplesmente em que eu ando vestido, e tu cobres-te de pennas, que nem sequer teem o merito de nascerem na tua pelle.

LOURENÇO

As pennas são os enfeites dos guerreiros. A raça tupy vangloria-se de saber adornar-se com magnificencia.

FRANCISCO

Não discuto; olha para os meus sapatos e verás a immensa distancia que nos separa.

LOURENÇO, desdenhosamente

Os pés do gentio não toleram prisões inuteis.

FRANCISCO

Se tivesse tempo, contava-te a fabula da raposa e das uvas, que é bonita e devias gostar, no caso de a entenderes. O meu intento, porém, é sómente fazer-te sentir, que, apesar de tu seres grande chefe, ha comtudo alguma distancia entre o homem vestido e calçado e o que se disfarça em arara ou papagaio de feitio impossivel. Posto isto, que a tua penetração apanhará como podér, vamos ao facto principal. Sabes que vou casar com a sobrinha do coronel?

LOURENÇO

Rosa do Surubiú é branca e formosa; o filho da outra banda dos grandes lagos affronta a morte sem medo; quem impede que a baunilha se abrace ao tronco perfumado da imyraquiynha?

FRANCISCO, em ar de quem concorda

Visto não te parecer desarrasoado o projecto do meu casamento, preciso pedir-te um favor, em nome de Mathilde.

LOURENÇO

Voz de Caraxoé dobrava a vontade do gentio como os ramos da cuieira vergam com o peso dos fructos. Rosa do Surubiú é sua filha.

FRANCISCO, approximando-se mais d'elle

Vou exprimir-te as minhas idéas com todo o rigor da logica; nota que sei logica! É mais uma vantagem. Veremos se tu me entendes.

LOURENÇO

O branco sabe porque a onça evita quasi sempre atacar a anta?

FRANCISCO

Não sei; e dispenso-te de m'o dizeres.

LOURENÇO

É porque se entendem.

FRANCISCO

Essa conclusão faz honra a um grande chefe. Agora ouve. Mathilde teve a insolita lembrança de te vestir com azas de beija-flor, para te fazer voar pelos espaços imaginarios da sua phantasia. Bem vês que ficavas irrisorio! Um guerreiro juruna!... O modo por que te vejo espantar os olhos indica-me que percebes admiravelmente! Bom; a sobrinha do coronel sympathisava comtigo; porém, o tio, que não sabe d'esse gracejo, quer que ella seja minha mulher. Tu comprehendes que não pódes casar com ella! Era caso de se seccar o Curumú de espanto, e do bom tio Duarte, apesar da sua pachorra, te encaixar duas magnificas balas na cabeça.

LOURENÇO, *friamente*

Rosa do Surubiú consente em ser companheira do branco? É justo; a jacitára não se enleia no pau de arco; a marapenima não mistura as suas côres atartarugadas com as da marapaúba. Os fructos do guaraná são vermelhos e não se criam no Curumú.

FRANCISCO

Discorres como se fosses academico! Res-

ta-me apenas para te impingir a parte mais difficil do discurso. Eu não quero offender-te... mas... se tu fosses dar um passeio até ao Xingú?... ou mesmo até mais longe?...

LOURENÇO

É preciso partir?!

FRANCISCO, enthusiasmado

És sublime de penetração! e fazes progressos admiraveis na arte de comprehender! Se eu não fosse casar-me, escriptura-va-te e ía mostrar-te como prodigio, por esse mundo fóra. Seria muito mais divertido!... mas não póde ser; tem paciencia. Reflecte, porém, no desgosto que teria o mano Duarte, ou como é que tu lhe chamas, se suspeitasse que a sobrinha te tinha achado, provisoriamente, um selvagem poetico?!

LOURENÇO

Quem disse á japecanga, que fosse offerecer o aroma das suas flores verde-brancas aos cachos vermelhos e dourados que pendem d'aquellas palmeiras? Quem manda o cipó de cheiro abraçar-se nos troncos das sucupiras? Quem pediu áquelles maracujás que estendessem os seus rosarios de fructos e flores sobre as aguas do lago, onde servem de collar ao jacaré?

FRANCISCO, áparte, com admiração comica

Este diabo é realmente interessante! Estou quasi a apaixonar-me tambem por elle! Se me convencesse de que Mathilde ainda conservava alguns restos de tolice romantica, era eu quem abalava!... (Alto.) Bem sei que não tens culpa; és distinctissimo no teu genero e até sympathiso comtigo! Por isso mesmo é que te peço, que partas ámanhã, hoje... immediatamente. É um grande serviço que fazes a todos os teus amigos, no numero dos quaes poderás incluir-me... se partires no mesmo instante.

LOURENÇO, com sentimento

Tens rasão, branco; o gentio não é d'aqui; não póde ficar no lago dos indios mansos, onde a sua presença não é já necessaria. Quando emmudeceu Voz de Caraxoé, teria elle partido logo, se o não prendesse um juramento... Não nasci n'estes matos!... Que importa que os meus olhos vissem crescer aquellas murtas, e estas bananeiras?! que as minhas mãos tivessem plantado alem o ananaz, querido de Rosa do Surubiú e o curauá para as cordas do meu arco?! Partir! não ver mais estes sitios; não tornar a colher para ella as flores com que o cipó corôa estes coqueiros! (Andando á roda da scena.) Deixar para sempre tudo isto!... Adeus, pois, ver-

des cacáoeiros e formosas goiabeiras, que eu vi tantas vezes, como agora, carregadas de fructos!... Doces mangas e laranjas, que me saciavam a sêde; plantas aromaticas, que eu trazia da floresta para o jardim das brancas; tejupar hospitaleiro do chefe, que me chamava irmão; lago de aguas profundas, que me recordavas o Xingú... adeus tudo! (Pegando nas duas mãos de Francisco.) Tu sabes o que é partir do logar, onde se costuma ver todos os dias nascer o sol, que alegra os olhos dos animaes e das plantas? Que importa ser gentio? Oh! eu sinto que perdi entre os teus amigos o amor da vida errante!... Partir!... Ai! partir!...

FRANCISCO, *áparte*, meio commovido

Se elle continúa assim, enternece-me e acabo por lhe pedir que fique! (Alto.) Lourenço, é necessario ser homem!... A tua partida é dolorosa, mas necessaria. Prometto-te que havemos de ter muitas saudades tuas; pódes levar ao menos essa consolação. Porém... não hesites; voltarás a visitar-nos, passado algum tempo... d'aqui a dez ou doze annos. Tu és um grande chefe; vae receber a herança de teu pae. Os jurunas estão suspirando por ti e não é justo deixa-los entregues ao desespero.

LOURENÇO, recobrando energia

O Cedro Vermelho partirá; os seus guerreiros precisam quem os leve ao combate.

FRANCISCO

Essa rasão é fortissima; elles devem estar impacientes. Põe-te já a caminho.

LOURENÇO

Seja; o juruna é fiel ao que promette.

FRANCISCO

Palavra de gentio honrado? Eu te desculparei com o coronel. Muda-te, sem dizeres nada a ninguem; as despedidas são tristes... e fastidiosas.

LOURENÇO

O branco entrega-me o prisioneiro, e eu parto com elle no mesmo instante.

FRANCISCO, áparte, desapontado

Que desillusão! (Alto.) O tapuio pertence á justiça.

LOURENÇO, resolutamente

Não partirei sem o meu inimigo.

SCENA IX

FRANCISCO, LOURENÇO, DUARTE

FRANCISCO, baixo, a Duarte

Se não manda já o tapuio para a villa, temos historia!

LOURENÇO, a Duarte

A vingança do juruna está esperando.

DUARTE

Os teus costumes são absurdos e barbaros; eu não posso nem quero imita-los.

LOURENÇO, impaciente

Exijo o prisioneiro!

DUARTE, com firmeza

Já te disse que é inutil insistir.

LOURENÇO, com força

Quero o assassino de meu pae!

DUARTE

Não me impacientes.

LOURENÇO, exaltando-se

Bracelete de Ferro caíu assassinado, quando defendia a tua filha!

DUARTE

Ha de ser vingado, mas não por ti.

LOURENÇO, furioso

O matador do chefe juruna morrerá ás minhas mãos!

DUARTE, baixo, a Francisco

Sáia com disfarce; chame seis pretos, arme-os, e vá pelo cafezal levar os dois tapuios á villa; diga lá que os mettam na cadeia, por minha ordem. (Alto a Lourenço.) Lembra-te de que foste baptisado, e que a religião christã prohibe-te que derrames o sangue de teus irmãos.

LOURENÇO, indignado

Os indios muras são tupinaéns; não são parentes dos jurunas, descendentes dos nobres tupys.

FRANCISCO, saíndo, áparte

Ah! Mathildinha! Tambem eu ía idealisando a féra!... mas estou curado. Oxalá que te succeda o mesmo! (Sáe.)

SCENA X

Lourenço, Duarte

LOURENÇO, vendo saír Francisco

O chefe manda esconder o tapuio?

DUARTE

Não é necessario; confio que não ousarás tirar-m'o á força.

LOURENÇO

Responde como homem esforçado e não como covarde. Queres entregar o assassino ao filho do assassinado?

DUARTE, com energia

Nunca!

LOURENÇO, indo espetar na porta da casa uma das suas frechas

Está quebrada a alliança! (Parte um ramo de arvore, que atira aos pés do coronel.) Já não sou teu irmão, nem tu és meu tio; nunca mais dormirei debaixo da tua palha; não tornarei a fumar no teu cachimbo, nem a comer da tua mandioca; e quando as minhas frechas te rasgarem o corpo, será já tarde para aprenderes a ser justo como convem a um guerreiro.

DUARTE, colerico

Lourenço!

LOURENÇO

O branco desfez o pacto e o gentio é livre! No lago e no rio, no bosque e na campina, encontrarás de hoje em diante mais um inimigo! Quem defende os traidores é traidor como elles... (Volta-se rapidamente, deita-se, pondo o ouvido no chão, levanta-se de um pulo e parte a correr para a floresta.)

SCENA XI

DUARTE, MIQUELINA

MIQUELINA, vindo do lago e vendo sair Lourenço

Lourenço?! Lourenço?! Elle vae-se embora! (Aparte.) Ainda não lhe pude dar o tamacuaré!... (Alto.) O senhor Duarte sabe se o gentio volta? Eu poderei casar com elle?

DUARTE, voltando-lhe as costas, encolerisado

Faltava cá esta com as suas tolices!

MIQUELINA, despeitada

O gentio não é escravo!

SCENA XII

DUARTE, MIQUELINA, THOMÉ

THOMÉ

Senhora Miquelina?...Vamos d'aqui. Não quer ir na minha canôa? Eu largo já para a outra banda.

MIQUELINA

Espere um bocado. (Áparte.) É preciso não lhe dar de mão; porque se o gentio não quizer casar commigo, casa o Thomé.

THOMÉ

Que teima! Parece que o outro lhe deu feitiço! Elle não póde casar senão com gentias.

MIQUELINA, encolhendo os hombros

Ora!...

THOMÉ

Digo-lhe isto! É a lei d'elles.

MIQUELINA

Quem lh'o disse?

THOMÉ

Toda a gente.

MIQUELINA, a Duarte

Aquillo é verdade?

DUARTE, afastando-se

Vae bugiar!

SCENA XIII

DUARTE, MIQUELINA, THOMÉ, FRANCISCO

FRANCISCO, entrando a correr

Senhor coronel? Senhor coronel? Fugiu o tapuio!

DUARTE, com espanto

Fugiu?! Qual d'elles? Como?!

FRANCISCO

O Braz.

DUARTE, querendo saír e gritando

Ó gente?! João?! Anastacio?! (Parando.) Agora ninguem mais lhe põe a vista em cima.

THOMÉ, com alegria

Ainda bem que não foi o Antonio!

DUARTE, recordando-se

Lourenço saíu d'aqui a correr... Provavelmente, sentiu-o!

FRANCISCO, áparte

Começará outra vez a caçada?... Não contem commigo!...

SCENA XIV

DUARTE, MIQUELINA, FRANCISCO, THOMÉ, MATHILDE, JOÃO

MATHILDE, entrando precipitadamente

Meu tio? Senhor Francisco?... Acudam!...
(Todos correm para ella.)

DUARTE

A quem? Aonde?!

FRANCISCO, áparte

Que será isto agora?!

MATHILDE

Na ponta do mangue... Braz e Lourenço!

FRANCISCO

O encontro do leão e do tigre?! Ainda bem! Já era tempo.

MATHILDE

Matam-se ambos!...

FRANCISCO, áparte

Talvez seja bom... para o desenlace.

DUARTE, chamando para o lado de casa

Ó Luiza? Luiza? Chama todos os pretos! (Sáe uma preta de casa e atravessa a scena correndo para a banda do lago; apparece João.) João?! Dá cá as minhas pistolas... Ah! é tarde!

SCENA ULTIMA

DUARTE, MATHILDE, FRANCISCO, MIQUELINA, THOMÉ, JOÃO, LOURENÇO, PRETOS, PRETAS

LOURENÇO, entra lentamente, com o braço direito erguido, empunhando o tangapema de Bracelete, ligeiramente inclinado para diante

Paz ao odio jurado, chefe branco!... Paz... Rosa do Surubiú... (Vae arrancar a frecha que espetára na porta, quebra-a e arremessa-a para longe.) Não violei a hospitalidade do tejupar amigo; posso chamar-te ainda irmão e tio... porque honrei as tradições gloriosas dos tupinambás. 'Não mates os teus irmãos! Não perdôes aos teus inimigos!' (Querendo saír.) Agora, posso partir...

MATHILDE, approximando-se d'elle

Partir para onde? Ah!... tanto sangue!

LOURENÇO, voltando atraz

O Cedro Vermelho prometteu o seu inimigo aos jacarés e aos sucurijús.

DUARTE

Que é do tapuio?

LOURENÇO

Na ponta do mangue ha um logar, onde o lago é profundo e sombrio... deve ser por ali bom caminho para o corpo de um indio mura descer ao paiz da morte... Mandei-o levar a alma escrava á sombra do Bracelete de Ferro. A faca traiçoeira, com que elle queria assassinar o portuguez que o prendeu, não tornará a servir covardes.

FRANCISCO, baixo, a Duarte

A Providencia livrou-me, por eu não ser ainda casado!

LOURENÇO, voltando-se para o lago

Bracelete de Ferro, meu pae, dorme em paz, consolado e repousando a cabeça sobre o teu matador! (Encostando-se á espada para não caír.) O Cedro Vermelho já póde apparecer sem deshonra no meio dos seus guerreiros e dizer-lhes: O homem que perdeu o vigor, caíu sem um gemido... (Cambaleia.) como chefe intrepido!... E eu vinguei a sua morte!...

MATHILDE, querendo segura-lo

Amparem-n'o!

FRANCISCO, baixo, detendo-a com o gesto

Seja coherente; é inutil trahir-se diante de seu tio.

MATHILDE, baixo, a Francisco, supplicante

Não interprete mal os meus sentimentos. (Francisco faz-lhe um gesto de quem não a comprehende.)

LOURENÇO, encarando João

Tu és o Jutahi Preto? (João approxima-se d'elle commovido; pegando-lhe na mão.) Foste sempre bom companheiro!... Lizo como o pau mulato e fiel como os jurunas! O Cedro Vermelho é teu irmão... Adeus, Jutahi Preto!

JOÃO, afasta-se chorando

Coitadinho! Matou tapuio, e tapuio matou elle!

LOURENÇO, a Francisco

Filho dos carybas... o teu coração é como os livros, que fallam com Rosa do Surubiú!... Quizeste fecha-lo, quando fallavas com o gentio... mas o olhar do Cedro Vermelho viu-o no fundo do teu peito, como através das aguas transparentes do Tapajós se avistam os cardumes de peixe. Tu és valente, generoso e leal... Não escondas com o riso escarnecedor dos brancos as virtudes dos guerreiros sabios!... Entre os meus, serias honrado como tupinambá... Se voltares ao paiz onde nasceste, poderás affirmar que viste morrer o juruna

como homem esforçado, imitando o Bracelete de Ferro!

FRANCISCO, commovido

Vae em paz, amigo; os meus estupidos gracejos não impedirão que eu chore a tua perda!

LOURENÇO, pegando na mão de Duarte

Se te offendi, foi por ser fiel aos usos da minha nação; tinha de vingar meu pae!... Tu és bom... Esquece-te e perdôa. (Duarte afasta-se sensibilisado e sem responder.) Rosa do Surubiú?... é tão longe a taba juruna!... sem o teu auxilio, o corpo do guerreiro será comido pelos urubús famintos.

MATHILDE, com impeto generoso

Dormirás o teu ultimo somno debaixo da mungubeira que protege as cinzas queridas de minha santa mãe!

LOURENÇO

Manda sepultar-me no logar mais alto da ponta do mangue, com o rosto voltado para o lago, onde se esconde o matador do velho cacique; elle não ousará saír das aguas, sabendo que na terra proxima está o Cedro Vermelho e o tangapema que o derrubou no abysmo dos mortos.

MATHILDE, tentando conter as lagrimas

Farei tudo... como desejas.

LOURENÇO

Adeus!... não chores; o orvalho dos olhos desbotaria as rosas do teu rosto. O juruna aprendeu a supportar a dor com o sabio chefe tupy... e não tem pavor da morte! Prende as tuas lagrimas; quando se tiram as aguas perfumadas da raiz do cauré, o cipó desfallece e morre. (A Miquelina.) Adeus, Garça do lago...

MIQUELINA, enxugando os olhos

Adeus! (Áparte.) Antes eu lhe tivesse dado o quitute de tamacuaré!...

THOMÉ, puxando por ella

Vamos embora. (Miquelina empurra-o e fica olhando para Lourenço.)

LOURENÇO, vendo Thomé

Um indio mura! (Começa a delirar.) As minhas armas?! O meu tangapema de angelim e as frechas envenenadas dos cambebas!... Gentios do Solimões, do Jauari, do Maués, do Tupinambaranas e do Tapajós, o Cedro Vermelho desafia os vossos guerreiros mais valentes!...

THOMÉ, recuando

Endoudeceu! (Alguns pretos e pretas, que tinham acu-

dido ao chamamento de Duarte, approximam-se curiosamente da scena, e fazem circulo ás outras personagens.)

DUARTE

Afastem-se; é o delirio que principía.

FRANCISCO, querendo levar Mathilde comsigo

Poupe-se a este doloroso espectaculo.

MATHILDE, baixo, supplicante

Oh! deixe-me ficar! Perdôe...

FRANCISCO, áparte, largando-a

Nunca hei de entender esta mulher!

LOURENÇO, brandindo a espada

Vinte parintins pagam com a vida a morte de cada um dos meus!... A mim, valentes da cachoeira! a mim, todos!... Eu sou Cedro Vermelho, o terrivel! E tu, quem és? Um chefe?... não; tu és o pirata do grande rio, o descendente dos canibaes tapuyas, envilecido pelo servilismo! Quando vivias como salteador, tinhas ainda a nobre independencia do homem livre... agora, és vil esfaqueador e escravo dos brancos!... Frechas! mais frechas! (Fazendo gestos de quem despeda frechas do arco.) Caíu o cacique mundurucú!... Avança, piága juruna!... Toca o maracá sagrado, que eu faço tremer com os sons do

meu boré a serra dos Parecis!... O incendio da floresta alumia as aguas do Guaporé, vermelhas com o sangue inimigo! Victoria! Victoria, pelos jurunas!... (Cáe; todos correm para elle; larga a espada.)

MATHILDE, ajoelhando

Meu Deus, meu Deus, valei-lhe!

LOURENÇO, mudando de gesto e de tom

Oh! como estou cansado!... Um chefe! Não digas aos indios servis, que o Cedro Vermelho caíu. A arvore, que nas margens do Amazonas desafiára os raios de Tupá, foi derrubada traiçoeiramente pela corrente das aguas, que lhe excavaram o pé!... (Com terna expressão.) Voz de Caraxoé, as tuas mãos milagrosas preparam debalde a raiz da ururina e o leite ensanguentado da ucuúba... Estas feridas não teem cura!... (Como recordando-se e apalpando o pescoço.) Ah! não tinha commigo o legado precioso... (Mathilde levanta-se.) e por isso o teu Deus me puniu!... Perdôa-me!... Anjo das florestas, para que fallas de amor ao juruna? Julgas que elle é frio e insensivel como as pedras que banha a corrente do Acarahi?... Cala-te... o guerreiro jurou a tua mãe moribunda, que te defenderia...contra as tuas proprias paixões! O seu juramento impoz silencio ao coração do homem valeroso... Cala-te! Cala-

te!... Eu seria infiel aos mortos, se te levasse commigo para as regiões que banha o Tucuruí. (Francisco olha com espanto para Mathilde, que lhe responde com um gesto de innocencia.) Não vás, pobre garça!... O teu vôo não tem força para salvar as penedias d'onde se despenha o Xingú! É perigoso o salto das cachoeiras... e as nuvens de prata, com que ellas encobrem o sol, molhariam as tuas pennas, fazendo-te caír no rio! (Mathilde e Miquelina entre-olham-se.) A terra do juruna é tão distante!... Os espinhos das florestas rasgariam cruelmente os teus pés delicados!... (Ergue meio corpo, esfregando os olhos.) É quasi noite... e o sol não chegou ainda ao meio da sua carreira! Tenho sêde... Desde muito tempo que não chove!... e o Xingú passa tão longe!...

FRANCISCO, a João

Dá-lhe agua! (Mathilde agradece com um olhar a Francisco; João sáe, traz uma cuia de agua, que quer dar a Lourenço, este rejeita-a.)

LOURENÇO, olhando fito para Mathilde

Porque vae aquella estrella correndo? Será uma alma errante, que procura o caminho do céu? O teu Deus tambem conhece os índios bravos? Dizia-me tua mãe, que Elle era bom e que dava hospitalidade igual aos homens de todas as côres... é verdade? Eu quero conhece-lo; ensina-me como se póde subir á

sua presença. Qual é a luz que guia para lá as sombras dos mortos? (Ergue-se sobre os joelhos e esfrega novamente os olhos.) A noite approxima-se, como o bando de urubús que avista de longe o veado morto na planicie!... Escurecem as clareiras, os rios, os lagos, o sol!... A voz do jacurutú annuncia o fim da vida!... Não o ouves, Rosa do Surubiú? Caraibebé, porque te escondes dos olhos do juruna? Caraibebé quer dizer Anjo, na lingua de meus paes... Reza por mim... (Mathilde ajoelha, põe as mãos e ora.) Sinto desprender-se do meu corpo alguma cousa, que procura as tuas orações... (Levanta-se com supremo esforço.) O velho chefe ensinou seu filho a desprezar a dor, que derruba os fracos... (Com o olhar fito para o céu.) Escuta!... Ouço nos cimos dos coqueiros o canto saudoso de um caraxoé, que chama por mim!... (Apalpando o pescoço.) Perdi o talisman!... (Mathilde levanta-se e deita-lhe o rosario ao pescoço. Pega na cruz, beija-a e cruzando depois as mãos sobre ella, contra o peito.) Que é isto que me foge?!... O filho dos tupys foi baptisado!... (Com um grito.) Ah!... é a alma de Lourenço... que se despede... do Cedro Vermelho!... (Morre, Francisco recebe-o nos braços e deita-o brandamente no chão; Mathilde abraça-se a Duarte, escondendo o rosto no seio d'elle.)

FRANCISCO, contendo a custo as lagrimas

A morte d'este barbaro heroico exigia funeraes condignos; como não podemos fazer-lh'os, roguemos a Deus por elle. (Descobre-se;

Duarte imita-o.) Ajoelhem todos! (Todos se ajoelham.) Em nome das grandes virtudes antigas, da nação que produz taes filhos e do soberano que a governa, supplico ao senhor coronel, que mande ao menos amortalhar na bandeira do seu paiz o corpo do chefe juruna. (Duarte, suffocado em chôro, faz um gesto solemne de assentimento; Mathilde aperta com terno enthusiasmo a mão de Francisco, que se ajoelha ao lado d'ella; oram todos fervorosamente; cáe o panno.)

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

Pag.

Advertencia..... 5
Prefacio..... 9
A Sua Magestade o Senhor D. Pedro II..... 11

DRAMA

Côres, trajos e adereços..... 15
Acto primeiro..... 21
Acto segundo..... 73
Acto terceiro..... 115
Acto quarto..... 159
Acto quinto..... 207

INDICE DAS NOTAS E ESCLARECIMENTOS [1]

AO PRIMEIRO ACTO

TOMO I PAG.	LIN.		TOMO II NOT.	PAG.
10	4	É apenas um quadro.....	I	9
»	14	Tentou-se dar idéa da paizagem	II	12
11	–	.....	III	19
15	1	Côres, trajos e adereços.....	IV	»
»	4	Vestidura de pennas.....	V	22
»	11	Cabello preto, comprido.....	VI	»
»	17	Sem barba, nem pinturas.....	VII	23
»	19	Corda de curauá.....	VIII	24
»	22	Ferros de osso, de tabóca.....	IX	27
16	1	Teem enfiado ao pé do bico...	X	28
»	7	Arnez de pelle de jacaré.....	XI	30
»	12	Tangapema.....	XII	31
»	28	Pelle de onça.....	XIII	»
17	3	Caroços de inajá.....	XIV	»
»	9	Arco de pau avermelhado....	XV	32
»	17	Beiços pretos.....	XVI	33
21	2	Lago do Curumú.....	XVII	»

[1] Para commodidade de quem ler o drama, se collocou aqui este indice, que, em rigor, deveria ir no 2.º tomo. Basta ver-se o numero da pagina, que se estiver lendo, se acha na 1.ª columna, á esquerda, e sabe-se immediatamente, seguindo para a direita, o titulo e numero da nota, bem como a que paginas esta se encontra no 2.º tomo.

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
21	6	Folhas de palmeira pindoba	XVIII	35
»	11	Rosas mogorins.....	XIX	36
»	12	Jasmins de Cayena.....	XX	37
»	13	Mangueiras	XXI	»
»	14	Coqueiros, goiabeiras.....	XXII	39
»	16	Festões de maracujá.....	XXIII	41
22	7	Vastas campinas.....	XXIV	45
»	16	Flôr do mururé.....	XXV	59
23	10	Jacaré, onça, jaguar.....	XXVI	63
24	4	Peixes de mil qualidades..	XXVII	66
27	5	Ha muito onde armar rede	XXVIII	67
29	21	Obrigaram-me a trazer....	XXIX	71
30	4	Villa de Alemquer	XXX	72
31	6	Cabouco	XXXI	77
32	8	Paneiro de guarumá.....	XXXII	»
33	1	Os brancos venceram	XXXIII	79
»	5	Quando o mutúm cantar..	XXXIV	»
»	9	Cabeceiras do lago.....	XXXV	80
»	16	Jurupari!.....	XXXVI	»
34	10	O meu nome é Joaquim...	XXXVII	81
35	3	Arpoar pirarecú	XXXVIII	89
36	9	Tu não és mura?.....	XXXIX	90
»	11	Tapajós, mundurucú.....	XL	»
38	3	Icuipiranga.....	XLI	91
»	5	Rio Negro.....	XLII	95
»	6	Santarem	XLIII	»
39	17	Ponta do mangue.....	XLIV	96
40	15	Duvidava da existencia...	XLV	97
42	5	Sinhásinha	XLVI	108
»	13	Canto das guaribas.....	XLVII	»
»	15	Tio Duarte.....	XLVIII	110
»	20	Rosa do Surubiú, ubá.....	XLIX	»
44	3	Metteu a bala pelos olhos..	L	112
»	21	Gentio a cavallo n'um jacaré	LI	114
45	15	Uma giboia por gravata...	LII	»

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
45	17	Tupinambás	LIII	118
48	11	Voz de Caraxoé	LIV	119
»	18	Tejupar	LV	»
»	27	Margens florentes do Xingú	LVI	120
49	17	O meu selvagem	LVII	122
»	20	Tinham a faculdade	LVIII	124
50	3	Tribu juruna	LIX	»
54	18	Folhas da jatuaíba	LX	125
»	20	Grande rio	LXI	»
»	21	Taba juruna	LXII	134
55	3	As antas cortam com os pés	LXIII	»
»	5	Bracelete, Tiépiranga	LXIV	141
»	12	Guainambí	LXV	»
»	17	Uratinga	LXVI	142
»	»	Flor da jabatopita	LXVII	»
»	18	Favos de mel no pau de arco	LXVIII	»
»	30	Cupahiba	LXIX	143
56	21	Araçás	LXX	144
»	22	Engáseiro	LXXI	»
57	3	Tapajós e cambebas	LXXII	145
»	17	Folhas de jenipapeiro	LXXIII	»
»	21	Tartaruga levada	LXXIV	146
58	6	Maracajá	LXXV	147
61	2	Marinheiro!	LXXVI	»
»	9	Mandioca	LXXVII	»
»	16	Jussáras, paxiuba, girau	LXXVIII	»
62	5	Vinho de cacau, taperibá	LXXIX	148
»	8	Assahy	LXXX	149
66	3	Jacitára	LXXXI	»
67	2	Piága	LXXXII	150
»	3	Flor de Oiára	LXXXIII	»
»	»	Maracá	LXXXIV	151
68	9	Puraqué ou poraqué	LXXXV	»
»	14	Camará-juba	LXXXVI	152
»	21	Sumaumeira	LXXXVII	»

TOMO I			TOMO II.	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
69	1	Cipós.....	LXXXVIII	152
»	2	Tacápes.....	LXXXIX	153
»	17	O ferro da tacuára.....	XC	154
»	26	Troncos de aninga.....	XCI	»
70	2	Parintins.....	XCII	155
»	4	Sucupira	XCIII	»
»	10	Tatá Japinong.....	XCIV	156
»	13	Apiácas.....	XCV	»
»	17	Apiába Acanhêmo.....	XCVI	»
»	23	Comedores de carne ...	XCVII	»
»	26	Ajudei a incendiar.....	XCVIII	157
71	6	Muruxi e urucú	XCIX	»
»	19	Praia dos cajuciros	C	158
»	21	Frecha na mungubeira..	CI	»
»	22	Primeiro canto.....	CII	159

AO SEGUNDO ACTO

73	6	Murtas e assucenas	I	160
74	1	Mulher e branca.....	II	161
80	19	Oh! moço bello, não te fies	III	162
81	18	Soldados desertores	IV	»
82	10	Estar só um de sentinella	V	174
83	18	Os cabanos	VI	175
85	11	Peixe-boi.....	VII	»
»	12	Tucumaré, arauaná.....	VIII	176
»	13	Bater timbó e pescar...	IX	177
93	14	Jutahi preto	X	179
»	17	Sapucaias.....	XI	»
94	5	Cambuy.....	XII	181
»	10	Os homens da minha nação	XIII	»
95	»	Tucano.....	XIV	182
»	12	Entoarei o canto.....	XV	183
»	20	Jasmins.....	XVI	»
96	5	Guaporé e Juruena.....	XVII	184

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
96	8	Tucurui	XVIII	185
»	11	Palmeiras que defendem	XIX	»
»	27	Crescem o cravo e a salsa	XX	»
97	1	Curimbó, guaraná.....	XXI	186
»	2	Baunilha, envireira, niá ..	XXII	195
»	4	Favas do cumarú e puxiri	XXIII	197
»	9	Jabotis	XXIV	199
»	12	Pacas e cotias.....	XXV	»
»	26	Mais direito que marupá..	XXVI	200
98	12	Boré	XXVII	»
»	13	Ellas correm	XXVIII	201
99	7	Balsamo da caburcíba...	XXIX	202
»	21	Jaborandís.....	XXX	203
100	4	A chuva dè estrellas	XXXI	»
»	27	Consentirá a branca.....	XXXII	»
101	26	Magoaris	XXXIII	211
104	3	Andirobeira.....	XXXIV	212
»	7	Tupinaen.....	XXXV	213
105	4	Lourenço pega em cobra	XXXVI	»
»	6	Pau mulato.....	XXXVII	215
»	14	Porco ou caititú.....	XXXVIII	»
107	23	Armou parceiro	XXXIX	216
112	4	Jurutauhi.....	XL	»
114	»	Urari	XLI	217
»	5	Pennas de urubú-tinga ..	XLII	220
»	17	Grasnar do hiumára.....	XLIII	223

AO TERCEIRO ACTO

115	11	Folhas de bananeira.....	I	224
»	13	Moquém com lume	II	»
»	14	Perna de veado a moquear	III	225
»	21	Espingarda lazarina.....	IV	»
116	13	Festa de S. Thomé.....	V	226
117	1	Póde ser que no porto ...	VI	227

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
117	4	Canôa de duas toldas....	VII	228
»	8	Salvas de espingarda....	VIII	»
»	24	Sahyré, fogueiras, mastro	IX	231
118	20	Bonita mulher.....	X	232
120	13	Tupana!.....	XI	»
»	16	Paranámirim.....	XII	233
»	21	Frasqueira de cachaça...	XIII	234
121	15	Canta-se a ladainha.....	XIV	235
122	10	Amarraram o Thomé!...	XV	»
»	22	Paneirinho de beijús.....	XVI	236
123	3	Potes de caxiri.....	XVII	»
»	5	Roçado.....	XVIII	237
»	23	Guariba, tiborna.....	XIX	»
124	8	Macapá.....	XX	238
126	»	Vae ao paneiro, farinha..	XXI	239
»	15	Môlho de tucupi.....	XXII	240
127	14	O meu Xeiro.....	XXIII	241
»	»	Chico, Igarapé, Manduca.	XXIV	»
»	16	O Peixe-boi, Capiuára...	XXV	242
»	21	Vae commigo, Miquelina?	XXVI	243
128	20	Inambú.....	XXVII	»
»	26	Bagre.....	XXVIII	244
129	17	Biribá.....	XXIX	»
»	19	Quindins de Yáyá.....	XXX	245
»	20	Mingáu, batata, jurumú..	XXXI	246
130	2	Coropira.....	XXXII	248
»	12	Cunhã.....	XXXIII	249
131	14	Onde estás.....	XXXIV	»
132	5	Sapopemas.....	XXXV	253
»	25	Juruti.....	XXXVI	254
133	10	Nenhum tapuio se perde..	XXXVII	»
»	19	Oiára.....	XXXVIII	256
»	25	Vamos á jáca!.....	XXXIX	»
»	27	Antes a chula!.....	XL	»
136	3	Come gente.....	XLI	257

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
136	15	Correndo a mão.....	XLII	257
137	2	Cabeça de tatú!.....	XLIII	»
»	16	Dansas guerreiras.....	XLIV	259
»	19	Jacumá.....	XLV	»
138	3	Pirá-jaguára	XLVI	260
142	»	Hugh!.....	XLVII	261
»	7	Caraibébé.....	XLVIII	262
»	10	Murucututú miri.....	XLIX	»
»	22	Carybas	L	»
»	24	Margens do Arinos.....	LI	263
»	25	Tupinambaranas.....	LII	»
»	29	Farejando.....	LIII	264
143	6	Araúna, japim.....	LIV	»
146	7	Soares de Andrea.....	LV	265
148	3	Pauxis.....	LVI	271
»	11	Gurupatuba.....	LVII	272
»	14	Xibé	LVIII	»
149	11	Tapéra	LIX	»
152	10	Do mato	LX	»
153	20	Itaúba, maçaranduba.....	LXI	»
156	17	Cenemby, embaubeira	LXII	273
»	19	Aipim	LXIII	»
157	9	Assacú.....	LXIV	»

AO QUARTO ACTO

159	27	Miriti, marajá, caraná.....	I	274
161	22	Estou no mato virgem.....	II	»
162	7	Deitou-se no chão.....	III	275
»	16	Curumi	IV	283
»	24	Ubim	V	»
164	13	Ticuára	VI	284
168	7	Cotitiribá.....	VII	»
170	3	Tijuco.....	VIII	»

TOMO I			TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
170	14	Gentleman	IX	284
173	15	Coatá	X	»
176	2	Acauan, tauari	XI	285
»	4	Jaquiranaboia e a jeraraca	XII	»
»	5	Anambé, sucurijú	XIII	»
»	9	Urucuri	XIV	286
177	»	Cauré e salsarana	XV	»
184	»	Cunambi	XVI	»
»	13	Caxinduba	XVII	287
»	16	Timbó, juruti pepena	XVIII	»
»	18	Araticúpanan	XIX	»
»	21	Arweeiro	XX	288
185	4	Agua da raiz de manacan	XXI	»
»	6	Poquéca de tamacuaré	XXII	»
»	18	Piraén	XXIII	289
191	25	Timbó açú	XXIV	»
»	27	Japecanga	XXV	»
192	1	Guapohi	XXVI	»
193	3	Sururina	XXVII	»
194	15	Maracanás	XXVIII	290
»	17	Samambaya	XXIX	»
»	20	Oitibó	XXX	»
195	19	Piquiá	XXXI	»
197	17	Mamauarana	XXXII	»
199	24	Carajurú	XXXIII	291
201	4	Mambariára, Pacuraína	XXXIV	»
»	10	Tijuaé pitúba	XXXV	»
»	14	Tocantins	XXXVI	»
»	21	Acuiacá Piranga!	XXXVII	»
202	3	Imbirí	XXXVIII	292
203	16	Um homem não chora	XXXIX	»
204	3	Jaburú	XL	»
»	11	Tartaruga voltada	XLI	»
205	18	Que se pinte	XLII	293
»	26	Tibicuára	XLIII	»

TOMO I		AO QUINTO ACTO	TOMO II	
PAG.	LIN.		NOT.	PAG.
207	21	Carapanás, morossócas.....	I	293
212	10	Shocking.....	II	294
217	14	Cachimbo de taquari	III	»
219	11	Capoeira.....	IV	295
220	15	Margens vermelhas.....	V	»
223	25	Jaguára pitúba.....	VI	»
224	8	Umirí.....	VII	»
225	13	Não quer flores.....	VIII	»
235	3	Outra banda dos lagos	IX	296
»	6	Ymiraquiynha?.....	X	»
236	23	Marapenima.....	XI	»
»	25	Marapaúba.....	XII	»
252	14	Quitute.....	XIII	297
»	20	Angelim.....	XIV	»
»	22	Jauari, Maués.....	XV	»
254	16	Raiz da ururina, ucuúba.....	XVI	»
»	24	Acarahi	XVII	»
256	7	Jacurutú.....	XVIII	298
257	5	Amortalhar na bandeira.....	XIX	»

ERROS QUE SE DEVEM CORRIGIR

Pag	Lin.		
105	24	vem	veem
128	12	faz	faze
131	15	E noite	É noite
167	25	similhante	similhantes
»	»	ovo	ovos
184	18	araticúcúpanan	araticúpanan
202	15	Flor de mamauarana	Flor do lago
224	20	capuiáras	capiuáras
232	25	mas quem	mas quem o

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

O CEDRO VERMELHO

II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

Pertence a propriedade d'este livro, no imperio do Brazil, ao sr. Agostinho José de Almeida, cidadão brazileiro, residente no Pará.

ADVERTENCIA

Se o leitor se não enfastiou demasiado com o drama, e tem desejos de rever com mais vagar as cousas e os costumes que apenas entreviu n'elle, peço-lhe que se digne acompanhar-me ainda por tres ou quatro horas.

N'esse curto espaço de tempo viajaremos por mundos pouco conhecidos, através de rios enormes, de lagos formosissimos e de florestas prodigiosas; irei dizendo tudo que souber, e caiba nos limites de tão rapida viagem, ácerca dos logares, dos espectaculos da natureza, e de quantos objectos animados ou inanimados encontrarmos no caminho; chamarei a attenção para os quadros que me parecerem mais dignos de ser contemplados; e empregarei, emfim, todos os esforços para que, apesar de vistas a correr e explicadas por quem é estranho á scien-

cia, essas maravilhas despertem a curiosidade de pessoas competentes para estudalas melhor ou para ir vê-las de novo sob a direcção de mais seguro guia.

Se nada conseguir e se julgarem muito ambiciosas estas aspirações, inspirou-m'as o amor da terra que foi minha segunda patria, e o desejo de contribuir para engrandece-la aos olhos dos que a não conhecem.

— «Valha a desculpa, se não vale o canto.» —

O CEDRO VERMELHO

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

AO PRIMEIRO ACTO

I

É apenas um quadro imperfeito
Pag. 10, lin. 4

No tempo em que se escreveu o drama, existia ainda a censura dramatica. Eis aqui o parecer d'ella: — «O *Cedro Vermelho* é uma composição dramatica promettida a um evidente successo na scena. A acção está habilmente dividida pelos cinco actos, e o effeito dramatico deve corresponder ao engenhoso artificio com que a idéa principal é conduzida até ao desenlace.

«Sobresaem dois caracteres, cujo contraste é um dos elementos fundamentaes do interesse, e que ao mesmo tempo retrata e determina o pensamento philosophico do drama. É a civilisação requintada dos nossos climas em presença da selvagem e nobre barbaridade das raças primitivas; é o europeu, saciado das scenas da vida moderna, da culta e aprimorada existencia da socie-

dade, contemplando com assombro, e ao mesmo tempo com espirituosa ironia, o grandioso da natureza e dos costumes de um mundo para elle verdadeiramente novo. O espectador, como é natural, consubstancia-se com o personagem civilisado e como que faz suas as observações que lhe desperta a cada passo a excentricidade de tantos e tão variados espectaculos.

«Parece-nos talvez que a morte de Bracelete de Ferro, approximada da morte de Lourenço, reproduz a mesma situação, sem que isso influa demasiado para o desenho dos habitos e viver das tribus selvagens. É uma scena tragica, que nos parece dispensavel, tanto mais quando todos crêem que o selvagem conserva as mesmas crenças e o mesmo fervor pelas tradições do seu berço, e se não deixou amollecer pela brandura e suavidade da vida civilisada.

«Em conclusão, suppomos o drama, cuja censura nos foi incumbida, como uma das mais notaveis concepções que teem apparecido n'estes ultimos annos, e digno de subir quanto antes á scena.

«Lisboa, 21 de março de 1856. = *A. P. Lopes de Mendonça.*»—

Respeitando muito o voto da censura dado por um homem de quem fui sinceramente amigo e pelo qual sentirei sempre vivissima

saudade, não me conformei com a idéa de supprimir a morte de Bracelete de Ferro, e as platéas deram-me rasão. O meu pensamento era completar com a scena final do velho gentio o desenho do caracter do filho. Não podia este apoiar-se na experiencia da velhice, nem referir-se a todos os artigos do codigo selvagem, por ser moço ainda, e ter deixado a tribu havia uns poucos de annos; os preceitos que o pae lhe dicta na hora extrema, só os póde conhecer um chefe encanecido e matreiro. Desejando pois retratar com a maior similhança que fosse possivel um typo heroico d'aquella raça, e não podendo reunir no joven chefe, que convinha ao meu plano, todas as feições que a caracterisam, fiz intervir o velho para dar com elle os ultimos traços na physionomia de um guerreiro juruna. Confesso porém que o reparo da censura não me foi inutil; depois d'elle, revi o papel de Bracelete de Ferro, e esforcei-me quanto pude por tornar bem differentes as duas situações com que findam o 4.º e o 5.º actos. Não sei se o consegui; mas repito: que o meu trabalho é apenas um quadro imperfeito, e não me sinto com forças para melhora-lo.

II

Tentou-se dar uma idéa da paizagem
Pag. 10, lin. 14

O leitor de certo ha de ter visto numerosas gravuras francezas, representando amostras de florestas virgens, e talvez tenha notado a singularidade de todas ellas se parecerem umas com as outras? Vou explicar-lhe a causa d'essa similhança, suppondo que a não saiba melhor do que eu. Os pintores que teem ido ao Brazil ou os que ouvem descrever a magestade dos seus bosques, pensam que bastam dois troncos saindo de entre ramarias confusas; uns calabres de nora, e outros cabos de andaime, cruzados sobre elles, para fingir cipós; e a um canto tres ou quatro folhas, que dêem ares de bananeiras ou palmeiras, para se fazer idéa de uma selva primitiva! Ah! se elles comprehendessem que differença vae do vivo ao pintado! Se soubessem que apesar do emmaranhado inextricavel das matas brazileiras, cada planta ostenta ali as suas fórmas puras e distinctas, as suas folhas, flores, fructos e côres, que se não confundem nunca; se reflectissem que na creação tudo é ordem e harmonia; fariam retirar dos seus jornaes e livros de viagens aquelles borrões informes e empastados, sem detalhe, sem

graça, sem sciencia e sem verdade, por baixo dos quaes escreveram confiadamente: *La forêt vierge!*

Eu vivi muito tempo nas florestas, conheci-as na idade em que as imagens das cousas e das pessoas se gravam na alma para sempre, e apesar de me ter apartado d'ellas ha vinte e oito annos, conservo-as ainda retratadas na memoria como se só desde poucos mezes as tivesse perdido de vista! Pois bem: se eu fosse pintor, faria, como os francezes, um desenho, que tanto poderia ser pedaço de floresta brazileira como de qualquer outra, onde a vegetação fosse menos opulenta.

É porque o lapis e o pincel são impotentes para dar uma idéa approximada d'aquelles verdes prodigios! Supponha o leitor complacente, que alguma fada o levou adormecido através dos mares, que o fez subir o Amazonas e o depoz brandamente n'uma das redes atadas debaixo das mangueiras do coronel Duarte, nas margens do Curumú. Eu acompanhei-o tambem, levado pela deusa da saudade. O coronel, que tem envelhecido, mas não deixou de ser amavel, offerece-nos uma cuia de vinho de cacau e convida-nos para irmos caçar uma cotia. Tomâmos com prazer a bebida refrigerante e partimos. É meio dia: o calor tropical pa-

rece querer queimar os animaes e as plantas. Comtudo, a vegetação banha-se com delicias nos raios do sol abrasador e lança ondas de effluvios perfumados na atmosphera ardente. Em vez de queimados ou murchos, os mais tenros arbustos demonstram no vigor e no viço que são excellentes e apropriadas á sua existencia e desenvolvimento as condições em que se acham.

Á medida que nos afastâmos da margem do lago, vae-se tornando mais densa a floresta. As arvores grandes, que na praia eram pela maior parte acacias, pittosporum e das que os indios do Amazonas chamam pau mulato *(Eucalyptus?)* começam a ser differentes, maiores e de muitas especies. As palmeiras tambem se mostram mais numerosas e variadas. Immensa multidão de plantas miudas, arbustos e cipós, associando-se com as ramarias do arvoredo, apodera-se do espaço e difficulta-nos o transito. O sol já rompe a custo a abobada multicolor que nos cobre; uma luz sombria, esverdeada pela transparencia das folhas, dá maiores proporções a tudo que nos rodeia. Andados mais quinhentos ou seiscentos metros torna-se-nos quasi impossivel dar um passo para qualquer lado, sem primeiro abrir caminho com os sabres ou terçados, com que antecipadamente nos armámos. Muitas das plan-

tas que vamos cortando, exhalam cheiros acres, inebriantes e aromaticos; e dos golpes que lhes fazemos derramam leites nutrientes ou venenosos, agua simples, assucarada, e sangue similhante ao dos animaes. De espaço a espaço encontrâmos pequenos riachos, poças ou pantanos, todos cheios dos peixes denominados jejú e tacauyra (*Erythrinus tarauyra*), e atravessâmo-los por cima de arvores, que parecem ter caído de proposito em posição de poderem servir de pontes; algumas d'estas oscillam e giram sobre si com o peso dos caçadores; outras, quebram, por terem apodrecido interiormente; e em qualquer dos casos o caminhante cáe no igarapé, onde toma um banho forçado, que nem sempre lhe sabe mal, mas que tambem nem sempre lhe faz bem. N'outros sitios a falta d'essas pontes obriga-nos a descer, escorregando pelas margens barrentas dos ribeiros, esmagando familias inteiras de caladios maravilhosos, de gesnerias delicadissimas e de bellas maranthas. Por todos os lados jazem caídos colossos enormes, titães vegetaes, que dormem o somno eterno nos braços da *Terra Mater*, depois de terem tentado debalde escalar o céu durante muitos seculos. Os corpos d'estes gigantes incorruptiveis continuam a alimentar milhares de graciosas orchidéas, como no tempo em que, de pé, es-

plendidos de vida, se enfeitavam com ellas por vaidosa ostentação. Em torno de nós ergue-se uma muralha de verdura eterna, onde predominam as sapucaias *(Lecythis)* com os seus fructos grandiosos e as suas rosas esbranquiçadas; as sucupiras ou sibipiras *(Bowdichia, Ormosia)* de purpureas flores; os cumarús *(Dipterix)* com os seus cachos escarlates e as suas favas odorantissimas; os angelins *(Andira)* de flores roxas; o negro acapú *(Andira Aubletii)*, que embota os machados de mais fina tempera; o pau de arco *(Bignonia)* que inunda a floresta com o suave aroma de suas douradas flores, e abriga nos ferreos seios os doces favos das abelhas; a itaubeira de veios escuros; a marapenima atartarugada; os cedros de duas côres; o jutahi preto e vermelho; o jacarandá sanguineo; a maparajuba excelsa... e muitas outras variedades, que fôra impossivel notar n'um rapido exame, entrelaçam suas ramas, misturam seus fructos e suas flores, e lutam ao mesmo tempo com a multidão indescriptivel de parasitas que n'ellas se enroscam e que não raro as asphyxiam.

O assacú, a caxinduba, o arvoeiro e outras especies leitosas, encerram liquidos perfidos, que dariam morte horrivel ao caçador sequioso e inexperiente; centos de variedades de palmeiras alastram o chão com

os seus fructos vermelhos e dourados; as seringueiras *(Syphonia elastica)* com a sua gomma admiravel; o cravo e a canella, com as suas preciosas cascas; a cupahiba com o seu oleo medicinal; a andirobeira com o seu azeite amargo, todas nos apparecem vestidas de verdes galas, magestosas com a sua opulencia tropical, offerecendo-nos os thesouros com que enriquecem a industria, as artes, o commercio, a navegação e a sciencia. E todos estes prodigios vegetaes são variadissimos nos aspectos, nas fórmas, nas côres, nas folhas, nas flores, nos aromas e nos fructos!

Uma rede de cipós de todas as grossuras e feitios cruza-se nos ares, sobe, desce, torna a subir e a descer, uns carregados de pomos tamanhos como melancias, outros com flores, que parecem chapéus de sol chinezes! Macacos de diversas grandezas, lagartos, serpentes, bezouros, borboletas, colibris, voam, pousam, agitam-se, passeiam sobre esses calabres, animados como elles por uma vida possante, confundindo-se com suas côres e fórmas. As passifloras, a baunilha, os dolichos, as echites, as paullineas, a arauja albens, de Martius; as bauhinias trepadeiras; a japecanga, a pequena e formosa escalonia floribunda, de Humboldt; os abutilões de campainhas com veios de purpura;

os arbustos com bracteas acarminadas, de Bougainville; as aphelandras de espigas de oiro; o verde dracontio; o pothos, de folhas recortadas; as euphorbias com flores verdes e côr de laranja... irrompem todas da espessura para as pequenas clareiras com uma força de vegetação prodigiosa. Em cada raio de sol, que penetra pelas aberturas da esverdeada abobada, canta, volteando no ether, uma vaga immensa de insectos resplandecentes, com azas de oiro e de brilhantes. Aves de vivissimas plumagens, saltando de ramo em ramo, contemplam-nos, assim como os quadrupedes, pasmadas e sem medo; dir-se-ía que evocam as reminiscencias do Paraizo, e que, recordando-se, parecem alegrar-se por se verem outra vez na presença do homem! Um murmurio continuo e intraduzivel, que tem notas do rugir das feras, do cantar dos passaros, do zumbir dos insectos, do ranger das arvores, do ciciar dos ventos e do correr das aguas, resôa em nossos ouvidos. Tudo nos annuncia, como diz o illustre Humboldt, um mundo de forças organicas em movimento; e a alma sensivel e piedosa do homem que penetra n'estas regiões mysteriosas, crê que os vagos rumores que ouve são as vozes com que lhe falla a natureza!

Ah! a minha penna sente-se tão impotente como o lapis e o pincel dos artistas

para reproduzir com verdade o quadro, que já tentára, em vão, delinear no começo do quarto acto do drama! Que o leitor benevolo se não esqueça, ao menos, de que foi dormindo que se deixou transportar ao seio da floresta e que por isso a entreviu apenas como pallida visão de um sonho.

III

.....

Pag. 11

O auctor, sendo o primeiro a reconhecer que a sua modesta obra não tinha meritos para subir tão alto, confessa que solicitou pessoalmente a honra que lhe foi concedida; mas se o cegou algum sentimento, para tal ousadia, foi o da gratidão e não o da vaidade.

IV

Côres, trajos e adereços das personagens
Pag. 15, lin. 1

Pareceu-me util descrever tambem as côres, trajos e adereços para o caso, improvavel, de tornar algum dia a representar-se o *Cedro Vermelho*. As decorações e vestuarios são auxiliares indispensaveis de toda a composição dramatica; convem que o espectador seja transportado sem violencia, apenas se levante o panno do theatro, ao logar onde vae passar-se a acção, e se identifique com

as pessoas que a desempenham. Não havendo a mais escrupulosa attenção com os accessorios, perde-se muitas vezes o effeito geral, com prejuizo do auctor e dos actores, que, por muito talento que tenham, nunca poderão fazer acceitar pelas platéas as figuras heroicas de Alexandre ou Carlos Magno, se os vestirem de fraque e chapéu redondo.

Comprazo-me em declarar aqui, honrando a memoria do mestre dos actores portuguezes Epifanio Aniceto Gonçalves, que poucas peças teem sido postas na scena nacional com mais rigorosa fidelidade do que o *Cedro Vermelho*. Não se faltou ás grandes nem ás pequenas cousas; Epifanio demonstrou uma vez mais que ninguem antes d'elle tinha tido em Portugal tantos conhecimentos, gosto e intelligencia para as combinações scenicas.

Por uma d'aquellas generosidades raras, que assombram ás proprias pessoas que as teem, a administração do theatro, saindo um pouco do seu systema de mesquinharia, quando se trata de peças e auctores portuguezes, auctorisou os srs. Rambois e Cinatti a pintarem o scenario conforme com as indicações do auctor; e aquelles illustres artistas deram-me com os esplendidos effeitos dos seus magicos pinceis metade do triumpho que obteve o drama. A outra metade devia

ao grande actor que se encarregou do papel de Lourenço. Tasso foi admiravel de verdade e sentimento. Nuncá ninguem comprehendeu melhor, nem traduziria mais ao vivo o caracter do indio que elle representava. Por tal modo se possuia do papel, que na scena final foi por vezes levado em braços para o seu camarim! Sendo assás generoso para repartir commigo a sua gloria, pretendia despojar-se em meu favor das palmas que as multidões commovidas e arrebatadas pelo seu talento lhe arremessavam aos pés! Mas pertencem-lhe todas; o espirito do indio juruna encarnára-se n'elle.

Depois de escripta esta nota, foi enluctada a scena nacional pela perda do insigne artista a que ella se referiu no fim. Posso pois affirmar, que acabou com elle a probabilidade de tornar a representar-se o *Cedro Vermelho*.

O acompanhamento que seguiu Joaquim José Tasso até á ultima morada, attestou que todos os que o tinham admirado como actor o estimavam como homem. Parecia o prestito de um soberano! A inveja, que se calára sempre diante da sua modestia, rugiu furiosa á vista dos seus funeraes! Descansa em paz, grande e nobre alma; quem, tendo-te conhecido, não achou lagrimas para dar á noticia da tua morte, aca-

bará, devorado pelas suas ruins paixões, sem um amigo que o chore; e tu foste chorado por tantas mil pessoas, oh! rei caído da scena portugueza! Ninguem tão cedo levantará o teu sceptro com o esplendor com que tu o empunhaste, embora a estulticia tenha querido já offuscar a tua gloria immorredoura. Dorme tranquillo o teu ultimo somno, que eu vélo; e, cedo ou tarde, vingarei a tua memoria.

V

Vestidura de pennas de arara, papagaio e tucano
Pag. 15, lin. 4

São unicamente os chefes que se permittem o luxo d'estas vestiduras e cocares; e isso mesmo é só nas occasiões solemnes. O povo gentio anda, em geral, ainda menos bem vestido do que Adão e Eva antes da invenção da folha de figueira. É claro que Lourenço não podia mostrar-se tão primitivamente em casa do coronel; e como a familia o achava pittoresco, trajado de pennas, ninguem se lembrava de exigir-lhe que descesse á prosa vil das calças.

VI

Cabello preto, comprido, apartado ao meio
Pag. 15, lin. 11

Cabello comprido é entre os jurunas um distinctivo de independencia; mas tambem

não são todos os que o usam apartado ao meio. A maioria ata-o no alto da cabeça com uma folha de palmeira, e costumam alguns enfeita-lo com duas ou tres pennas espetadas no atado.

VII

Sem barba, nem pinturas no rosto; descalço; côr de bronze escuro
Pag. 15, lin. 17

Os indios do Brazil não teem quasi nenhum cabello na barba; por isso lhes davam e dão ainda em diversas provincias a denominação de caboculos, que em lingua tupi quer dizer pellados.

O uso de se pintarem com tintas vegetaes era commum a todas as tribus e por essas pinturas se differençavam umas das outras. Indio que não renovasse a miude os desenhos caprichosos que revelavam a sua nação, era considerado como covarde, porque d'esse modo pretendia encobrir dos estranhos se pertencia aos amigos se aos inimigos. Os homens destemidos e valerosos mostravam-se sempre vaidosamente sarapintados de fresco. Modernamente o contacto com os tapuios ou indios domesticos tem tirado a importancia a essas demonstrações de heroicidade, que os mansos não usam. No Xingú quasi que se limitam hoje as côres guerreiras a uma boa untura de oleo de patauá (Palma *Oenocarpus Batauá*, Mart.), feita com o

a gente lhe chamava curauá, no tempo em que eu lá estive; indios bravos ou mansos, homens e mulheres de todas as côres, ninguem lhe dava outro nome. Hoje não sei; mas como a acção do drama se passa em 1837, e não me consta que os jurunas tenham sido informados da unanimidade com que se substituiu curauá por gravatá, deixo ir a primeira lição.

Baena diz: — «Do curauá fabricam á mão cordas para suspender nas casas as redes de dormir: estas cordas duram ordinariamente quatro annos e mais do duplo d'este periodo, se ellas forem ungidas da tinta muruxi *(Byrsonima chrysophylla)*. Antigamente houve um curioso que fez linhas das fibras d'esta planta, e com ellas um par de meias, cujo uso mostrou que eram mais asperas que as de linho; e no Rio Negro fizeram cordas de rebeca, o que é boa prova da sua rijeza, e portanto muito conviria tratar da cultura d'esta planta para com ella fazer-se velame e cordoalha. Tambem houve outro curioso que fez uma renda do mesmo curauá». — A cultura da planta é facilima e o seu crescimento rapido. No Amazonas conhecem-se diversas especies.

IX

Ferro de osso, de tabóca e de ferro
Pag. 15, lin. 22

Manuel de Faria e Sousa, nos *Commentarios* á ode x de Camões, escreveu: —«Porque como el hierro era estraño en aquellas partes, y en lugar de las puntas que del ponemos en las hastas ponen allá huessos, ó piedras, se declaró assi el Historiador: y otros al descrivir las armas proprias dizen que traen hierros de huesso, ó piedra».—

No *Roteiro da Viagem* de Fernão de Magalhães lê-se: —«Amtre elles (refere-se aos patagões) nam ha ferro, nem outro artefycio darmas, soomente de pedernall fazem hos ferros das frechas, e asy hos machados, com que cortam, e as emxós e sovellas, com que cortam e cosem hos çapatos, e as vestiduras».—Parece-me que basta, para os meticulosos que achassem impropriedade no dizer eu ferros de osso e ferros de ferro. Quem quizer mais auctoridades, procure nos classicos portuguezes.

Taboca, n'umas provincias, e taquára em outras, é, talvez, a *Bambusa arundinacea,* de Retz, pois se parece em tudo com a graminea gigante da India. É claro que me refiro á especie que os indios chamam taquára açu e não ás outras menores. Os gentios do Xingú, do Tapajós e do Amazonas

costumam fazer d'ella grandes punhaes, que adaptam ás frechas de que se servem na guerra ou para a caça das antas e veados. D'ahi a denominação generica de taquáras a todas as frechas que teem essas pontas, quer ellas sejam de taboca, quer de ferro.

Veja a nota XLVIII do *Odio de Raça*.

Acha-se tambem tacuára em alguns auctores, em vez de taquára, e talvez que seja melhor orthographia.

X

Teem enfiado ao pé do bico um caroço de tucuman
Pag. 16, lin. 1

D'estas frechas servem-se os indios para frechar tartarugas. O ar, que ellas vão cortando, despedidas do arco com a velocidade da bala, arranca do caroço furado um assobio similhante á voz de um passaro, que não assusta por isso a tartaruga fluctuando á superficie do rio ou do lago. Cravando-se-lhe no casco, o ferro da frecha, que tem a fórma de arpão, separa-se d'ella, ficando todavia preso por uma linha de fino curauá muito comprida, enrolada na haste. O animal, sentindo-se ferido, mergulha rapidamente e a linha desenrola-se da frecha, que fica girando ao de cima de agua, e dá tempo que se approxime a canoa do frechador. Percebe-se que a tartaruga cansa quando pára o movimento da frecha. Então, ala-se

brandamente a linha, e apenas se avista o casco, enterra-se-lhe outro arpão, com haste de madeira, e linha mais grossa, preso pelo mesmo systema da frecha. Com esta segunda prisão, raras vezes se perde a presa; salvos os casos em que se rompe o casco.

Tucuman, tucumá, tucumai, tucumay e tocum é a palmeira *Astrocaryum Tucamã*, de Martius.

O *Diccionario de Botanica Brazileira* dá esta excellente definição:

—«Palmeira do Brazil, da qual se prepara o vinho d'este nome dos indigenas.

É do Pará e Amazonas.

Os fructos comem-se.»—

Quem tiver ainda algumas duvidas, torne a ler o artigo.

Convem não confundir o tucuman, que os indios chamam tambem tocum, com outra palmeira espinhosa, que tem o mesmo nome, de cujas folhas elles extrahem fibras similhantes ás do linho, com que fazem redes de dormir, cordas, linhas, etc. E ha ainda outra especie textil, da mesma familia, que se parece com a canna da India.

O tucuman, de que se tiram os caroços para as frechas de frechar tartarugas, é uma palmeira magnifica, de soberba copa, tronco direito e elevado, produzindo cachos enormes com centenares de fructos, maiores do

que ovos de pomba, que, á medida que vão amadurecendo, se tornam avermelhados ou côr de oiro. D'elles se faz por maceração e esfregando-os uns nos outros, uma especie de vinho amarello, que não é desagradavel. O fructo, apesar de succoso, tem muitas fibras, que se enredam nos dentes, e é por isso mais grato ás cotias do que aos homens, comquanto estes o comam, por divertimento ou por fome e nunca por gosto.

Das folhas fazem-se esteiras e chapéus, parecidos, se bem que muito inferiores na qualidade, aos da palmeira carnaúba (*Copernicia cerifera,* Mart.). O tronco é tão rijo que embota e ás vezes quebra machados, sobretudo depois de secco.

XI

Arnez de pelle de jacaré
Pag. 16, lin. 7

Outros usam para o mesmo effeito, em logar da pelle de jacaré, do couro de anta ou de uma especie de escudo, que serve de berço aos cachos de certas palmeiras, e que elles denominam curauatá (não se confunda com a bromelia curauá).

XII

Tangapema
Pag. 16, lin. 12

É uma especie de espada de pau, que tambem chamam tacápe e cuidarú, e que ordinariamente trazem pendurada ao pescoço, caída para as costas, a fim de poderem empregar outras armas primeiro que ella. Escolhem para estas espadas madeiras pesadas e rijissimas; e fazem umas cylindricas e cheias de puas; outras, quadradas ou esquinadas; e a maior parte com dois gumes e muito grossas no centro.

XIII

Pelle de onça, com parte da cabeça e focinhos
Pag. 16, lin. 28

Costumam pôr sobre si este e outros adereços, com o intuito de se fazerem mais horrendos e temidos dos seus inimigos, que recorrem ingenuamente aos mesmos processos e artificios!

XIV

Caroços de inajá seccos, que fazem ruido de cascaveis
Pag. 17, lin. 3

Tambem gostam de trazer ao pescoço rosarios d'estes mesmos caroços cortados ao meio, furados, e tendo dentro, em fórma de badalo de campainha, dentes de cotias ou outros animaes e ás vezes de adversarios mortos por elles.

se e occupando o espaço de muitas leguas, que dá á margem direita do Amazonas, subindo, o aspecto de uma planicie immensa coberta de verdura e agua.

Uma extensa muralha de arvoredo, que ora se engrossa ora se adelgaça, separa os lagos do grande rio, sem que elles deixem de seguir-lhe todas as ondulações. Parece que são formados pelas aguas do Amazonas, infiltradas através das suas margens porosas; e isto afigura-se-me tanto mais provavel que quando baixa o rio desapparecem alguns dos lagos. O Curumá, que não communica as suas aguas com as d'elles, derrama-se no furo de Alemquer, por um canal, que deságôa 2 kilometros quasi abaixo da villa. As margens d'este lago, apesar de arenosas, dão vida ás mais bellas plantas. A floresta, em alguns sitios, avança com as suas arvores potentes e os seus cipós floridos até ao seio das aguas; n'outros, afasta-se, deixando apenas de longe em longe um grupo de cajueiros, uma palmeira elegantissima, ou uma agigantada sumaúmeira, algumas acacias colossaes, para conservar sempre as relações grandiosas que ali existem entre o mundo vegetal e o mundo aquatico. Em cada pequena enseada, uma casinha de terra e de folhas de pindoba, com o tecto e paredes cobertas de graciosas passifloras, adivinha-

se, mais do que se vê, pela canoasinha que em frente do porto se balouça nas ondas. Aqui e ali a garça branca ou real, o mageari, o carará ou a ave gigante chamada jaburú, permanecem longas horas immoveis ou passeiam com o ar grave e solemne da sentinella que vigia um templo. Os pequenos canaes, por onde as embarcações se approximam das casas, estão, de um lado e outro, tapetados de mururé *(Nymphea)*, que abre aos primeiros raios do sol as suas flores amarellas, brancas ou vermelhas. O peixe salta de contente a cada instante; os veados, as pacas e as cotias debruçam-se, bebendo, perto das habitações; as jovens tapuias seismam, contemplando o rosto no espelho do lago; e o viajante, assombrado e como que preso de tudo que o cerca, sente vagos desejos de terminar ali as suas peregrinações, atar a rede á sombra hospitaleira do tejupar da india, e esperar, tranquillo e feliz, que o somno o faça esquecer de que teve outra patria.

XVIII

Folhas de palmeira pindoba
Pag. 21, lin. 6

Pindoba ou pindova é a palma *Attalea compta*, de Mart. Tem o tronco grosso, direito, e cresce até grande altura. A flor parece-se com a da tamareira; o fructo

nasce em cachos, como os já descriptos, e é do feitio e tamanho das nossas maiores peras pardas. Quando os gentios teem falta de mandioca, os fructos da pindoba substituem-lhes a farinha. Os cachos são tamanhos que um só carrega um homem! Do olho d'esta palmeira tambem se extrahe o palmito, que algumas pessoas acham delicioso em conserva ou esparregado. Com as folhas, depois de abertas á mão e de modo que fiquem voltados os foliolos todos para o mesmo lado e sobrepostos, cobrem-se casas, que são mais confortaveis com essa cobertura do que as de telha. Por extensão se chama tambem pindoba ás folhas da palmeira bussú *(Manicaria saccifera,* Mart.) que servem igualmente para cobrir as habitações, e, em geral, para os mais usos da pindoba verdadeira. Algumas tribus dão a todas as palmeiras o nome generico de pindoba.

XIX

Rosas mogorins
Pag. 21, lin. 11

Penso que é a rosa de Alexandria que tem no Pará e Amazonas o nome de mogorim, mas não affirmo. No hemispherio do sul não ha nenhuma especie do genero rosa. Sómente nos Andes cresce a bejaria ou rosa alpestre da America, que algum (e Hum-

boldt foi um d'esses) chamaram befaria, suppondo ser esta a verdadeira classificação; a mudança do *f* para *j* foi devida a um erro typographico, que escapou a Linneu, filho, quando publicou o genero bejaria. Esta planta do Perú, não se dá senão nos climas frios e humidos similhantes ao do seu paiz.

XX

Jasmins de Cayena
Pag. 21, lin. 12

Ignoro o nome botanico da planta, que no Pará e Amazonas se denomina jasmim de Cayena. Com certeza não é a *Melia azedarack* a que se refere o *Diccionario de Botanica Brazileira*.

A flor do jasmim de Cayena é alaranjada pela parte inferior e vermelho-purpura por cima. Tem o cheiro tão activo que estando eu uma noite ajoelhado ao pé de um oratorio, onde havia duas jarras com essas flores, caí sem sentidos, e morreria envenenado se me não tivessem levado rapidamente para o ar livre!

XXI

Mangueiras
Pag. 21, lin. 13

A mangueira (*Mangifera indica*, Linn.) é, como a sua classificação está dizendo, ori-

ginaria da India. Mas no Brazil podem com rasão dizer que ella

—«melhor tornada no terreno alheio»—

se adorna de galas ainda mais esplendidas do que as que possuia na terra natal. Dá-se perfeitamente no Pará e no Amazonas, não exigindo a sua cultura nenhuns cuidados, desenvolvendo-se a arvore rapidamente até á altura de 12 metros, e adquirindo no pé uma grossura de muitas braças de circumferencia. Á sombra de sua copa magestosa podem abrigar-se cincoenta pessoas juntas! As flores nascem-lhe em cachos pyramidaes, de côr esverdeada e vermelha, mostrando algumas o botão ou rudimento do fructo. Este apresenta quasi o feitio de coração, e compõe-se de uma polpa tenra, mais ou menos fibrosa, segundo a qualidade, adherente a um caroço reniforme, grosso no meio, envolvido em fibras, que se communicam á parte carnosa do fructo. As mangas são muito succosas e agradaveis ao paladar; mas teem ligeiro sabor e cheiro de terebinthina, e por isso os europeus se não costumam a ellas logo á primeira prova. Quanto melhor for a sua qualidade mais fino é o seu pericarpo, mais doce, aromatica, macia e menos fibrosa a massa que envolve o ca-

roço. Nada tão gracioso como vê-las penduradas aos milhares pelos seus compridos pedunculos, saindo de entre a espessa folhagem da mangueira para ostentarem as suas côres vistosas, que variam entre o verde, o oiro e o nácar!

Nas ilhas dos Açores aclimatou-se a arvore, porém não chega a dar fructo. Dizem-me que as ha na Madeira e que ás vezes se vendem em Lisboa; mas não as vi nunca, e por isso não posso dizer se rivalisam com as do Brazil.

XXII

Coqueiros, goiabeiras e cuieiras
Pag. 21, lin. 14

Aqui refiro-me ao coqueiro commum, que por muito conhecido julgo inutil descrever.

O Brazil conta vinte e quatro generos e sento e doze especies de palmeiras conhecidas até hoje. No dia em que as florestas do Pará e do Amazonas, sem duvida as mais ricas e opulentas de todo o mundo, revelarem aos homens da sciencia os seus ultimos segredos, aquelles algarismos crescerão tambem prodigiosamente.

Os curiosos d'esta especie poderão recorrer para conhecê-la melhor á excellente monographia de Martius, que é por emquanto o trabalho mais completo que existe; e ao capitulo XI da *Viagem ao Brazil*, de Agas-

siz, onde se acham algumas observações curiosas sobre o mesmo assumpto.

Goiaba ou goiabeira *(Psidium pommiferum,* Linn.), é arvore assás vulgar hoje na Madeira e nos Açores, onde produz os fructos de que se faz o doce de goiabada ou guaiabada, celebrado por numerosos amadores, entre os quaes tenho a honra de incluir-me.

No Pará cultivam-se tres variedades, uma das quaes differe completamente das outras duas, assimilhando-se mais aos araçás *(Psidium araçá)* do que ás goiabas.

Cuieira é a *Crescentiae cujete,* de Linn., já descripta na nota LIII do *Odio de Raça.*

Para não repetir aqui essa descripção, traduzo a seguinte de dois viajantes modernos:

— «... não longe da margem sentâmonos debaixo de uma enorme cabaceira, que não só pela sua densa folhagem como por ter os ramos cobertos de parasitas nos offerecia magnifica sombra; escuro e avelludado musgo, occultando a epiderme da arvore, contrasta notavelmente com a côr verde-pallido de seus fructos lustrosos, fazendo-os sobresaír com maior relevo. Chamo-lhe simplesmente cabaceira por causa do uso a que se destinam esses fructos; aqui dão-lhe o nome de cuieira *(Crescentiae cujete)* e o de cuia ao vaso que se faz do fructo. E este de

fórma espherica, de um verde brilhante e de um bello polido; o seu tamanho varia entre a maçã e a melancia grande. Contém dentro uma polpa molle e esbranquiçada, que se extrahe facilmente cortando a cuia ao meio; em seguida deixa-se-lhe seccar a casca, e assim se obteem galantes taças e vasos de differentes grandezas. Os indios ornam-as engenhosamente com pinturas, pois sabem o segredo de combinar muitas tintas brilhantes... É misturando n'uma especie de barro os succos colorantes de varias plantas que se preparam essas tintas. N'uma residencia amazonica não se veem nas mesas outros utensilios, alem dos que as indias fabricam com as cuias, embellezadas por mil diversos modos.» — (*Voyage au Brésil.*— M.me et Mr. Louis Agassiz.)

XXIII

Festões de maracujá
Pag. 21, lin. 16

O maracujá (*Passiflora: quadrangularis, cærulea, alata, maliformis, incarnata,* etc., etc.) que os portuguezes chamam martyrio e flor da paixão, é um genero que tem mais de cem especies, quasi todas da America meridional.

Um dos nossos mais elegantes escriptores do seculo XVII descreve-o assim:

— «O outro portento das hervas, graça

dos prados, brinco da natureza, o devação da piedade christãa, he aquella a que chamão os Portuguezes herva da Paixão, os Indios maracujá, os Castelhanos da Nova Hespanha granadilha. Tem nove especies, maracujá guaçú, mirí, satá, eté, mixira, peróba, pirúna, temacúja, una. Duas são as mais principaes de que só fallarei, guaçú, e mirí. Cresce a maneira de herva, em breve tempo trepa altas arvores, grandes tectos, espaciosas latadas, a modo de parreira, cobrindo tudo de huma verdura graciosa, e varia, entreçachada de folhas, flores, frutos em numerosa quantidade. He a folha das mais agradaveis, e frescas do Brasil, e por este respeito sua sombra mui apetecida.

A flor he o mysterio unico das flores. Tem o tamanho de huma grande rosa; e n'este breve campo formou a natureza hum como theatro dos mysterios da Redempção do mundo. Lançou por fundamento cinco folhas mais grossas, no exterior verdes, no interior sobrozadas: sobre estas, postas em cruz outras cinco purpureas, todas de huma, e outra parte. E logo d'este como throno sanguinco, vai armando hum quasi pavilhão feito de huns semelhantes a fios de rosa, com mistura do branco. Outros lhe chamarão corôa, outros molho de açoutes abertos, e tudo vem a ser. No meio d'este pavilhão,

ou corôa, ou mólho, se vê levantada huma columna branca, como de marmore, redonda, quasi feita ao torno, e rematada pera mais graciosa com huma maçã, ou bola, que tira a ovado. Do remate d'esta columna nascem cinco quasi expressas chagas, distintas todas, e penduradas cada qual de seu fio, tão perfeitas, que parece as não poderia pintar n'outra fórma o mais destro pintor: se não que em logar de sangue tem por cima hum como pó sutil, ao qual se applicaes o dedo, fica n'elle pintada a mesma chaga, formada do pó, como com tinta se podéra formar. Sobre a bola ovada do remate, se veem tres cravos perfeitissimos, as pontas na bola, os corpos e cabeças no ar: mais cuidareis que forão alli pregados de industria, se a experiencia vos não mostrára o contrario. A esta flor por isso chamão flor da Paixão, porque mostra aos homens os principaes instrumentos d'ella; quaes são, corôa, columna, açoutes, cravos, chagas. He flor que vive com o Sol, e morre com elle: e mesmo he sepultar-se o Sol, que fazer ella sepulchro d'aquelle seu pavilhão, ou corôa, já então côr de luto, e sepultar n'elle isentos os instrumentos da Paixão sobreditos, que nascido o Sol torna a ostentar no mundo. Na formosura, e no cheiro traz esta flor contendas com a rosa; porque no artificio,

manifesto he que a excede. Persevera quasi todo o anno, com successão de humas a outras.

Os frutos d'estas duas especies (deixo os das outras sete menores) são como grandes peros da Europa, e ainda dobrados; huns redondos, outros ovados: a côr he graciosa, mete de verde, amarella, e branca: a casca grossa, porém não dura. Está esta chea de huma polpa branca, succosa, entreçachada de sementes pretas, de cheiro e gosto suave. He refrigerio dos febricitantes, desafoga e refrigera o coração. Muitos a derão em logar de xarope cordial, com grande effeito. Reprime os ardores, excita o appetite do cibo, e não faz damno ao enfermo, posto que coma grande quantidade, antes recrea, e apaga a sede. Semelhante effeito tem as flôres, e cascas do pomo, postas em conserva. Tem outra virtude insigne esta planta, posto que a muitos incognita; porque he de igual, ou maior efficacia, que a salsaparrilha, pera desobstruir por via de suores, ou ourinas; porque dada a beber esta herva algum tanto pizada em vinho, ou em agoa, sem aballo algum, e em mui breve tempo, expelle as immundicias do ventre, e corrobora as entranhas. E as mesmas folhas pizadas, lançadas em agoa fervente, até que fique tepida, são remedio ef-

ficassissimo pera o mal das almorreimas, lavando-se com ella.» — (*Chronica da Companhia de Jesus, do Estado do Brazil.*— Padre Simão de Vasconcellos.)

Completarei esta nota com mais algumas linhas de um viajante moderno, que dizem respeito aos maracujás do Amazonas:

— «... Abundam, principalmente, as passifloras. Ha uma especie, que faz lembrar o jasmim do Cabo pelo seu perfume delicioso; ella esconde-se na sombra, mas o cheiro denuncia-a; e afastando-se os ramos tem-se certeza de a encontrar com as suas grandes flores brancas e côr de purpura, as suas folhas grossas e o seu escuro sarmento, serpenteando n'um tronco proximo. Outra, parece antes pedir do que evitar que a vejam; esta é de um vermelho magnifico, e as suas estrellas carmezins furam por assim dizer a densa folhagem da floresta.» — (*Voyage au Brésil.*—M.me Agassiz.)

XXIV

Vastas campinas
Pag. 22, lin. 7

As campinas, a que se refere o joven portuguez, não pódem comparar-se na extensão aos Llanos de Caracas nem aos Pampas de Buenos-Ayres; todavia são sufficientemente grandes para inspirarem admiração,

principalmente quando se tem trazido a vista muito tempo limitada por muralhas altissimas de verdura eterna.

Em todas as zonas se encontram, mais ou menos, esses grandes espaços sem arvores; a natureza não quiz estabelecer excepções, nem mesmo no paiz das immensas florestas. Nas immediações de Macapá, de Monte-Alegre, de Alenquer, no Xingú, e em muitos outros logares, das duas grandes provincias do Pará e Amazonas não é raro que essas campinas tenham muitas leguas de comprimento. É quasi sempre das bordas dos lagos que ellas principiam, dirigindo-se para o interior da terra firme. Algumas são povoadas de gado vaccum e cavallar, que todas as noites se recolhe ás fazendas dos proprietarios, em grandes curraes, que não passam de simples estacadas sem cobertura. Nenhum pastor acompanha esses rebanhos, que se contam ás vezes por milhares de cabeças. Todas as manhãs munge-se o leite das vaccas, necessario para os habitantes de cada fazenda, e depois abre-se a porta do curral ou estacada. É quasi sempre um boi velho que se encarrega de representar o papel de Nestor, levando atraz de si todo o rebanho, e indo até 2 e 3 leguas procurar as melhores pastagens. N'estas perigrinações em busca do sustento acontece com

requencia desgarrarem-se alguns touros, bezerros ou vaccas, mais dados a passeios de phantasia, e irem reunir-se a outros collegas desertores, habitantes das florestas; succede tambem aggregarem-se ao rebanho domestico alguns individuos estranhos, antigos companheiros ou nascidos e creados na liberdade da selva e da campina, ou ainda fugitivos de manadas pertencentes a outros proprietarios. Ao entardecer, qualquer que seja a distancia a que se achem, os rebanhos voltam sempre sós, sem auxilio de homem, ao logar em que dormem. A porta da estacada fecha-se depois d'ellas terem entrado, e começa a contagem, feita pelos escravos do fazendeiro; umas vezes faltam, outras sobejam; na segunda hypothese, como todos os animaes são marcados, procura-se se ha algum com marca alheia, ou sem nenhum signal de captiveiro; n'este caso, applica-se-lhe immediatamente o ferro em brasa e não se deixa sair dois ou tres dias, para que se costume ao curral; no outro: se o proprietario é de consciencia, manda restituir as reses a seu dono; se gosta de comer á custa do proximo, manda-as matar; mas, n'este caso, é preciso fazer desapparecer a marca do couro. Já tem havido processos desastrosos, por denuncias dos proprios escravos do roubador! As cupas visitam de vez

em quando os curraes durante a noite, e regalam-se com tenras vitellinhas, não tendo sido presentidas pelo gado a tempo de se elle acautelar. Se este as sente na occasião da escalada, dois mil pés e quatro mil chifres esborracham e estripam os invasores, qualquer que seja o seu numero e bravura. Por isso a onça, por mais feroz e faminta que esteja, reconhece a necessidade de ser prudente como um Ulysses felino, e prefere andar á caça dos desgarrados.

Os fazendeiros organisam caçadas ao gado bravo, que não são destituidas de interesse dramatico. Em 1843 um proprietario das margens do lago Surubiú, de appellido Aragão, convidou-me para um d'esses perigosos divertimentos, que eu, na minha qualidade de aprendiz de selvagem, não quiz rejeitar.

Saímos da fazenda, ao romper do dia, em cavallos, apanhados a laço entre a manada, que, provavelmente, nunca tinham sido montados. Era mais um acrescimo de prazer. Para eu conseguir içar-me, sem levar couce, na especie de meia sella hespanhola, com que me obsequiava Aragão, foi necessario que quatro escravos se pendurassem ás mãos e ás pernas do animal que me levava! Mas como eu tinha dezeseis annos, e estava costumado desde muito a lidar com brutos de todas as qualidades, forçoso foi áquelle pôr-

se ás boas commigo, depois de convencido, que, se teimasse, corria risco de ficar sem barriga e sem queixada.

Eramos seis pessoas; íamos armados com espingardas de pederneira, e levavamos terçados curtos, sem bainhas, presos em cintos de couro.

Á medida que nos afastavamos da fazenda, a vegetação que tapetava o solo mudava gradualmente de côr. Nas margens do lago os verdes pareciam sorrir-se, cheios de vida e resplandecentes com as gotas do orvalho matutino; uma legua distante, o sol, que vinha rompendo, alumiava uma planicie pardacenta, que se desenrolava a perder de vista na nossa frente e cuja largura variava entre um a dois kilometros. Comtudo, a vida organica não desapparecêra. A terra que pisavam os nossos cavallos estava litteralmente coberta de plantas, entre as quaes predominavam as espinhosas, quasi todas de verde cinzento. Aqui e ali erguiam-se algumas euphorbias floridas; mais adiante, um cacto agigantado, com os ramos em fórma de braços abertos e tres ou quatro grandes flores vermelhas, como se fôram cravos ensanguentados n'uma cruz de espinhos, parecia a sentinella da natureza, vigiando o deserto. Á direita e á esquerda ostentava a floresta os seus verdes esplendidos, não ou-

sando avançar para a campina, receiosa talvez de repartir com ella a sua opulencia. A planicie, assim limitada lateralmente, assimilhava-se ao leito de um grandioso rio, que por algum cataclysmo da terra se tivesse seccado.

Todos os annos, no verão, um mar de fogo, lançado pelos fazendeiros para fazer rebentar de novo a herva calcinada pelo sol, percorre estas pastagens, rugindo com maior furia do que os oceanos de agua em dias de tempestade. E quem sabe se não foi tambem um mar de chammas quem crestou nas primeiras idades geologicas a superficie dos desertos desarborisados?...

De momento a momento atravessavam diante de nós veados de diversas especies; muitos paravam, com grave escandalo dos naturalistas, que os fazem excessivamente timidos, e pareciam perguntar-nos, com o espanto nos olhos, porque motivo e com que direito entravamos nos seus dominios, sem termos sido convidados por elles, e sem ao menos os avisarmos, por deferencia!

Teriamos andado cinco ou seis leguas quando deparámos com uma especie de ilha de verdura, posta como de proposito pela natureza, ao meio da campina, a fim de nos servir de abrigo contra os raios ardentissimos do sol do meio dia. Não tinhamos ainda achado o

menor vestigio de gado bravo; á vista dos veados o meu enthusiasmo de caçador fizera-me por mais de uma vez engatilhar a espingarda, que Aragão me obrigava logo a desarmar.

— Um tiro afugentaria todo o gado que estivesse perto! — me dizia elle sempre. — Tenha paciencia; se não encontrarmos o que procurâmos, á vinda atiraremos aos veados.

Assim tinhamos ido até ali; e quasi já sem esperanças de bom resultado nos dirigiamos para a especie de oasis, que viamos na frente, resolvidos a comer o lunch que levávamos, quando um escravo de Aragão fez parar de repente o cavallo, e murmurou, estendendo a mão com gesto imperativo para o nosso lado:

— Parem!

O senhor foi o primeiro que lhe obedeceu, perguntando em voz baixa:

— São elles?

— Rasto fresco.

Olhando para onde nos apontava o escravo, vimos sobre as hervas signaes incontestaveis da recente passagem de gado vaccum. Todos nos apeiámos immediatamente e preparámos as armas, depois de termos amarrado os cavallos ás arvores mais proximas.

Penetrámos sob o arvoredo, seguindo as piugadas numerosas que cobriam o chão, e

fazendo o menor ruido possivel para não sermos sentidos. O bosque era composto, pela maior parte, de arvores colossaes, predominando as da especie niá ou castanheiro *(Bertholletia excelsa,* Humboldt e Bompland), que chegam a ter de 35 a 40 metros de altura! A passagem successiva dos animaes tinha desobstruido completamente de plantas miudas o caminho que seguiamos, tornando-o estrada batida; porém, de cada lado ficára uma sebe inextricavel de arbustos espinhosos, que seria difficil, senão impossivel romper, mesmo a terçado. Ao centro da ilha havia uma pequena clareira e o caminho bifurcava-se. Não sei por que movimento de Aragão eu me achei de repente adiante d'élle, na embocadura de uma das estradas; querendo retomar a posição, que me tinha sido destinada, voltei-me e vi-o fazendo pontaria para outro lado. Ao mesmo tempo diz-me um dos escravos, em voz baixa e rapida:

—Abaixa, siô moço!

Partiram dois tiros, que fizeram estremecer terrivelmente os echos do deserto. Uma das balas rasgou-me levemente os cabellos e o seu sibilo entorpeceu-me por alguns instantes do ouvido direito. Se eu tivesse voltado o rosto, á voz do preto, caíria infallivelmente morto.

— Preparem-se! — gritou Aragão.

— Deixa caminho livre! — exclamou um escravo.

— Atirem! Atirem, com os diabos, que morremos todos!

Duzentos ou trezentos animaes da especie bovina, aterrados ou enfurecidos com as detonações, que tão inesperadamente quebravam o silencio d'aquellas solidões profundas, ergueram-se de todos os lados á roda de nós, como se tivessem saído do seio da terra, e arremessaram-se através da floresta com a impetuosidade do mar enfurecido, quando galga os rochedos! Aos mugidos dos que receberam as balas, e que tambem partiram em carreira furiosa, responderam centenares de rugidos de terror ou de colera e sentimos tremer o céu e a terra, abalados pelas vozes e pelos pés dos brutos embravecidos. Vendo-os crazar em todas as direcções, passando com a velocidade do raio, fazendo pedaços as arvores, esmagando as plantas, levantando turbilhões de pó, e dando bramidos como devem ser os dos demonios, pensei em Deus e em todos os que amava, apertando silenciosamente a coronha da espingarda.

Foi n'esse momento que o nosso chefe gritára:

— Atirem! Atirem, com os diabos, que morremos todos!

Dez ou doze touros investiam direitos a nós.

Os tres escravos, que tinham as armas carregadas, dispararam; mas só duas balas partiram, porque uma das espingardas negou fogo.

Todos os touros, feridos ou não, mudaram immediatamente de rumo, excepto um que continuou a correr contra mim.

Aragão tirou o sabre, resolvido talvez a gritar-me, como o generoso Enéas aos troianos sem esperança:

... moriamur, et in media arma ruamus.
Una salus victis, nullam sperare salutem[1].

Apesar de profundamente commovido, consegui apontar com segurança e só disparei quando a cabeça do touro tocava quasi a bôca da minha espingarda. A fera caíu sem movimento aos pés de Aragão, derrubando comsigo dois escravos. Eu caí tam-

[1] *... morramos, arrojando-nos sobre as espadas inimigas. O desespero é o unico recurso dos vencidos.*

A traducção não é boa; mas peior seria se eu a fizesse em verso. Muitos poetas, havidos por mestres, se teem saído pouco satisfactoriamente com a versão d'esta passagem de Virgilio; e

Onde estão gallos de fama
Que veem pintos cá fazer?

bem contra a sebe espinhosa, que emolldurava o caminho, mas levantei-me logo. Tudo isto foi instantaneo e passou como uma visão. Erguendo-me, vi o meu hospedeiro arrancando do peito do touro o terçado fumegante de sangue, com que o tinha sangrado, talvez por cautela, e os tres escravos de pé, ajudando a levantar os dois que estavam caídos; ao longe, o estrepito da corrida do gado, ía-se amortecendo gradualmente.

Reparei então nos rostos dos meus companheiros. O branco ficára pallido; os pretos tornaram-se azulados; e é provavel que eu me tivesse feito verde; mas não tinha ali espelho, nem quiz perguntar nada aos outros, com receio de que elles dessem á pergunta diverso sentido do que eu queria.

Decorridos dois ou tres minutos a solidão readquiríra o seu silencio augusto, ouvindo-se apenas o ruido das folhas que a viração agitava.

— Estimei tê-lo convidado para este passeio — me disse Aragão; — mas peço-lhe desculpa de o haver exposto... — E voltando-se para o preto que tinha atirado por cima da minha cabeça, continuou:

— Tu precisavas que eu te tirasse a pelle! Não viste que ías matando o branco?

— Pede peredão a pae sinhô; touro baixava cabeça para corrê contra siô moço e

se não atira, matava elle, que branco não via bicho.

— É verdade; salvou-me a vida.

— O senhor viu?

— Vi.

O pobre escravo recompensou-me com um olhar de gratidão a innocente mentira com que eu o livrava, provavelmente, do azorrague.

— Por hoje basta — disse o senhor.— Esfolem depressa este para irmos depois procurar os outros que ferimos. Elles não devem ter ido longe.

O touro era preto, corpulento e gordo; mas, contra a espectativa de Aragão, tinha marca e não era a d'elle.

— Os diabos o levem! Cortem-lhe este pedaço de couro e enterrem-n'o bem.

Esfolou-se e esquartejou-se o animal; d'ahi a pequena distancia encontrámos os dois primeiros feridos, que tambem se esquartejaram; mas por mais que procurassemos, não achámos os que deviam ter caído igualmente, se os ultimos tiros houvessem sido empregados.

Antes de partirmos, deixou-se a carne pendurada nas arvores, em logar onde não lhe chegassem as onças; e n'essa mesma noite voltaram os escravos, com outros cavallos, em que a levaram para a fazenda.

Regressámos pelo lado opposto áquelle por onde tinhamos ido. O aspecto da paisagem era sempre o mesmo, chato e uniforme como a superficie do mar bonançoso. Nem uma collina, um rochedo, um regato para cortar a monotonia! Dos dois lados, as barreiras enormes da floresta; ao meio, a planicie côr de cinza, fria, melancolica, perdendo-se no horisonte e enchendo a alma de vagas tristezas, como as que inspira a vista do oceano.

De inverno o lago trasborda sobre grande extensão da planicie; estavamos porém no fim do verão, o anno tinha sido pouco chuvoso, e as plantas estalavam debaixo dos pés dos cavallos, torradas pelo calor. Uma peste recente, que devorára milhares de animaes, cobrira de ossadas brancas muitos logares da campina. Se uma trombeta invisivel soasse de repente n'aquelle Josaphat de irracionaes, que tremendas coleras, em figuras de touros e cavallos, se levantariam ali diante de nós, exigindo dos verdugos de seus irmãos, em nome da justiça ultrajada, os doze quartos de carne que elles deixavam pendurados nas arvores do deserto?!

— Pae sinhô, cia fogo!

— É a queimada que principia. A galope!

Era com effeito o incendio, que se tinha

posto ás pastagens durante a nossa ausencia, por ser a estação propria das queimadas. O fogo, começando em diversos pontos das margens do lago, depois de ter consumido por lá tudo que achou em estado de lhe servir de alimento, precipitára-se na planicie, e tomando-a de um lado ao outro, avançava para o interior, rugindo como vaga furiosa.

Lançámos os cavallos á desfilada. O meu hospedeiro tomou a frente; eu tentava seguilo a par, sem perceber o motivo por que íamos direitos ao fogo; atraz de nós seguiam os quatro escravos creoulos, cujos cavallos, furiosos por não os deixarem correr ao lado dos nossos, pareciam furacões redemoinhando em todos os sentidos.

Assim passámos através do rio de chammas, simplesmente para não torcermos caminho, indo pela floresta! Quando, já proximos do incendio, soube com que intento voavamos para elle, quiz sopear o meu cavallo, persuadido de que Aragão estava louco. Mas tentei-o debalde! O fogoso bruto, excitado pela velocidade da carreira, e vendo o outro precipitar-se no fogo, seguiu-o, erriçando as clinas, e soltando um nitrido, que o calor e o fumo lhe cortaram instantaneamente.

— Que tal?! — me perguntou sorrindo e parando á porta de casa o fazendeiro.

— É bom!... para doudos.

— Não atravessando a queimada, teriamos de dar uma volta muito grande, e eu estou com fome.

— Tambem eu... apesar de me sentir ainda meio asphyxiado. Nunca mais cáio n'outra!

— A passagem é rapida e os cavallos estão costumados.

— Sim; mas... eu ainda não sou cavallo.

— Vamos lá, que o dia não foi mausinho!

— Principalmente para mim! Doze leguas de jornada, uma bala beijando-me a cabeça, um touro enfurecido a distancia de uma espingarda costumada a negar fogo, e por fim galopar entre labaredas.

— É como se vive por aqui!

Não lhe respondi, mas completei assim mentalmente o apophthegma:

— E como se morre!

XXV

Flor do mururé
Pag. 22, lin. 16

O mururé, que ainda não vi descripto scientificamente, é uma nymphaecea, do genero *Victoria,* mas muito mais pequena. Penso que se encontra em todos os lagos do

Brazil; no Amazonas conhecem-se differentes especies, sendo a de folhas menores chamada pelos indigenas mururé miri; e a de folhas maiores mururé assú. Miri, quer dizer pequeno; assú, guaçú, açú, significa grande.

A *Victoria regia,* de Lindl., cultivada hoje com mais especialidade nos aquarios da Belgica e da Allemanha, é tambem chamada pelos indios mururé açú e iapúna caá (iapúna, forno; caá, folha); pela similhança das folhas com os fornos em que as indias fazem a farinha de mandioca. Mas que differença entre as modestas plantas que vegetam nos tanques, expressamente feitos para ellas nos jardins da Europa, e as que se criam nos lagos da America do sul! Aqui, attingem na sua maior grandeza o diametro de 50 a 70 centimetros; lá, formam circulos perfeitos de mais de 2 metros de diametro! No Surabiú vi-as cobrindo por espaço de alguns kilometros a superficie do lago, com as suas enormes folhas articulares, arrodeladas, espinhosas, arroxadas pela parte inferior, levemente rosadas nas bordas e verdes por cima. Da haste curta e vertical, d'onde brotam as folhas, nasce tambem a bellissima flor, que do branco avelludado vae passando por todas as cambiantes da rosa até á côr mais escura da

purpura, tomando ao centro o tom amarellado leitoso.

Agassiz, que a encontrou no lago Maximo, ao pé de Villa-Bella, diz — «que por mais maravilhosa que ella pareça, quando se admira nos lagos artificiaes, onde faz mais effeito por causa do seu isolamento, nos logares que lhe são proprios tem outro encanto maior: o da harmonia com tudo o que a rodeia, com a massa compacta da floresta, com as palmeiras e as parasitas, as aves de resplandecente plumagem e os insectos de côres scintillantes e maravilhosas; com os peixes mesmo, que occultos nas aguas, por baixo d'ella, não teem matizes menos ricos e variados do que os do mundo vivente do ar» —.

— «Havia no lago — continua o referido viajante — outra planta do mesmo genero em pleno desenvolvimento. Era quasi anã a por da *Victoria*, mas pareceria gigante entre as nossas lyrios de agua. A folha media mais de 1 pé de diametro (33 centimetros), e era levemente fosteada nas bordas; não tinha flores abertas, porém os botões assimilhavam-se aos do nosso nenuphar branco e não eram maiores; o pecíolo e as nervuras, ao contrario das da *Victoria*, eram assás lisas e sem espinhos». — (*Voyage au Brésil.*).

É este o verdadeiro mururé, que o moço portuguez offerece a Mathilde. Ha diversas especies, como já se disse, differençando-se umas das outras apenas pela côr das flores: brancas, amarellas, rosadas ou purpureas.

Diz-se que os lagos de Alemquer e os das proximidades de Santarem são os mais ricos e abundantes d'estas plantas. O citado viajante diz, mais adiante:

— «Depois de ter navegado algum tempo n'esses almargeaes (defronte de Santarem), penetrámos nas lagoas, onde a *Victoria regia* se ostentava em todo o seu esplendor. Os specimens que ali vimos eram muito mais bellos do que os do lago Maximo. Uma folha, que medimos, tinha 1 metro e 70 de diametro (5 pés e meio), outra 1 metro e 60 e a borda chegava a 3 pollegadas e meia de altura. Muitas folhas partiam do mesmo tronco e o seu conjuncto era de um effeito admiravel, pelo contraste que faziam as meias tintas das bordas rosadas com o verde vivissimo da superficie interior.» —

Lembro-me perfeitamente de ter uma vez por curiosidade medido uma folha do mururé gigante do Surubiú, que tinha mais de 11 palmos (2 metros e 42).

Folhas e flores vivem indolentemente balouçadas pelas aguas d'aquelle formoso lago, occupando uma grande extensão da sua su-

perficie; e não é raro ver o jacaré boiar entre ellas e esperar o peixe que anda á babugem com uma d'essas esplendidas umbellas enfiada no pescoço, grave, tranquillo, vaidoso talvez com o magnifico enfeite!

XXVI

O jacaré nos lagos, a onça nos bosques e o jaguar nas campinas podem cortar largo e estragar á vontade...
Pag. 23, lin. 10

O coronel, aconselhando o portuguez para que se acautele com os bichos do seu paiz, falla com certo desvanecimento da grandeza e ferocidade d'elles. Desculpem-n'o os que sabem amar a terra em que nasceram. Antes esse patriotismo exagerado do que o cynico desapego e fria indifferença de tantos, que eu conheço por cá e por lá!...

O jacaré, quando ferido, é como a maioria dos animaes ferozes, e até como alguns homens; sobretudo, se a ferida não for logo mortal. Nos logares baixos é sempre mais perigoso, principalmente se tem ovos n'alguma praia vizinha. Nos sitios profundos é menos de temer, porque o elemento liquido não lhe offerece a resistencia sufficiente para manobrar. No Brazil ha differentes especies de jacarés. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

A onça (*Felis onça*) e o jaguar (*Felis major*), que se chamam em tupi jaguára, ja-

guáreté, jaguáreté pixuna, jaguára pinima, jaguára sororóca, jaguára susuarana, segundo as suas côres e tamanhos, são onças o tigres do Brazil. A natureza foi assás prodiga com o luxo de animaes que semeiou nas florestas d'aquelle paiz! Pareceu-lhe que fariam falta á opulencia da vegetação, e, não contente com o numero das especies, enriqueceu estas com muitas variedades. Nos logares onde se passa a acção do *Cedro Vermelho,* não havia menos de cinco qualidades de onças! Isto justifica até certo ponto a vangloria do coronel Duarte. Eram: a suçuarana ou suasuarana *(Felis concolor),* que tem o pello vermelho; a pacova sororóca *(Felis pardalis),* mesclada de branco e pardo; a maracajá *(Felis tigrina),* mosqueada de preto, branco e pardo; a tapirahiauára *(Felis onça),* cinzenta; o jaguareté pixuna *(Felis nigra),* azevichada.

D'esta ultima, que é um bello tigre, diz Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado Descriptivo do Brazil:*

— «Tem para si os Portuguezes que jaguareté é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis mezes; falo dos machos, porque as femeas são maiores. A maior parte d'estas alimarias são ruivas, cheias de pintas preta; se algumas fazendas são todas pretas; e todos

tem o cabello nedio, e o rosto a modo de cão, e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabello n'elle como nas ancas. Tem presas nos dentes como libréo, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia legua; tem os braços e pernas muito grossos; parem as femeas uma e duas creanças; se lhes matam algum filho andam tão bravas que dão nas roças dos indios, onde matam todos quantos podem alcançar; comem a caça que matam, para o que são mui ligeiras, e tanto que lhes não escapa nenhuma alimaria grande por pés; e saltam por cima a-pique altura de 10, 12 palmos; e trepam pelas arvores após os indios, quando o tronco é grosso; salteam o gentio de noite pelos caminhos, onde os matam e comem; e quando andam esfaimadas entram-lhe nas casas das roças, se lhes não sentem fogo, ao que tem grande medo. E na vizinhança das povoações dos Portuguezes fazem muito damno nas vaccas, e como se começam a encarniçar n'ellas destroem um curral; e tem tanta força que com uma unhada que dão em uma vacca lhe derrubam a anca no chão.

«Armam os indios a estas alimaria sem mondéos, que é uma tapagem de páo a-pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma arvore alta e

grande levantada do chão, onde lhe poem um cachorro ou outra alimaria presa; e indo para a tomar cahe esta arvore que está deitada sobre esta alimaria, onde dá grandes bramidos; ao que os indios acodem e a matam ás flexadas; e comem-lhe a carne, que é muito dura, e não tem nenhum sebo.»— (Veja tambem notas do *Odio de Raça.*)

XXVII

Peixes de mil qualidades
Pag. 24, lin. 4

Para se julgar se o coronel exagerava, leiam-se os seguintes periodos, que traduzo de uma carta, escripta do Pará em 23 de fevereiro de 1866, pelo professor Agassiz, a Sua Magestade o Imperador:

— «Não insistirei sobre a prodigiosa variedade de especies de peixes d'este valle[1], apesar de me ser ainda difficil familiarisar-me com a idéa de que o Amazonas alimenta quasi duas vezes mais especies que o Mediterraneo, e numero ainda mais consideravel do que o Oceano Atlantico de um a outro polo.

. . . . . .

«Calcúlo, comtudo, que o numero total das especies que actualmente possuo, excede a

[1] O do Amazonas.

mil e oitocentas, e chegará talvez a duas mil.» — *(Voyage au Brésil.)*

XXVIII

Ha muito onde armar uma rede
Pag. 27, lin. 5

Ha trinta annos o uso dos colchões era ainda mais desconhecido no Amazonas do que entre os kalmukos, onde Alexandre Dumas conseguiu obter um, auxiliado por dois generaes russos e por todas as auctoridades de Astrakan. O calor e os costumes tinham estabelecido que nacionaes e estrangeiros dormissem em redes; mas se alguem preferia deitar-se no chão, ninguem se oppunha.

Consta-me que agora vae tudo mudando. A temperatura do clima é sempre a mesma; porém, como está succedendo por toda a parte, os usos pittorescos do paiz desapparecem diante da prosa das commodidades materiaes. Os leitos luxuosos, os colchões de molas, de sumaúma, de pennas, de lã e de clina espalham-se pelas mais sertanejas provincias do Brazil com uma profusão que atterra os proprios indios, com a idéa de se verem dentro em pouco tempo condemnados a dormirem em camas á franceza. As redes proscriptas refugiam-se ... em Portugal. Eu, só á minha parte, possuo tres! e espero não ficar aqui.

Nada mais commodo e mais simples para dormir do que uma boa rede! A maior parte da gente nem sequer usa de almofada, lençol, nem coberta. Deita-se meio atravessada; dobra uma das bordas sobre si, e adormece com o deleite que deve experimentar a borboleta quando voa.

Bastava para torna-la superior ás camas, a circumstancia de se poder levar ás costas para toda a parte; de não dar outro trabalho senão atar-se de um para outro esteio, em casa; de uma para outra arvore, na floresta; e de um para outro mastro, na canôa! Não ha que mexer ou bater colchão, que fazer cama todos os dias, nem mesmo se precisa varrer a casa! Pendura-se a gente a 1 metro distante do chão, e as pulgas que se regalem, apanhando dores no cachaço, a olhar para cima!...

E não se julgue que não póde haver tambem luxo e ostentação nas redes. Se as mais inferiores, de maqueira e de algodão ordinario, custam de 2$000 ou 3$000 até 10$000 ou 12$000 réis, em moeda brazileira, as de algodão fino, de maqueira ou mirity, e de tocum, enfeitadas com varandas de rendas, podem custar de 12$000 até 50$000 réis; e tecidas com pennas finas, d'essa quantia até para cima de 200$000 réis.

Os ricos fazem-se embalar pelas suas es-

cravas mais formosas; os pobres, que não podem conceder-se tão espantoso sybaritismo, deitam uma perna de fóra e, apoiando o pé no chão ou na parede proxima, imprimem o movimento á rede até que os aperte o somno; os artistas, como eu era, para não desaccommodarem pé nem perna, atam previamente uma corda a qualquer esteio ou arvore fronteira, deitam-se e puxando por ella balouçam-se até adormecer. Recommendo este ultimo processo a quem não tiver meios para usar do primeiro, que é o mais delicado.

No tempo em que não havia carruagens no Pará (ainda em 1846), era do seguinte modo que as senhoras íam fazer as suas visitas:

Atava-se a rede n'um pau, pintado de floreados caprichosos, que dois pretos levavam ás costas; sentava-se dentro d'ella a senhora e cobria-se com uma elegante colcha, que, estendida por cima do pau, caía para os lados, occultando quem ía dentro. Este originalissimo vehiculo tinha seus inconvenientes; os conductores tropeçavam ás vezes, por acaso ou por effeito da carga de cachaça que levavam, alem das sinhásinhas; do tropeçar ao caír, nem sequer dista um passo... carregadores e carregadas, embrulhavam-se e rolavam uns por cima dos outros; amar-

rotavam-se as sedas, as carnes mimosas das damas, e, mais tarde, em casa, as costas dos pretos com bons açoites.

Para prevenir, quanto possivel, estes accidentes, adoptára-se o uso de ir andando ao lado da rede uma escrava das senhoras, elegantemente vestida, mas descalça, levando em uma das mãos o lenço, de finissima cambraia, e segurando com a outra a borda da rede.

Havia tambem ostentação n'estes usos, porque algumas senhoras, mais meticulosas da sua aristocracia, levavam duas, tres e quatro escravas por cortejo.

A rede tinha ainda um outro destino, porém mais triste: era o caixão, o esquife e a mortalha dos infelizes. Quem via passar dois homens, levando-a pendurada n'um pau sem ornatos, e amarrada pelos dois punhos em fórma de sacco, se era christão, rezava um Padre Nosso por alma do pobre escravo fallecido; se era philosopho, sorria-se; e se não era christão nem philosopho, encolhia os hombros, como quem passa diante de um enigma indecifravel.

XXIX

Obrigaram-me a trazer dusentos pretos
Pag. 29, lin. 21

Aos que acharem absurdo o meio por que o joven guarda marinha foi ter ao Brazil, peço que leiam as paginas 46 e 47 do tomo III das *Scènes de la Vie Maritime,* por A. Jal. Ahi se refere como o governo francez contratou com os donos de um navio do Havre a passagem de M. d'Hautefort, nomeado vice-consul para Bolivia. Logo que o navio se fez ao largo, dirigiu-se para a costa de Africa, zombando o negreiro que o commandava dos protestos do agente consular! Este infeliz, obrigado a desembarcar no local onde se recebiam os pretos, ahi adoeceu gravemente, ignorando-se se morreu d'essa doença, ou se foi acabar na Serra Leôa, entre os negreiros apresados! Esta aventura, diz o sr. Jal, seria muito comica se não fosse duplamente atroz.

Tudo era possivel com os negreiros! Felizmente, a escravidão terminou de direito no Brazil; e esses factos odiosos, que durante seculos envergonharam a humanidade, nunca jamais se verão n'aquelle paiz destinado a um glorioso futuro. Honra ao grande principe, que não receiou tornar-se impopular, affrontando pela primeira e unica vez da sua vida a maioria da opinião publica, e

luctando durante annos sósinho, contra paixões ateadas por interesses immensos, para abolir a escravidão na sua patria! Os escravos que elle fez homens, por sua vez o tornaram immortal no espaço e no tempo; e as almas, que lhes deu com a liberdade, pesarão a seu favor na balança da justiça divina.

XXX

Villa de Alemquer ou do Surubiú... desconhecida no mappa
Pag. 30, lin. 4

Creio que se entenderá como gracejo o dito de ser Alemquer desconhecida no mappa; mas se alguem julgar o contrario, que lhe faça muito bom proveito.

Já n'aquelle tempo tinha a villa de Alemquer mais de mil e duzentos vizinhos e perto de quinhentos escravos.

Baena descreve-a assim no *Ensaio Chorographico sobre o Pará:*

— «*Alemquer*. Villa fundada em 1758 e situada sobre terra plana na margem oriental do lago Surubiú mui similhante ao de Gurupatúba: o Amazonas lhe mette um braço, e por outro recolhe as aguas, que descem das serras á planicie. N'este lago ha bastantes ilhas e muito peixe: a sua entrada geral defronta com o sitio de Paricátiba, na margem direita do Amazonas, 8 leguas distante de Santarem.

«O lago Surubiú communica-se com o rio Curuámanema, que despeja no Amazonas 2 leguas abaixo da villa de Obidos, e com outro rio, que tambem diffunde as suas aguas no Amazonas, quasi defronte da foz do Tapajós [1]. Estas communicações são por canaes, que a natureza abriu. Quando este lago está de vasio apresenta uma amplidão coberta de herva rasteira, que parece uma alcatifa verde e bella.

«A população consta de mil duzentos e oito vizinhos de ambos os sexos, e de quatrocentos e quarenta escravos.

[1] Aqui parece-me haver erro grave. O Tapajós desagôa no Amazonas ao pé de Santarem; e o furo ou rio de Alemquer fica na margem direita, subindo, algumas leguas acima d'aquelle ponto.

Para que um canal viesse do lago Surubiú desaguar quasi defronte da foz do Tapajós, teria de atravessar o rio de Alemquer! Para se dar o que diz Baena era necessario que o lago ficasse na parte occidental de Alemquer, isto é, na ilha formada pelo Amazonas e pelo braço d'este, que passa defronte da villa e recebe ali as aguas do lago em cuja margem ella está edificada. Julgo, mas não affirmo, que o auctor do *Ensaio Chorographico* se quiz referir a um canal que communica com o proprio rio de Alemquer, logo abaixo da sua entrada superior. O certo é que este existe, e não percebo como possa tambem existir aquelle. Infelizmente não é este o unico erro hydrographico a notar n'aquella obra, aliás estimada!

«Foi antigamente aldeia de Surubiú: e então missionada pelos capuchos da Provincia da Piedade.

«A igreja é dedicada a Santo Antonio e telhada: todas as casas dos moradores, a cadeia e a casa da camara, são cobertas de folhagem, dispostas com regularidade, e asseadas, em tres ruas.»—

No tempo em que Baena escrevia ainda as casas eram todas cobertas de palha, bem como os edificios publicos. Tres ou quatro annos depois estabeleceu-se um forno de telha na entrada superior do rio de Alemquer e começaram a cobrir-se com ella as principaes habitações. Hoje creio que já as de folhagem serão muito menos numerosas do que aquellas.

Conservo d'essa encantadora villasinha gratas e acerbas recordações. Vivi n'ella dois annos e lá me ficaram amigos excellentes, dos quaes ainda vivem alguns. Foi ali que passei muitas das mais amargas horas da minha atribulada existencia de creança. N'aquelle tempo eram demoradas e raras as communicações com a cidade do Pará; dois portuguezes, de quem eu era caixeiro, aproveitavam-se d'essa circumstancia para me condemnarem a trabalhos brutaes e muito superiores ás minhas forças. Todavia, não me faltaram consolações; e confesso, com

saudade e reconhecimento, que as mais suaves me vieram de corações brazileiros. O coronel Duarte, commandante militar da villa, que figura na minha peça, não foi inventado. Existiu o excellente homem; e posso asseverar que era muito melhor no original do que me saíu na copia. Mas não se julgue, á vista d'esta confissão, que eu me quiz tambem retratar no papel do guarda marinha portuguez. Nem se tratava de mim, nem o bom velho tinha nenhuma sobrinha para me offerecer. E a prova é que vim sem ella!... Não nego que Duarte possuia em alto grau a bossa casamenteira, e me metteu á cara a filha de um certo Ferrugem, com quem eu tinha tido relações no Xingú; porém, ou porque me faltasse o estimulante de um rival gentio ou porque a joven creou-la não quizesse tomar a iniciativa de pedir a minha mão, o certo é que me deixaram vir embora. Mas que saudades, da terra e da gente! Meus passeios melancolicos ao lago Curumú, através da floresta; minhas poeticas divagações, ao caír da tarde, pelas margens do Surubiú, cobertas em partes de assucenas bravas e de baunilha; minhas noites de esplendido luar, nos lagos... e meus quinze annos!... quem vos víra outra vez, com todos os vossos encantos!...

Foi em Alemquer que eu tive a primeira

revelação da poesia, invocando a musa saudosa da patria; lá se abriu minha alma aos sonhos do porvir e da esperança; ali nasceram as aspirações que fizeram da creança um homem! Toda a gente da terra me conhecia; e, desculpe-se a immodestia, todos me testemunhavam affeição. Fosse porque a minha idade e a minha situação inspirassem sympathia ou porque os filhos de Alemquer sejam naturalmente dotados de corações generosos, o certo é que todos me acolhiam com terna affabilidade.

Se estas linhas chegarem á vista de alguma das pessoas que n'esse tempo conheci, e que porventura se lembre ainda do joven desterrado de ha trinta annos, acceite-as como demonstração de que nem a distancia, nem a idade, nem as doenças apagarão jamais da minha memoria estas suaves recordações...

Leitor amigo e benevolo: se és velho, e se já te viste longe da patria, em tempos que o coração te trasbordava de saudade e de poesia, has de perdoar-me por eu ter insensivelmente trazido para este logar um fragmento da minha existencia; se és moço, e ainda não soffreste, sê indulgente com o viajante, que naufragou muitas vezes nos mares do infortunio; e que perto já da terra amiga, onde termina a ultima viagem, se

compraz ainda olhando para esse oceano da vida, em que se lhe afundou tanta esperança e onde vê sobrenadar as memorias mais queridas da sua alma; e se és tolo, e não comprehendes a rasão por que o homem gosta de rememorar o seu passado, Deus se compadeça de ti e de mim, que estou escrevendo para tu leres.

XXXI

Cabouco
Pag. 31, lin. 6

Quasi toda a gente do Amazonas e muitas pessoas do Pará dizem, por corrupção, cabouco em vez de caboculo, que significa pellado, calvo. Que admira pois que o preto siga o uso commum, se elle até confunde o gentio com os tapuios, que são os indios domesticos, qualquer que seja a nação a que pertençam?! Convem advertir que a designação de caboculo se applica hoje quasi exclusivamente aos tapuios.

XXXII

Paneiro de guarumá
Pag. 32, lin. 8

Os pretos não são tão habeis como os indios para fazer paneiros; comtudo, attendendo a que o pae João já não é moço, que tem vivido muitos annos no sertão, e que

por isso tem tido tempo de adestrar-se, toleremos-lhe a vaidade. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

Guarumá, uarumá e arcumá, é a *Maranta arouma,* de Aubl. Ha differentes especies; algumas cultivam-se nos jardins da Europa. O guarumá membeca, (membeca quer dizer molle, fraco) é o que dá maiores folhas, que as indias empregam em varios usos e principalmente para empaneirar farinha, cobrir as bôcas dos potes, etc.

Do caule da especie mais dura, depois de rachado em talas, fazem paneiros, chapéus, urupemas, aturás, peneiras, tipitis e topés. Chamam urupemas a umas rotulas, que a gente pobre põe nas portas e janellas; aturás são cestos conicos, com pés de madeira, que servem para transportar a mandioca das roças; tipitis, especie de tubos elasticos (tambem se fazem da jacitára, *Desmoncho*), com uma alça de cada lado, que se enchem de mandioca ralada e pendurando-os por uma das pontas, enfia-se-lhes um pau na alça debaixo e entalando uma das extremidades n'um buraco, senta-se a pessoa que opera na outra e assim se extrahe perfeitamente o liquido contido na massa. Topés ou tupés são esteiras grossas, em que seccam o cacau, a mandioca, o café e todos os outros generos que precisam de sol.

XXXIII

Os brancos venceram
Pag. 33, lin. 1

Refere-se a uma revolução espantosa, que pouco antes houvera na provincia e se denominou dos cabanos. Esta designação fôra primeiro dada no paiz aos mais exaltados partidarios da sua independencia; depois estendeu-se a todos os individuos, que manifestavam em politica opiniões exageradas; e por fim applicou-se exclusivamente aos revoltosos do Pará, em 1835. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

XXXIV

Quando o mutúm cantar
Pag. 33, lin. 5

Um escriptor portuguez, dos que mais fielmente trataram das cousas do Brazil, descreve assim o mutúm:

— « Motúm são umas aves pretas nas costas, azas e barriga branca; são do tamanho dos gallipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas pennas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde os matam a flechadas e os tomam a coço com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos; e a clara d'elles é como manteiga de porco derretida, a

qual enfastia muito. Tem estas aves o bico preto como de corvo, e tocado ao redor de vermelho, á maneira de crista; a carne d'estas aves é muito boa, pontualmente como a de gallipavos, e tem no peito muitas mais titellas.» — (*Tratado Descriptivo do Brazil.* — Gabriel Soares de Sousa).

Alem d'esta especie, que julgo ser o *Crax rubrirostris,* de Spix, ha no Amazonas o mutúm-pinima, *Crax discors,* e o mutúm-piri, *Crax tuberosa.* O mutúm-pinima é o mais pequeno de todos.

Estas aves costumam cantar de noite; e dizem os naturaes, que ellas sabem medir o tempo com tanta exactidão que só cantam de duas em duas horas!

XXXV

Cabeceiras do lago
Pag. 33, lin. 9

Chamam-se cabeceiras dos rios ou dos lagos as fontes onde elles nascem.

XXXVI

Jurupari!
Pag. 33, lin. 16

É uma exclamação como se dissesse: diabo! que é a significação da palavra em tupi. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

XXXVII

O meu nome é Joaquim
Pag. 34, lin. 10

Este Braz, que tão imperturbavelmente affirma ter o nome de Joaquim, tambem não foi inventado. N'uma viagem que eu fiz ao Alto Amazonas contratei para o serviço da casa Carmello & Barros, onde me achava empregado, um indio, que dizia chamar-se Lourenço Justiniano. Já me não lembro a que tribu elle pertencia, mas recordo-me que tinha as feições regulares, muita intelligencia, e, ao contrario de quasi todos os tapuios, era bastante falladar. Com a civilisação adquirira gosto pela roupa branca e conseguíra prover-se de boa porção d'ella, que mudava a miude e trazia sempre bem engommada e rescendente. O seu apuro dava na vista, sobre tudo porque elle juntava ao luxo do fato uma singular phantasia: apesar de nunca andar calçado, todas as suas calças tinham presilhas nos pés! Esta circumstancia pareceu-me tão original, que attrahiu desde logo a minha curiosidade; indaguei se tambem usava suspensorios e respondeu-me que se julgaria incompleto sem elles!

Um filho das selvas, creado na liberdade de todos os movimentos, costumado a saltar como os tigres da sua terra, a subir

como as serpentes, a correr como os veados e a nadar como os jacarés, afivellado, como qualquer fardo, com presilhas e suspensorios! Era inaudito.

Todos os indios que eu tinha conhecido e tratado até então professavam o mais profundo, convicto e sincero horror a todas as peias disfarçadas, que lhes offerecia a civilisação. Odiavam figadalmente as gravatas; estremeciam de indignação, unicamente com a idéa de prenderem o pé n'uma bota; não acceitavam as calças senão com a condição de que seriam curtas e as poderiam tirar de vez em quando, para arejar as pernas e alegra-las com recordações da infancia. Se alguem lhes propozesse os suspensorios ou as presilhas deixa-los-ía estupidos de admiração, e apenas lhes passasse o espanto responderiam com uma frechada.

Lourenço Justiniano era pois um enigma com a sua paixão pelas calças esticadas! Propunha-me estudar o mysterio, quando um dos socios da casa partiu para a cidade do Pará, levando-o comsigo. Mezes depois soubemos que na mesma noite da chegada, apenas o patrão desembarcou, o amador de presilhas fugíra, levando-lhe a canôa com tudo quanto tinha dentro! Foi um clarão que me revelou a origem das suas calças. Provavelmente adquiríra-as pelos mesmos

meios por que se achava agora de posse de uma embarcação carregada.

Passados tres annos encontrei-o, empregado como remador na canôa de meu primo Manuel Martins de Amorim, e travámos um dialogo quasi similhante ao do coronel Duarte com Braz.

—Adeus, Lourenço!

O patife encarou-me com o espanto mais ideal, que jamais soube simular o maior artista dramatico; passados momentos, voltou-se, como se procurasse á roda de si algum Lourenço invisivel a quem eu tivesse dirigido a palavra.

—É comtigo que fallo.

—Ah!

—Não te chamas Lourenço Justiniano?

—Não, senhor.

—Tu não vieste commigo do Rio Negro para Alemquer?

—Nunca fui para essas bandas. Sou de Marajó.

—Mau! Eu bem sei que fugiste com a canôa do Lima Barros... ha tres annos; mas não tenhas medo, porque te não denuncio.

—O patrão Chico está brincando!... O meu nome é Joaquim e não costumo furtar canôas.

—Já não usas calças de presilhas?!

—Nunca usei d'isso.

Apesar de ter a certeza de que elle me enganava, resolvi disfarçar até poder apanha-lo de subito, em outra occasião. Mas não foi necessario esperar. Apenas voltei costas, diz elle para meu irmão Manuel, que assistíra ao interrogatorio persuadido de que eu confundia Lourenço com outro:

— O patrão Chico tem bom olho! Bem se vê que viveu muito no mato.

— Porque?

— Conheceu-me logo!

— Como!? pois tu?...

— Sou Lourenço... isto é, fui Lourenço no Amazonas... e já tinha sido Raymundo em Manáos; agora, chamo-me Joaquim.

— Oh! mariola! então porque não confessaste a meu irmão?...

— O patrão Chico sabe que a canôa do Lima Barros fugiu commigo, levada pela corrente...

— Elle não diz nada a ninguem.

— Hum!... pelo seguro, não confesso.

— A final, como te chamas tu? mas, a valer; qual é o teu verdadeiro nome?

— Não sei; o padre já me baptisou ha tanto tempo!...

— E tu tens mudado de nome tantas vezes!...

— Ora... patrão Manduca, não diz a teu mano Chico.

Quando eu voltei, Manuel referiu-me tudo.

O tapuio estava n'essa occasião arrumando uma porção de borracha no armazem. Approximei-me de vagar, e, sem que elle me visse, chamei-o a meia voz:

—Lourenço?

O tratante continuou impassivel, como se não me tivesse ouvido.

—Lourenço?

Poz-se a assobiar desaffectadamente.

—Oh! patife?! Estás zombando commigo?! Meu mano já me contou que convieste em que és o mesmo; pódes portanto responder pelo nome de Lourenço, que é mais bonito do que o de Joaquim.

—Joaquim é que eu me chamo, patrão.

—Pois não disseste a meu irmão?...

—Foi para brincar; eu nunca fui ao sertão.

Teimámos inutilmente com elle; não quiz concordar e dois dias depois desappareceu, levando-me um chapéu de sol para se cobrir... na floresta!

Decididamente era o unico tapuio que tinha creado verdadeiro amor aos productos da civilisação!

É vulgar entre os indios domesticos este modo de proceder. Estão hoje n'uma canôa, e devem ao patrão 200$000 ou 300$000 réis; ámanhã, fogem, levando o que podem

ou não levando cousa alguma, e vão servir a primeira pessoa que lhes offerece trabalho n'outra localidade. Se, passado um anno, um mez, ou mesmo alguns dias, encontram o antigo patrão, e este lhes pede que paguem o que ficaram devendo, respondem, que nunca o serviram, que nem o conhecem, e argumentam com o nome differente que teem!

Vi repetirem-se estes factos por differentes vezes, e empregarem-se os mais engenhosos meios para confundir os que negavam o antigo nome; porém, nunca nenhum se deixava descaír! Resistiam a todas as provas, impassiveis e inabalaveis como rochedos, simulando a admiração mais candida e a estupefacção mais inimitavel!

Uma das causas que contribue para representarem tão admiravelmente o seu papel, provém-lhes do temperamento. A fleugma de que os dotou a natureza, dá-lhes tempo de reflectirem antes de responder.

Como já disse, nem todos costumam roubar os patrões quando fogem. Á excepção dos que pertencem a tribus costumadas a viver de rapina, os outros exercem o roubo apenas como um direito de represalia contra os brancos, que os exploram sem dó nem consciencia. Um pobre indio justa-se para remador de qualquer canôa de commercio, ou para ir por conta do patrão pro-

curar e extrahir drogas ás florestas. Umas vezes combina-se n'um salario certo; outras, contrata-se a tanto por cada arroba de borracha, de cravo, salsa, ou por cada pote de cupahiba, de azeite, etc. A obrigação do amo é fornecer farinha, sal, nem sempre peixe secco, e os instrumentos apropriados para o trabalho de que se trata. No livro do branco abre-se uma conta corrente com o indio, que não sabe ler; raro se inscrevem ahi as condições do ajuste; mas sentam-se com uma minuciosidade implacavel todos os artigos vendidos ao tapuio, que nem sempre ousa perguntar os preços, mas que se lh'os dizem não os conserva de memoria até o fechar da conta. Esses preços, na maioria dos casos, representam abusos indignos[1]. Agulhas, linhas, tesouras, dedaes, panno de algodão para calças, chita para camisas, tabaco, sabão, e raras vezes uma pouca de aguardente, taes são os principaes objectos que os indios consomem. Não é preciso pertencer ao commercio para avaliar, approximadamente, quanto póde gastar por anno um d'estes homens, vivendo em clima quente, lavando por suas mãos a

[1] O auctor, que teve occasião de ser tratado como os tapuios, falla com conhecimento de causa até 1845; d'ahi por diante declara-se ignorante e incompetente no assumpto.

pouquissima roupa que possue, caçando e pescando para alimentar-se e contentando-se muitas vezes com uma pouca de farinha, molhada em agua do rio. Pois bem: no fim do primeiro anno deve cada um mais de 100$000 réis; 200$000 réis no fim do segundo; e, se a cifra não augmenta ao terceiro ou quarto, não diminue tambem, quaesquer que tenham sido os fructos do seu trabalho! É claro que nem todos os patrões são abutres; mas ha muitos assim; e n'este estado, em que o pobre tapuio se parece perfeitamente com alguns paizes, só lhe resta um meio de poder saír da situação: é fugir e mudar de nome para saldar as suas contas. Este systema, que sempre lhe dá bons resultados, tambem já não é novo entre os povos civilisados, onde tem sido usado vantajosamente por ministerios, que não poderam pagar as suas dividas; mas não posso dizer se quem o inventou foram os indios ou os ministros.

As causas da insolvencia dos tapuios são porém mui diversas da que motiva a das nações. Estas, fazem banca-rota por gastarem mais do que teem; e aquelles, porque, abusando-se covardemente da sua posição, se lhes vende tudo por mais do dobro, pagando-se-lhes os seus serviços por muito menos do que equitativamente mere-

cem. Que admira pois se dos abusos a que me refiro resulta naturalmente que todo o indio, quando foge, se apodere do que póde levar, movido por um sentimento de vingança?...

Se porventura estas linhas forem ás mãos de algum estadista brazileiro, peço-lhe que preste alguns momentos de attenção ao assumpto das contas dos tapuios com os brancos, porque vale a pena. É provavel que d'ahi não resulte nenhum beneficio para o thesouro publico; mas a humanidade, a moral e a justiça, ganharão com o exame de contratos que teem sido regulados geralmente pela avidez do ganho e a exploração do homem pelo homem. (Veja as notas do *Odio de Raça.*)

XXXVIII

Arpoar pirarecú
Pag. 35, lin. 3

Pirarecú ou pirarucú é palavra tupi, composta de pirá, peixe, e urucú, tinta vermelha; porque o peixe a que se refere o nome (*Sudis gigas* ou *Vastres*, Cuv.) é d'essa côr. Os lagos e rios do Pará e do Amazonas são abundantissimos de pirarecú; mata-se com arpão e secca-se ao sol como o bacalhau, que elle substitue, mas não é tão saboroso. A sua lingua é um ralador excellente.

XXXIX

Tu não és mura?
Pag. 36, lin. 9

Os muras habitam nos rios Solimões, Amazonas e Madeira. São geralmente considerados como os mais dissimulados e infieis de entre todas as tribus, e chamam-lhes indios de corso, porque frequentemente costumavam assaltar e roubar as canôas de commercio. Comtudo, domesticam-se facilmente; e se no estado de barbarie são os peiores, depois de civilisados são tambem os mais trabalhadores e teem aptidão para todo o genero de industrias.

XL

Nasci no Tapajós e meu pae é mundurucú
Pag. 36, lin. 11

—«O rio Tapajós com o Juruena, que o constitue, tem as suas cabeceiras nas serras dos Parecis ao occidente das do rio Guaporé situadas no terreno mais excelso do Brazil.»—(Baena, *Ensaio Chorographico.)* Desagôa no Amazonas defronte de Santarem. (Veja notas do *Odio de Raça.)*

Os mundurucús ou mundrucús habitam nos rios Tapajós, Tupinambarana, Urariá e outros. Pertencem a uma das tribus mais aguerridas e industriosas do Brazil, e consta-me que ultimamente se teem familiarisa-

do bastante com os brancos. Já no tempo em que eu communiquei com esses indios os achei mais trataveis e menos rudes do que alguns dos seus vizinhos; affirmava-se porém que apesar de terem perdido muito da primitiva ferocidade, ainda se deliciavam com uma costelleta do proximo, sem prestarem grande attenção á circumstancia de ser assada ou cozida.

XLI

Acampamento de Icuipiranga...
Pag. 38, lin. 3

Os assassinos expulsos do Pará em maio de 1836 (veja a nota XLVII do *Odio de Raça)* subiram o Amazonas e foram estabelecer-se na margem direita d'este rio, acima da bôca do Tapajós, n'um logar chamado Icuipiranga. Considerando este ponto inexpugnavel, n'elle se fortificaram, indo em seguida tomar posse das duas comarcas do Amazonas, que se lhe entregaram vergonhosamente. A villa (hoje cidade) de Manáos, que por si só teria podido aniquilar todos aquelles piratas, consentiu que uns poucos d'elles, capitaneados por um preto, se apossassem do trem de guerra sem resistencia! Senhores do ponto, que é como a chave do Rio Negro e do Solimões, os cabanos estenderam até ás fronteiras de Tabatinga as suas ex-

cursões, fugindo o commandante do forte d'este ultimo logar para o Loreto, na republica do Equador[1]!

Porém os rebeldes eram pouquissimos para poderem sustentar por muito tempo a posse de tão extenso territorio; dominavam apenas onde chegavam, perdendo novamente com a retirada tudo que tinham ganho. Em 31 de agosto de 1836 conseguiu-se expulsa-los de Manáos; e, em seguida, foram pouco a pouco batidos nas principaes povoações da comarca do Amazonas. Um homem por nome Ambrosio Ayres, que estava cumprindo degredo em Bararoá, achando azada a occasião para tentar fortuna, organisou uma guerrilha, da qual tomou o commando, e descendo o Rio Negro, derrotou os cabanos em Maués e no seu proprio acampamento de Icuipiranga. Vaidoso com os triumphos que obteve, começou a exercer sobre a provincia uma tyrannia e pressão iguaes ás que exerciam os vencidos, opprimindo e roubando os povos como os outros tinham feito!

Apesar d'isso, Ambrosio Ayres, que tinha tomado o appellido de Bararoá, foi confirmado no commando militar da provincia,

[1] *Diccionario Topographico, Historico e Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas*, por Lourenço da Silva Araujo e Amazonas.

pelo governo do Pará, ficando assim com uma posição legal, que lhe permittia abusar mais desaffrontadamente do poder. As suas extorsões e violencias obrigaram a emigrar muitas das principaes pessoas das villas e aldeias, e tornaram por fim necessaria uma expedição militar ao Amazonas, com o fim de pacificar inteiramente a provincia e restabelecer n'ella auctoridades mais liberaes. Mas essa expedição, que se compunha de oito navios, não chegou a Santarem senão no meio do anno de 1837, quando os restos dispersos do bando de Icuipiranga se tinham refugiado nas cabeceiras do rio Maués. Bararoá foi segunda vez confirmado no commando militar; e insinuou-se, que o commandante da expedição naval apoiava indirectamente os rebeldes, em vez de os destruir, a fim de tirar para si maiores lucros d'aquella commissão[1]. Verdade ou não, é certo que, apesar de terem os habitantes do Amazonas destruido o posto de Icuipiranga, antes que chegasse a expedição, para tirarem a esta o pretexto de se demorar na provincia, só em 1840 se conseguiu, por meio de uma amnistia, restabelecer a paz e fazer com que os cabanos depozessem as armas! Bararoá fôra assassinado barbaramente por

[1] Obra citada.

elles, assim como outros muitos militares que os perseguiam; e as auctoridades legaes não tiveram força para os destruir ou aprisionar! O decreto da amnistia é datado de 4 de novembro de 1839; mas só a 28 de março de 1840 foram 800 homens depôr as armas, na villa de Luséa, e em seguida os outros bandos, nas differentes povoações que ficavam proximas dos rios ou matos em que elles estavam na occasião de se lhes annunciar a promulgação do decreto! Não escrevo a historia dos acontecimentos d'aquelle horrivel quinquennio no Pará e Amazonas; faço apenas um rapido bosquejo, para tornar mais intelligiveis algumas palavras do meu drama. Terminarei pois com o seguinte fragmento de uma das ordens da auctoridade legal: «... ordeno que em qualquer parte, onde cheguem taes individuos (amnistiados) sejam tratados humanamente, como fieis subditos de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, e cidadãos no pleno goso de todos os direitos que garante a Constituição Politica do Imperio. Aos quaes todos prohibo (quem serão estes quaes?) que se não faça lembrar despeitosamente seu anterior comportamento[1]».

Se já n'esse tempo existisse a *Tribuna*,

[1] Obra citada.

do Pará, dir-se-ía que o documento era obra da sua redacção!

Advirta-se que não censuro a generosidade, clemencia ou bonhomia da auctoridade; admiro-a, visto que se tratava dos mais infames facinorosos que teem deshonrado a especie humana.

XLII

Rio Negro
Pag. 38, lin. 5

Assim como o Tapajós se lança no Amazonas em frente de Santarem, o Rio Negro opera a sua juneção com elle abaixo de Manáos, capital da provincia. Da confluencia dos dois gigantes para cima toma o Amazonas o nome de Solimões. A cidade de Manáos é já dentro do Rio Negro. As aguas escuras d'este correm limpidas, serenas e tranquillas, ao passo que as do outro, de côr amarellada, descem impetuosas e violentas, sobre tudo na estação das chuvas. Os indios, para indicar bem claramente a differença que existe entre ambos, designam um pelo nome de *rio morto*, e o outro pelo de *rio vivo*.

XLIII

Santarem
Pag. 38, lin. 6

Primitivamente, aldeia do Tapajós, missionada por padres da companhia de Jesus;

villa de Santarem, em 1754; hoje, cidade do mesmo nome. Está situada na embocadura do Tapajós, sobre a margem esquerda, entrando, e não no promontorio que separa as aguas pretas d'esse rio das do Amazonas, como se lê na estimada *Viagem ao Brazil,* de M.me e M. Louis Agassiz.

A cidade estende-se graciosamente n'um terreno de suave declive, que desce até á margem do rio; e dizem-me que apesar de Manáos, capital do Alto Amazonas, ter progredido muito nos ultimos annos, Santarem pretende rivalisar com ella nas suas edificações e excede-la no gosto e conforto d'ellas. Ha na sua igreja um Christo, pregado na cruz, de tamanho natural, que lhe foi mandado de Munich pelo illustre naturalista Martius, em desempenho da promessa que fizera se escapasse do naufragio em que estéve quasi perdendo a vida, defronte de Santarem, quando explorou o Amazonas em 1819. Apesar de mediocre, como obra de arte, essa imagem é a mais importante do templo, e o povo tem grande devoção com ella!

XLIV

... ponta do mangue
Pag. 39, lin. 17

O mangue (*Rhizophora mangle,* Linn.) apareiba ou guaparaíba, em tupi, cresce ao

longo da costa do Pará, tanto nos terrenos alagados pelo mar como dentro dos rios, multiplicando-se com espantosa rapidez e conquistando sobre o oceano os terrenos que os grandes rios devoram n'outros logares do continente americano. Ha tambem guaparaíbas no sertão, mas não me recordo se são da mesma especie das do litoral. A madeira do mangue é vermelha e rija, e d'ella se faz carvão; a casca, que é muito aspera, emprega-se em logar de sumagre para curtir toda a qualidade de pelles. Tambem é medicinal.

XLV

Duvidava da existencia dos gentios?!
Pag. 40, lin. 15

Existem ainda muitos milhares de gentios no interior do Brazil; mas não ha, que eu saiba, nenhum trabalho completo por onde se possa avaliar approximadamente o seu numero actual e os nomes das differentes tribus. Seria interessantissimo o estudo que abrangesse a posição geographica onde habita cada nação, a verdadeira denominação d'esta, sua origem, lingua ou dialecto, usos, costumes, tradições, idéas religiosas e tudo emfim quanto interessa á ethnographia.

Conheço alguns livros e memorias relativos aos indigenas, mas todos se occupam mais do passado do que do presente, e não

é raro contradizerem-se uns aos outros. Modernamente não ha no Brazil unanimidade de opiniões a respeito do futuro dos seus indios. Alguns escriptores consideram-n'os absolutamente incapazes para a vida civilisada; outros os julgam aptos para tudo! Estes, querem que os deixem entregues ao seu destino; aquelles, que se empregue a força, a guerra, e a escravidão para domesticá-los! Os primeiros, pretendem que sejam elles a origem da nacionalidade brazileira; os ultimos, affirmam, que nem sequer são subditos do imperador!... E ha quem leve ainda mais longe a exageração, propagando idéas absurdas ácerca de algumas tribus que povoam os sertões do paiz. (Veja a nota XXXIX do *Odio de Raça.*)

No tempo dos jesuitas sabia-se alguma cousa com certeza, porque elles eram primeiro que tudo homens de acção e de intelligencia. Os missionarios de hoje, com raras excepções, alem de poucissimos, levam já ao sair de Roma o exemplo e a convicção de que o Christo que amou a pobreza não é o que se adora actualmente; por isso procedem menos como apostolos do que como mercenarios para obter meios que lhes permittam passar vida regalada quando regressam á patria. Os indios, forçados muitas vezes a trabalhar para elles, gratuitamente,

depois de baptisados e aldeiados, aproveitam todas as occasiões que se lhes offerecem de voltar para os seus bosques, preferindo a liberdade e a ignorancia, á religião que os explora. Que resultados se pódem esperar de uma tal catechese? Feito o peculio, o missionario dá por concluida a missão; e as auctoridades civis e militares, se não ignoram o escandalo, fecham os olhos ou associam-se a elle, aproveitando tambem para si o serviço dos catechumenos. Não se julgue que estou inventando, pois ha peior ainda. Citarei apenas um exemplo dos mais frisantes: ha pouco tempo um funccionario militar foi á cidade do Pará, n'uma canôa tripulada por tapuios[1], industriados para representarem de selvagens, receber as ferramentas com que o governo costuma presentear os gentios que se baptisam. Note-se que o logro foi feito por um homem rico!

Passa como axioma que quando a civili-

[1] Já disse que se dá o nome de tapuio a todo o indio civilisado. Um escriptor brazileiro affirma, que 'o termo tapuya, como hoje o de tapuyo, servia para designar genericamente todo e qualquer indigena, ainda que oriundo de raça diversa'. (*Jornal de Timon.* — João Francisco Lisboa.)

Spix e Martius são de opinião que os tapuyas primitivos pertencem á raça mogol, assim como os tupys teem grandes similhanças com alguns ramos da caucasica.

sação invade a barbarie, aniquila os que vivem n'ella; e que quando são os barbaros que invadem as sociedades extenuadas por longas civilisações, as renovam e fortalecem. Dá-se como uma das mais notaveis demonstrações a invasão da Europa na idade media. Abstenho-me de discutir o assumpto, nem o logar m'o permitte; mas penso que o cruzamento das raças humanas conduz á inevitavel decadencia das especies, e que o contacto dos indios com os brancos tem sido fatal áquelles em quasi toda a America. Que importa que os cherokezes, litteralmente cercados pela vaga impetuosa da civilisação, estabelecessem governo regular, creassem uma lingua e fundassem um jornal, ainda antes de terem pensado em vestir-se?! É um caso unico, succedido no paiz onde tudo é unico. Os indigenas do Brazil, como os dos Estados Unidos, caminham, segundo a opinião de varios escriptores, mais ou menos rapidamente para o seu aniquilamento. Com relação aos que communicando com a raça branca, preta, ou já mestiça, apressam, cruzando-se, a sua extincção, parece demonstrado pela experiencia; mas quaes são as causas que determinam a decadencia dos que vivem no interior das florestas ou nos rios mais remotos? Não sei; e de tudo que tenho lido como resposta a

esta interrogação, confesso que nada me satisfaz. É doloroso, porém, ouvir affirmar não só que os indios tendem a extinguir-se, mas, que, se elles não forem susceptiveis de civilisar-se, devem ser exterminados! É o voto do presidente da grande republica da America do Norte, na sua ultima mensagem ao congresso (1873) e o de um eminente escriptor brazileiro.

Criam-se instituições protectoras dos animaes; punem-se com severas penas as pessoas denunciadas por corrigir, cortando-as, as orelhas e as caudas dos cães e dos gatos; acode-se com solicitude ao boi ou cavallo, que o conductor brutal carregou de mais nas subidas; educa-se o camello, o elephante, o urso, o cavallo, o cão, o gato, o rato e a pulga; as serpentes, as pantheras, os leões e os tigres, submettidos á força da vontade e á paciencia intelligente do homem, occultam artisticamente a ferocidade nativa e coroam-se nas praças publicas das palmas do triumpho!... E será necessario exterminar os selvagens, porque se duvida de que possam domesticar-se! Oh! seculo das luzes, que pretendes ter direito á propriedade e ao capital, porque não vaes pedir a Roma que revogue a bulla em que um pontifice declarou, que os indios do Brazil eram homens?! A infallibilidade não im-

pede a revogação, porque tambem foi já annullado por outro o breve que amaldiçoava os toureiros e todas as pessoas que assistiam ás corridas de touros!...

Se ninguem quer ter com os indios a paciencia e humanidade que se dispensa aos irracionaes, deixem-n'os ao menos morrer em paz, com os seus usos e costumes barbaros; porque n'elles é menos de espantar a similhança de feras, do que nos homens civilisados e christãos a crueldade, com que violentamente os despojaram do solo e agora lhes ameaçam a vida.

Pelo que diz respeito em especial aos indios do Pará e do Amazonas, posso affirmar, que, senão todos, a maior parte são perfeitamente susceptiveis de se educarem; mostram grande aptidão para os trabalhos manuaes; fazem-se optimos carpinteiros e marceneiros; aprendem com grande facilidade a ler e escrever; manifestam singular talento para a musica, e revelam sempre intelligencia e docilidade quando acham quem os ensine com bondade e paciencia.

Entre outros escriptores, que certificaram isto mesmo, lê-se na viagem dos esposos Agassiz, que estes ficaram admirados de ver os indios do Amazonas mostrar nas artes da civilisação aptidões muitos superiores ás que possuem os da America do Nor-

te. As observações de Agassiz terminam assim:

—« Trariamos de lá (da escola de Manáos) as mais gratas impressões, se não tivessemos sabido, que n'aquelle collegio de orphãos se prendem por vezes, sob pretexto de as educar, creanças arrancadas ás tribus selvagens, tendo ainda pae e mãe. A vista de uma cella sombria, fechada com grades de ferro e muito parecida com as jaulas de feras, fortaleceu-nos ainda mais essa triste suspeita. Quiz certificar-me, perguntando o que n'isto havia de verdade, e responderam-me 'que se ás vezes se dava o facto, era sómente com o fim de livrar a creança da condição selvagem e degradante, porque a civilisação, mesmo imposta, é preferivel á barbarie'. Duvido porém de que uma providencia qualquer, ainda que seja a do proprio Deus, possua a sabedoria e o amor em grau assás elevado para exercer sem perigo esta caridade pela violencia.» —(*Voyage au Brésil.*)

Depois de concluida a nota antecedente, foram-me offerecidos dois livros interessantes, dos quaes vou extractar ainda mais alguns dados ácerca dos indios. O primeiro intitula-se: *O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria*, e devo-o ao favor do sr. barão de Japurá,

ministro do Brazil em Portugal; o segundo: *Notions de Chorographie du Brésil*, por Joaquim Manuel de Macedo, foi-me enviado pelo meu excellente amigo o sr. barão de Santo Angelo, consul geral da mesma nação. Ambos se publicaram em 1873; aquelle, na typographia nacional do Rio de Janeiro, e este em Leipzig, imprimerie de F. A. Brockhaus.

— «Calculam-se em 500:000 os selvagens que vagueam pelos sertões ou matas virgens do centro do imperio, completamente perdidos para a sociedade que está sujeita, entretanto, ás suas correrias e devastações.

«O governo tem sempre promovido sua catechese e civilisação.....

«A despeito, porém, de reiterados esforços, ainda não foi possivel obter religiosos em numero correspondente ás necessidades do serviço. Para tamanho numero de selvagens espalhados em vasto territorio, contam-se sessenta e um missionarios capuchinhos, muitos dos quaes estão já enfraquecidos pelos trabalhos e avançada idade, e seis franciscanos-observantes.

«O systema de catechese, geralmente adoptado, consiste em reunir em aldeamentos os selvagens que, graças á dedicação apostolica dos missionarios, perdem os habitos da vida errante e adquirem o sentimento da

propriedade e o amor ao trabalho, fixando definitivamente sua habitação.

«A principio dirigidos pelos missionarios, os aldeamentos passam depois a ser administrados por directores seculares, ou por terem fallecido seus fundadores, ou por ser mister remove-los para outros pontos do imperio em que sua presença seja mais necessaria.

. . . . . .

«Comquanto os aborigenes, exceptuadas algumas tribus, presentemente muito pouco numerosas, sejam dotados de indole pacifica, e sujeitem-se com facilidade relativa a trabalhos sedentarios, sua natureza e arraigados habitos selvagens não lhes permittem perseverança em seu novo genero de vida.

«A experiencia tem demonstrado que entre os adultos é difficil, senão impossivel, obter resultados satisfactorios; e, pois, sem abandona-los á sua miseravel sorte, o governo está deliberado a actuar principalmente sobre as novas gerações, creando estabelecimentos apropriados em que sejam educados os de menor idade.

. . . . . .

«A acquisição d'estes meninos (filhos dos selvagens), a principio conseguida mediante o donativo de instrumentos de ferro, de

mais util applicação, tem-se ultimamente facilitado, vindo muitas vezes os paes offerece-los espontaneamente. Espera o governo que, educados nos preceitos da religião e nos habitos da vida civilisada, serão mais tarde auxiliares poderosos que attrahirão seus paes e irmãos ao gremio da sociedade.» — *(O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1873.)*

Convem advertir que o calculo da população do Brazil, em que se incluem os 500:000 selvagens, é baseado, segundo declara a obra citada, no recenseamento official de 1817 e 1818, e em outras fontes dignas de fé.

— «... ha ainda outra colonisação, fraca esperança para uns e muito duvidosa para outros; é a acquisição de trabalhadores vigorosos, que serão mais apropriados do que os estrangeiros para os rudes trabalhos da cultura, visto que já estão aclimatados nas diversas provincias do paiz: este meio seria a evangelisação e civilisação dos selvagens. E a evangelisação dará resultados? Desprezemos a discussão da these para deixar fallar os factos. Os jesuitas, no Brazil, conseguiram evangelisar, reunir, disciplinar, dominar absolutamente, empregando n'um trabalho penoso, diario, systematico e de uma regularidade admiravel, não centenas,

porém milhares de indios. Teriam os jesuitas o privilegio de fazer milagres?... Ainda nos nossos dias, se bem que em menor escala, os missionarios capuchinhos, que estão longe de possuir a sciencia e finura tradicional d'aquelles, nos dão o bello exemplo dos excellentes resultados da evangelisação entre os selvagens, mas desgraçadamente só n'um pequenissimo numero d'elles.

«O homem destemido chega a domesticar os mais ferozes animaes, obrigando-os a rojar-se humildemente a seus pés; porque, pois, será elle impotente para humanisar e civilisar a sua especie no estado selvagem?

«Não se póde calcular, mesmo approximadamente, o numero dos indios que, por centenas de tribus, vivem refugiados no interior do Brazil, longe de todo o contacto com a civilisação; essas centenas de milhares de homens, que poderiam tornar-se uteis, vegetam no embrutecimento, quando não se mostram hostis e inimigos ferozes; nota-se comtudo um facto incontestavel, e é que a influencia da *Cruz*, a voz evangelica, o espirito de caridade do missionario não penetram jamais em vão no centro das choupanas selvagens.

. . . . . .

«Seria ingrato e penoso trabalho passar

em revista todas as provincias do imperio, para indicar apenas em algumas pequenos e insufficientes oasis de catechese, no meio de vastos desertos de selvajeria.» — *(Notions de Chorographie du Brésil.)*

XLVI

Sinhásinha
Pag. 42, lin. 5

Sinhá e sinhásinha, por senhora e senhorasinha. Não só os pretos, mas muita gente de outras côres gosta d'estas e outras pieguices, que se entre nós soam desengraçadamente, no Brazil, entre certas classes, produzem mui diverso effeito.

XLVII

Canto das guaribas quando sentem o perigo
Pag. 42, lin. 13

Os guaribas ou macacos roncadores pertencem ao genero *Stentor,* de que se acham descriptas as seguintes especies: *Stentor fuscus, S. seniculus, S. ursinus, S. niger, S. flavimanus, S. palliatus, S. flavicaudatus, S. discolor, S. stremineus, S. chrysurus.*

Julgo serem os maiores e os mais notaveis animaes d'esta ordem que habitam as florestas do Brazil. Os seus costumes são identicos aos das outras especies de maca-

cos, porém é raro andarem em bandos. Vivem quasi sempre acasalados; e durante a estação das chuvas roncam em côro com tão estupendas vozes, que se ouvem a grande distancia. O seu grito rouco e prolongadissimo assimilha-se quasi a um zurro interminavel! Dizem que elle provém de uma valvula, que teem pegada á trachea arteria, e que demorando-se ali algum tempo o ar que lhe entra nos pulmões, e agitando-se pela emissão da voz, produz aquelle som.

A mãe costuma trazer os filhos ás costas até que elles possam dispensar, senão a protecção, o transporte materno. Se ella morre antes de acabar a creação, o pae toma conta dos pequenos; e, ainda que se case segunda vez, não ha exemplo de que largue a carga, fructo dos seus primeiros amores. Que lição para tantos homens, quando dão madrastas aos filhos! De dia para dia me convenço mais de que o macaco é a transição dos irracionaes para a especie humana, e que esta perdeu, civilisando-se, grande parte das virtudes d'aquella. Quem duvída de que temos aprendido muito com os bugios? E não serão vagas reminiscencias de encarnações passadas as macaquices de muitas pessoas e o facto de se mandarem outras bugiar?... (Veja notas do *Odio de Raça.)*

O guariba tem barbas como o homem e

usa-as todas crescidas, assim como o rabo, que é bastante comprido. Entre outras provas da sua intelligencia, é notavel a de saber conhecer e applicar as hervas proprias para se curar quando o fere sem ser mortalmente a bala ou a frecha do caçador. Recorre em geral ás mesmas plantas que empregam os tapuios para o tratamento das feridas; mas não está averiguado se foram os guaribas que ensinaram os indios, ou se os indios ensinaram os guaribas. Voto pela primeira hypothese.

XLVIII

Tio Duarte
Pag. 42, lin. 15

Um dos signaes de maior respeito entre os indios é o tratamento de tio. O de irmão usa-se com os desconhecidos que não se querem hostilisar, mas de quem se desconfia; mano emprega-se como prova de confiança e familiaridade.

XLIX

Rosa do Surubiá vae dentro do buá
Pag. 42, lin. 20

Já disse um escriptor (Viery, citado por Gonçalves Dias), fallando dos indios do Brazil, que elles são obrigados a servir-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstracções do espirito, em conse-

quencia de terem mais sensações do que noções. É por esse motivo que fazem continuado uso das metaphoras, dos emblemas e das allegorias; que personificam as cousas inanimadas e empregam os trópos mais energicos, a fim de se fazerem comprehender; e são essas circumstancias que dão aos seus discursos um caracter muito poetico.

Fiz as possiveis diligencias para que o meu gentio fallasse sempre uma linguagem que estivesse em harmonia com o seu caracter; se umas vezes abusa das imagens e outras prescinde completamente d'ellas, é porque assim me pareceu necessario á modelação da sua physionomia. Como tinham decorrido alguns annos desde que elle viera para a companhia dos brancos, era natural que se fosse apropriando do modo de dizer d'estes em diversas occasiões. Alem de que seria arriscado, no theatro, tornar o papel, desde o principio até o fim do drama, mais carregado de allegorias.

É sabido que os indios costumam usar entre si de nomes de animaes, de vegetaes e tambem compostos, como Cedro Vermelho, Garça Branca, Bôca Preta, Bracelete de Ferro, etc. Do mesmo modo os dão ás pessoas estranhas, escolhendo-os sempre conforme as suas affeições e sympathias, em harmonia com a figura e caracter do homem ou mu-

lher a quem o applicam. Rosa do Surubiú é provavel que fosse preferido por Lourenço, apesar de não ser nome de flor indigena, porque teria visto como as rosas aclimatadas em Alemquer ou nos seus lagos eram prezadas pelas brancas.

Ubá é a denominação da canôa cavada n'uma arvore, sem nenhuma costura nem outra peça annexa, alem de tres ou quatro paus atravessados dentro, que servem de bancos, e são optimos para quem gostar de posições difficeis. Parece que antigamente se dava tambem o nome de ubá ás canôas de cortiça, atadas com cipós. Hoje, a todas que são construidas com mais de uma peça de madeira, seja qual for o seu feitio, denominam ygára; isto é, canôa.

Em algumas provincias chamam á taboca *(arundo)* ubá. E talvez que da sua fórma roliça derivasse o nome das canôas de cedro.

L

Metteu a bala pelos olhos do jacaré
Pag. 44, lin. 3

Os indios tornam-se atiradores insignes, logo que aprendem a servir-se de uma arma de fogo. Apesar da sua pericia de frechadores, apreciam immediatamente a differença que existe entre o arco e a espingarda. As frechas perdem-se, quebram-se, desviam-

se da direcção ao menor contacto com os ramos; e a bala corta quantos obstaculos encontra, indo cravar-se no alvo, a grandes distancias. Alem d'isso, a arma dos brancos é de mais facil transporte e demanda menos cuidados. O arco está sujeito a estalar no momento do maior perigo ou a rebentar-lhe a corda; e nem sempre se teve a precaução de levar outra de sobresalente; é necessario acerar com frequencia os bicos das frechas, reformar-lhes a linha almecegada com que se apertam ás hastes, substituir as pennas das azas, e mostrar no intrançado dos fios com que as cingem os dotes artisticos do frechador; não póde haver a mesma rapidez de movimento para armar o arco, nos logares mais cerrados da floresta; e é preciso, sobre tudo, andar carregado com um feixe de frechas! Para a espingarda não existe nenhum d'estes inconvenientes; está sempre prompta; o cano introduz-se por entre os emmaranhados mais inaccessiveis; e a bala passa, rapida como o relampago, por onde passa a vista do atirador.

Apesar de tudo, o indio não se separa facilmente das armas com que foi creado; e, sempre que póde, leva-as comsigo, conjunctamente com a dos brancos.

LI

Gentio a cavallo n'um jacaré
Pag. 44, lin. 21

Os indios costumam apanhar o jacaré com a mais primitiva simplicidade. Quando o vêem parado no fundo dos rios ou dos lagos pouco profundos, applicam-lhe uma valente forquilha no cachaço, para lhe impedir os movimentos da cabeça; mettem-lhe um pau atravessado na bôca, e prendendo-o com fortes cipós ao pescoço do monstro, ficam absolutamente senhores d'este. No caso de que se trata, comprehende-se que esta operação não foi seguida, nem era facil; mas a destreza do gentio dispensou-a, apesar de ser sempre maior a ferocidade do jacaré quando está ferido. (Veja notas do *Odio de Raça.)*

LII

Uma giboia por gravata
Pag. 45, lin. 15

É tamanha a variedade de reptis que vivem no Brazil e são tão limitados os meus conhecimentos em historia natural, que não posso affirmar se a giboia, jyboia ou jeboia, a que se refere o moço portuguez, é a *Boa cenchria, Boa constrictor,* ou outra. Alguns habitantes do Pará mettem nos forros das casas e debaixo dos sôlhos giboias de grandeza monstruosa para apanhar ratos, que

ellas attrahem com o olhar magnetico, assim como aos morcegos! Um dos meus amigos de infancia, que lá reside ainda, José Antonio do Eirado, tinha um d'estes hospedes pouco tranquillisadores, que havia attingido muitos metros de comprimento e grossura sufficiente para esmagar um touro! Julga-se que a giboia rateira, a que pertencia aquella especie, é inoffensiva para o homem; entretanto aconselho o leitor que a não queira em casa. Pela minha parte, prefiro um exercito de ratos, principalmente por ser difficil distinguir as giboias que só comem aquelles animaes das que se não prendem com a escolha.

Gabriel Soares de Sousa, já citado pela fidelidade das suas descripções, no *Tratado Descriptivo do Brazil,* diz o seguinte:

— «Comecemos logo a dizer das cobras a que os indios chamam giboias, das quaes ha muitas de 50 e 60 palmos de comprido, e d'aqui para baixo. Estas andam nos rios e alagôas, onde tomam muitos porcos d'agua, que comem, e dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não ha duvida senão que engolem uma anta inteira, e um indio; o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o po-

derem engulir. E para matar uma anta ou um indio, ou outra qualquer caça, cingem-se com ella muito bem, e como tem segura a presa, buscam-lhe o... (!) com a ponta do rabo, por onde o mettem até que matam o que tem abarcado; e como tem morta a caça, moem-n'a entre os queixos para a poder melhor engulir. E como tem a anta, ou outra cousa grande que não póde digerir, empanturra de maneira que não póde andar. E como se sente pesada, lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem n'ella; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo mais, por estar podre, e não lhe deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se os passaros; e torna-lhe a crescer a carne nova, até que fica cobra em sua perfeição; e assim como lhe vae crescendo a carne, começa a bulir com o rabo, e torna a reviver ficando como d'antes: o que se tem por verdade, por se ter tomado d'isto muitas informações dos indios e dos linguas que andam por entre elles no sertão, os quaes o affirmam assim.

«E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingua, e homem

de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achára uma cobra d'estas no caminho que tinha liado tres indios para os matar, os quaes livrára d'este perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largára; e que acabando de matar esta cobra, lhe achára dentro quatro porcos, a qual tinha mais de 60 palmos de comprido; e junto do curral de Garcia de Avila, na Bahia, andavam duas cobras que lhe matavam e comiam as vaccas, o qual affirmou que adiante d'elle lhe sahira um dia uma, que remetteu a um touro, e que lh'o levou para dentro de uma lagôa; a que acudiu um grande libreo, ao qual a cobra arremetteu e enguliu logo; e não pôde levar o touro para baixo pelo impedimento que lhe tinha feito o libreo; o qual touro sahiu a cima da agua depois de afogado; e affirmou que n'este mesmo logar mataram seus vaqueiros outra cobra que tinha 93 palmos, e pesava mais de 8 arrobas; e eu vi uma pelle de uma cobra d'estas que tinha 4 palmos de largo. Estas cobras tem as pelles cheias de escamas verdes, amarellas e azues, das quaes tiram logo 1 arroba de banha da barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos, pela acharem muito saborosa.»—

LIII

Tupinambás
Pag. 45, lin. 17

Diz um distincto escriptor moderno, referindo-se aos tupinambás:

— «E não só falavam dialectos identicos, como em geral se denominavam a si quasi sempre do mesmo modo: *Tupinambá*. Se no Maranhão como no Pará, na Bahia como no Rio, houvesseis perguntado a um Indio de que nação era, responder-vos-hia logo: *Tupinambá*. Parece pois que Tupinambá se chamava o primitivo tronco nacional, d'onde se tinham separado todos aquelles ramos, garfos e esgalhos, que apesar de se produzirem em terras distantes das em que se haviam plantado, não mudavam de nome. Acerca porém da origem do vocabulo Tupinambá tem-se até aqui tratado pouco. Esta palavra é verdadeiramente composta de duas: *Tupi* e *Mbá*. A ultima deixava-se de acrescentar desde que cessava a liga ou amisade, e que a nação se fraccionava. Se se declaravam logo inimigos, a alcunha menos injuriosa com que se podiam ficar mutuamente designando era a de *Tupi-n-aem;* isto é, Tupis maus ou perversos. Se não ficavam em desintelligencia, faziam-se muita cortezia em se appellidarem reciprocamente *Tupi-n-ikis;* isto é, tupis vizinhos, conti-

guos ou limitrophes. *Mbá* significava o mesmo que varão illustre ou guerreiro; e este titulo não concediam, tal era sua vaidade, senão a si mesmos.» —(*Historia Geral do Brazil.* —F. A. Varnhagen.)

LIV

Voz de Caraxoé
Pag. 48, lin. 11

O caraxoé, ave do genero *Turdus,* tem o canto suave e melancolico, parecido com o do rouxinol da Europa, se bem que menos extenso e variado. Ha differentes especies d'estes passarinhos, que são mais geralmente conhecidos pelo nome de sabiá.

LV

Tejupares
Pag. 48, lin. 18

Tejupar, tijupar, tujupar, tejupaba, aiupawe, tigipar e tyupar significa, em lingua tupi, choça, cabana, casa de habitação. Os diversos modos por que se escreve, tanto este como outros vocabulos da lingua dos indigenas do Brazil, resultaram não só da variedade dos dialectos, como tambem por terem sido mais ou menos delicados os ouvidos dos missionarios de differentes nações, que regularisaram essa lingua no tempo do descobrimento e durante a colonisação. A or-

thographia que me parece mais correcta, é a que segui no texto, porque assim ouvi sempre pronunciar aos indios do Pará e Amazonas.

LVI

Margens florentes do Xingú
Pag. 48, lin. 27

—«O Xingú tem o seu berço ao Norte das vertentes do Cuyabá na latitude de 12° 42′ e na longitude de 323°. A sua direcção é do Sul ao Norte entre o Tocantins e o Tapajós seus parallelos, tendo entre si e o Tocantins os rios Pacajás e Uanapú tambem parallelos. A sua foz jaz na latitude austral 2° 7′ e na longitude 325° 30′.

«São deliciosos os horisontes, e formosa e agradavel a foz d'este rio; elle rola com rapidez, e acaba no Amazonas com grande largura e profundidade.

«As suas aguas na superficie teem a côr ferruginea: feridas pelo remo mostram-se crystallinas; e nas margens são diaphanas, de maneira que em uma braça de fundo se percebe o que está n'elle.

«Do rio Arapari para cima até á primeira cachoeira existem ilhas: e algumas com boas praias, onde vão as aquateis tartarugas encovar os ovos. Quando com as chuvas incha o Xingú estas ilhas são alagadas, mas

não totalmente, porque ha paragens, nas quaes se póde fazer plantações e edificar. Nas duas ilhas jacentes na bôca do rio Maxipana ha tujupares habitados, e plantios de milho, maniva, e café.

«Desde o rio Acahi até ao rio Maruá, cujo manancial jaz em uma dilatada campina, toda a margem do Xingú apresenta alcantis e restingas de pedra, e por isso navegam pelo meio.

«As terras da margem oriental são rasteiras: as da margem occidental são collinosas e tem serras, umas faceis de galgar, outras sem recosto e mui recamadas de alcantis, e outras cuja cima é estancia de formigas.

«De muitas e formidaveis cachoeiras é empeçado o Xingú a poucos dias de viagem na sua subida: o fragor medonho da primeira retumba na altura do rio Tucurui. É por este rio que annualmente desce o gentio para se prover de ferramentas, que grangeam com arcos, frechas, algodão, redes, e passaros.

«Perpassada a ilha de Santa Maria avista-se o terreno liberto de serros e montanhas. A parte do Sul é uma chãa de terra preta e baixa: acha-se deserta por causa das incursões dos sylvicolas jurunas e mondrucús.

«Da villa de Pombal para cima não é sensivel o fluxo da maré.

«Os rios que desaguam no Xingú são abundantes nas drogas mais correntes no commercio, mórmente em cravo.

«Os moradores não exercitam diligencia alguma em remontar as cachoeiras: sómente áquem d'ellas desfructam annualmente as margens, que abundam em pesca, em caça baixa e de veação.

«Em 1625 entraram os hollandezes no Xingú: e n'elle plantaram uma fortificação de fachina sobre uma assomada entre os rios Piri e Acarahi fronteira a um poço, em que hoje os moradores pescam pirahibas e arraias.

«Em 1662 começaram os jesuitas a missionar a gentilidade d'este rio.» — (*Ensaio Chorographico sobre a Provincia do Pará.*— Baena.)

Veja sobre o Xingú e indios jurunas as minhas *Viagens pelo interior do Brazil,* começadas a publicar no tomo II do jornal *Artes e Letras,* Lisboa, 1873.

LVII

O meu selvagem... julga-se descendente dos tupis
Pag. 49, lin. 17

Os portuguezes acharam o Brazil povoado por numerosas tribus selvagens, que pa-

reciam pertencer a duas nações distinctas, uma das quaes, a tapuya, avançava do norte para o sul perseguindo a outra, tupy ou guarany, que dominava ainda em quasi todo o litoral e nas partes meridionaes do continente. (*Notions de Chorographie du Brésil.* — Joaquim Manuel de Macedo.)

Esta não é a opinião mais seguida, que reputa vencedores os tupis. Não se sabe ao certo se os povos que habitavam o Brazil no tempo do descobrimento eram aborigenes ou conquistadores, mas suppõe-se que havia entre elles nações emigradas.

Humboldt disse, que conhecia pouco os dialectos americanos para perder completamente a esperança de que n'uma tão grande variedade de idiomas não se encontrassem alguns que tivessem sido fallados ao mesmo tempo, ainda que com modificações, no interior da America meridional e da Asia, ou que pelo menos deixassem entrever antiga communidade de origem.

Similhante descoberta projectaria immensa claridade na historia da raça humana; porém as analogias das linguas só merecem confiança com a condição de não pararem nas consonancias das raizes, e de penetrarem na estructura organica, nas flexões grammaticaes e em todo o mechanismo onde se revele o trabalho da intelligencia.

Descender dos tupis é a maior vangloria que póde ter um indio do Brazil; e esse facto parece indicar a superioridade d'aquella nação sobre todas as outras.

LVIII

Tinham a faculdade da poesia e do canto
Pag. 49, lin. 20

Asseveram alguns escriptores, que os tupis cantavam e tocavam primorosamente. A ser verdade, essas prendas seriam restos de uma civilisação perdida. Ainda hoje se torna notavel entre varias tribus a circumstancia de gostarem muito de musica; e é raro encontrar-se um indio manso que não saiba tocar viola ou rebeca, aprendendo com singular facilidade a manejar estes instrumentos e executando n'elles, sómente de ouvido, as peças mais delicadas e difficeis!

LIX

Tribu juruna... muito pouco conhecida
Pag. 50, lin. 3

Tão pouco conhecida que nem mesmo alguns dos escriptores brazileiros, que aliás se referem aos gentios de rabo (!) mencionam a existencia d'esta! Que admira pois que o sr. Paulo Marcoy affirmasse ha poucos annos, no jornal francez *Le Tour du Monde,* que o principal commercio dos ju-

runas eram craneos humanos, pintados de urucú, e que se vendiam na Europa a 500 francos cada um! (Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil,* nas *Artes e Letras,* tomo II.)

LX

Folha da jatuaíba
Pag. 54, lin. 18

Jatuaíba ou jutuahiba, que não encontro descripta, é uma arvoreta das poucas que no Brazil mudam a folha. Affirma-se que a sua raiz produz effeitos purgativos, e póde tambem ser applicada contra a esterilidade das mulheres!

LXI

Grande rio
Pag. 54, lin. 20

Em muitos logares o Amazonas é designado simplesmente pelos indios que lhe povoam as margens com o nome de paraná (rio maximo ou mar); n'outras, chamam-lhe paraná pitynga (mar branco, por allusão á côr barrenta das suas aguas); alguns acrescentam á palavra paraná, que em tupi é substantivo, o adjectivo açú ou guaçú, que quer dizer grande, a fim de que se entenda bem que querem referir-se ao maior de todos os rios.

— «O magestoso Amazonas, estendendo-se por 580 leguas, 3:828 kilometros, em

territorio do imperio, recebe, dentro dos seus limites, 19 tributarios de primeira ordem, a saber: Tocantins, Xingú, Tapajós, Madeira, Purús, Coary, Teffé, Juruá, Jutay, Javary, na margem direita; Jary, Parú, Trombetas, Nhamundá, Uataman, Urubú, Negro, Japurá e Içá na margem esquerda, tendo alguns mais de 500 leguas de curso, 3:300 kilometros.

«Alem da fronteira do Brazil ainda o Amazonas é francamente navegavel a vapor por mais 300 leguas, 1:980 kilometros, no territorio do Perú, recebendo os importantes tributarios Napó, Marona e Pastaza, na margem esquerda, Ucayali e Uallaga, na direita.

«Estes rios prestam-se á navegação até á primeira quebrada da cordilheira dos Andes, facilitando os transportes da parte mais importante das republicas do Perú e Equador, que demora a E. da mesma cordilheira.

«A extensão, livremente accessivel ao vapor, do Amazonas e dos seus affluentes, no territorio do Brazil, é de 7:351 leguas ou 48:517 kilometros.

«Pelo Amazonas e seus tributarios communicam-se as republicas da Bolivia, Perú, Equador, Nova Granada e Venezuela com o porto do Pará, e bem assim as provincias brazileiras de Matto Grosso e Amazonas.

«Ha mais de dezoito annos acha-se estabelecida a navegação a vapor, auxiliada pelo governo, nas 580 leguas, 3:828 kilometros, do Amazonas brazileiro, e 200 leguas, 1:320 kilometros, no Tocantins e outros rios vizinhos ao Pará.

«Em 1867 o governo subsidiou mais duas companhias que ora fazem o mesmo serviço nos rios Purús, 240 leguas, 1:584 kilometros, Negro, 120 leguas, 792 kilometros, Madeira, 186 leguas, 1:228 kilometros, Tapajós, 50 leguas, 330 kilometros, e Alto Tocantins, 230 leguas, 1:518 kilometros, sendo portanto actualmente de 1:606 leguas, 10:600 kilometros, a extensão navegada a vapor na bacia do Amazonas.» — *(O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria.)*

A nascente do Amazonas, disputada ainda hoje pelo Chili, o Perú e a Columbia, que lhe attribuem posições diversas, suppõe-se geralmente que é na extremidade oriental do lago Lauricocha, 210 kilometros ao NNE. de Lima, entre montanhas da cordilheira dos Andes. Humboldt, medindo-o em Jaen de Bracamoros, ao pé da cataracta de Rentama, achou-o apenas tão largo como o Rheno na altura de Mayença. D'ahi para baixo vae engrossando gradualmente com as aguas de numerosos tributarios e entra já magestoso

no territorio do Brazil por S. Francisco Xavier de Tabatinga. Passada a fronteira, toma o nome de Solimões até o rio Negro; d'ahi em diante chama-se Amazonas. A sua corrente calcula-se em 4:645 braças por hora e segue quasi sempre o rumo de leste, lançando-se no Atlantico, sob o Equador; ali, volta-se precipitadamente para o norte, e, rasgando o seio do Oceano, adoça-lhe as aguas por espaço de 200 kilometros!

Alem de ser o maior é tambem o mais profundo de todos os rios conhecidos; em muitos logares não foi ainda possivel medi-lo; e n'outros a sonda desce até 500 braças; a sua foz, semeada de grandes ilhas, tem 60 leguas desde o Cabo do Norte á ponta do Maguari. Os seus lagos são sem numero; e quando as chuvas do inverno o fazem trasbordar, communicando-o com elles, assimilha-se em muitos sitios a um verdadeiro mar. O viajante que n'essas occasiões o percorre, vendo subir as aguas rapidamente, mergulhar as margens, as plantas, as arvores, e os palmitos das mais elevadas palmeiras, pensa com apertos de coração no que seria o diluvio, que afogou o mundo antigo, e sente mais a pequenez humana diante d'aquelle magestoso e terrivel espectaculo!

Já se disse que é barrenta a côr das suas

aguas; e que tanto no Amazonas como nos seus tributarios abunda o peixe de milhares de especies. As florestas profundas e quasi impenetraveis, que cobrem as suas margens, são povoadas de caça e de animaes ferozes, ricas de resinas preciosas, oleos, cravo, salsa, canella, cacau, drogas, perfumarias, madeiras de construcção e muitos outros variadissimos generos, que o commercio desconhece ainda e que farão um dia opulentos os primeiros homens que os explorarem. Pelas suas praias, quando as deixa a descoberto a descida das aguas, passeiam grandes aves aquaticas, de differentes côres e tamanhos; jazem immoveis, como fragmentos de rochedos, enormes crocodilos, cobertos com armaduras de escamas bronzeadas, de bôca aberta, esperando que os passaros que giram em torno d'elles ou lhes pousam nas costas julgando-os mortos, se lhes ponham a geito para elles os devorarem; a serpente de agua, cuja pelle manchada se assimilha a um taboleiro de xadrez, espreita tambem se da campina proxima virá o veado, a anta, ou o touro beber agua ao rio para que ella, desenrolando-se rapidamente, os envolva com os seus anneis de aço e depois de esmagados e ungidos com a sua baba possam entrar-lhe com menor esforço nas fauces dilatadas; os macacos, em bandos nu-

merosos, saltam de ramo em ramo, animando o quadro com maior vivacidade; e não é raro que a corrente destruidora das margens, derrubando ás vezes as arvores sobre que elles se estão balouçando, os leve comsigo!

A navegação do Amazonas não é facil, mesmo para os navios de vapor, por causa dos grandes madeiros submergidos, cravados uns nos logares pouco fundos e trazidos outros pela impetuosidade das aguas. Em torno d'estes colossos vegetaes formam-se graciosas ilhas de canarana ou capim de agua, que se despegam das margens, offerecendo aos olhos espectaculos mais novos e interessantes.

As viagens das canôas, como é de suppôr, são muito mais trabalhosas do que as dos vapores. Quando lhes falta o vento, só podem andar á sirga, que uma canoinha ou escaler pequenissimo vae amarrar n'um tronco saliente sobre o rio; a espia é um calabre de piassaba, que dilacera as mãos, pela qual é forçoso alar a embarcação, sem auxilio de cabrestante ou bolinete. Viaja-se d'este modo desde pela manhã até á noite, sob um sol tão ardente que reduz o homem a condição inferior á das cobras, obrigando-o a mudar de pelle com maior frequencia. E quando ao anoitecer se amarra

a canôa para esperar o dia seguinte, avista-se ainda ás vezes a pequena distancia o logar d'onde se partiu ao romper do dia antecedente! Quem escreve estas linhas passou por essa dura prova; e confessa, que durante ella se sentia com poucas disposições para admirar a belleza e magestade de tudo que o rodeava. Parece que o grande rio se encanzina contra os que vão vê-lo para lhe celebrar depois as maravilhas! Receará talvez que revelem os seus segredos ou profanem os mysterios das suas florestas paradisiacas?

Um viajante francez, que já citei, diz no *Tour du Monde,* que do Amazonas florescente do seculo passado, das suas missões, cidades e aldeias, nada mais resta do que algumas povoações insignificantes; que o homem vae destruindo tudo, que já não ha salsa, nem resinas, nem oleos, e que o proprio cacau precisa ser cultivado para não desapparecer inteiramente; que se acabou o peixe e a caça; que as tartarugas já não põem ovos (!), e que estão para sempre desertas as praias onde outr'ora se fabricava a manteiga; que o peixe boi e o pirarucú não teem tempo de crescer, porque antigamente os matavam só para comer, e que o homem branco, não se contentando com os que come, tambem agora os mata para commerciar!

D'esta ultima affirmativa póde concluir-se com rigorosa logica, que os peixes mortos para commerciar não servem para comer! Mais adiante continua a dizer, que durante o fabrico da manteiga da tartaruga se deitavam muitos ovos aos jacarés e muitos intestinos de pirarucú, e que por isso toda a gente se banhava entre aquelles bichos, sem perigo de ser tragada por elles; mas que fóra d'essas occasiões nenhum indigena ousava tomar banho em pleno rio! Acrescenta ainda, que a lingua dos tupinambás é a lingua corrente de duas ou tres provincias do imperio e principalmente do Pará[1].

Este francez não desdiz do geral dos seus compatriotas, quando escrevem ácerca de outros paizes. Não consta que se exportem jovens pirarucús, mortos na flor da vida; nem que os paes d'esses infelizes e sympathicos adolescentes deixassem de attingir a idade veneranda dos anciãos, salvo o caso de os arpoarem durante a virilidade. Não diminuiram os jacarés, nem é costume adoçar-se-lhes a ferocidade com ovos de tarta-

[1] Depuis deux siècles les Tupinambás ont disparu du Brésil, mais leur idiome est resté la langue courante de deux ou trois provinces de cet empire, et notamment de celle du Pará. *Le Tour du Monde*, 1867, pag. 103.

ruga; mas ninguem deixa de tomar banho em todos os rios ou lagos, a todas as horas do dia e da noite, e são rarissimas as desgraças que d'ahi resultam; não desappareceram dos bosques a caça nem as drogas preciosas; não se acabou o peixe, nem as tartarugas deixam de pôr ovos senão em caso de velhice ou esterilidade; no Pará e no Amazonas fallam portuguez os proprios tapuios; mas não admira que a um francez parecesse tupinambá a lingua rica, elegante e harmoniosa de Camões e de Garrett. A vida, a riqueza e a alegria, que elle diz terem fugido do Amazonas, ainda ali não chegaram, é certo, ao grau de esplendor que lhes promettem os thesouros com que esse bello paiz foi dotado pelo Creador; mas, por isso mesmo, a idade de oiro, que o tal viajante julga passada, sem ella ter nunca existido, ha de vir com certeza um dia; e então, em vez das povoações que provocaram agora epigrammas ou calumnias de um ignorante, o mais prodigioso rio do mundo verá sentarem-se em suas opulentas margens as cidades soberbas e florescentes, e substituirem-se pelas maravilhas do engenho humano os aspectos grandiosos da natureza inculta. Na Grecia primitiva, quando os vencedores devoravam os vencidos, quando a morte pairava sobre todas as cabeças e a

vingança habitava em todos os corações, alguns estrangeiros foram procurar um asylo nas praias da Argolida e ali fundaram um imperio, cuja civilisação assombrou mais tarde o universo. Pois assim como os selvagens gregos correram ao encontro dos legisladores egypcios, os do Amazonas abrigar-se-hão á sombra das leis que os protegerem e educarem, quando um governo humanitario e patriotico os podér convencer de que a força não é a primeira das qualidades, nem a coragem a primeira das virtudes.

LXII

Taba juruna
Pag. 54, lin. 21

Taba significa litteralmente povoação de indios bravos, defendida por uma tranqueira ou estacada de palmeiras; mas por extensão assim designam qualquer aldeia ou villa.

LXIII

As antas cortam com os pés as barreiras dos rios
Pag. 55, lin. 3

Approximava-se a estação das chuvas, e a margem oriental do Xingú, que eu tinha explorado até á primeira cataracta, offerecia já poucos incentivos á minha curiosidade. Na margem esquerda faltava-me apenas entrar em dois rios dos mencionados no *En-*

saio Chorographico, de Baena; eram o Ará e o Umarituba, que os jurunas me tinham dito serem muito abundantes de peixe e caça. Resolvi pois visita-los antes de partir para o Amazonas.

A minha feitoria (assim chamam á barraca dos exploradores de borracha) era situada na foz do Arapari, em frente da ilha de Santa Maria, e desde algum tempo nos escasseavam ali os mantimentos. Convoquei os meus camaradas tapuios a um conselho, para se discutir se deveriam acompanharme todos ou se ficariam alguns de guarda ao tejupar. A assembléa resolveu por unanimidade que escondessemos na floresta tudo quanto tinhamos de precioso e deixassemos a casa para refugio de algum viajante, que o acaso por ali levasse, ou morada das onças e das cobras que quizessem tomar posse d'ella durante a nossa ausencia.

No dia seguinte de madrugada mettemos a bordo da montaria (pequena canôa) dois alqueires de farinha de mandioca, sal, pimenta, limões, linhas de pescar, arpões, arcos, frechas, espingardas, as redes de dormir, e um cão, que parecia mais a sombra de si proprio do que animal tangivel. A existencia de acaso que elle tinha vivido n'um sitio deserto, d'onde o trouxeramos dias antes, reduzira-o á expressão mais sim-

ples. A sua voracidade nos primeiros dias chegára a ponto de beber umas poucas de canadas de leite de borracha, que depois de se lhe coagular no estomago o tornou de uma elasticidade tão prodigiosa, que uma vez lançado na carreira não podia parar senão caíndo ao rio.

Os meus seis tapuios sentaram-se a dois e dois nos tres bancos da montaria, empunhando cada um seu remo curto; o cão collocou-se na prôa, cabeceando com somno e fome, e oscillando aos menores movimentos da canôa; eu tomei o jacumá, especie de remo igualmente curto, que serve ao mesmo tempo de leme, e atravessámos para a margem occidental, aonde chegámos ao fim de uma hora.

Quando nos approximavamos de terra, avistámos a embocadura de um rio, formada por lindas praias de areia povoadas de cajueiros bravos. Para a direita viamos terrenos alcantilados, cobertos de densas florestas; para a esquerda a uniformidade do arvoredo indicava um plano direito e extensissimo. Desembarcámos na foz do igarapé e vimos no areal vestigios da passagem recente de muitas tartarugas. Seguindo os signaes, fomos abrir as covas onde ellas tinham depositado os ovos; apanhámos cajús, que achámos excellentes; e em seguida re-

embarcámos e mettemos-nos pelo rio, precedidos de dois exercitos de macacos, que não sei se festejavam se apupavam a nossa entrada com mil assobios, guinchos e visagens comicas. Quando a canôa passava por baixo dos ramos, que se debruçavam nas aguas, os bugios approximavam-se quasi até tocarem nas nossas cabeças, penduravam-se pelas caudas e estendiam-nos as mãos de um modo tão expressivo que os poderiamos tomar por inglezes primitivos, offerecendo-nos o shake-hands nacional. O cão, a que eu tinha posto o nome de Sylpho, pelas suas qualidades aerias, voltára-se para cima, com a bôca aberta e os olhos fechados, prevenindo o caso possivel de se lhe enfiar algum macaco pelas guelas, do mesmo modo que Jonas caíra no ventre da baleia.

Nenhum indicio nos accusava a presença do homem; o espanto ingenuo com que nos encaravam os bichos, a sua curiosidade e a confiança com que se approximavam de nós, pareciam demonstrar que desde o Paraiso terreal nunca mais aquellas especies haviam encontrado a nossa; encaravam-nos como recordando-se ou procurando nas tradições de familia memorias do sujeito que affirma ter nascido para governa-los, sem se lembrar de que fôra vergonhosamente expulso do Eden e que elles lá ficaram todos!

As aguas do rio eram claras e transparentes, olhando-se para o fundo; mas vistas horisontalmente mostravam a côr azulada e ferruginosa do indigo. A pouco mais de uma legua começámos a encontrar grandes baixos de areia; e no dia seguinte passámos as primeiras cachoeiras, arrastando a canôa por cima das pedras, onde isso era possivel; e, n'outras partes, levando-a através da floresta. Nunca vi rio mais pittoresco nem mais abundante de peixe e de caça. Teriamos apenas andado duas horas quando principiámos a ver arraias enormes, similhantes ás jamantas, e não inferiores no tamanho ás que apparecem nos mares de entre Tropicos; boiavam aos lados da canôa e quando lhes batiamos com as hastes dos arpões, mergulhavam, revolvendo as aguas com tanta violencia que por vezes estivemos em risco de nos alagarmos. O peixe andava aos cardumes, offerecendo-se aos nossos arpões e frechas: arauanás amarellados, maiores do que o peixe espada da Europa; surubins do tamanho de grandes congros; tucunarés de rabo estrellado, da grandeza de pargos; negros tambaquis; piranhas brancas, cinzentas e pretas; acarás vermelhos; taraíras, jejús e muitas outras especies, que nos eram desconhecidas, navegavam de conserva comnosco. A caça em terra não era menos va-

riada e facil. Atirámos o cão ao rio, para que fosse caçar, e elle correu logo uma paca (especie de porquinho cuja carne é deliciosa) e obrigou-a a precipitar-se na agua, de modo que a tomámos viva e nos serviu assada no espeto para um dos mais saborosos almoços que é permittido obter em taes desertos. Os jabotys eram sem conto, assim como as cotias; as aves, de muitas especies, pousavam sempre a distancia de tiro; mas o que mais nos fez pasmar foi a abundancia das antas.

Havia já algum tempo que notavamos profundos córtes, similhantes a caminhos, nas barreiras das margens. Ao principio julgámos que seriam passagens de gentios; mas como nenhum outro vestigio revelasse a existencia d'elles na immediações, encostámos por fim a canôa e reconhecemos com admiração que eram sulcos abertos pelos pés das antas!

Este igarapé não vem descripto em nenhum dos auctores que conheço; não é o Mmarituba nem o Ará, que são ambos maiores; mas como este ha alguns outros na margem oriental, tambem desconhecidos ainda, se bem que muito menos ferteis.

Na primeira noite, amarrámos as redes para dormir no alto de uma barreira, por onde as antas faziam caminho; e, depois de

nos termos regalado com uma ceia excellente e variada, adormecemos, deixando um bom fogo acceso ao pé de nós e encommendando-nos á Providencia e á vigilancia do Sylpho, que tinha comido como uma giboia. Seria pouco mais de meia noite quando me senti atirado ao ar, como se fosse impellido por uma catapulta. Acordei dando um grito e caíndo em cima de Sylpho, que só assim despertou, expellindo a ceia n'um berro. A noite era escurissima, o fogo estava quasi extincto, e os ventos dormiam silenciosos no seio da floresta. Os tapuios, que tinham logo pegado nas armas, como n'aquelles sitios é sempre costume para fazer face ao imprevisto, gritarem-me:

— São antas! São antas!

Ao mesmo tempo ouvimos o estrondo de muitos corpos baqueando n'agua, e os meus companheiros dispararam as espingardas n'essa direcção. Sylpho julgou imprudencia arriscar-se a molhar os pés, depois de uma indigestão promovida por esmagadella, e chegou-se mais para o lume, rosnando. Não soubemos portanto se alguma das antas ficaria ferida e tornámos a deitar-nos, tendo eu tomado primeiro a precaução de mudar a minha rede, a fim de que não viesse outra visita jogar a pella commigo, por achar impedido o seu caminho usual.

A anta do Brazil é, como todos sabem, o *Tapirus americanus*. O vocabulo é de origem africana. Em lingua tupi chama-se icurí, tapiyra, tapiiereté e tapiyra caapora.

LXIV

Bracelete de Ferro e Peito de Tiépiranga
Pag. 55, lin. 5

Bracelete de Ferro é, provavelmente, uma alcunha resultante da manilha de talco, que o velho chefe adoptou no braço como enfeite predilecto.

Tiépiranga *(Tangara nigrogularis,* Spix) é um passarinho do tamanho do pintarroxo, que tem o corpo vermelho e as azas pretas. Dos peitos d'estas avesinhas costumam os gentios fazer vistosas carapuças. A palavra tupi parece ser contracção de *ta,* gerundio do verbo *a-jar,* a tomar, e *piranga,* vermelho. Martius escreveu tijepiranga, outros tapiranga, tigipiranga. No Brazil designa-se simplesmente por tihé.

LXV

Guainambi
Pag. 55, lin. 12

Guainambi, goamumbi, guiamumby, guaynumby, é o beija-flor *(colibri)* de que ha numerosas e formosissimas variedades.

LXVI

Urátinga

Pag. 55, lin. 17

Urátinga, vocabulo composto de guira ou guyra, ave; e tinga, branca. No Pará e no Amazonas designa especialmente a garça branca *(Ardea egretta,* Linn.). Guyratinga é talvez melhor orthographia; porém os indios fazem distincções na pronuncia, segundo a especie a que se referem.

LXVII

Flor da jabacopita

Pag. 55, lin. 17

De jaboty e pita. É a *Gomphia parviflora,* cujas flores exhalam fragrantissimo cheiro.

LXVIII

Favos de mel creados no pau de arco

Pag. 55, lin. 18

Nas matas do Surubiú abunda o pau de arco roxo; e é raro encontrar-se uma d'estas arvores, que não junte ao valor da madeira uma porção de cera e mel. Os tapuios de Carmello & Barros, dirigidos por mim, derrubaram uma vez duzentas e tantas d'estas magnificas leguminosas, para carregar uma escuna. Em quasi todas achámos grandes enxames, que obrigavamos por meio de fogo a desamparar o mel; tomavamos apenas alguns favos d'este e espalhavamos o resto

pela floresta. Quando saímos d'ali, depois de arrastadas as madeiras para a margem do lago, ficou o chão litteralmente coberto de cera virgem; e o mel corria em fio de todos os pedaços de madeira julgada inutil!

O pau de arco *(Bignonia chrysantha* ou *pentaphylla)* é uma das mais formosas e das mais uteis arvores do Brazil. Em tupi chama-se ymira pariba. No Amazonas ha duas qualidades, sendo um roxo, outro amarello. Este é da varzea e aquelle da terra firme, porém apenas differem pela côr das flores, que umas são roxas e outras amarellas; ambas teem aroma suavissimo.

O pau de arco cobre-se inteiramente de flores quando despe as folhas, offerecendo-se então aos olhos sob o mais lindissimo aspecto, e espalhando, durante a noite, o cheiro das suas flores até ao meio dos rios e dos lagos. A madeira é excellente para construcções navaes e marcenaria.

LXIX

Cupahiba

Pag. 55, lin. 30

Cupahiba, copaúba, copahibeira ou pau de oleo é a *Copaifera officinalis,* de Linn. Ella abunda nas matas do Pará e não era raro antigamente encontrar-se arvore que desse cincoenta canadas de oleo. Infelizmen-

te o methodo empregado pelos tapuios para extrahir esse precioso liquido, mata quasi sempre as arvores. Abrem a machado um buraco enorme no tronco, e quando chegam ao oleo, fazem com cera uma especie de bica e começam a encher os potes até esgotar a arvore. Depois desamparam-n'a; e as tempestades, que frequentemente revolvem as florestas, encarregam-se de a derrubar. Se é proximo dos povoados, aproveita-se a madeira para tábuas; se é longe, tem o destino commum dos vegetaes que vivem no deserto.

Os indios curam quasi todas as feridas com balsamo de cupahiba, e servem-se tambem d'elle para luzes.

LXX

Araçás

Pag. 56, lin. 21

Psidium araçá, variedade das goiabas, familia das myrtaceas; arvoreta vulgar no Brazil e cultivada hoje nos Açores e na Madeira. O fructo recebe o mesmo nome.

LXXI

Engáseiro

Pag. 56, lin. 22

Engá ou ingá é uma leguminosa, de que ha muitas especies; todas produzem fructos comestiveis.

LXXII

Tapajós e cambebas
Pag. 57, lin. 3

Chamavam-se tapajós os indios, que descendo do Alto Perú, através das florestas profundas e sombrias do Brazil, foram estabelecer-se nas margens do rio que d'elles tomou o nome. Crê-se que descendiam de uma raça culta; porém o contacto com outras tribus ferozes e o afâstamento absoluto da civilisação em breve os nivelou com os demais sylvicolas.

Cambebas são os descendentes dos antigos omaguas. Omagua quer dizer, em lingua peruviana, cabeça chata, porque em pequenos lhes achatavam o craneo. Foram tambem indios emigrados do Perú, que desceram para o Amazonas e ali fixaram residencia.

LXXIII

Folhas do jenipapeiro
Pag. 57, lin. 17

O jenipapo (*Genipa brasiliensis*, Mart.), é uma arvore do tamanho da nogueira, muito ramosa e folhuda, que nasce espontanea nas praias dos rios e nas bordas dos lagos do Amazonas. Dá fructos do tamanho e feitio de grandes limas, de côr esverdeada a principio, que se vão tornando pardos á medida que amadurecem. Algumas pessoas

comem-n'os com assucar; mas ainda assim me pareciam muito acidos e pouco agradaveis. Em quanto verdes, conteem um succo incolor, que se torna preto logo que secca; é uma das tintas com que se pintam os gentios. Da madeira do jenipapeiro fazem-se remos, fôrmas de sapatos, coronhas de espingarda, colhéres e bolas de bilhar. A raiz é purgativa.

LXXIV

Tartaruga levada ao collo do grande rio
Pag. 57, lin. 21

Em todo o Amazonas e seus confluentes se encontra abundancia de tartarugas; mas é principalmente depois que elle toma o nome de Solimões, da foz do Rio Negro para cima, que ellas se comprazem de ir desovar. (Veja no tomo I das *Artes e Letras* as minhas *Viagens pelo interior do Brazil.)* N'um artigo do *Almanach de Lembranças,* de 1852, lê-se o seguinte:

— «Nos rios Solimões e Madeira ha grandes bancos de areia, onde as tartarugas vão todos os annos desovar... as femeas vão no centro e os machos cobrindo os flancos!»—

Segundo a opinião d'este auctor os machos tambem põem ovos!

LXXV

Maracajá
Pag. 58, lin. 6

Maracajá é a *Felis pardalis*. (Veja a nota XXVI.)

LXXVI

Marinheiro!...
Pag. 61, lin. 2

Qualificação intencionalmente injuriosa, quando dada no Brazil a um portuguez.

LXXVII

Mandioca
Pag. 61, lin. 9

Sabem todos que da raiz denominada mandioca se faz a farinha de pau. Por ser a planta muito conhecida julgo desnecessario descreve-la.

LXXVIII

Jussáras de paxiuba para fazer um girau
Pag. 61, lin. 16

Jussára, jossára, juçara e jissara é a palmeira *Euterpe oleracea*, de Mart. conhecida vulgarmente no Pará pelo nome de assahyseiro, que produz o fructo de que se faz o vinho chamado assahy. (Veja a nota XXXIV do *Odio de Raça.)* Ás estacas ou ripas feitas do tronco do assahyseiro é que os indios chamavam jussáras; d'ahi proveiu a esta palmeira o nome de coqueiro jussára. De-

pois a denominação abrangeu todas as estacas feitas dos troncos de qualquer outra, e por isso se diz jussára de assahyseiro, jussára de paxiuba *(Iriartea exorzhiza)*, e outras.

Girau ou jiráo é uma especie de xadrez feito no fundo das canôas para se pôr a carga em cima, sem que lhe chegue a agua que possa penetrar pelas costuras; grade suspensa no interior das casas dos indios para ter paneiros de farinha, roupas, cestos, etc.; e tambem sobrado de barracas formadas sobre estacaria nos logares alagadiços.

LXXIX

Vinho de cacau ou de taperibá

Pag. 62, Nn. 5

O cacaoeiro *(Theobroma cacáo)* é uma arvore de 3 a 4 metros de altura, que produz um fructo oval de 20 a 24 centimetros de comprimento, contendo dentro as sementes a que no commercio se dá o nome de cacau. Essas sementes teem adherente uma polpa branca agri-doce; deitando-as em agua e esfregando umas nas outras obtem-se uma bebida refrigerante e muito agradavel, mas que dura apenas um ou dois dias. Tambem se faz vinho de cacau fermentado; e já bebi em Lisboa algumas garrafas d'elle excellente, que me foram mandadas pelo

meu amigo dr. Antonio Henriques Leal, natural do Maranhão.

Taperibá, e n'outras provincias cajaseiro ou cajaeiro é a *Spondias lutea*, de Linn. No *Diccionario de Botanica Brazileira* vem descripta uma especie que é a menos commum no Pará. A que mais abunda n'aquella provincia e na do Amazonas dá os fructos similhantes ás nossas ameixas compridas, amarellados e muito acidos. D'elles se extrahe vinho, mais agradavel no cheiro do que no gosto, mas que os naturaes não desdenham.

LXXX

Assahy
Pag. 62, lin. 8

Palma *Euterpe oleracea*, de Mart., a que já se referiu a nota LXXVIII. Do seu fructo extrahe-se uma bebida, igualmente chamada assahy, que tem grande consumo no Pará. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

LXXXI

Jacitára
Pag. 66, lin. 3

Jacitára, acitára, titára (*Euterpe sarmentosa* ou *Desmonchus*) é uma palmeira singularissima por ser trepadeira. Tem o caule roliço, armado de espinhos e as folhas lanceoladas, alternas, igualmente espinhosas.

Dá as flores em pequeninos cachos, como as outras palmeiras; os fructinhos vermelhos, tamanhos como os da uva a que chamâmos bastardo, são globulosos e teem a amendoa oleosa. A jacitára, com quanto seja mais fragil do que a rotà da India, emprega-se comtudo em cestos, paneiros, balaios, e principalmente em apertar o tabaco chamado do sertão ou de Borba, depois de convenientemente preparada para isso.

LXXXII

Piága

Pag. 67, lin. 2

Piága, pagé, mago, adivinhador, feiticeiro, padre, cantor, medico e curador. Sabio por excellencia entre os indios do Brazil. É elle quem, ao lado do chefe, incita os guerreiros para o combate, citando-lhes as façanhas da sua tribu e cantando as glorias d'ella, como os menestreis da idade media celebravam em presença dos senhores feudaes prestes a batalhar os feitos dos seus nobres antepassados. (Veja notas do *Odio de Raça.)*

LXXXIII

Flor de oiára

Pag. 67, lin. 3

Creio ser uma *Stratiotes* do genero *Pistia*. Nasce nas bordas dos rios e lagos do

Amazonas. Algum poeta gentio, captivado pela belleza d'esta flor, a consagrou á mãe ou deusa das aguas, que em tupi se chama Oiára. O fallecido Gonçalves Dias julgou que a palavra Oiára seria africana por não a ter achado entre os indios. Se o illustre poeta tivesse vivido com elles, convencer-se-ía, como eu, de que ella pertence á lingua tupi.

LXXXIV

Maracá
Pag. 67, lin. 3

Cabaço comprido, com pedras dentro, enfeitado com pennas e fio de tocum almecegado. É o instrumento symbolico do pagé, que o toca para chamar á ordem ou incitar o seu povo no ardor da peleja. (Veja notas do *Odio de Raça.)* Depois da victoria o piága corôa o maracá de flores brancas e borrifa-as, assim como todo o instrumento, com o sangue dos vencidos.

LXXXV

Puraqué ou poraqué
Pag. 68, lin. 9

Gymnotus electricus. É um peixe carregado de electricidade, que abunda em muitos rios e lagos da America meridional, e apparece até no porto do Pará. Algumas

pessoas teem morrido ali afogadas, em consequencia do choque electrico recebido dentro de agua, pelo contacto do puraqué.

LXXXVI

Camará-juba
Pag. 68, lin. 14

De camara, lantana; e juba, amarella. *(Lantana flore aureo)*. A allusão do gentio funda-se na circumstancia de que as flores d'esta especie de lantana vão mudando sempre de côr, desde o amarello desmaiado até o alaranjado purpureo.

LXXXVII

Sumaumeira
Pag. 68, lin. 21

Eriodendron sumaúma, de Mart. Arvore que produz a sumaúma do commercio. É alta, de tronco direito, grande copa o que se dá bem em todos os terrenos humidos, nas bordas dos lagos e dos rios do Amazonas.

LXXXVIII

Cipós
Pag. 69, lin. 1

Uns auctores escrevem com s, outros com c; Constancio diz ser indifferente usar-se qualquer das duas orthographias; mas sem-

do a palavra, como é, de origem tupi, deve preferir-se cipó. Alguns missionarios ainda cedilhavam o c, com a intenção de tornar mais expressiva a pronuncia. Cipó significa raiz. A familia d'estas plantas é immensa e desconhecida ainda em grande parte. Convem advertir que o emmaranhado das florestas do Brazil não provém unicamente dos cipoaes. Não são elles os que mais difficultam a entrada nas matas virgens, mas sim a immensidade de ramos e arbustos de todas as grandezas, que se cruzam e entrelaçam em todos os sentidos.

LXXXIX

Tacápes
Pag. 69, lin. 2

Tambem ha duvidas no modo de escrever esta palavra. Alguns põem o accento agudo na ultíma syllaba, imitando os francezes; eu ouvi sempre no Xingú e no Tapajós pronunciar tacápe.

Tacápe, tangapé, tangapema ou iverapema, são armas feitas de madeira rija e pesada, umas em fórma de espadas, outras cylindricas, de tres gumes ou quadradas. (Veja a nota XII.)

XC

O ferro da minha tacuára
Pag. 69, lin. 17

Tacuára é o ferro da frecha, quando tem a fórma de punhal ou de lança. (Veja a nota IX e tambem as do *Odio de Raça.)*

XCI

Troncos de aninga
Pag. 69, lin. 26

Arum leniferum, de Arr. Cam. Arbusto de 2 a 3 metros de comprimento, 6 a 9 centimetros de diametro, direito, cylindrico, de côr verde acinzentada, marcado de cicatrizes deixadas pelas folhas que teem caído; a substancia do caule é esponjosa, sumarenta, molle. N'esta substancia se acham numerosas fibras longitudinaes, compridas, grossas como a crina da cauda dos cavallos. O dr. Arruda Camara extrahiu d'essas fibras bom cordame, dotado de grandissima força. A aninga contém um acido que reage sobre os metaes e serve para limpa-los quando oxydados. As folhas da planta medem pouco mais de 6 centimetros de comprimento e a mesma largura na base. As flores são axillares e solitarias. O calice e a espatha mais longa que o espadice tem 36 centimetros. *(Diccionario de Botanica Brazileira.)*

As margens de alguns rios e lagos das provincias do norte do Brazil estão cobertas de aninga. Ha diversas especies e a mais commum no Amazonas dá fructos similhantes aos do ananaz, mas não são comestiveis. Os indigenas servem-se do tronco d'esta planta para jangadas, boias, alvos para atirar á frecha, etc.; e affirmam que o talo da aninga-apára, pisado, suspende e cura a gangrena.

XCII

Parintins
Pag. 70, lin. 2

Parintins ou parintintins são restos insignificantes de uma nação que habitam hoje o Solimões e o Madeira.

XCIII

Sucupira
Pag. 70, lin. 4

Sapupira, sibipira, sebupira, sepepera, sicupira e sucupira. (*Ormosia coccinea*, Jacq.) É uma arvore grandiosa, de lenho durissimo, que se emprega em vigamento, peças de engenhos, instrumentos de lavoura e construcção naval. O governo do Brazil prohibe o córte d'esta arvore, em consequencia d'ella ter applicação para obras nauticas; mas quem póde ir fiscalisar se a lei se cumpre

no interior das matas do Pará, povoadas de milhares de sucupiras?!

XCIV

Tatá Japinong
Pag. 70, lin. 10

Tatá, fogo; Japinong, onda.

XCV

Apiácas
Pag. 70, lin. 15

É um ramo da grande familia tupi, e talvez a unica tribu que ainda falla sem mistura de outros dialectos a lingua dos seus antepassados. Muitos auctores escrevem apiacás, pela mesma rasão já dita na nota LXXXIX.

XCVI

Apiába Acanhêmo
Pag. 70, lin. 17

Apiába, homem; acanhêmo, terror; como o gentio mesmo traduz.

XCVII

Comedores de carne humana
Pag. 70, lin. 23

Quasi todos os povos que habitavam o Brazil no tempo do descobrimento eram anthropophagos. Depois, com o contacto dos brancos, foram-se polindo alguns; outros po-

rém conservaram até hoje bom appetite pela carne do proximo. Os muras não são d'este numero, mas o juruna pensa o contrario como inimigo.

XCVIII

Ajudei a incendiar a cidade dos brancos... e á matança dos seus marechaes
Pag. 70, lin. 26

Refere-se á cidade do Pará, destruida em parte pelos cabanos, e aos assassinatos do presidente da provincia, general das armas e commandante da marinha, em 7 de janeiro de 1835. (Veja notas ao *Odio de Raça.)*

XCIX

Muruxi e urucú
Pag. 71, lin. 6

Muruxi, mureci, murusi e murici *(Byrsonima chrysophylla?)* são arvores que se criam na terra firme e nas bordas dos lagos do Pará. A casca d'ellas emprega-se na tinturaria e serve tambem para os indios pintarem o corpo.

O urucú *(Bixa orellana)* bem conhecido na Europa, dá-se em quasi todas as provincias do Brazil, e só a do Pará exporta annualmente mais de 100:000 kilogrammas.

C

Praia dos cajueiros
Pag. 71, lin. 19

O *Anacardium occidentale,* que o nosso padre Simão de Vasconcellos diz ser a mais aprazivel e graciosa de todas as arvores da America, e porventura de todas as da Europa, não é o mesmo que orna as praias do Curumú e as de alguns rios confluentes do Amazonas. Este é o cajuhy, cajuin ou cajú do mato. A arvore é menor do que a do cajú verdadeiro, mas os seus fructos são talvez mais doces e mais agradaveis que os d'aquelle. Deve advertir-se que o que vulgarmente chamam fructo não é mais que o desenvolvimento do pedunculo floral. A parte reniforme, que adhere aos ramos, chamada castanha de cajú, é que é o fructo.

CI

Frecha de guerra cravada na mungubeira
Pag. 71, lin. 21

Usam os indios diversas maneiras de declarar a guerra, começar as hostilidades e acceitar ou propor duellos singulares. Os jurunas arremessam aos pés do adversario qualquer ramo quebrado na presença d'elle; cravam-lhe uma frecha na porta da habitação, ou n'alguma das arvores proximas a ella; e, quando vencidos, quebram e deitam

fóra as armas, pondo as mãos na cabeça em signal de afflicção e desanimo. Estudando o selvagem e alguns dos animaes que se encontram nos matos onde elle habita, achamse entre ambos singulares pontos de contacto. Os macacos, feridos gravemente, fazem os mesmos gestos e dão iguaes demonstrações de desespero ás que manifestam os indigenas depois de perdida a força moral!

Apesar de haver na cidade do Pará uma bella estrada, chamada das mungubas, magestosamente ornada por dois renques d'estas magnificas arvores, o auctor do *Diccionario de Botanica Brazileira* não dá certeza se a munguba é o *Bombax semiguttifera;* e em nenhum outro livro de sciencia a vi ainda classificada. Dentro do seu fructo, especie de cabacinha, interiormente dividida em cinco lojas, criam-se as sementes cobertas de pêllo pardo, que é muito procurado para colchões, travesseiros e almofadas, e julga-se ser mais fresco do que o da sumaúma.

CII

Primeiro canto da saracura
Pag. 71, lin. 22

Gallinula plumbea, Vieill. *Saracura,* de Spix. Saracura é termo da lingua omagua. Baena descreve-a assim: — «Anda pelas margens dos rios, come peixinhos, bichinhos,

e arroz; fabrica o ninho sobre os arvoredos; é verduenga no corpo, nas pernas verde e os olhos pretos e mui scintillantes de maneira que parece ter côres differentes. A carne é saborosa. Os indianos chamam a esta ave gallinha do mato, porque o macho canta ás mesmas horas que os galles; e dizem que as saracuras prognosticam chuva quando cantam, e que tambem cantam na reponta da maré.» —*(Ensaio Chorographico sobre o Pará.)*

AO SEGUNDO ACTO

I

Murtas e assucenas
Pag. 73, lin. 6

A murta do Pará é de muitas variedades, mas lembro-me apenas de duas: a *Eugenia lucida* e a *Myrcia campinaria,* de S. Hil. Uma d'ellas, não me lembro qual, tem as folhas miudas e cobertas de felpa; as da outra são maiores, claras, lisas e lustrosas.

As assucenas dos lagos de Alemquer, a que se refere esta nota, não são as plantas bulbosas da familia das amaryllidaceas. Pertencem a um genero de arbustos fibrosos,

cuja classificação ignoro. As suas flores são grandes, de um branco purissimo, tendo o cheiro e a fórma da assucena verdadeira, porém faltando-lhe todos os outros caracteres da familia d'esta.

II

Mulher e branca apaixonada por um indio
Pag. 74, lin. 1

O facto não era novo, mas assim mesmo assanhou algumas pessoas que viram representar o *Cedro Vermelho*. Entre varios exemplos citarei apenas o seguinte, por se ter dado no Pará em 1840, e haver ainda hoje, cá e lá, muita gente que se deve lembrar d'elle.

Um preto barbeiro (note-se, que nem mesmo era indio!) de feições horriveis e trajo ridiculissimo, captivou uma formosa branca e veiu a casar com ella. Mestre Antonio accumulava com o de barbeiro o officio de curandeiro e fazia as suas visitas de chapéu armado, como os do tempo de Nicolau Tolentino, todo preto e de grandeza descommunal; casaca, colete, e calção, afivelado no joelho, tudo da côr do chapéu; pernas nuas e descalço. Completava-se com um enorme guarda sol de panninho azul, que usava como simples objecto de luxo, porque o trazia sempre debaixo do braço, embora o calor fosse

de rachar penedos e a chuva de fazer diluvios.

Imagine-se como um filho da costa de Mina, assim ataviado e nada joven, seria susceptivel de inspirar o mais terno dos sentimentos humanos! Pois houve uma branca, assás formosa, e, diga-se a verdade, assás philosopha, que lhe deu o titulo de esposa! É certo que os casamentos d'esta natureza não são vulgares no Brazil; mas as relações entre brancas e homens de côr existem mais ou menos em todos os climas quentes. (Veja adiante a nota XXXII.)

III

Oh! moço bello, não te fies muito
Pag. 80, lin. 19

O formose puer, nimium ne crede colori.
Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.

A traducção do texto é de Leonel da Costa.

IV

Soldados desertores... que se reuniam aos assassinos para roubar de sociedade
Pag. 81, lin. 18

É sabido como a maioria dos denominados cabanos se compunha de facinorosos, aptos para todos os crimes. Expulsos da cidade do Pará, internaram-se no sertão e divididos em pequenos bandos continuaram flagellando

a provincia. O presidente d'esta enviava de vez em quando destacamentos em perseguição d'elles para todos os rios, onde lhe constava que appareciam. Succedia porém ás vezes, que os soldados, não só se associavam com esses malfeitores, mas depois de os terem destruido os ficavam substituindo em alguns logares! Referirei um caso que se passou commigo.

Em 1841 construia-se uma escuna, por conta da casa Carmello & Barros, na margem direita do Xingú, proximo á foz do Curauatá. N'um sabbado á tarde todos os mestres e tapuios de casa pediram licença para irem passar a noite e o dia seguinte a uma aldeia da margem occidental, onde se fazia a festa de S. Thomé ou do Espirito Santo. Em casa ficaram apenas José Antonio Carmello, portuguez, que teria trinta annos de idade; uma senhora branca, ainda moça, com um filhinho de collo; um preto de oito ou nove annos; e eu, que teria quatorze, e me achava empregado como caixeiro dos citados negociantes.

O logar era inteiramente deserto; a casa, construida de terra e estacas, e coberta de palha, estava situada quasi á borda do rio, no sobpé de uma collina. Os vizinhos mais proximos ficavam a distancia de meia legua, na embocadura do Curauatá, onde Ricardo

Feio, natural de Lisboa, tambem construia um navio. Alem dos individuos acima ditos, havia em casa de Carmello & Barros um grande cão, de raça dinamarqueza, que a communidade de infortunio me tinha associado como unico amigo. Chamavam-lhe Rabicho em vez de rabão, por lhe terem cortado a cauda! Este infeliz fôra da cidade com Manuel de Lima Barros, socio de Carmello; e os marinheiros, entre outras judiarias com que o atormentaram por distracção, brearam-n'o e alcatroaram-n'o, sob pretexto de o tornar impermeavel. Chegado ao Xingú, deixou-se ficar ali, quando o navio voltou para a cidade, vivendo do acaso, moído por todos com pauladas, porque a fome o tornava ladrão, e repellido sempre por causa da sua figura pouco sympathica, das feridas crueis que lhe tinham feito, da sua magreza repugnante e do seu caracter insociavel, azedado pelos maus tratos. Por acaso ou por uma tal ou qual identidade de destinos, reparámos um no outro e insensivelmente nos approximámos. Rabicho começou a seguir-me por toda a parte com solicitude, atirando-se aos rios onde me via saltar para tomar banho, nadando ao meu lado sem nunca me perder de vista, não me permittindo grande demora dentro da agua, explorando as florestas adiante de mim, cada

vez que eu n'ellas entrava, e velando-me emquanto eu dormia. Grato a estas demonstrações, retribuia-lh'as com metade da minha ração; tosquiei-o cuidadosamente, livrando-o da cobertura de breu; curei-lhe todas as mazellas; e quando lhe cresceu novamente o pêllo, ensaboava-lh'o com frequencia, lavando-o por vezes com agua de plantas aromaticas. Ao cabo de pouco tempo o animal tornára-se inteiramente diverso do que fôra e ligára-se a mim com uma affeição, que só acabou com a sua morte.

Na noite a que me refiro tinha eu adormecido no copiar da casa, especie de telheiro saliente para o lado do rio, onde o calor excessivo do clima me obrigava por vezes a atar a rede. No melhor do primeiro somno, senti que me sacudiam, e, acordando, vi o cão que me agarrava as bordas da rede, agitando-a com violencia. Como n'aquelle tempo não havia noticia de se ter manifestado a hydrophobia no Brazil, julguei que Rabicho se divertisse commigo e empurrei-o com os pés, preparando-me para adormecer novamente. Vendo esta disposição, o intelligente animal, que tinha a grandeza dos maiores da sua especie e raça, metteu-se debaixo da rede, e, suspendendo-a, deitou-me ao chão; em seguida correu para fóra do copiar, voltou atraz, tornou a saír e a en-

trar, como convidando-me a segui-lo; e tudo isto sem ladrar e sem fazer o menor ruido! Levantei-me furioso, com intuito de puni-lo pela inopportunidade dos seus gracejos, quando me pareceu ouvir rumor do lado de traz da habitação. Fazia luar, claro como se fosse dia; Rabicho, notando que eu tomava a attitude de quem escuta, soltou um rugido surdo e correu novamente para fóra.

— Avança, cão!

A este grito, dir-se-ía que um obuz o tinha arremessado contra a collina, e que lhe saía da garganta a voz dos trovões! Comprehendi então a causa por que elle me acordára, e todos os seus esforços para me advertir de um perigo imminente. Entrei logo em casa, fechei a porta por dentro, chamei Carmello, e accendi um candieiro.

— Que é?

— Não ouve o Rabicho? Penso que são ladrões!

— Ladrões?

— Tem-se dito que no Xingú anda uma quadrilha de cabanos e de soldados desertores...

Carmello, que tinha no quarto seis ou oito armas de munição, ergueu-se de um pulo, acordou a mulher, e abrindo uma grande caixa de folha de Flandres, onde tinha mil cartuchos embalados, ensinou-a a carregar

as armas com grande rapidez. Depois voltando-se para mim:

— O senhor sabe atirar?

Como eu hesitasse em responder, acrescentou:

— Tem medo?

— Ainda não sei bem de que se trata...

— Ah! trata-se simplesmente de nos tirarem a pelle.

— Isso é serio?!

— Vae ver.

— Estas espingardas darão grande couce? Se tivesse alguma mais pequena?...

— A occasião é boa para escolhas!

E dirigindo-se outra vez á mulher:

— Á medida que eu as for descarregando, faze assim... vê que fiquem bem escorvadas e vae-m'as pondo a geito.

Mordia os cartuchos, escorvava as armas, que eram todas de pederneira, mettia-lhes as cargas, batia com as coronhas no chão e em menos de um minuto as tinha todas promptas e encostadas á porta que do lado de traz da casa deitava para a encosta.

— Se não quer morrer, vá fazendo o mesmo que eu fizer. Tira essa luz para traz da parede; convem que não nos vejam, nem saibam se somos muitos ou poucos. Como o Rabicho trabalha!

Effectivamente, o cão avançava com fu-

ria, segundo os seus latidos nos annunciavam.

— O senhor ha de abrir a porta muito devagarinho; como o luar vem do rio, a sombra da casa projecta-se para a encosta; assim que abrir, deixe-me manobrar, mas atire tambem, se gosta de viver... Tome sempre cuidado, não me mate a mim!

Abri a porta, como elle ordenára, e avistei uns poucos de homens, querendo encobrir-se com um grupo de pequenas arvores que havia a meia subida da collina, e defendendo-se do cão que os acommettia sem cessar. Carmello deu quatro tiros seguidos, fazendo pontaria ao bando; eu descarreguei tambem duas ou tres armas, emquanto a mulher de Carmello carregava com rapidez admiravel e varonil sangue frio as espingardas que o marido largava. O cão, sentindo-se mais forte com o nosso apoio, atacava com maior bravura.

— Mata esse diabo com uma baionetada! — gritou um dos assaltantes. — Mata! e avancemos á casa!

— Ai!

— Mata! Mata!

— Ai! Ai!

— Atira, diabo!

— Fujamos, que são muitos!

Estes gritos foram soltados pelos saltea-

dores quasi todos a um tempo. Aos nossos tiros respondeu apenas um, cuja carga de chumbo foi cravar-se toda ao lado da porta, sem que nos tocasse um bago.

— Fogo, rapazes! Fogo n'aquelles cães! Avança, Rabicho! Ahi, cão! Aboca! Aboca!

Gritando assim, Carmello atirava com tanta rapidez, que os assaltantes desappareceram de corrida no alto da collina, perseguidos sempre pelo cão, que apesar de ferido não os largou senão depois de o chamarmos repetidas vezes. Pelos gritos e gemidos que ouvimos, ficámos suppondo, que as nossas balas nem todas se perderam e que Rabicho tinha marcado bem alguns dos ladrões. Revistando-o, logo que elle chegou ao pé de nós, achámos-lhe a bôca cheia de sangue e fragmentos de pelle humana, misturados com fios da roupa dilacerada, conjunctamente com as carnes.

— Coitado! — exclamou Carmello, que o examinava.— Fizeste bem o teu dever!

— Devemos-lhe a vida! — acrescentei eu, afagando-o.— Se elle me não acordasse, estavamos servidos!

— Ah! foi elle?!

Referi a Carmello como as cousas se tinham passado.

— Todos se portaram bem! Eu penso que matei dois d'aquelles cachorros.

— Eu atirei ao monte... — E concluí comigo: — Fechando os olhos!

— Agora é arriscado irmos ver o effeito dos nossos tiros. O Ricardo Feio deve tê-los ouvido na sua feitoria, e, provavelmente, mandará alguem pela manhã saber o que foi.

— Talvez se persuadisse de que eram salvas que nós davamos, festejando o dia em que se poz a primeira tábua do costado?...

— Isso é verdade... Aqui não se faz nada sem descargas ou sem foguetes! Maldito costume dos tapuios!... Se a gente quizer pedir alguma vez soccorro, ninguem percebe!

— Quem sabe se os ladrões não iriam tambem assaltar a feitoria do Ricardo?!

— É possivel... Mas elle não ha de ter sido tão asno como eu, que deixei ir os carpinteiros todos para a outra banda, sabendo que o Xingú anda ha dias mal assombrado!

— Pobre Rabicho! Tem umas poucas de picadas no cachaço, e está perdendo muito sangue!

— Vá lava-lo com sal e vinagre, que eu, pelo seguro, fico aqui de sentinella até amanhecer. Dá cá o meu cachimbo, e arranjem café.

Fiz o curativo ao cão, que protestava lu-

drando dolorosamente contra a brutalidade do medicamento; mas, comprehendendo sem duvida que era para seu beneficio, não me recompensou, mordendo-me, como poderia fazer qualquer creatura de certa especie que sabemos... Depois voltei com elle para junto de Carmello e ficámos conversando e fumando até pela manhã; é claro que Rabicho não tomou parte nos nossos prazeres e distracções, comquanto fosse tão digno como qualquer outro de se associar a ellas; mas tinha profundo horror ao café, e não era mais tratavel com o tabaco.

No dia seguinte pela manhã subimos a collina e achámos a terra revolvida de meia encosta para cima, e as folhas que a juncavam abundantemente regadas de sangue. Como não apparecesse ninguem, embarcámos todos n'uma canôa e fomos á feitoria de Ricardo Feio. Encontrámo-lo em casa, com todos os seus tapuios, e referimos-lhe os successos da noite. Os nossos tiros tinham sido ouvidos; porém, como eu suspeitára, attribuiram-n'os a causas festivas. Logo que souberam o verdadeiro motivo, armaram-se e partiram comnosco para a feitoria de Carmello. Chegados ali, seguimos, guiados pelo cão, o rasto do sangue, perfeitamente visivel; e depois de termos andado por espaço de uma hora através da floresta, descemos

novamente para a beira do rio. Ahi notavam-se na areia não só os vestigios sanguinolentos como as piugadas de muitos homens. Pareceu-nos, pelo exame a que procedemos, que os facinoras não seriam menos de vinte! Apesar de nós não sermos tantos, como íamos armados e sabiamos por experiencia que elles tinham apenas uma espingarda ou que lhes faltava polvora e bala para se servirem de outras, continuámos a dar-lhes caça. Mais adiante havia uma corôa de areia, separada da margem por um canal que teria meia duzia de braças de largura. As piugadas sumiam-se na agua em direcção a essa pequena ilha. Rabicho atravessou o esteiro e começou a cavar do outro lado. Como o passo era facil, fomos atraz d'elle e em poucos segundos o vimos descobrir o cadaver de um homem agigantado, que lhe ajudámos a desenterrar. O morto era mulato e vestia a fardeta de soldado de um dos regimentos que das outras provincias haviam ido em auxilio do Pará. Tinha o peito varado por duas balas e uma das pernas dilacerada pelos dentes do meu guarda fiel. O rasto dos que fugiam desapparecia no fim do areial, á beira do rio. Provavelmente ali os esperára a canôa em que tinham vindo e na qual reembarcaram; mas os signaes de sangue e a impressão de

alguns passos mais profundamente marcados na areia, indicavam que o morto deixado não fôra o unico ferido pelas nossas balas. Talvez que outros corpos fossem confiados ao Xingú, cujos monstros sabem ás vezes guardar melhor um segredo do que as sepulturas da terra. O certo é que nunca mais ouvimos fallar dos que foram nem dos que ficaram.

Este facto não foi unico; houve differentes assaltos d'esta natureza, e nem sempre os malvados encontraram para recebe-los homens com a bravura e sangue frio de Carmello. Muitas canôas dos negociantes chamados regatões foram tomadas por elles, roubadas e desamparadas ás correntes dos rios, depois de assassinadas as guarnições. E se não fôra a justiça summaria e a energia do general Andréa, presidente da provincia, só Deus sabe como e quando esta se veria livre dos malfeitores cabanos e seus associados!

O cão Rabicho seguiu ainda durante algum tempo a minha fortuna pelo Amazonas; e quando uma doença prematura me privou da sua affeição, reguei com lagrimas sinceras a sepultura que lhe abri na costa de Paricátiba, na margem direita do Amazonas, consagrando á sua memoria os primeiros quatro versos que escrevi e foram

gravados a formão n'uma lapida de itaúba (*Acrodiclidium Itauba*).

V

Estar só um de sentinella á cadeia e não haver outro para o render
Pag. 82, lin. 10

Quando eu estive em Alemquer acontecia isto com frequencia. Não me lembro da organisação que ali tinha n'esse tempo a policia, mas recordo-me perfeitamente de que era como se não houvesse nenhuma. Os soldados encarregados de manter a ordem publica eram tapuios, uns naturaes da villa, outros das vizinhanças, e talvez que a maior parte de arribação. Como era natural, todos elles tratavam o serviço do estado como o dos patrões: fugiam, mudavam de nome, largavam a sentinella para ir ceiar com a familia; e, se apertavam muito com elles, soltavam os presos confiados á sua guarda e íam-se embora todos juntos. Era uma verdadeira patuscada, que o coronel Duarte luctou muito tempo para reformar, e penso que o conseguiu por fim, depois da minha partida.

N'uma occasião em que todos os indios empregados na casa de Carmello & Barros íam fugir, roubando os negociantes e a mim, vi-me obrigado a usar de varias manhas a

fim de os poder prender; mas depois de mettidos na cadeia, achou-se apenas um soldado disponivel para os guardar, e eu tive que ficar por vezes de sentinella emquanto elle dormia, e de levar de comer aos presos para que não soffressem fome! Por fim, soltei-os para me livrar de trabalhos.

Não se julgue porém que Alemquer fosse um viveiro de crimes. Durante os dois annos que lá residi houve só um caso grave entre dois indios mansos, que se esfaqueiaram horrivelmente; mas isso mesmo não foi dentro da povoação.

VI

Os cabanos se apossaram do Pará em 1835!...
Pag. 83, lin. 16

Sobre este assumpto veja as notas XLVII do *Odio de Raça*.

VII

Peixe-boi
Pag. 85, lin. 11

O peixe-boi *(Manatus australis)*, em tupi, goarabá, é um mammifero, da ordem dos cetaceos herbivoros, famoso pela circumstancia de ser a elle que os antigos davam o nome de sereia, boi-marinho, vacca-marinha, etc. Tem o corpo pisciforme, terminando por uma barbatana simples, oval e horizontal. As barbatanas anteriores, apesar de achatadas e membranosas, compõem-se de

cinco dedos que formam sob a pelle mãos verdadeiras. D'ahi lhes provém talvez a denominação de *manatus*. Estes animaes attingem o tamanho de 6 metros e podem pesar até 4:000 kilogrammas! As femeas teem peitos como os da mulher, que quando entumecidos e salientes, durante o periodo da gestação, lhes adquiriram tambem o nome de peixe-mulher. O peixe-boi vive nos mares e rios dos paizes quentes; o da America, typo do genero, encontra-se desde a embocadura do Orenoco até á foz do Amazonas. A sua carne é excellente para comer, assimilhando-se no gosto á do porco; o leite, de agradavel sabor; e a banha, que é adocicada, conserva-se perfeitamente, applicando-se para os mesmos usos que tem o unto e servindo tambem para luzes. A pesca do peixe-boi é bastante difficil por causa do ouvido delicado com que o dotou a natureza. Mata-se com o arpão, e raras vezes por meio do anzol.

Na Europa teem-se achado fragmentos fosseis d'estes peixes.

VIII

Tucunaré, arauanã, surubim e tambaqui
Pag. 85, lin. 12

São peixes, cujas classificações ignoro, que se encontram no Xingú e seus affluentes, bem como nos do Amazonas. O tucu-

naré, do tamanho de um pequeno pargo, mas mais escuro e menos largo, tem no rabo uma especie de mancha azulada e côr de oiro, a que os indios chamam estrella; o arauaná, chato como o peixe espada, é amarello esbranquiçado e por vezes vermelho ou côr de rosa; o surubim, azul escuro, do tamanho e talvez do feitio do congro; o tambaqui é quasi preto e não me lembro de outro peixe a que possa compara-lo senão a tainha ou fataça, que dá uns longes d'elle. D'estas quatro especies o tucunaré e o tambaqui são os mais saborosos.

IX

Bater timbó e pescar de todos os modos
Pag. 85, lin. 13

Timbó, timbó açu e timbóhi são cipós, que, pisados e deitados na agua, embebedam o peixe como o trovisco, a coca e o barbasco. N'outros logares do Brazil usa-se tambem do tingui *(Phæocarpus,* Mart.) que produz iguaes resultados. Entre as differentes variedades de timbós ha alguns venenosissimos, sendo dos peiores o timbó titica; alguns, como o cipó cruapé vermelho *(Paullinia pinnata)* dão lindissimas flores.

O modo por que os indios pescam com o timbó é em tudo parecido com o que na Europa se usa: pisa-se uma porção d'aquella

planta, espreme-se na agua junto ás bordas dos rios ou lagos, e passado pouco tempo o peixe embriagado vem ao de cima e mata-se facilmente. Escolhem-se sempre os logares menos profundos, e onde não haja corrente para esta pescaria. Nos sertões do Pará e Amazonas não é difficil apanhar peixe, mesmo sem ser á linha, rede, arpão, frecha ou timbó. Tapam-se os riachos, onde chega a maré, na occasião de preamar, e quando ella baixa fica o peixe em secco; n'outros sitios mandam-se bater as aguas dos pequenos rios ou lagos, como se faz á caça nos matos, e mata-se a terçado nos pequenos canaes ou baixíos; nos terrenos que a maré ou as cheias do inverno inundam, ficam depois grandes poços tão cheios de peixe que se póde carregar uma canôa. Por vezes me aconteceu, nas ilhas de Macapá, deparar com alguns d'esses aquarios naturaes e em vez da paca ou cotia, que procurava, volver vergando com o peso de uma enorme enfiada (cambada se diz ali) de jejús e tarauyras! No Xingú costumavamos deitar as linhas de noite no rio, atando-lhes as pontas nos punhos das redes em que dormiamos; d'ahi a pouco, duas ou tres sacudidelas nos avisavam de que era tempo de as alarmos; mesmo deitados, tiravamos a presa do anzol, iscavamo-lo de novo com fructos silves-

tres, e atirando-o outra vez ás piranhas impacientes, retomavamos o somno interrompido até que ellas tornassem a acordar-nos. E ha gente que passa fome n'aquelle paiz, gente que raras vezes come carne ou peixe e se sustenta apenas com farinha de mandioca molhada em agua do rio!...

X

Jutahi preto
Pag. 93, lin. 14

Os jutahis *(Hymenœas)*, são as leguminosas de que se extrahe a gomma copal a que os indios chamam jutahycica, de jutahi, arvore; e ycica, gomma resina, grude ou solda. Ha muita diversidade d'estas arvores, cuja madeira, pesada e rija, se emprega em gangorras, mesas, esteios, eixos e outras obras de engenhos. Os selvagens fazem canôas da casca do jutahi.

XI

Sapucaias
Pag. 93, lin. 17

A sapucaia *(Lecythis ollaria,* Linn.) é uma das mais bellas arvores da familia das myrtaceas.— «É elevada, vegeta nas matas virgens, tem a casca grossa e fendida. As folhas lancioladas, grandes, pontudas para o apice, e, na base, subcordiformes, coriaceas e alternas. As flores em pequenos grupos,

similhantes a uma rosa, de côr branca rosea, tendo uma pétala concava no centro, lacineada, e de cheiro agradavel. O fructo assimilha-se a um côco de fórma oval, com um resalto annullar, que naturalmente dá abertura ao fructo. Seu tegumento externo é osseo, de 3 decimetros de espessura, abre-se pela parte superior, e deixa ver uma porção de sementes ovaes, do tamanho de um ovo de pomba, de côr branca suja, envoltas em uma substancia polposa, oleosa, branca e tenra, contida nas cavidades onde estão as sementes. Esta polpa é comestivel; as sementes encerram uma amendoa que é tambem comestivel. Chama-se *Pilão de Sapucaia* ao esqueleto do fructo, o qual, despido da sua massa interna, apresenta um espaço vasio, que o faz parecer um pequeno pilão ou um almofariz, e que nos sertões tem o seu prestimo.» — *(Diccionario de Botanica Brazileira.)*

A *Lecythis grandiflora* ou sapucaia do Amazonas tem as flores côr de rosa. Os indios chamam-lhe panella de bugio. Sapucaia em tupi quer dizer gallinha, e não sei que affinidade exista entre o animal e a arvore, nem me arrisco a inventa-la como teem feito alguns auctores mais sabios e mais audaciosos.

XII

Cambuy
Pag. 94, lin. 5

Cambuy ou camboim *(Eugenia tenella,* D. C.) é um arbusto de tronco ramoso e liso, ramos verticaes, folhas pequenas, estreitas e lustrosas, dando abundantissimas flores brancas e cheirosas, em feixes, que occupam todos os pontos da axilla das folhas e ramos. O fructo é globuloso, de 1 a 3 centimetros de diametro, coroado pelos fragmentos do calice, de côr roxa ou vermelha escura, quando maduro.

Alem d'estes dados, extrahidos do *Diccionario de Botanica Brazileira,* acrescentarei, que apesar de muito adstringente esse fructo é comido pelos jurunas. Parece-me ter visto nos Açores um myrto inteiramente similhante a este, no magnifico jardim do sr. José do Canto, em S. Miguel.

XIII

Os homens da minha nação preferem a morte ao captiveiro
Pag. 94, lin. 10

Assim como certos animaes se não dobram á domesticidade, tambem ha raças de homens, que, privados da liberdade e do ar que na infancia respiravam, succumbem como os irracionaes indomaveis. Não affirmo se os jurunas pertencem a essa classe; mas

é certo que nunca vi nenhum ao serviço dos brancos.

XIV

Tucano

Pag. 95, lin. 10

Gabriel Soares de Sousa descreve assim o *Rhamphastos discolorus:*

— «Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxelo muito miudo de finissimo amarello (alaranjado esplendido, quasi vermelho) o qual os indios esfolam para forro de carapuças; tem a cabeça pequena, o bico branco e amarello, muito grosso, e alguns são tão compridos como um palmo, e tão pesados que não podem com elle quando comem, porque tomam grande bocado, com o que viram o bico para cima, porque não póde o pescoço com tamanho peso, como teem. Criam estes passaros em arvores altas (nos buracos d'ellas) e tomam-n'os novos para se crearem em casa; os bravos matam os indios á flecha, para lhes esfolarem o peito cuja carne é muito dura e magra.» —*(Tratado Descriptivo do Brazil.)*

Estas aves parece que pronunciam no seu canto gritador as duas syllabas tu-can, muitas vezes repetidas; e d'ahi proveiu naturalmente o seu nome indigena. Houve

tempo em que as senhoras brazileiras e as das republicas hispano-americanas usavam diversos enfeites de pennas de tucano. O meu bom e velho amigo Agostinho José de Almeida enviou-me do Pará dois sceptros magnificos de reis gentios, feitos com ellas; e disse ha tempos um jornal francez, que fôra offerecido a Sua Magestade o Imperador um formosissimo vestido, tambem fabricado com essas pennas.

XV

Entoarei o canto da partida
Pag. 95, lin. 12

Os indigenas, apesar de serem profundamente tristes e de se sorrirem raras vezes no estado selvagem, teem, comtudo, cantos apropriados que entoam quando partem de uns para outros logares ou quando tentam emprezas guerreiras. Parece ser este uso caracteristico de todos os povos primitivos.

XVI

Jasmins vermelhos, brancos, azues, côr de oiro
Pag. 95, lin. 20

Penso que a maioria das plantas que no Brazil se designam com o nome de jasmins nada teem do commum com elles.

XVII

Guaporé e Juruena
Pag. 96, lin. 5

Guaporé, de gua, campo florido; e poré, cataracta. Cataracta do campo florido, talvez por allusão á planicie, onde corre ao saír do berço o rio Guaporé. Primitivamente seria esse terreno campina de flores; hoje é bosque formado de arvores seculares. Este rio nasce ao occidente das cabeceiras do Tapajós, junto á serra dos Paricis, e corre através da provincia de Mato Grosso.

O Juruena tem as suas fontes na mesma latitude e é o primeiro rio que unindo-se com o Arinos vae engrossar as aguas do Tapajós.

E' claro que não tomo a responsabilidade do traçado que o indio está fazendo a Mathilde, para regressar ao Xingú. Seguindo aquellas indicações teria elle que descrever uma curva immensa, andando tres ou quatro vezes mais do que lhe era necessario; mas é provavel que tivesse motivos poderosos para dar a preferencia a esse caminho, que não só era já seu conhecido, como talvez lhe evitasse encontros desagradaveis.

XVIII

Tucuruí
Pag. 96, lin. 8

Rio que nasce na região habitada pelos jurunas e desagôa na margem occidental do Xingú. (Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil,* no segundo anno das *Artes e Letras.)*

XIX

Palmeiras que defendem a taba juruna
Pag. 96, lin. 11

Em vez da estacada de jussáras ou tabocas com que algumas tribus defendem as suas povoações, costumam outras semear palmeiras, de tronco alto e direito, formando assim tranqueiras naturaes. As dos jurunas eram de jussáras, e não vi nunca nenhumas de outra especie; affirmaram-me porém que as havia, mesmo no Xingú.

XX

Crescem o cravo e a salsa como aqui o algodoim
Pag. 96, lin. 27

O cravo é a *Licaria guianensis,* de Aubl., que abunda nas matas do Pará e Amazonas, e cuja casca tem na Europa o nome de *Cassia caryophyllata.* Salsa é a não menos conhecida *Smilax salsa parrilha,* de Linn.

Algodoim, diz Baena ser uma arvoreta,

similhante ao algodoeiro, que produz algodão amarello mui proprio para gangas.

XXI

O curimbó e o guaraná penduram-se dos ramos das seringueiras
Pag. 97, lin. 1

Curimbó ou corimbó *(Argylia applicata?)* é um cipó aromatico, de côr avermelhada, que se cobre de flores rubras.

Dos fructos da *Paullinia sorbilis,* amassados com agua e tapioca, fazem os indios uma especie de massa, que depois de secca fica muito dura, á qual dão, como á planta, o nome de guaraná. Martius foi o primeiro que a estudou chimicamente em 1826, achando-lhe differentes principios elementares. Os indigenas dão á massa do guaraná feitios de fructos e animaes; porém o modo mais vulgar por que ella vem ao commercio é em fórma de rollos grossos, com pouco mais de 1 palmo de comprimento. Para se usar, rala-se com uma lingua de pirarecú e toma-se com agua e assucar. Passa por grande refrigerante, estomacal, antifebril e aphrodisiaca; excita o systema nervoso gastro-intestinal, impede a evacuação superabundante de muco, desperta o movimento do coração e das arterias e augmenta a diaphorese, segundo affirma o auctor do *Diccionario de Botanica Brazileira.*

A seringueira *(Syphonia elastica)* é a arvore da borracha, de que são riquissimas as provincias do Pará e Amazonas. No tempo em que eu lhe consagrei cinco ou seis mezes da minha vida, procedia-se do seguinte modo para extrahir a gomma elastica:

Saímos do Pará n'uma grande canôa, levando todos os artigos necessarios para o fabrico e para consumo dos trabalhadores, que se chamam seringueiros, assim como se chama seringa ao leite coalhado da seringueira. Nas ilhas de Gurupá apanhamos a porção de caroço do fructo da palmeira urucuri *(Attalea excelsa)*, sufficiente para o tempo que deviam durar os trabalhos, e partimos para o Xingú. Passada a ilha de Santa Maria começámos a ver por entre a massa de verdura, que povoa as terras planas da margem oriental, destacarem-se as folhas lustrosas da *Syphonia*, que brilhavam, agitadas pela viração, reflectindo o sol do meio dia. Aproámos a terra, proximo á foz de um rio, que depois verifiquei ser furo ou canal, e entrámos na floresta. As arvores que fomos reconhecer já não eram virgens nem chegavam para toda a nossa gente; havia comtudo annos que tinham sido sangradas, e pareciam tão abundantes de leite, que se resolveu deixar ali

parte da gente da expedição, emquanto o resto seguia pelo rio acima, procurando local apropriado para outra feitoria.

Ficaram seis tapuios e eu, tratando-se logo de fazer a casa para residirmos, pelo processo simples e summario dos indigenas. Escolhemos o ponto que nos pareceu mais agradavel, na margem do rio; derrubámos todo o arvoredo á roda, n'um espaço de 20 ou 30 metros em quadrado, deixando apenas seis arvores de pé para servirem de esteios principaes; lançámos uma especie de pau de fileira entre os dois do centro; travejamos tudo á roda; puzemos caibros, servindo-nos sempre de cipós em logar de pregos; cobrimos o tecto com folhas de palmeira pindoba, e installámo-nos, atando as redes de uns para outros esteios. Uma corda de cipó servia-nos de guarda-roupa commum; algumas ripas, atravessadas na parte superior de um dos angalos, era o deposito da farinha, sal e outras preciosidades; a despensa estava no rio e no mato; as paredes, consideradas luxo desnecessario, tirar-nos-iam a esplendida vista, que se gosava através do Kingú; o fogo, acceso todas as noites entre as nossas redes, impediria que os animaes ferozes tomassem a liberdade de visitar-nos familiarmente.

Concluida a barraca, tomou cada explo-

rador o seu rumo pela floresta, armado com um sabre, e foi abrir o caminho que tinha de percorrer diariamente por espaço de alguns mezes. Este caminho ía procurando as seringueiras por entre as outras arvores; descrevia linhas tortuosas, approximando-se ou afastando-se do dos outros companheiros; ora se internava na selva, ora descia até á borda do rio, tendo n'umas partes oito, dez, quinze ou vinte *Syphonias* em seguida, e n'outras mais de 500 ou 600 metros de distancia entre ellas. As arvores limpavam-se de todas as parasitas, ramos e cipós circumvizinhos, até á altura onde chegava o terçado; desobstruia-se-lhes o pé de quantas raizes estranhas, paus e folhas seccas o rodeavam; onde o terreno era alagadiço, fazia-se junto ao tronco um girau ou grade, 2 ou 3 palmos levantado do chão; e procurava-se uma grande folha de caladio, que se deixava sobre o girau. Cada homem precisava desde sessenta até cento e vinte seringueiras, conforme a sua destreza e agilidade.

Feito o caminho, procurámos barro apropriado para as tigelinhas em que devia aparar-se o leite. Havendo-o encontrado, cada um de nós amassou uma bola enorme d'elle, extrahindo-lhe todas as pedras e impuridades; depois dividindo-o em pedaços, que

tambem arredondavamos, e fazendo-os girar na palma da mão esquerda, comprimidos ao centro com o dedo pollegar da direita, improvisavamos com cada bocado uma tigela, mais ou menos perfeita segundo a pratica ou habilidade do operador; em seguida achatava-se-lhe um dos bordos contra qualquer tronco para lhe dar a feição que permittisse adapta-la á seringueira. Havia dois methodos de usar d'estas tigelas: um, com ellas ainda frescas, outro, só depois de seccas. Pelo primeiro, segurava-se a tigela á arvore, sem auxilio de outra materia pegajosa; mas os vasos frescos estragavam-se facilmente e ás vezes corrompiam o leite; pelo segundo systema, seccavam-se as tigelas ao sol ou ao lume e pegavam-se ás arvores com barro fresco.

Logo que ellas estavam promptas, quer de um quer de outro modo, distribuiam-se pelas arvores, deixando-se quatro, seis, oito, dez ou doze ao pé de cada uma, conforme a sua grossura. Se as seringueiras se julgavam demasiado vigorosas, sangravam-se antes de principiar o trabalho, cinco ou seis manhãs a fio, fazendo-se-lhes tantos golpes de cada vez quantos coubessem na circumferencia, distantes 9 ou 10 pollegadas uns dos outros; no dia seguinte, o mesmo numero de sangrias, 2 palmos abaixo das primei-

ras; e assim successivamente, até chegar ao pé da arvore. Esta operação tinha por fim dispô-la para dar mais leite. O instrumento com que se operava era um machadinho, que teria quanto muito 7 ou 8 centimetros, enfiado n'um cabo de 2 palmos. O golpe dava-se de baixo para cima, ferindo sómente a casca, onde existe o succo leitoso da *Syphonia.*

Depois de feitos todos estes preparativos, começámos o trabalho n'uma segunda feira, saíndo da barraca ao amanhecer, levando cada um o seu machadinho na mão e uma grande bola de barro ás costas, amassado na vespera á tarde. Chegando á primeira seringueira punha-se o barro no chão, davam-se rapidamente os golpes, na maior altura a que se podia chegar com o machado, e fixava-se immediatamente por baixo de cada um d'elles a respectiva tigelinha, pegada com bocadinhos do barro que levavamos. Tinhamos adoptado de preferencia o systema das tigelas seccas por serem mais duradouras, apesar de termos de carregar todos os dias com o barro fresco para as segurar. Da primeira passava-se á segunda, e assim por diante, a correr sempre, até á ultima. Eu não consegui nunca picar mais de 70; alguns dos meus tapuios chegavam a 130.

Das nove para as dez horas concluia-se a primeira parte do trabalho, e voltavamos a casa para almoçar. O almoço compunha-se, em geral, de papas de farinha de mandioca (mingau) ou pirarecú assado com farinha secca. Jantar e ceia, o mesmo, para variar. Quem queria peixe e caça precisava arranja-la no domingo para toda a semana, ou perder horas de trabalho, indo caçar e pescar.

Depois do almoço principiavamos a apanhar o leite n'um balde ou cabaço monstruoso, revestido de cipós entrançados, e tendo a bôca muito pequena para evitar que o liquido, dotado de grande elasticidade, saltasse fóra com os movimentos que faziamos caminhando. As tigelinhas despejadas mettiam-se umas dentro de outras, arrumavam-se ao pé das arvores sobre o girau, e cobriam-se para que a chuva as não destruisse. Ao meio dia tinhamos acabado esta segunda operação e voltavamos á feitoria. Ali mettia-se cada um de nós n'uma pequenina choupana, que antecipadamente haviamos construido; accendia o lume no chão, collocando sobre elle um vaso de barro, do feitio dos que em Portugal chamâmos tigela da casa, com o fundo para o ar; e por um buraco redondo, que havia d'esse lado, mettiam-se caroços de urucuri, até saír um fumo branco

e espesso, cujo calor a mão não supportasse.

Os tapuios tiveram a complacencia de me ensinarem, revezando-se, a fim de não recaír sobre um só a perda de tempo e de paciencia. Emquanto os caroços do urucuri se inflammavam para darem ao fumo o grau de calor exigido, punha eu a geito as fôrmas de pau, que tinham de servir-me para sapatos, e as de barro, feitas por mim e espetadas como as outras em pequenos cabos, que eram do feitio das borrachas que se vendem nas pharmacias para clysteres; deitava o leite n'um grande alguidar, e apenas o fumo tomava a consistencia necessaria, sentava-me em frente do meu boião, mergulhava no liquido uma das fôrmas e fazia-a girar em todos os sentidos até coalhar com o fumo ardente a primeira camada; depois o mesmo com a segunda, com a terceira, e assim por diante até á grossura que se queria dar ao objecto. Lembra-me ainda de que para os sapatos se exigiam dezoito camadas de sola e trinta geraes. Á medida que o liquido baixava no alguidar, deitava-se o leite por cima da fôrma com uma cuia pequena.

Logo que se acabava uma peça ía-se pôr ao sol, com o cabo espetado no chão, e via-se escorrer a parte aquosa que continha o leite, acrescentada com o vapor produzido

pelo calor do fumo. A borracha preparada d'este modo ficava côr de café com leite; o sol dava-lhe depois tons acastanhados. Ao fim de tres ou quatro dias tiravam-se os sapatos das fôrmas de pau, abrindo-os na parte por onde devia entrar o pé. Os objectos que tinham as fôrmas de barro cortavam-se tambem por cima e este dissolvia-se com agua. Depois de tudo enxuto, enfiava-se, pendurava-se, e pesava-se quando vinha o chefe da exploração para se lhe fazer a entrega. Aos meus companheiros tapuios e a mim pagavam-nos n'aquelle tempo 160 réis por cada par de sapatos, em moeda brazileira; e 3$000 réis por arroba de borracha fina! Poucos annos depois estes preços subiram a dez vezes mais!

Alguns seringueiros gravavam com as pontas das facas arabescos de mais ou menos mau gosto na superficie da borracha, logo que acabavam de a defumar. Esta qualidade pagava-se um pouco melhor do que a lisa. Um operador habil podia fazer por dia até oito ou dez pares de sapatos; alguns ainda mais; porém o termo medio não passava de cinco a seis.

Depois de terminados todos os trabalhos para coalhar o leite, íamos percorrer o caminho e extrahir com a ponta de uma navalha o residuo congelado nas tigelas, ao qual

se dá o nome de cernamby. Deixando-o ficar ali muitos dias, fazia-nos perder por vezes uma parte da colheita, coalhando o liquido antes de o recolhermos. O cernamby servia-nos para as nossas illuminações, apesar do fumo espesso e oleoso que resultava da sua combustão.

Os processos de extrahir a borracha estão hoje immensamente simplificados, bastando apenas mergulhar a seiva da seringueira n'uma solução de sulphato de alumina e potassa para a fazer coalhar.

É sabido que a borracha do valle do Amazonas é considerada como da melhor qualidade. Aquella provincia com a do Pará exportam annualmente para mais de 4.500:000 kilogrammas na importancia approximada de 8.000:000$000 réis.

XXII

A baunilha agarra-se aos troncos rugosos da envireira e do niá
Pag. 97, lin. 2

A baunilha *(Vanilla aromatica)* é uma planta sarmentosa e trepadeira, da familia das orchidaceas. Tem os caules verdes, nodosos e cylindricos, munidos de raizes adventicias, que lhe servem para se agarrar ás arvores em que trepa e tambem para alimentar-se. As suas folhas são rentes, alternas, distantes, ovaes-oblongas, agudas, lisas, um pouco

espessas e com nervuras longitudinaes. Dá as flores no apice dos ramos, em cachos axillares pedunculados; o periantho é de um verde amarellado por fóra, branco por dentro e formado de seis sepalas. O fructo, uma capsula carnosa, verde ao principio e depois de côr roxa escura, comprida e siliquosa; tem numerosas sementes globulosas, pretas, cheias de um succo roxo, espesso e balsamico. Colhe-se antes de maduro para evitar que rache e deixe escorrer o succo; secca-se á sombra, ata-se em mólhos de cincoenta a cem capsulas, que se mettem em caixas de folha, e assim se entrega ao commercio.

Ha differentes variedades de baunilhas no Brazil; as do Pará consideram-se as melhores pela suavidade do cheiro.

Envira ou envireira, embira, imbira, são differentes arvores da familia das bombaceas, de cuja casca se extrahem cordas excellentes. Uma das que mais abunda no Pará e Amazonas é a envira tinga (*Helicteres baruensis,* Linn.). Da envira vermelha (*Courataria ardentis*) tiram-se umas achas que servem de archotes aos indios. Esta pertence á familia das myrtaceas.

Nha ou niá é a *Bertholletia excelsa,* de Humb. e Bomp., que produz a castanha chamada do Maranhão. É um dos mais altos colossos vegetaes do paiz. Nas margens

do Surubiú assisti ao córte de alguns, que tinham 35 metros de alto e 1 $^1/_2$ de diametro. O fructo é uma noz espherica, do tamanho de uma cabeça de creança ou ainda maior, de côr verde, liso e quadrilocular, contendo muitas sementes. Tem o sarcocarpo fino, o pericarpo muito solido, cheio de sulcos ramosos, com seis linhas de espessura; as sementes, fixas a um trophosperma central pela extremidade inferior, são envolvidas cada uma em dois perispermas: um exterior, rugoso, côr de canella clara, formado de duas laminas de consistencia lenhosa; outro interior, mais fino que o precedente e tambem formado de duas laminas transparentes, estreitamente unidas. A amendoa oblonga, triangular, de angulos obtusos, é branca, excellente para comer, de sabor exquisito e um tanto parecido com o das amendoas da Europa.

XXIII

Favas cheirosas do cumarú e do puxiri
Pag. 97, lin. 4

Cumarú *(Dipterix odorata)* é outra formosa arvore do Pará e Amazonas. Dá as folhas dispostas em palmas e as flores em cachos escarlates. O fructo é uma vagem quasi oval, que tem dentro uma massa trigueira e ao centro d'ella uma semente cin-

zenta mesclada, do feitio de fava. Os francezes deram a esta fava o nome de *Fêve de Tonka*. Emprega-se na perfumaria, e muitas pessoas as deitam dentro do rapé a fim de aromatisa-lo. Depois de bem secca, a fava torna-se escura e ás vezes inteiramente preta, sem comtudo perder o cheiro suave. Os indios fazem collares d'ella.

Puxiri, puchury, pichurim, pexurim, piexiri, pechury é a *Nectandra puchury*, de Mart. —« Tem as folhas ellipticas, rijas, conicas, glabras e assoveladas; as flores terminaes, dispostas em corymbos; o fructo em fórma de baga, com uma semente de dois lobos cotyledonarios, sempre isolados e completamente nús. Estes lobos é que são vulgarmente conhecidos pelo nome de favas puchury. Elles são ellipticos, oblongos, do comprimento de 2 centimetros, com 1 de largo, convexos do lado externo, planos na face por onde se tocam. Teem a côr do chocolate exteriormente e um pouco variegados no interior, o que é devido á presença de um oleo botyraceo, que póde extrahir-se por expressão a quente ou por ebullição na agua. São de cheiro forte e aromatico, de sabor um pouco acre e picante, analogo ao da noz moscada.» —*(Diccionario de Botanica Brazileira.)*

XXIV

Jabotis
Pag. 97, lin. 9

Jaboti, jaboty, jabutim e sabuty é o *Testudo terrestris*. Affirma-se que quando cae qualquer arvore sobre um jaboti, este vive sem comer até que ella apodreça! Verdade ou não, encontram-se alguns d'esses animaes com as costas concavas, e dizem os indios que é por elles terem ficado esmagados ao tempo em que ainda estavam crescendo, e que só obtiveram a liberdade depois de desfeito o madeiro que os imprensava. (Veja a nota LXIII do *Odio de Raça.*)

XXV

Pacas e cotias
Pag. 97, lin. 12

Ha duas especies distinctas de pacas: o *Cœlogenis fulvus* e o *Cœlogenis sub-niger*. São do tamanho de um porquinho pequeno, de barriga grande, pés e mãos curtas, unhas similhantes ás do cão; teem a pelle branca ou vermelha, e raiada de preto ao comprido; é muito boa carne, quando está gorda.

Cotia *(Chloromys agutí)* é similhante ao coelho da Europa, mas de orelhas redondas, pelle menos fina e de côr differente; umas são vermelhas e outras pretas. Os sapateiros fazem calçado das pelles de cotia.

XXVI

Mais direito do que o marupá
Pag. 97, lin. 26

Marupá ou marubá *(Simaruba officinalis,* D. C.) Arvore da familia das rutaceas-simarubias, que habita no Pará e nas Antilhas. No Pará chamam-lhe vulgarmente marupá. O dr. Chernoviz affirma no seu *Formulario* ou *Guia medica,* que esta arvore tem 60 pés de alto, e ás vezes mais, e que o tronco excede a 2 pés de diametro. As raizes são mui grossas, e estendem-se ao longe perto da superficie da terra, que frequentemente as deixa meio descobertas. A casca da raiz é medicinal e emprega-se como tonico energico nos fluxos cerosos, hemorrhagias passivas, febres intermittentes, dysenterias, affecções verminosas e asthenicas. Sua acção é analoga á da quassia.

XXVII

Boré
Pag. 98, lin. 12

Boré, janúbia, inúbia, jombyâ ou memby apára era a trompa, trombeta ou clarim guerreiro dos indios. Menos o bocal, tinha o feitio de um clarinete de 6 a 7 palmos de comprido. Os sons que se tiram d'esse instrumento teem uns longes do chiar das noras. Ha vinte e tres ou vinte e quatro an-

nos que os moradores da casa n.º 61 da rua dos Fanqueiros, e os dos predios circumvizinhos, foram alegrados pelos toques do boré juruna. Dir-se-ía que os valentes do Xingú se tinham apossado de Lisboa e celebravam na referida casa os seus triumphos! A vizinhança, receiando talvez morrer de delicias, invocou o auxilio da auctoridade para fazer emmudecer o instrumento; mas como na legislação se não tinha previsto senão o caso dos aprendizes de rebeca, o boré triumphou dos seus detractores, forçando alguns a mudar de bairro. Ah! se eu tivesse outra vez vinte e tres annos, ía já pedir novo boré ao meu bom Agostinho José de Almeida, para deleitar os meus vizinhos do largo do Carmo, e fazer enfiar de inveja a banda da guarda municipal!

XXVIII

Ellas correm tambem para o inimigo
Pag. 98, lin. 13

Depois das famosas amazonas, de que falla Francisco Orellana, as indias não tornaram a tomar parte nos combates dos homens senão em casos excepcionaes. Seguem-n'os comtudo, quando elles vão fazer a guerra longe da taba, e levam comsigo, ás costas, o que teem de mais precioso.

sonagens, empregando-se todos os meios que interessem os leitores; não ha tempo determinado para se concluir a acção; quando não basta um volume para a completar ou desenvolver, escrevem-se dois, tres ou quatro. O livro sae do gabinete para as lojas dos livreiros, e o romancista espera tranquillo que o publico medite, vagarosa e reflexivamente, as verdades que lhe envia.

O auctor dramatico, pelo contrario, deve vencer ou succumbir em algumas horas apenas; conquistar os votos da multidão, diante da qual expõe o seu pensamento em vulto, ou caír com a sua idéa. Julgado e sentenciado sem appellação, por impressões momentaneas, padece annos de martyrio durante os minutos que precedem o erguer do panno do theatro na primeira representação da sua obra. Ha comtudo uma differença a favor do poeta: o livro póde ser posto de parte no começo da leitura; e o drama ha de ser ouvido pelos espectadores, que a curiosidade attrahir ao theatro. Mas porque preço se paga essa pequenissima circumstancia favoravel!

A orchestra pára; o panno sobe; ao rumor que momentos antes enchia a sala de animação, succede profundo silencio; as mulheres suspendem o movimento dos leques; os homens esforçam-se por prestar atten-

ção; e no meio d'esta calada, a que por vezes se seguem grandes tormentas, o moralista, o philosopho, o modesto lavrador dos campos do progresso, occulto atraz dos bastidores, pallido, tremulo, hesitante, comprimindo a respiração, duvidando de si, mas fiel á sua consciencia e ao seu dever de apostolo, manda a sua idéa, viva, incarnada no actor, agitar-se, desenvolver-se, fecundar os espiritos mais rudes e incultos, destruir os preconceitos, conquistar terreno para o futuro e alumiar o caminho da humanidade. O silencio interrompe-se por breves sussurros; quanto mais duras e amargas são as verdades semeadas entre a multidão, mais esta se commove e excita; o auctor estremece ao mais leve rumor; parece-lhe que a sua concepção não é bastante robusta; que ora corre apressada, ora vagarosa; que a acção é lenta, o dialogo extenso, a paixão fria e a verdade nebulosa. Em tal scena escapou ao actor uma phrase, que era a chave do acto, e essa falta matou a deducção logica do desenlace; em outra, a demora de uma replica alterou o sentido das palavras; e as entradas fóra de tempo impediram o effeito dramatico das melhores situações.

Apesar de tudo, a idéa apossa-se dos animos; uns recebem-n'a sem condições, outros discutem-n'a, alguns rejeitam-n'a, sem exa-

me, só porque ella sae do caminho trilhado ou se apoia em verdades que assustam.

O panno cae; as palmas rebentam enthusiasticas; a fronte do auctor desenruga-se... mas não é este quem triumpha, é a philosophia da sua obra, o bom, o verdadeiro e o justo; para si, o humilde operario do progresso colhe sómente os espinhos da sua carreira, os tormentos da incerteza, as agonias da lucta, os fructos amargos da inveja, da calumnia e da maldade. Faltam ainda quatro actos para que elle possa apreciar se o seu pensamento foi ou não comprehendido. Acaba a representação: o applauso das maiorias consagra e corôa a sua obra; o publico de boa fé propaga e proclama a excellencia das suas doutrinas; mas não falta nunca, entre os juizes que se chamam a si mesmo competentes, e que celebrariam a peça, no caso d'ella ter sido pateada, quem proteste contra a conquista ou accuse a lição de perniciosa. Ás mesquinhas intrigas de bastidor, ás vaidades insolitas, que disputam ao poeta o direito de distribuir os papeis, á inepcia das emprezas, que fazem consistir a boa administração em excluir ou preterir escandalosamente os dramas nacionaes, acresce a má interpretação que alguns criticos, por ignorancia ou maldade, e talvez por ambas as causas, dão ás

composições dos que não seguem as suas escolas nem pertencem ás suas sociedades.

Tal é, em resumo, a gloria do auctor dramatico e a historia das suas obras!

No *Odio de Raça*, bosquejando os costumes da escravidão, deixei entrever a possibilidade dos homens de côr se apaixonarem pelas brancas, apesar da distancia que os separava. A idéa, que não era nova, porque estes exemplos sobejam nos climas ardentes, onde as paixões são faceis e o amor não conhece leis, pareceu a muitos audaciosa, por ser simples e verdadeira! No *Cedro Vermelho*, pondo a civilisação em frente da barbarie, prosegui no caminho encetado, apaixonando a branca pelo indio. Expuz aos olhos dos espectadores a vida que se vive no sertão; pintei com as melhores tintas da minha humilde palleta a gente, os usos e costumes que tinha conhecido; não exagerei nem calumniei; se me accusa a consciencia é de ter suavisado um pouco a dureza de alguns traços physionomicos, cobrindo-os aqui e ali com arrendados de estylo.

Pareceu-me que tanto direito tinham os brancos de se associarem ás mulheres de côr, como as brancas para amarem os indios, os mulatos e os pretos, ou estes a ellas. É certo que, no theatro, desenhei o papel de Mathilde menos platonicamente do que

vae agora no livro; mas sinceramente me arrependo de o ter emendado, porque era talvez mais verdadeiro, quando a joven branca se arrojava aos pés de Lourenço, inspirada por uma paixão ardente, embora se horrorisassem com isso um ou dois moralistas em disponibilidade.

Antes da representação li o drama em casa do sr. D. Pedro do Rio, diante do auditorio mais selecto e competente que póde julgar causas d'estas. A illustrada dona da casa tinha tido a amabilidade de me pedir essa leitura, e convocára para assistir a ella as mais distinctas damas de Lisboa, entre as quaes se achavam duas graciosas estrangeiras, que entendiam portuguez. Nenhum protesto se levantou contra a paixão de Mathilde pelo barbaro; todos os sentimentos que moviam a sobrinha do coronel Duarte pareceram verdadeiros e possiveis áquelle tribunal supremo. O povo, que por maior que seja a sua ignorancia tem sempre a intuição da verdade, tambem depois applaudiu e festejou a inclinação da branca, porque ella está de accordo com a moral do christianismo, que prega a igualdade humana. E comtudo não faltou quem julgasse que essa paixão foi um mau exemplo, uma lição de depravação e de immoralidade! Esqueciam-se de que o amor não respeita as

conveniencias sociaes, nem lhes pede conselho, quando se ateia nas almas; que os corações são sempre da mesma côr, e que o sangue os percorre com a mesma ardencia e impetuosidade, apesar de todas as preoccupações de raça ou de casta. Sei que não sou Shakspeare; mas Othello tambem era preto, e, como elle proprio confessa, tinha já entrado na idade em que a flor da existencia vae perdendo o viço quando captivou uma branca tão formosa, que ainda depois d'esta o ter por amante era requestada para esposa do filho de um doge de Veneza.

Disse um critico, que repugnava ás nossas idéas de civilisação e ás leis geraes da natureza ver uma mulher branca, prostrada aos pés de um homem, implorando a esmola d'esse amor brutal, que é quasi um insulto aos melindres do sexo. Sabem todos, e a historia está cheia de exemplos notaveis, que a mulher, dominada pelas paixões, é capaz de todos os extremos, de subir ás maiores alturas ou despenhar-se nos mais profundos abysmos. Que lhe importam considerações, respeitos do mundo, melindres do sexo, familia e religião, quando lhe invade o peito a chamma abrasadora?! Desdemona sacrifica seu pae Brabancio ás iras do senado, á pobreza, ao desterro, e prefere a maldição paterna á perda do negro Othello!... Mas prescinda-

mos dos exemplos nascidos da cegueira do amor e citemos um só, filho do capricho:

O joven Papirio, filho de um senador romano, tendo assistido um dia á sessão do senado, perguntou-lhe sua mãe que assumptos ouvíra discutir. Para illudir a curiosidade materna, respondeu o mancebo, que se deliberava sobre se seria mais util para a republica dar dois maridos a cada mulher ou duas mulheres a cada homem. A matrona, commovida com similhante noticia, foi logo communical-a ás suas amigas; e no dia seguinte as mais distinctas mulheres da maior nação do mundo, reunidas tumultuosamente ás portas do senado, pediam que se lhes concedessem dois maridos! As idéas de civilisação, as leis geraes da natureza e os melindres do sexo não poderam impedir tamanho escandalo, nem mesmo na patria de Caia Cecilia, Lucrecia, Porcia, e Cornelia, mãe dos Grachos! É porque a mulher, como diz Balzac, é rainha do mundo e escrava de um desejo; os seus actos são mais vezes filhos da imaginação do que da rasão; o amor é o seu fim e o seu destino.

A estreiteza do quadro e a pobreza do engenho não me permittiram tratar o assumpto de modo que levasse o convencimento a todos os espiritos; revendo o papel de Mathilde para imprimir o drama, tive a fra-

queza de altera-lo, julgando que o melhorava. Tarde conheci que falsára a natureza por amor da arte e que não é com escrupulos infundados que se combatem ou destroem as preoccupações. Exultem com esta confissão os que me obrigaram a commetter o erro, e cuja má fé eu devia ter percebido quando elles me accusavam de haver sacrificado as outras personagens ao caracter do gentio, e de não ter posto um telegrapho electrico e um caminho de ferro nas margens do Curumú, para diminuir a superioridade que parecia ter a barbarie sobre a civilisação!

XXXIII

Magoaris
Pag. 101, lin. 26

Magoary, maguary, baguary, mauary e magoari (*Ciconia maguari*, Temm.) Ave ribeirinha, que tambem entra nas matas, onde se empoleira nas arvores mais altas para avistar sempre o lago ou o rio. É maior do que a garça, com a qual a confundem alguns escriptores e tambem com o jaburú, que é immensamente mais corpulento. O magoari tem as pernas altas, o pescoço comprido, o peito agudo e sem carne, bico curto, olhos verdes, com um circulo amarellado, e a côr das pernas esbranquiçada. Ha muitos annos vi em Cintra, no castello dos Mouros,

duas d'estas aves, que tinham sido offerecidas ao sr. D. Fernando, e que pareciam viver ali perfeitamente.

XXXIV

Andirobeira

Pag. 104, lin. 3

Andiroba, jandiroba, nandiroba, nhandiroba, ghandiroba, gendiroba e gindiroba. Arvores e arbustos de fructo oleoso, tendo por typo a andirobeira commum. (*Carapa guyanensis*, Aubl.) Esta ultima é de porte elevado e gracioso, folhas compostas, de longo peciolo, flores terminaes nos ramos, brotando de um pedunculo commum, do feitio de angelicas, vermelhas, amarellas ou esverdeadas, todas de mau cheiro. O fructo, em pequenos cachos, é uma noz de 15 a 18 centimetros, rolissa, reniforme, aguda no apice, com uma sutura de metade do seu tamanho na parte convexa. Dentro do fructo tem quatro ou cinco sementes ellipticas, de corpo esbranquiçado e frouxo, encerrando a amendoa branca e muito oleosa. D'ella se faz no Pará e Amazonas azeite muito bom para luzes, e emprega-se tambem no fabrico do sabão. É medicinal, amargo, purgativo e tambem venenoso, sendo tomado em grande dóse.

A andirobeira cresce pelas bordas dos rios, sobre cujas margens os seus fructos se debruçam com perfida graça, convidando o viajante inexperiente a colhe-los de cima das toldas das canôas. Os indios costumam dizer, que as caricias da mulher são como as castanhas da andiroba.

XXXV

Tupinaen
Pag. 104, lin. 7

Tupi-n-aem; isto é: tupi mau ou perverso. (Veja a nota LIII, do acto primeiro.)

XXXVI

Lourenço pega em cobra viva
Pag. 105, lin. 4

Pae João exagera, n'esta parte, a habilidade do gentio. Se fallasse de si poderia com rasão vangloriar-se do feito, porque são os africanos que costumam frequentemente pegar em cobras vivas, sem que ellas os mordam. Os indios matam com suprema perfeição e intrepidez as maiores boas; e afiançaram-me que tambem pegavam n'ellas antes de as matarem; mas só aos pretos vi subjuga-las de um modo quasi prodigioso.

Um cabinda, que naufragára commigo no

Amazonas, costumava divertir-se mettendo duas ou tres cobras no cesto onde guardava o tabaco e o cachimbo, para que os tapuios o não roubassem. O processo que elle empregava para fascinar os reptis era mui simples: picava-os com uma varinha, cuspia duas ou tres vezes sobre elles, proferindo palavras que me pareciam destinadas a armar ao effeito, mas a verdade é que as cobras se estorciam, como se realmente fossem victimas de um poder mysterioso que as subjugasse! Momentos depois ficavam immoveis; o cabinda pegava n'ellas, enrolava-as no braço e á roda do pescoço, apertava-as nas mãos e metti-as no cesto, sem que ellas tentassem resistir-lhe! Era necessario que passassem alguns minutos primeiro que saíssem do estado de torpor e molleza a que elle as reduzia; e quando readquiriam a elasticidade parecia que acordavam de pesado somno!

Meu irmão Manuel viu um preto apanhar uma na estrada das Mungubas, no Pará, de tão monstruoso tamanho que o fascinador gemia e custava-lhe a caminhar, vergado com o peso d'ella ás costas!

É possivel que as varas magicas, com que elles as picam para subjuga-las, tenham as pontas fortemente impregnadas de urari ou outro veneno violento, e consista n'isso

o segredo por que se assenhoream d'ellas. (Veja a nota XLI do segundo acto.)

XXXVII

Pau mulato
Pag. 105, lin. 6

Pau mulato, que não acho descripto, julgaria ser um *Eucalyptus,* se esta arvore existisse nas matas do Brazil. Provavelmente é uma acacia, mas não sei de que especie. Tem a casca lisa e amulatada.

XXXVIII

Porco ou caititú
Pag. 105, lin. 14

Ha tres ou quatro especies de porcos bravos no Brazil. Uma d'ellas, talvez a melhor das provincias do norte, é o caititú, caitetú, caytetú ou taitetú *(Dicotyles torquatus).* Nas florestas do Pará e do Amazonas abundam os porcos bravos, que andam em bandos, e cuja caça se não faz sem um certo perigo. O caçador costuma postar-se em cima de uma arvore, ao pé das palmeiras onde os taititús vão comer; d'ali atira ao bando, e para que os animaes não fujam, imita o ladrar dos cães. Isto enfurece-os a ponto de investirem contra a arvore, succedendo ás vezes derruba-la com os dentes, se o atirador não soube ou não teve tempo de a es-

para encobrir o logar onde depositam os ovos. Todos os meios se julgam bons para defender a vida; e os homens timidos e humildes, que não ousam trazer armas que provoquem ciumes e desafios de vizinhos mais poderosos, costumam, sob apparencias pacificas e conciliadoras, occultar na ponta da unha do dedo pollegar uma arma terrivel: é o urari.

Humboldt foi o primeiro que trouxe para a Europa uma certa quantidade d'este veneno. Os dois irmãos Schomburgk, que viram na Guyana florescer a planta, deram uma descripção mais precisa da sua natureza e da maneira de preparar a substancia toxica. Ricardo Schomburgk analysou chimicamente a medulla do *Strychnos toxifera,* que apesar do seu nome e structura organica não contém, segundo Boussingault, nenhuma strychnina. Das experiencias physiologicas de Virchow e Munter concluiu-se, que o urari não obra pela simples applicação exterior, e que só dá a morte quando absorvido pelos tecidos escarnados; que não pertence aos venenos tetanicos, mas que produz uma especie de paralysia; isto é: que suspende os movimentos musculares voluntarios, deixando funccionar os musculos independentes da vontade, taes como o coração e os intestinos.

Experiencias mais recentes confirmam que o urari extingue as propriedades dos nervos motores, conservando as dos nervos sensitivos; que actua sobre o systema nervoso, motor da vida de relação, mais rapidamente do que sobre o systema nervoso da vida organica ou sympathica; porém logo que o envenenamento é completo, a sua acção torna-se geral. É para notar que essa acção vae paralysando os nervos motores da peripheria para o centro, ao inverso do que costuma acontecer nas paralysias ordinarias d'estes nervos.

Affirma-se que o urari é dos mais terriveis venenos que se conhecem; mas o *Diccionario de Botanica Brazileira* diz, que ultimamente se lhe descobríra um antidoto, tão prompto no seu effeito como o proprio veneno: é o chlorureto de sodio ou sal commum. —«Um animal — continua a mesma obra — sentindo-se ferido por uma d'essas settas (impregnadas de urari) fica como attonito e soffrego; immediatamente depois sobrevem-lhe vertigens, torpor, vomitos, o côma e a morte. No estado de torpor ou vertigem que precede ao côma, póde ser sem resistencia posto em uma gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe na bôca uma pedra ou melhor uma solução de sal de cozinha. Quando o animal volta a si acha-se preso, mas em

estado de prostração que lhe não permitte, nas primeiras horas, nenhum acto de colera ou desespero.»—

É facil de prever o motivo por que os povos barbaros e ferozes se servem d'este veneno, quasi sempre em dóses que não produzam a morte instantanea. O seu fim é paralysar os adversarios para obter maior numero de prisioneiros, sobre quem possam exercer as mais crueis vinganças.

No rio Tocantins e no Japurá abunda o cipó urari. O veneno, depois de preparado, é um corpo solido, negro, de aspecto resinoso, soluvel na agua e facil de conservar-se dentro de qualquer vaso, sem que perca as propriedades toxicas. Os indios que usam d'elle, trazem sempre n'um canudo de tabóca porção sufficiente para impregnar a miude os bicos das frechas.

Tem-se tentado applica-lo em algumas doenças, taes como o tétano e a epilepsia, e como antidoto da strychnina; mas não tem dado resultados satisfactorios.

XLII

Pennas de urubú-tinga

Pag. 114, lin. 5

Urubú *(Cathartes fœtens)* é palavra tupi composta de urú, ave; e vú, comer; isto é: passaro vòraz. Tinga quer dizer branco.

O urubú preto é similhante ao corvo, mas tem o bico mais grosso e a cabeça como a da gallinha. No Pará e no Amazonas são estas aves que se encarregam da hygiene publica e não poucos serviços prestam ás povoações, limpando-as de todos os corpos mortos e dos intestinos de animaes, que as populações se não incommodam a enterrar. Imagine-se o que seria das cidades e villas do sertão, onde não ha nem sombra de policia sanitaria, sem estes excellentes auxiliares! No verão, quando milhares de pessoas vão para os lagos, á pesca do pirarecú, que seccam ou salgam para todo o anno, as praias cobrem-se litteralmente de urubús, que ajudam os jacarés a consumir as cabeças e entranhas d'aquelle peixe. Se os gados morrem por effeito de epidemias e as campinas ficam semeadas de cadaveres, são ainda milhões de urubús que os fazem desapparecer, evitando outra peste, que levaria tambem os homens. Nos matadouros publicos, (até no do Pará!) a limpeza principal está quasi toda a cargo d'estes uteis animaes, que se atiram zelosamente uns por cima dos outros no desempenho do seu serviço, e chegam a arrancar das mãos das pretas as tripas que ellas estão lavando, comendo-as logo com incrivel rapidez! Quando a fome os aperta

não duvidam entrar nas cozinhas abertas em varandas ou copiares, derrubar as panellas que estão ao lume e apoderar-se do que ellas teem dentro, sem receio de se queimarem. Muitas vezes me vi forçado, na villa de Alemquer, a corre-los a pauladas, sem conseguir expulsa-los de vez; apenas eu voltava costas, vinham atraz de mim, andando, saltando, esvoaçando, e era eu por fim quem fugia d'elles por não poder já supportar o cheiro repugnante que exhalam de si. Como ninguem os mata [1], e elles parecem saber isso, é difficil afugenta-los de qualquer parte, tanto mais que toda a gente reconhece a sua utilidade como limpadores de immundicie.

Estas aves domesticam-se facilmente; e até parecem estimar que alguem se dê ao incommodo de as reter em casa, porque teem a intelligencia necessaria para conhecer que d'esse modo satisfarão com mais frequencia a sua voracidade. Só alguns indios, porém, caem no logro de as aturar, por motivos de superstição.

O urubú tinga ou branco, que tambem

[1] Consta-me que uma postura municipal impõe 5$000 réis de multa a quem matar um urubú. É um testemunho de reconhecimento publico bem merecido, pelos serviços que elles prestam aos habitantes.

se sustenta de carnes corruptas, é rarissimo no Pará. Baena diz d'elle o seguinte:

—«O urubú-tinga, logo que percebe exhalação cadaverica desce ao logar d'ella, onde já acha urubús, os quaes não comem sem que elle comece a refazer-se da fome; esta é a rasão por que os indianos ajuizam que o urubú tinga é o monarcha dos urubús. Igualmente dizem que elle se eleva em seu vôo acima da região das nuvens; e, supersticiosos, asseveram que toda a frecha que tem na extremidade pennas d'esta ave acerta o tiro no objecto sobre que é enristada; e, finalmente, que toda a causa crime que for escripta com a penna, que tem dentro areia branca e finissima, o magistrado ha de sentencear a favor, ainda que ella seja injusta.» —

XLIII

Grasnar sinistro do passaro hiumára
Pag. 114, lin. 17

E um noctivago, cuja grasnada se assimilha ao som que faz a chita quando a rasgam. Acreditam os indios, quando lhe ouvem o canto, que elle lhes annuncia o proximo passamento.

AO TERCEIRO ACTO

I

Folhas de bananeira brava
Pag. 115, lin. 11

A bananeira brava é uma *Strelitzia*.

II

Moquém com lume por baixo
Pag. 115, lin. 13

Moquém ou muquém é uma especie de trempe de pau verde com 2 a 3 palmos de altura, tendo ao meio uma grade, que serve de grelha, tambem de madeira verde, e sobre ella se colloca o peixe ou carne que se pretende assar, mettendo-se lume por baixo. É invenção dos selvagens e o meio mais prompto que se póde ter nas florestas, sobre tudo quando falta o sal. Chamam-se moqueadas as iguarias que se assam d'este modo; duram muitos dias, e, quando se querem comer, prepara-se-lhes um môlho com pimenta, limão, agua (e sal quando o ha), e affirmo que ficam excellentes para quem tiver bom appetite.

III

Perna de veado a moquear
Pag. 115, lin. 14

Entre as muitas especies de veados que existem no Brazil, as seguintes parecem ser as mais distinctas: *Cervus campestris, C. palustris, C. nemorivagus, C. rufus.* A carne de qualquer d'ellas é deliciosa. No lago do Surubiú matámos um, a terçado, que os tapuios de Carmello & Barros obrigaram a lançar-se á agua, cortando-lhe a retirada do lado da floresta, e achámos-lhe 5 arrobas de peso! Foi um dos maiores veados que vi durante a minha estada no Brazil.

IV

Espingarda lazarina
Pag. 115, lin. 21

As lazarinas eram armas portuguezas, que se distinguiam pelo comprimento do cano, e pelo feitio desclegante e grosseiro da coronha. Apesar d'isso, eram excellentes para a caça, antes da invenção dos fulminantes, que as derrotou completamente. Se bem me recordo, tinham no cano esta inscripção original: *Lazaro Lazarino Legitimo de Braga.*

V

Festa de S. Thomé
Pag. 116, lin. 13

A festa de S. Thomé faz-se entre os tapuios do mesmo modo que os rapazes festejam Santo Antonio em Lisboa; isto é: por patuscada. Nas notas do *Odio de Raça* expliquei já como os indios celebram os festejos do Espirito Santo; os de S. Thomé pouco differem d'aquelles, a não ser pelas bebedeiras, mais homericas e mais duradouras. No *Ensaio Chorographico sobre o Pará* diz Baena, que os tapuios não fazem nenhuma festa religiosa, alem da de S. Thomé. Isto não é exacto; os tapuios gostam muito de festas de igreja, e, em geral de todas as ceremonias religiosas, embora não as comprehendam; e sympathisam especialmente com varios santos, se bem que a nenhum testemunhem tanta affeição como ao apostolo S. Thomé. Crêem elles que este santo andou pelo Brazil e ensinou os seus antepassados a cultivar a mandioca. Póde ver-se em varios escriptores do tempo do descobrimento, e tambem n'outros mais recentes, a lenda de Sumé, que é bastante curiosa.

A festa do apostolo, ensinada pelos jesuitas aos indios, é feita com esmolas que elles pedem dias antes por todos os logares, circumvizinhos d'aquelle onde ha de ser cele-

brada. No peditorio levam uma pequena imagem do santo apostolo, uma bandeira branca com a effigie d'elle, e junto de quem a empunha vae um tapuio tocando com a mão direita um tamborinho e soprando uma gaita, dedilhada pela mão esquerda. Baena traz uma nota dizendo: 'que essa gaita é differente de outra que chamam momboia xió, a qual é uma tabóca com tres furos, e uma lingua de tucano em logar de palheta; o som mavioso e sonoro d'este instrumento tem provocado em algumas pessoas tristeza e pranto'.

Confesso que n'esta questão de gaitas sou profundamente ignorante ou dotado de muito mau gosto; todas quantas ouvi tocar aos indios me pareciam iguaes, e me atacavam fortemente os nervos. Não me succedia o mesmo com os instrumentos de cordas, que alguns d'elles manejavam como se fossem verdadeiros artistas, dando á musica a expressão e sentimento que lhe eram proprios.

VI

Póde ser que esteja no porto
Pag. 117, lin. 1

A todos os logares em que se embarca ou desembarca, quer sejam nas immediações das casas quer em rios ou lagos deshabitados, se dá o nome de porto, quando offe-

rece bom e commodo accesso ás embarcações.

VII

Canôa de duas toldas
Pag. 117, lin. 4

Ha canôas de duas toldas, de uma, e sem nenhuma. As toldas podem ser de madeira ou de folhas de palmeiras; uma na prôa e outra á ré; ambas se fazem em fórma de arco, mas, em geral, nas de vante construe-se uma grade por cima para se poder andar e remar sobre ella. Na tolda da pôpa abrigam-se o dono da embarcação e sua familia; na outra, a guarnição.

Ás canoinhas pequenas, sem tolda, chamam montaria; ás de uma só tolda, igarité; ás de duas toldas, igára oçú ou simplesmente, canôa.

VIII

Salvas de espingarda
Pag. 117, lin. 8

Para os indios domesticos não ha verdadeira festa sem salvas. Parece que nós lhes levámos, com os rudimentos da civilisação, a mania brutal de queimar polvora a proposito de tudo. É impossivel que as nações cultas não copiassem de algum povo selvagem o uso barbaro de manifestar a alegria ou a tristeza, insurdecendo o proximo. Os gentios da Africa e da America tambem com-

memoram os principaes factos da sua existencia por meio de berreiros temiveis; tangem instrumentos capazes de atterrar leões e tigres, e exprimem o seu contentamento com ruidos que abalam montanhas. O homem civilisado inventou a artilheria; isto é: augmentou, aperfeiçoando-o, o methodo dos selvagens e reenviou-lh'o melhorado!

Os tapuios que por occasião dos festejos de S. Thomé se não atordoassem com algumas centenas de tiros, seriam considerados indignos de tornarem a ser juizes; e ninguem fallaria na festa feita por elles, ainda que em tudo o mais ella tivesse sido esplendida. O santo é um pretexto para salvas, comesaina, dansa e borracheira. Não se póde fazer idéa approximada dos delirios a que dão occasião esses divertimentos! A imagem do santo apostolo, collocada a um canto da sala de baile, assiste, com a immobilidade do barro cozido, ás scenas mais incriveis e extravagantes que póde conceber a phantasia. As dansas usadas são os lundús, que os executantes variam a capricho, com movimentos lascivos e nem sempre decentes. A essas dansas assistem muitas vezes senhoras de distincção, e não raro os brancos tomam parte n'ellas. As tapuias requebram-se com a languidez mais sensual, que poderia inventar a serpente, de peccaminosa

memoria; os homens fazem-lhes insolitas propostas, em voz baixa, durante o encontro dos pares; o caxiri, aguardente de beijú e outras bebidas, que fariam rugir tetanicamente as tripas do mais intrepido marinheiro inglez, vão dando pouco a pouco á festa uma feição burlesca; os tocadores, convertidos em odres, desafinam atrozmente, rebentam as cordas dos instrumentos e caem sobre elles, reduzindo-os a cavacos, aos lados dos bancos, onde se sentavam; os dansarinos e dansarinas continuam, porém, os seus meneios ternos, até caírem tambem; os menos ebrios arrastam para fóra da scena os que já succumbiram; e repetem as libações, até serem igualmente arrastados. Por fim, caem todos, como um castello de cartas; vomitam uns por cima dos outros, dormem, esmurram-se, escoucinham-se, terminando a saturnal de um modo que faria velar o rosto ao sol, se elle podesse presencea-la.

Devo porém declarar, que assisti por vezes a festas em que os tapuios não succumbiam inteiramente; ou porque fossem mais fortes ou porque se tornassem mais sobrios em attenção ás pessoas que tinham convidado, o certo é que resistiam sem caír. Conheci tambem algumas tapuias moças, que não bebiam liquidos inebriantes, por saberem que só com essa abstenção poderiam

defender e guardar a sua honra. Baena diz, que as indianas domesticas são destituidas do pejo natural ao sexo feminino; esta regra tem excepções e eu poderia citar algumas. Ás mulheres gentias é que deve com verdade applicar-se o reparo do escriptor paraense.

IX

Sahyré, saltar fogueiras e cortar o mastro
Pag. 117, lin. 24

Sahyré, sahiré, sayré ou toríua é um semi-circulo de cipó, com 6 palmos de diametro, quadripartito, tendo uma cruz e um espelho em cada uma d'essas partes e outra cruz no meio da periferia. — «É todo coberto de algodão batido, ornado de malacachetas e fitas, e adherente a seis pequenas varas, tambem cingidas de algodão, nas quaes seguram tres indias, sendo a do meio denominada mestra, e pegando outra india na ponta de uma longa fita, que está atada no alto do sahyré, por baixo da cruz; esta india vae saltando para um e outro lado após a mestra, e tambem para diante d'ella, volvendo outra vez ao seu logar.» — (Baena.)

Saltar as fogueiras é uso similhante ao nosso em noites de Santo Antonio, S. João ou S. Pedro. Os indios embrulham estas ceremonias e costumeiras, repetindo-as quando lhes parece, ainda que não venham a proposito.

Nas notas do *Odio de Raça* fallei já do sahyré e referi a ceremonia de cortar o mastro do Espirito Santo. Alguns tapuios costumam erguer tambem um mastro a S. Thomé; porém cortam-no sempre de dia, e não de noite como aqui se fez por conveniencia theatral.

X

Bonita mulher é Santa Maria
Pag. 118, lin. 20

Este verso e todos os outros, cantados pelas mulheres e o côro, são traduzidos da lingua tupi. Dei preferencia á medida mais monotona por me parecer que ella estava assim de accordo com o original.

É sabido que a lingua tupi não teve nunca poetas nem oradores que a illustrassem; comtudo, ella presta-se á construcção do verso, pelo seu caracter phonetico, delicadeza e suavidade. O que lhe falta são homens illustrados, que se dediquem a estuda-la profundamente, reduzindo-a a uma grammatica simples e em harmonia com os principios da moderna sciencia.

XI

Tupana!
Pag. 120, lin. 13

Tupá, Tupan, Mupana são synonymos de Deus, e tambem de hostia consagrada e trovão. No sentido em que aqui está, é uma

exclamação e significa litteralmente: Por Deus!

XII

Paranámirim
Pag. 120, lin. 16

Paraná, rio; mirim ou miri, pequeno. Aquelle que especialmente se designa por este nome é um furo, que recebendo perto de Obidos as aguas do Amazonas, na margem direita, subindo, vem restituir-lh'as algumas leguas a cima do furo do Surubiú ou rio de Alemquer, fronteiro á costa de Paricátiba. As bordas do Paranámirim são quasi todas cobertas de bosques de cacoeiros e de laranjaes, que igualam senão excedem em formosura os ricos pomares da ilha de S. Miguel, nos Açores. As laranjeiras formam em torno das habitações semi-circulos graciosos, que principiam á borda do rio, e, rodeando a casa, vão pelo outro lado acabar tambem junto á margem.

Quando eu por lá andava comprando cacau, carreguei muitas vezes a canôa com esses pomos deliciosos, que são talvez superiores aos de todas as outras partes do mundo. Durante o calor bebia-lhes o sumo, espremido n'uma cuia, e os meus tapuios consumiam-nos do mesmo modo. A abundancia era tal, que nunca nos faltavam; os moradores pediam-nos por favor, que os apa-

nhassemos nos seus pomares, para lhes evitarmos o trabalho de os varrerem para o rio, quando caíam das arvores, a fim de que não lhes viciassem, apodrecendo, o ar que elles respiravam!

Se algum acaso propicio levar este livro ás mãos da familia Pedra, saibam todos os que d'ella existirem, que o meu coração tem ainda boa memoria; e recebam affectuosas saudades do hospede agradecido, que tantas vezes e tão benevolamente acolheram e agasalharam na sua poetica residencia do Paranámirim. Ah! quem podéra ir sentar-se outra vez debaixo dos magnificos coqueiros, que ornam o terreiro d'essa casa hospedeira! Vão desejo! inutil aspiração! Passei por lá como passam as aguas do Paranámirim, que nunca voltam atraz para ver de novo os logares florescentes que vão banhando; imagens da vida do homem, que tambem caminha sem parar, nem poder voltar atraz ou deter-se um momento nas margens da existencia, para comtemplar outra vez os prados florentes da sua primavera!...

XIII

Frasqueira de cachaça, frasco de aguardente do Reino
Pag. 120, lin. 21

Frasqueira é uma medida de pau ou de cobre, que se usa nos engenhos para medir

a aguardente de canna, vulgarmente chamada cachaça, e corresponde a doze frascos.

Frasco, alem do vaso de vidro que tem este nome, é tambem medida de 5 quartilhos.

Aguardente do Reino é a de vinho, portugueza, que assim continuou a chamar-se depois da independencia do Brazil, para se differençar das aguardentes feitas no paiz.

XIV

Canta-se primeiro a ladainha
Pag. 121, lin. 15

Os tapuios cantam a ladainha em todas as festas que fazem, venha ou não a proposito. São reminiscencias dos jesuitas, que os entretinham com isso por saberem o prazer que lhes causavam todas as ceremonias ou cantos religiosos. Convem advertir que elles cantam a ladainha com ar de grande devoção, mas quasi nunca ligam a menor importancia ao que estão dizendo!

XV

Amarráram o Thomé!
Pag. 122, lin. 10

Um dos mais populares costumes do Pará é atar-se uma fita no braço de qualquer pessoa, em vespera do santo do seu nome. O amarrado ou amarrada fará pessima figura, não dando um banquete no dia seguinte ou,

pelo menos, não offerecendo uma prenda a quem o amarrou. Nada é tão divertido como apanhar com um d'estes innocentes laços, e diante de bastante gente, o braço de qualquer avarento! Um sujeito d'estes, tendo sido preso em Santarem por uma senhora, com uma riquissima fita de setim, franjada de oiro, lembrou-se de ir vendê-la, imaginando que o producto lhe daria para o jantar do dia seguinte; mas o caso soube-se e foi tamanha a assuada que fizeram ao homem, que o obrigaram a gastar 300$000 réis e, por fim, a mudar de terra!

XVI

Paneirinho de beijús
Pag. 122, lin. 22

Beijú é uma especie de bôlo, feito de farinha de mandioca amassada com agua. Tambem se faz aguardente da mesma massa fermentada e distillada depois pelo alambique, a que os indios chamam cauim beyuxiçára, que quer dizer aguardente de beijú.

XVII

Potes de caxiri
Pag. 123, lin. 3

O caxiri é feito de beijús de mandioca especial, que depois de cozidos no forno se mettem n'um paneiro, embrulhados em fo-

lhas verdes; passados dois dias deitam-nos em potes, com agua, desfazem-nos, mexendo, deixam fermentar, e obteem d'esse modo uma bebida, que o dever de historiador fiel me obriga a chamar detestavel. (Veja notas do *Odio de Raça.)*

XVIII

Roçado
Pag. 123, lin. 5

Logar onde se derrubou o arvoredo para cultivar a terra. (Veja notas do *Odio de Raça.)*

XIX

Guariba, tiborna
Pag. 123, lin. 23

Guariba é outra bebida atroz, tambem preparada com productos da mandioca. A tiborna, de mandiocaba, batata e farinha mastigadas, é o mais abominavel de todos os liquidos conhecidos até hoje; produz nos estomagos delicados um abalo capaz de fazer erriçar os cabellos a um calvo.

Seria indelicadeza descrever ao leitor o processo por que ella se prepara; o meu intuito é fazer livros e não vomitorios.

XX

Macapá

Pag. 124, lin. 8

Macapá, creada villa no anno de 1752, é hoje cidade; está situada na margem esquerda do Amazonas, 40 leguas distante do Cabo do Norte, n'um terreno plano e pouco elevado, com excellente vista, bons ares e boas aguas. O seu nome proveiu-lhe da preciosa madeira chamada macacaúba *(Centrolobium paraense)*, arvore leguminosa, com veios pretos, ondeados de vermelho, que abundava nos arredores quando a villa foi fundada. No tempo em que escreveu Baena (1838) a população compunha-se de uns 3:000 habitantes de todas as côres, sendo 500 escravos. Ha ali bastantes estabelecimentos commerciaes, e a terra exporta cacau, algodão, cravo, arroz, feijão, sabão, panno de algodão grosso, azeite de andiroba, milho, couros de boi, de veado e de cotia, tóros de macacaúba, castanha, gallinhas, patos, tartarugas, aguardente de canna, gado e diversos outros artigos das suas florestas, ricas de salsa, breu, oleos, drogas de perfumaria e caça de muitas variedades.

As campinas, onde pastam os seus gados, estendem-se até ao rio Calçoéne e ás serranias do Parú; são inteiramente planas, cortadas de rios e lagos amplissimos, e semea-

das de ilhotas cobertas de arvoredo. Nos rios proximos da cidade ha muitos engenhos de fabricar assucar e aguardente, grandes roças e ricas fazendas de gado.

Macapá teve outr'ora alguma importancia como praça de guerra; era artilhada com 86 peças de ferro e tinha uma guarnição bem exercitada. Quando eu ali estive, em 1841 ou 1842, as suas condições militares eram já deploraveis: casernas, armazens de viveres e da polvora, hospital, capella, trem da artilheria e todo o material de guerra desfaziam-se em poeira; o Amazonas encarregava-se por sua parte de arruinar as fortificações, solapando o plano natural do baluarte da Conceição, que talvez já não exista hoje!

XXI

Vae ao paneiro da farinha, tira aos punhados e come
Pag. 126, lin. 8

Os indios comem com pasmosa agilidade de pelotiqueiros a farinha de mandioca. Tomam um grande pugilo d'ella e atiram-n'a com um movimento rapido pela bôca dentro, como um tiro de chumbo embalado! Não lhes cae uma unica migalha, embora a mão que arremessa os projectís suspenda o impulso um palmo distante da bôca!

Tentei muitas vezes imita-los, mas, apesar das lições que elles me davam com a

maior complacencia, apenas conseguia abocar a decima parte da farinha; o resto espalhava-se-me pela cara, ou me entrava mais facilmente pelos olhos e nariz, com grande satisfação dos meus mestres tapuios!

XXII

Môlho de tucupi
Pag. 124, lin. 15

O tucupi é o liquido obtido da mandioca ralada e comprimida n'um tubo elastico, feito de talas de guarumá, chamado tipiti. (Veja a nota XXXII ao acto primeiro.) Frio, este liquido é um veneno mortal; fervido ao lume, serve para n'elle se cozer peixe ou carne, que assim fica excellente; e tambem para misturar n'uma especie de caldo gommoso (de tapioca?) denominado tacacá, que as pretas vendem pelas ruas, e que certos estomagos recebem sem rebentar como castanhas postas em braseiro! Deus me perdôe e me desconte tantos annos de castigo, pelos meus peccados, como de vezes eu me impanzinei com essa estupenda combinação!

Voltemos ao tucupi. Fervido ao sol, n'uma garrafa, com alho, sal e pimentas frescas, serve para môlho, em logar de azeite e vinagre; substitue a mostarda; dura muito tempo engarrafado, e é bom escabeche para

conservar carnes ou peixes moqueados. Alguns cozinheiros misturam hervas com o peixe cozido no tucupi, e posso certificar, que os agriões são excellentes comidos por esse processo. Ha quem goste de metter nas garrafas, em que se conserva este môlho, grandes formigas, pretas ou avermelhadas; dizem que assim fica mais aromatico e appetitoso! O meu estomago, á prova de tacacá, guariba, caxiri, cobra, jacaré, lagarto... finalmente, de comidas e bebidas que metteriam mais medo ao diabo do que uma cruz, resistiu sempre assanhado ao tucupi com formigas; não posso por isso saber se a cousa é boa, mas parece-me selvagem.

XXIII

O meu Xeiro
Pag. 127, lin. 14

Os indios dão o tratamento de xeiro a todas as pessoas do mesmo nome que elles. Antonio, é xeiro de Antonio ou de Antonia; Francisco, de Francisco ou Francisca, etc. Parece-me ser a palavra corrupção de céra, que quer dizer nome. Outros dizem cerapixára.

XXIV

Chico do Igarapé grande e o compadre Manduca
Pag. 127, lin. 14

Chico, sabem todos que é Francisco. Igarapé, significa em tupi rio, riacho ou estei-

ro. Manduca, chamam no Pará a quem tem o nome de Manuel.

XXV

O Peixe-boi e o Cabeça de capiuára
Pag. 127, lin. 16

Comprehende-se que são appellidos ou alcunhas que os tapuios põem uns aos outros.

Capiuára, capivára, capivuára, capibára é o *Hydrochœrus capyvara,* de Cuv. Martius diz, que é derivado de caapi e uára *(dominus graminis)* senhor do capim, por allusão á cannarana de agua e outras gramineas de que especialmente se alimenta este animal. A capiuára é o maior dos roedores conhecidos. Cria-se nos rios e lagôas de agua doce; tem o tamanho dos porcos do mato, côr cinzenta, pouco cabello, e come-se-lhe a carne, que é um tanto molle e carregada para as pessoas doentes. Os indios tambem gostam do seu toucinho, apesar de ser muito pegajoso. Costumam caça-las com armadilhas, nas roças e cannaviaes proximos dos rios. Preferi escrever capiuára por me parecer a orthographia mais consoante com a pronuncia tupi. A paginas 224, linha 20, do texto, saíu capuiáras por erro typographico.

XXVI

Vae commigo, senhora Miquelina?
Pag. 127, lin. 21

Modo por que se convida para dansar o lundú. Depois de ter começado o baile, simplifica-se esta formalidade a ponto de não serem precisas palavras. A pessoa que pretende dansar com outra, colloca-se em frente d'esta, principia a requebrar-se, acompanhando o compasso da musica com as pernas e os braços, dando estalinhos com os dedos, sorrindo-se e fazendo mil macaquices, mais ou menos graciosas, dirigidas todas áquelle ou áquella com quem quer dansar.

XXVII

Inambú
Pag. 128, lin. 20

Inambú, enambú ou nambú *(Crypturus)*. Ave da ordem das gallinaceas, de que ha differentes especies no Brazil. O inambú-toró *(Crypturus serratus,* Spix) parece-se com uma gallinha pedrez e põe ovos azues. O inambú-quiá ou coá *(Crypturus cinereus,* Lath.) é chamado vulgarmente inambú sujo, por ter as pennas côr de cinza escura; põe ovos vermelhos. Ha ainda outras variedades, taes como o inambú-péoa, inambú-piranga e inambú-y; mas só o inambú-toró, que repete de hora em hora as duas sylla-

bas finaes do seu nome, tem a honra de exercer, conjunctamente com o mutúm, as funcções de relogio. Crêem firmemente os indios, bravos ou mansos, que o mutúm canta de noite de duas em duas horas e o inambú de hora a hora. Este ultimo solta uma especie de guincho, que os tapuios imitam perfeitamente, assoprando nas mãos, quando se querem chamar uns aos outros nas florestas, sem que os estranhos percebam se o assobio é de homem ou de passaro.

XXVIII

Bagre

Pag. 128, lin. 26

O bagre *(Siluro)* é um peixe, que no Amazonas denominam guiry ou guri. Tem a cabeça como a do enxarroco, porém muito dura, e dentro duas pedrinhas brancas, muito bonitas, mettidas no miolo; a sua pelle é prateada e sem escamas. Algumas especies passam por ser electricas como o puraqué.

XXIX

Biribá

Pag. 129, lin. 17

Arvore da familia das anonaceas, que produz um fructo do mesmo nome, em fórma de pinha mansa, muito similhante ás anonas. O fructo, quando maduro, toma na su-

perficie escamosa uma bella côr amarellada; cada escama tem no apice um pico flexivel. A massa interior é branca e permeiada de muitos bagos pequenos, achatados, cada um dos quaes tem dentro um carocinho preto e luzidio, de fórma elliptica. A polpa come-se ás colhéres e tem sabor de nata ligeiramente adocicada.

XXX

Quindins de yáyá
Pag. 129, lin. 19

Já disse n'uma nota do *Odio de Raça,* que os diccionarios ainda não julgaram opportuno dar fóros de cidade ao vocabulo brazileiro quindins. E oxalá que fosse só esta falta que tivessemos a lamentar! Mas quantos termos portuguezissimos andam fóra da circumvallação lexicographica, esperando que os guardas barreiras da lingua, que deixam passar tantos artigos de contrabando, embainhem os chanfalhos da ignorancia com que lhes impedem a entrada no mercado! Desculpe-me o leitor indulgente esta tirada, com pretensões a estylo, que me escapou sem eu querer; mas faz pena ver que temos cada vez mais e maiores diccionarios e menos repositorios de boas e legitimas palavras portuguezas.

Yáyá ou yáyásinha é tambem, como todos sabem, palavra usada no Brazil; em-

prega-se como o tratamento mais assucarado, que um amante póde dar á sua bella n'aquelle paiz de doçuras.

XXXI

Mingáu de batata
E de jurumú
Pag. 129, lin. 20 e 21

No diccionario de Moraes encontra-se o seguinte artigo:

— «Mingáu, s. m. t. do Brazil: Papas de farinha de trigo, ou da flor da Mandioca, com assucar, ovos, etc. *Vasconc.* Not. Figueira, Gramm. p. 49 «pitinga» de mandioca molle fermentada na cama, ou em agua; tem mau cheiro, como indica o *tinga* da lingua Brazilica, em *catinga,* etc.» —

Impagavel Moraes! Tinga, quer dizer branco em lingua tupi, e não póde vir de catinga nem dar mau cheiro ao mingáu. É mais um destempero dos muitos que povoam aquella Babel da lingua portugueza, como lhe chamou o sr. Alexandre Herculano.

O mingáu póde ser feito de arroz, ou de qualquer farinha, como os caldos e as papas. Comi-o de muitas qualidades no Pará e no Amazonas, mas nunca achei nenhum com mau cheiro ou catinga.

O Brazil possue grande variedade de tuberculos comestiveis, com o nome commum

de batatas. Os mais notaveis, depois da mandioca, são: o cará *(Dioscorea brasiliensis*, Willd.) de massa compacta, branca, aquosa, macia, e de sabor agre-doce. Ha outra variedade, a *Dioscorea triloba,* de Vell., que é menos apreciada.

O inhame *(Dioscorea sativa*, Linn.) é da Africa, mas cultiva-se largamente no Brazil. É mais doce e succulento do que os carás; muito nutriente e sadio, de facil digestão e proprio para pudins e bôlos. Algumas d'estas tuberas pesam 3 kilogrammas.

Macaxera, macachera ou aipim *(Manihot aipi)* tem a raiz tuberosa, similhante á da mandioca, rolliça e adelgaçada para a extremidade; na casca, aspera e parda, do tuberculo, contém uma substancia compacta e adocicada, tendo um eixo fibroso ao centro. Cozida ou assada substitue o pão; ralada, produz uma fecula de que se faz a melhor farinha, pudins, bôlos e filhoz. Ha macaxera branca e preta. A planta que a produz tem, como a da mandioca, o nome vulgar de maniba.

Ha ainda uma batata avermelhada, mui doce e agradavel, que póde competir com o inhame.

Jurumú, gerumú e girimú é a *Cucurbita major,* de Duch. Apesar de originaria da India, esta abobora dá-se perfeitamente em

Era trigueiro o meu rosto,
Meus labios, rosada flor;
Os meus cabellos escuros,
Dos meus olhos negra a côr.

Quando cheguei aos quinze annos,
Chamavam-me anjo do bem;
E eu dava a todos sorrisos,
Sem ter amor a ninguem.

Ia crescendo, crescendo,
E linda cada vez mais!
E os moços da minha idade,
Ao ver-me tudo eram ais!

Que de morenos graciosos,
Que de brancos desprezei!
Corações de vinte amantes
Sem piedade aos pés calquei.

Só me aprazia banhar-me
Nas aguas do Guajará;
E colher favas de cheiro
Nos matagaes do Pará.

Mas um dia, um desgraçado,
Dos muitos a quem eu fiz,
Caíu-me aos pés, exclamando:
— «Morra assim quem me não quiz!

Que a paixão entre em tua alma;
Que adores quem não te amar;
E morras do desespero,
Que assim me faz acabar!

Que Deus te envenene a vida,
Fazendo-te amar em vão;
Seja o teu premio na terra
Um homem sem coração.» —

Disse e expirou; insensivel,
Do seu corpo me apartei.
Nem ri do seu desespero,
Nem, vendo-o morto, chorei.» —

II

Assim cantava a donzella
Na margem do Guajará;
Depois metteu-se nas matas
Que rodeiam o Pará.

Procurou favas e flores,
As mais formosas colheu;
E nos seus negros cabellos
Alva capella teceu.

Querendo saber do rio
Se estava mais bella assim,
Corre, corre, mas debalde,
Que a selva já não tem fim!

Não vê o espelho das aguas
Onde ía o rosto mirar...
Fugia o sol nas clareiras,
E ella sempre a caminhar!

Ferem-n'a agudos espinhos,
Açoitam-n'a mil cipós...
Segue uma visão que a chama,
Attrahe-a encantada voz.

— «Gentil caçador, escuta,
Dize-me por onde hei de ir.
Repara que não sou feia...» —
E o caçador sem a ouvir.

É tapuio e moço ainda,
Leva arco e frechas na mão;
Seus olhos tambem são negros,
Da côr que inspira a paixão.

Arfava o seio á donzella,
Que ía dizendo, a correr:
— «Como o coração me bate!
Como sinto o rosto arder!...

Caçador, é já sol posto;
Se andas perdido como eu,
Serás meu guarda esta noite,
Velarás o somno meu.

Tu és lindo, eu sou formosa;
Sou moça, joven tu és;
As onças irão de largo,
Vendo o teu arco a meus pés.

Ámanhã virás commigo
Banhar-te no Guajará;
E farás morrer de inveja
Mil amantes do Pará.

Só a ti, gentil tapuio,
Dou a flor do bem querer...
Pára; não fujas! espera!...» —
E o caçador a correr!

— «Não queres ser meu marido,
E em cama de fresco ubim,
Ou na rede de maqueira
Vir deitar-te a par de mim?!

Em vez de mulher, escrava
Terás para te servir;
Teus serão meu corpo e alma...» —
E o caçador a fugir!

— «Nenhum homem gosou nunca
Delicias quaes te eu darei...
Ah!... lembro-me!... És o phantasma
Dos corações que eu matei!» —

E a moça caíu sem vida
Na floresta do Pará,
Entre as plantas que perfumam
As aguas do Guajará.

XXXV

Sapopemas
Pag. 132, lin. 5

Sapopema ou çapopema, que é talvez melhor orthographia, vem de çepó apéba, que significa raiz chata.

Ha no Brazil differentes especies de arvores, que teem as raizes chatas como taboas, da largura de 1 e 2 metros, e crescem do tronco a 12 e 15 palmos de altura, descendo unidas a elle até ao chão, onde se alargam enormemente. A arvore parece mettida em raios, formando angulos agudos com o tronco e a terra, e deixando entre uma e outra raiz espaços onde podem caber muitas pessoas. É a essas grandes raizes que se dá o nome de sapopemas. Quando alguem se perde na floresta, bate n'ellas com o machado ou com a coronha da espingarda e o echo repercute-se a immensa distancia. É um modo de que se servem os exploradores de drogas, para se communicarem uns com os

outros, chamarem-se ou darem simplesmente signal, por algumas pancadas combinadas antecipadamente, de que não ha novidade. Como estas arvores abundam nas florestas do Pará e Amazonas é facil, por meio das sapopemas, reunirem-se rapidamente dez ou doze homens, que andem espalhados n'uma floresta fechadissima, para se prestarem mutuamente apoio em caso de perigo.

XXXVI

Juruti
Pag. 132, lin. 25

Juruti, jeruti e juriti *(Columba cabocolo,* Spix) é uma rola cinzenta, de peito esbranquiçado, quasi sem pennas na cabeça, e por isso lhe chamam juruti calvo. No Pará e Amazonas ha muitas variedades de rolas e pombas, todas excellentes para comer.

XXXVII

Nenhum tapuio se perde no mato, porque todos sabem guiar-se pelo sol
Pag. 133, lin. 10

Como todos os povos primitivos, os indios da America guiam-se pelo sol e nunca se transviam, emquanto se acham no estado selvagem. Depois de civilisados parece que se lhes enfraquecem gradualmente alguns dos sentidos, que anteriormente tinham apu-

radissimos, e não se afoutam com a mesma confiança a perder de vista as margens dos rios e dos lagos. Elles não teem comtudo outra bussola, senão o sol, para os impedir de se perderem nas solidões profundas, onde se aventuram muitas vezes até grandes distancias em procura da salsa, do cravo, da cupahiba e outras drogas; mas confessam, que se não arriscam com muita satisfação ao perigo de se extraviarem. Apesar de eu ter vivido perto de cinco annos em contacto constante com as florestas, não consegui nunca apropriar-me da sciencia dos indios, para saber guiar-me; apenas perdia de vista a margem do rio ou do lago, por maior attenção que tivesse prestado á posição do astro do dia e á sua marcha, não sabia já d'onde elle vinha nem para onde ía; enganava-me completamente nos calculos e internava-me, cuidando voltar ao ponto de partida! Imagine-se pois se os tapuios, tendo perdido com os habitos da civilisação a pratica da vida dos bosques, não estarão sujeitos ás mesmas difficuldades em que eu me via. É certo que são raros os que se perdem, mas perdem-se alguns; e isso basta para se suppôr que a asserção de Thomé era mais basofiosa do que verdadeira. (Veja nota XX do *Odio de Raça.)*

XXXVIII

Oiára

Pag. 133, lin. 19

Oiára, como o juiz explica, é a mãe d'agua ou Deusa dos rios. (Veja a nota XXXII do *Odio de Raça,* onde se trata largamente d'este mytho.)

XXXIX

Vamos á jáca!

Pag. 133, lin. 25

A jáca, nome de uma arvore fructifera (*Artocarpus integrifolia,* Linn.), é tambem uma dansa, introduzida entre os tapuios do Pará pelos soldados pernambucanos, que em 1835 fizeram parte da expedição encarregada de ir pacificar aquella provincia.

XL

Antes a chula!

Pag. 133, lin. 27

Outra dansa, levada pelos portuguezes, profundamente modificada com a transplantação. No Minho e no Douro é alegre, viva, energica e graciosa; nas margens do Amazonas adquiriu a languidez das dansarinas e dansarinos da localidade, tornando-se requebrada, lenta e sentimental como um antigo minuete.

XLI

Come gente
Pag. 136, lin. 3

Muitos tapuios, nascidos e creados nas villas e aldeias, entre os primeiros alvores da civilisação, filhos de mãe e pae já domesticos, suppõem que todos os indios bravos são anthropophagos. Alguns mesmo, que nasceram gentios, mas se separaram completamente da tribu, logo que se baptisaram, teem tanto ou mais terror que os outros em se approximar da antiga familia, convencidos de que ella não hesitaria em come-los, se os apanhasse!

XLII

Correndo a mão pela cabeça de Miquelina
Pag. 136, lin. 15

É um modo de exprimir a amisade ou simplesmente a sympathia, entre os jurunas.

XLIII

Cabeça de tátú!
Pag. 137, lin. 2

Tátú é um animal do genero *Dasypus*, de que ha diversas especies. Tátú-açú (*Dasypus gigas*, Cuv.) é quasi como um bacoro, tem as pernas curtas e escamosas, o focinho comprido e cheio de conchas, orelhas e cabeça pequenas, sendo esta igual-

mente revestida de conchinhas; olhos pequenos, cauda comprida e com muitas laminasinhas á roda, sobrepostas umas nas outras; o corpo é igualmente coberto com estas laminas ou conchas, que teem apparencia de forte e graciosa armadura. Quando o atacam, mette-se todo dentro da concha, deixando apenas de fóra as unhas, que são mui grandes e lhe servem para fazer no chão a casa onde vive e cria os filhos. Sustenta-se de fructos e minhocas; é muito vagaroso no andar, e quando cae de costas tem quasi tanta difficuldade como o jabuti para voltar-se. Pelo lado da barriga é avermelhado e cheio de verrugas.

Os indios apanham-n'os com armadilhas e apreciam muito a sua carne. As casas subterraneas, em que vivem os tátús, costumam ter muitas entradas, porém todas de tamanho que apenas caiba por cada uma um inquilino. Não ha força de homem capaz de arrancar o tátú para fóra da sua residencia, puxando-o pelo rabo, porque elle abre as conchas contra as paredes interiores da porta e crava as unhas no chão com uma energia, que o torna digno da liberdade e da vida. Vivem muitos juntos, mas sae só um por cada vez á caça dos fructos das palmeiras tucumaan (*Astrocaryum tucumã*) e mucajá (*Acrocomia sclerocarpa*, Mart.), de que

fazem seu principal sustento. Quando chegam debaixo das palmeiras, comem até fartar-se; depois levam para casa todos os fructos que pódem, assim como folhas seccas, que lhes servem para cama, e tambem como alimento quando desconfiam que alguem os está espreitando e não ousam por isso arriscar-se a sair. É no inverno que os pequenos saem atraz das mães, o que denota nascerem no outomno.

Este animal domestica-se facilmente, comtanto que no logar onde o mettem encontre chão apropriado para abrir a toca. Domestico, adquire rapidamente um dos mais perniciosos vicios do homem, que é roubar. Singular destino da civilisação! Corromper a humanidade.... e os tátús!

XLIV

Danças guerreiras
Pag. 137, lin. 16

É sabido que os povos barbaros são muito affeiçoados a todos os exercicios do corpo, e nas suas danças simulam geralmente luctas e combates.

XLV

Jacumá
Pag. 137, lin. 19

Jacumá quer dizer leme. Por extensão se chama tambem assim o remo curto, com

que nas canôas pequenas o homem que vae sentado á pôpa rema e governa ao mesmo tempo.

XLVI

Pirá-jaguára
Pag. 138, lin. 3

Pirá, peixe; jaguára ou jagoára, cão. É o *Delphinus* de quasi todos os naturalistas antigos e modernos, o boto lusitano, e buto, no portuguez das margens do Amazonas. Mas advirta-se que os de agua doce não devem confundir-se com os do mar, ainda que estes ultimos sobem pelos rios até grandes distancias.

É tão proverbial a rapidez com que o delphim corta a agua, que os maritimos o denominaram flecha do mar. Plinio diz que elle anda mais depressa do que um passaro voando ou um dardo arremessado por qualquer machina de guerra. Não foi só nos tempos antigos, nem exclusivamente na Grecia, que elle se tornou objecto das affeições e sympathias do homem; tambem os povos do sertão do Pará o tratam como amigo da especie humana. As fabulas risonhas dos gregos renovaram-se na foz do Surubiú, onde se crê que os butos, em vez de hostilisarem o homem, quando este naufraga, o acompanham até ás praias, no intuito de o defenderem dos outros animaes ou de o levarem

ás costas, se o virem prestes a afogar-se por effeito do cansaço.

Em todos os rios e lagos em que não escasseie o peixe, e as correntes sejam brandas, andam elles aos bandos, por entre as embarcações dos pescadores. Assim como no alto mar seguem os navios á porfia, brincando-lhes na prôa, nos rios e lagos do norte do Brazil seguem as canôas, e muitas vezes se approximam de quem está tomando banho nas praias, a ponto de se lhes poder chegar com as mãos. Não ha exemplo de praticarem a menor violencia contra qualquer naufrago. Infelizmente o homem corresponde quasi sempre mal á confiança dos outros animaes e retribue a dos delphins, arpoando-os durante as calmarias do Oceano por simples divertimento! Similhante ao tigre, mata por desenfado um ente inoffensivo como o buto, que se abstem de tirar desforras, apesar de ser carnivoro.

XLVII

Hugh!...
Pag. 142, lin. 3

Hugh! ou hough! grito guttural dos jurunas, que tem quasi sempre o valor de um rugido de colera, e que me foi impossivel esprimir com outras letras, para o fazer passar por interjeição.

XLVIII

Caraibébé
Pag. 142, lin. 7

Caraibébé ou caraybébé. Traduz-se por anjo, archanjo ou seraphim. Martius escreveu caraybabé, mas não me parece que seja a melhor orthographia. Todos os meus vocabularios manuscriptos teem caraibébé.

XLIX

Murucutú-miri
Pag. 142, lin. 10

É uma ave nocturna, de côr pedrez e olhos amarellos, do genero *Strix*. Os indios tiram bom ou mau presagio do seu canto, para o exito de qualquer empreza, conforme as disposições de espirito em que se acham.

L

Carybas
Pag. 142, lin. 22

Quer dizer brancos, e applicava-se exclusivamente aos portuguezes. Alguns vocabularios trazem cary'ba, mas como na lingua tupi o y tem quasi o som de u francez, outros escreveram cariuba, e tambem cariba. Hoje quasi todos pretendem que se diga e escreva carayba. Os indios do Amazonas e do Pará, a quem ouvi fallar tupi mais puro, pronunciavam de modo que eu entendi sem-

pre caryua; não me atrevo porém a sustentar que seja esta a verdadeira orthographia, com quanto não hesitasse em preferi-la a caraybe.

LI

Margens do Arinos
Pag. 142, lin. 24

Diz Baena que as vertentes do rio Arinos estão quasi beijando as do Xingú, e que umas e outras jazem quasi vizinhas das nascentes de Cuyabá e do Paraguay. Um capitão Bartholomeu Bossi escreveu ha poucos annos uma *Viagem pintoresca pelos rios Paraná, Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá e o Arino, tributario do grande Amazonas;* mas as suas descripções merecem pouco credito.

O Arinos desagôa no Tapajós; o terreno por onde elle corre passa por ser bastante aurifêro e diamantino.

LII

Tupinambaranas
Pag. 142, lin. 25

Ou Tupinambarana; é o nome de um braço, que o rio Madeira deita para E., 12 leguas acima da sua foz e entra no Amazonas 50 abaixo d'ella. É tambem conhecido por furo de Urariá ou Canumá.

LIII

Farejando para o lado da porta
Pag. 142, lin. 29

Os selvagens teem o olphato tão apurado que, a grandes distancias, conhecem a especie de animaes que se lhes approxima através da floresta, e ás vezes as tribus a que pertencem os homens, e se são amigos ou inimigos!

LIV

Araúna, que se esconde para obrigar o japim a crear-lhe os filhos!
Pag. 143, lin. 6

Araúna, ararúna, araraúna e uaraúna *(Psittacus hyacinthinus?)* é uma ave preta, do tamanho de uma rola, que vive em bandos no Pará e põe os ovos nos ninhos dos japins, para que estes lhe criem os filhos.

Japim, japiim, japii e japiym. Passaro pintado de amarello e preto, que pendura os ninhos nas arvores proximas das habitações do homem. Vive em bandos de mais de duzentos e arremeda o canto das outras aves. Os ninhos, pendendo ás centenas dos ramos das acacias, com as portas abertas de lado, e os japins cantando com as cabeças de fóra, teem o mais singular e gracioso aspecto que póde imaginar-se!

LV

Soares de Andrea
Pag. 146, lin. 7

Francisco José de Sousa Soares de Andrea, se a memoria me não falha, era o nome do valente general que pacificou o Pará, por occasião da cabanagem. Devi a esse homem distincto a satisfação de o ter conhecido pessoalmente, porque elle dignou-se ir de proposito á casa onde eu era caixeiro para me conhecer tambem. Eu tinha apenas onze annos; mas creio poder affirmar, sem immodestia, que n'aquelle tempo as duas celebridades mais notaveis do Pará eram o presidente da provincia... e eu. Elle distinguia-se pela energia com que batia os cabanos, pelo rigor com que mantinha a disciplina militar e provia á defeza da cidade, ainda ameaçada por alguns bandos de facinoras espalhados pelos rios ou matas proximas; eu, pela audacia com que punia todas as pessoas que me insultavam, sem attenção ao seu tamanho, qualidade, sexo, ou numero, e pela pericia com que lhes quebrava as cabeças com os pesos das balanças ou com as garrafas de aguardente. A fama do general offuscava um pouco a minha, attendendo-se á posição elevada do presidente da provincia; mas os caixeiros da cidade affir-

mavam, que em vista da minha idade eu era muito maior do que Andrea!

Elle costumava ir frequentemente a casa de um meu vizinho, chamado João Antonio Rodrigues Martins, irmão ou primo do barão de Jaguarari, que ficava fronteira ao estabelecimento onde eu era caixeiro. Das janellas d'essa casa via-se toda a rua da Paixão até ao largo do palacio do governo; passavam por ali ás vezes os presos cabanos, agarrados nos matos proximos de Santo Antonio, Reducto e Paúl de Agua, e não era raro que o presidente desse instrucções ás escoltas que os conduziam, quando lhe passavam por baixo das janellas, mandando fazer n'esses assassinos justiça summaria. Entre outros, recordo-me do seguinte facto:

Dois soldados conduziam um preso, segurando-o cada um do seu lado, pela cintura, e levando ambos as baionetas descembainhadas. Andrea, que estava conversando ao pé de uma janella, viu-os e gritou:

— Ó soldado! Quem é esse homem?

— É o Diamante, meu general.

— O Diamante?!

— Sim, senhor.

— Tens toda a certeza d'isso?

O preso, que era homem de côr, entre preto e mulato, dos que no paiz denominam cafuzes, alto, musculoso, de olhar feroz e

atrevido, voltou-se para a janella, onde se tinha reunido a familia da casa, e depois de encarar por um instante o general e as outras pessoas, disse:

—Vosserencia custa á capacitá que sô ió mesmo? Tem rézão; Diámante não deixava apanhá por seu sordado, si não tivesse caído quando corria em Páu d'Agua. Agora póde matá êre, que já vingou picando muito sordado de vosserencia. E tem pena de não matá vosserencia mesmo.

Toda a familia se retirou para dentro, revoltada com a insolencia do preso. Andrea disse para o soldado, deitando-lhe á rua um bilhete, rapidamente escripto a lapis:

—«Dize lá ao ajudante,
Que sendo esse o Diamante
O mande já lapidar.» —

Não sei se elle teve a intenção de fazer versos; mas as palavras soaram-me do modo por que as escrevi nos meus apontamentos ha mais de trinta annos, e como as transcrevo agora. Penso que Andrea não desgostava de rimar; citarei outro facto para apoiar esta asserção:

Um soldado, mandado por elle em serviço militar, matou com um tiro uma rapariga de quem teve ciumes. Sendo preso, dizia que não podia ser crime matar uma ca-

della. O conselho de guerra condemnou-o á morte, e só então o criminoso reconheceu, que a sua situação era grave. Appellou por isso da sentença para o presidente, que lhe poz este despacho:

— «No caso do supplicante
Não concedo appellação;
Tendo morrido a cadella,
Que morra tambem o cão.» —[1]

[1] Esta anecdota faz lembrar a do poeta Marere com Xisto V. Marere fez uma satyra, em que era ultrajada a mulher de um empregado superior; este queixou-se ao papa, que mandou chamar o poeta á sua presença: — Por que tratastes como meretriz uma dama que todos julgam virtuosa? Tendes motivos para vos queixardes d'ella? — Não, santo padre. — Então porque a calumniastes? — Precisava de uma rima e achei-a no seu nome.

Xisto V mordeu os beiços e perguntou-lhe: — E vós, senhor poeta, como vos chamaes? — Marere, para servir a vossa santidade. — N'esse caso tambem me chega a minha vez de fazer versos; e como o vosso nome me fornece a rima, quero experimentar:

Vous méritez, seigneur Marere
De ramer dans une galère.

(Vós mereceis, senhor Marere, de ir remar n'uma galé.)

Pronunciada a sentença, foram inuteis todas as supplicas feitas pelos parentes e amigos do culpado. — A rasão e a rima concordam tão raras vezes na poesia — respondia o papa — que é preciso apro-

Declaro que não tomo a responsabilidade d'este despacho; mas corria como certo no Pará, onde havia milhares de anecdotas a respeito de Andrea, umas comicas e com pilhas de graça, outras dramaticas ou tragicas. Em todas as provincias onde elle exerceu commando, ficou um homem lendario. Com relação ao Pará, foram immensos os serviços que ali prestou, e sem a sua grande energia não se tinha pacificado a provincia em tão pouco tempo. Elle saía de noite, disfarçado, para rondar as guardas e sentinellas, e era implacavel com as que apanhasse dormindo. Alguns negociantes, portuguezes e brazileiros, que tinham sido obrigados a sentar praça n'um corpo de policia, para defeza da cidade e sua propria, foram por vezes punidos duramente, até com pauladas, por infracções de disciplina! Os cabanos estavam costumados a zombar das auctoridades legaes, que dormiam muito; por isso só quando viram que Andrea os lapidava sem piedade é que se convenceram de que havia passado o seu S. Martinho.

Resta-me explicar por que motivo tive a honra de ser visitado por aquelle homem distincto. No prefacio dos *Cantos Matutinos*

veitar as occasiões em que isso acontece e faze-las constatar.—Em consequencia d'essa decisão, o poeta pagou a calumnia com algum tempo de galés.

referi uma das minhas proezas, a qual foi eu ter batido com uma grande colhér, cheia de manteiga, na cara de um escravo do presidente do Pará. Quando o mulato recolhia a palacio, pingado desde a cabeça até aos pés e com os olhos vermelhos do sal da manteiga, encontrou o senhor, que se dirigia para casa dos meus visinhos. Sabedor do caso, o general entrou no estabelecimento, onde eu estava chorando com as dores das palmatoadas que recebêra do meu ingrato patrão, por premio de tão glorioso feito.

—Foi o senhor quem quebrou a cara ao meu escravo?

—Fui; e por causa d'aquelle patife, apanhei duas duzias de palmatoadas!...

—Bem merecidas!

—O senhor diz-me isso?!

—Aposto que me quer dar tambem com a colhér de manteiga?!

—Chame-me gallego, marinheiro, bicudo ou pé de chumbo, como fez o biltre do seu escravo... e verá!

Andrea quiz sorrir-se e fez uma careta medonha. O motivo, que só mais tarde comprehendi, provinha de elle tambem ser portuguez; mas fizera-se brazileiro e não gostava que lhe lembrassem estas differenças.

—O meu rapaz chamou-lhe esses nomes?

—Por que lhe bateria eu?!

— Quem sabe?! Vejo-o quasi todos os dias atirar pedras aos pretos, quebrar cabeças e fazer tanta bulha n'esta rua!...

— É porque não estou resolvido a deixar-me insultar.

— Quantos annos tem?

— Onze.

— Promette! Continue assim, que ha de ir longe!

Saíu; e eu, que tomei a ironia por um comprimento, fiquei todo vaidoso e ufano de ter ensinado o escravo, sem me lembrar já da sova que isso me custára. D'ahi em diante, quando via passar o homem illustre, que tinha querido conhecer-me, perfilava-me ao balcão, á espera de novo elogio; mas o grande marechal nunca mais se dignou olhar para mim, nem o seu creado tornou a ir comprar generos ao estabelecimento! O meu patrão, despeitado com a perda do freguez, poz-me fóra por incorregivel.

Assim se apreciam e premeiam as mais bellas acções!

LVII

Pauxis

Pag. 149, lin. 3

Nome tupinico de Obidos, villa creada em 1758, na margem direita do Amazonas, algumas leguas abaixo da foz do rio Trombetas. (Veja *Ensaio Chorographico*, de Baena.)

LVII

Gurupátúba
Pag. 148, lin. 11

Nome de Monte-Alegre, antes de elevada a villa em 1758. (Veja a obra de Baena e as notas do *Odio de Raça.)*

LVIII

Xibé
Pag. 148, lin. 14

Farinha de mandioca molhada em agua fria.

LIX

Tapéra
Pag. 149, lin. 11

Aldeia velha, abandonada; e diz-se tambem dos sitios ermos.

LX

Do mato
Pag. 152, lin. 10

Nome por que todos os tapuios designam as florestas.

LXI

Itaúba, maçarandúba e cedro
Pag. 153, lin. 20

São tudo arvores que se empregam na construção naval e na marcenaria. Itaúba é *Acrodiclidium itaúba;* maçaranduba, *Mimusops elata;* cedro, *Cedrella brasiliensis.* Das ou-

tras especies já se tratou nas precedentes notas.

LXII

Cenemby que toma o sol sobre os ramos da embaubeira
Pag. 156, lin. 17

Cenemby é o camaleão. Embaúba, ambaíba, imbaíba, umbaúba ou embaubeira é a *Cecropia peltata,* de Linn. A preguiça vive n'esta arvore, que povôa as margens do Amazonas, e alimenta-se dos seus grelos medicinaes.

LXIII

Aipim
Pag. 156, lin. 19

Aipim, aipi, aipii e aipiym é uma variedade da mandioca. (Veja a nota XXXI, do acto terceiro.) Os indios anthropophagos esperavam, para matar os prisioneiros, que fosse occasião de se fazerem os vinhos de mandioca, milho ou cajú, para com elles comerem a carne dos adversarios, como em alguns logares de Portugal se espera o vinho novo para matar o porco.

LXIV

Assacú
Pag. 157, lin. 9

É a *Hura brasiliensis,* euphorbia colossal, de cujo leite os indios compõem, com outros ingredientes, um veneno para empe-

çonhar os bicos das frechas. Suppoz-se durante algum tempo que esse leite fosse remedio efficaz contra a elephantiasis; infelizmente, provou-se já o contrario. Apenas serve para embriagar os peixes; e os indios tambem o usam como emplasto, contra a dor de peito. Só por si não é veneno mortal, apesar de Lourenço parecer persuadido d'isso.

AO QUARTO ACTO

I

Miriti, marajá, caraná, bacába, patauá
Pag. 159, lin. 27 e seguintes

Miriti é a *Mauritia flexuosa,* uma das mais bellas arvores da familia das palmeiras; marajá, *Bactris setosa;* caraná, *Mauritia caraná;* bacába, *Œnocarpus distychius;* patauá, *Œnocarpus batauá.*

II

Estou no mato virgem
Pag. 161, lin. 22

Humboldt queixava-se de que já no seu tempo se tinha abusado muito da denominação de floresta ou mata primitiva, que não tem significação absoluta: — «Deve cha-

mar-se floresta primitiva ou virgem a toda a qualidade de mata brava e cerrada, entulhada de arvores vigorosas, que nunca sentiram a mão destruidora do homem? Esse nome póde então applicar-se a grande numero de regiões diversas da zona temperada e mesmo da glacial. Mas pretendendo-se designar, principalmente, a impenetrabilidade de uma vasta floresta e a impossibilidade de n'ella abrir caminho, sem ser a machado, por entre arvores que não teem menos de 8 a 12 pés de diametro, as florestas virgens pertencem exclusivamente ás regiões tropicaes.» — *(Tableaux de la Nature.)*

No Brazil chama-se mato virgem não só a todo aquelle que nunca foi explorado, como tambem ao que não tem caminhos de qualquer natureza, nem permitte que se entre n'elle sem auxilio do sabre e do machado.

III

Deitou-se no chão, para ouvir o ruido dos teus passos
Pag. 162, lin. 7

Os indios do Brazil conhecem, escutando com o ouvido no chão, o rumo, a distancia e quasi o numero dos seus inimigos. A solidão em que vivem apura-lhes todos os sentidos e dá-lhes a faculdade de poderem differençar immediatamente um cipó de uma cobra e os passos do homem dos de outros

animaes. Alem d'isso, a enorme quantidade de folhas seccas, que alastram o chão, permitte-lhes distinguir melhor os ruidos.

Por mais de uma vez, na minha vida aventurosa, recorri a esses meios selvagens com optimos resultados. Quando residi na costa de Paricátiba, entre Obidos e Alemquer, havia em casa uma preta de quinze ou dezeseis annos, que tinha adquirido entre outros vicios o costume de fugir para o mato. Eu era caixeiro do senhor d'ella; e posso affirmar, que se não fossem as correcções que se lhe davam, por ser useira e vezeira em fugir, a minha escravidão seria peior do que a sua. O trabalho que se lhe distribuia não era violento, nem demasiado para a sua idade; comia do mesmo que eu, vestia das mesmas fazendas e tinha a vantagem de não comprar o vestuario, que a mim me custava bem caro, apesar de ser mui simples. Existe porém uma raça de pretos, que, fugindo uma vez, toma gosto á liberdade e não ha branduras nem mimos capazes de lhe impedir as reincidencias. A escrava de que trato pertencia a essa raça.

No sitio em que habitavamos, abundavam os fructos silvestres; as casas da nossa residencia eram cercadas de mangueiras, laranjeiras e bananeiras, onde a preta podia, durante a noite, prover-se para muitos dias.

A direita e á esquerda, estendiam-se grandes plantações de cacau; ao nascente, corria o Amazonas; e ao poente havia um grande lago, que no verão deixava descobertas extensas campinas, immediatamente vestidas de verdura. Em todos os arredores, quer para as bandas do lago quer para as do rio, descobriam-se vistas aprazíveis, caminhos por baixo de ramarias sempre verdes e floridas, cortados de pequenos lagos e riachos. Ás horas do calor, sombras deliciosas, sobre leitos de folhagens odorantes, convidavam ao repouso do corpo e ao recreio dos olhos, que podiam contemplar milhares de insectos doirados e passaros de côres brilhantes, volteando sob a abobada de verdura; durante a noite, um céu refulgente de estrellas ou luar, que faria inveja aos dias de outros climas; temperatura tepida e suavemente embalsamada; arvores, cujos ramos formavam leitos naturaes, onde se podia adormecer, embalado pela viração, ouvindo os cantos melodiosos do sabiá!...

A preta tinha rasão para preferir a vida livre da floresta ao captiveiro domestico.

Que importava que por entre os arvoredos passeasse tambem o jaguar, a boa, o cascavel e a jeraraca? Que o jacaré viesse, manso e de leve, respirar ao pé d'ella, durante a noite, o ar perfumado que a em-

briagava? Deus collocára Adão e Eva no Paraiso, entre todos esses monstros, e não consta que elles mordessem nossos primeiros paes; pelo contrario, offereciam-lhes graciosamente os fructos prohibidos! O meu patrão, porém, que era o homem menos poeta que eu tenho encontrado, não concordava com a opinião da preta, e obrigava-me a ir com elle dar-lhe caça. Passavamos ás vezes dias inteiros, correndo as plantações e os bosques; avistavamos de longe a fugitiva; mas, quando chegavamos aos logares onde a tinhamos visto, já ella havia desapparecido; d'ahi a pouco, mostrava-se novamente a maior distancia; corriamos n'essa direcção, sumia-se outra vez rapidamente! Quando a apanhavamos, o senhor mandava-a açoitar; solta no dia seguinte, fugia no mesmo instante. E assim sempre! Aborrecido da sua incorrigibilidade, o senhor jurou, á setima ou oitava vez, que ella não tornaria a fugir-lhe; e recomeçámos a caçada. Tendo-a eu apanhado, logo depois do protesto de Carmello, a misera deitou-se de joelhos, recordando-me as surras que já tinha levado e a que lhe reservava agora a colera do senhor; como este não estava presente, larguei-a, aconselhando-a porém a que se fosse para bem longe e não voltasse mais ás proximidades da casa. Prometteu e jurou tudo, mas continuou,

como anteriormente, a mostrar-se nas immediações. Carmello andava furioso; fazia-me erguer no melhor dos meus somnos, para ir com elle pela floresta, atraz de todos os ruidos nocturnos, batendo com a cabeça e o rosto contra os ramos, e tendo a cada passo encontros desagradaveis!

Foram taes e tantos os incommodos por que passei, que me resolvi finalmente a agarrar a escrava; declarei porém a Carmello, que só o faria com a condição de elle a vender sem lhe dar pancadas, ao que annuiu facilmente. N'essa mesma tarde nos puzemos em campo, percorrendo os sitios proximos dos nossos cacaoaes. Tinhamos chegado á residencia de uns vizinhos, e estavamos interrogando os pretos d'elles, quando avistei a preta debaixo de uma mangueira que havia no terreiro. Ella partiu, no mesmo instante que me viu correr para o seu lado, e metteu-se nas plantações, onde o ruido dos meus proprios passos, sobre as folhas seccas, me desnorteava. Perdendo-a de vista, parei, escutando. Todos os sons se confundiam com o rumor do vento nas ramas dos arvoredos; deitei-me rapidamente e encostei o ouvido ao chão; assim, ouvi distinctamente os passos da preta, que fugia em direcção ao lago. Ergui-me e recomecei a carreira. De vez em quando parava e deitava-

me do mesmo modo; mas este meio de verificar o rumo, fazia-me perder muito tempo e a fugitiva distanciava-se cada vez mais. Era comtudo impossivel proceder de outro modo, porque, apenas eu começava a correr, a bulha dos meus pés sobre a folhagem não me deixava distinguir mais nada. Um tiro de artilheria ou um trovão, que estalassem n'aquelle momento, passariam sem eu dar por elles. Da ultima vez que escutei, não ouvi os passos da preta; julguei que lhe tinha perdido a pista, mas continuei a correr na mesma direcção. Em breve reconheci, pela claridade que via através das arvores, o motivo por que já não a ouvia. Acabava-se a floresta, que repercutia os sons, e começava a campina, estendendo-se até ao lago. Havia ainda muitos arbustos e hervas espinhosas, mais altas do que um homem, que seriam difficeis senão impossiveis de romper; mas no local onde desemboquei principiava uma especie de caminho, que depois de rodear por algum tempo as plantações seguia em direcção ao lago, atravessando a parte mais elevada e formosa da planicie. De um e outro lado viam-se macissos de verdura, matizados de flores; de espaço a espaço, os jenipapeiros vergavam sob o peso dos fructos pardacentos, similhantes no feitio e na côr aos seios de jovens selvagens; em torno de uma sumau-

meira esvoaçavam as garças, confundindo as suas pennas com a pennugem vegetal, que pendia dos casulos entre-abertos das ramadas; ao longe destacava-se, correndo, a preta fugitiva. Temendo que ella, com o seu feroz amor de independencia, preferisse antes arremessar-se ás aguas e servir de pasto aos jacarés do que deixar-se agarrar, apressei a carreira. Chegado ao sitio mais alto da campina, o quadro que se me offereceu aos olhos faria a gloria do pintor que soubesse reproduzi-lo fielmente na téla. A preta, que tinha cansado, aninhára-se n'uma especie de gruta, formada pelas ramarias, onde o negro de seu corpo quasi nú contrastava admiravelmente com os diversos tons da verdura que a rodeava; no seu rosto, não destituido de belleza, viam-se impressos o terror, o cansaço, a altivez selvagem e a colera, que lhe punham as feições de accordo com a paizagem; aos lados da cabeça, e pela testa, caíam-lhe as extremidades de alguns ramos esverdeados, d'onde pendiam cachos de flores vermelhas, que pareciam ter sido estudadas com fino gosto para adornos da joven escrava. Quando cheguei ao pé d'ella, reprehendi-a severamente, perguntando-lhe porque não tinha fugido de vez, como me promettêra. Disse-me, que estava á espera de outras escravas, que deviam conduzi-la a

um mocambo, e pediu-me que a largasse novamente. Como eu lhe afiancei que o senhor lhe não bateria, resignou-se a acompanhar-me sem resistencia, protestando que não tornaria a fugir.

Quando chegámos a casa, Carmello mandou-a amarrar ao tronco de uma laranjeira, e, apesar dos meus rogos e protestos, retalhar-lhe o corpo com açoutes, dados com ramos de cuieira verde! Findo este brutal castigo, curaram-lhe os golpes com sal e vinagre, e não me recordo se tambem com pimenta! Pozeram-lhe uma corrente aos pés, e durante dois dias esteve nua e exposta ao sol, que lhe fazia deitar tanto suor como sangue!

Ainda hoje me recordo com horror e magua de a ter capturado, confiando que não seria castigada; o grito de indignação que soltei á vista de tamanha crueldade, firmou, desde esse momento, as minhas opiniões a respeito da escravidão. Ali jurei, ante a infeliz escrava atormentada, que faria guerra a todo o transe e por todos os meios possiveis a tão nefanda instituição. Ao barbaro senhor disse, com uma audacia que espantou a sua selvajaria, que nunca mais teria por elle consideração nem respeito, e que se a preta quizesse fugir novamente, eu tentaria auxilia-la. A energia que me faltára até

ali para protestar contra a minha propria escravidão, acordou n'esse instante, e depois dei mais de uma vez provas d'ella ao miseravel flagellador da pobre captiva.

Decorreu um anno. A preta não tornou a fugir! Era caso para admirar; mas não tardou muito que eu tivesse a explicação do phenomeno. O senhor fizera da escrava concubina, com o intuito de lhe vender os filhos! Ignorei porém sempre, se a causa das primeiras fugas teria sido por não querer ella ceder aos desejos infames do branco, se por ciumes de outra preta, igualmente joven, que a esse tempo gosava das boas graças d'elle; mas, com certeza, houve um d'estes motivos.

IV

Curumi
Pag. 162, lin. 16

Curumi, coromi, cunumi, colomim e curumim; o mesmo que rapaz.

V

Ubim
Pag. 162, lin. 24

Ubim *(Geonoma)* é uma palmeira, cujas folhas servem para empaneirar farinha, para toldas de canôas, etc.

VI

Tieuára
Pag. 164, lin. 13

O mesmo que xibé ou farinha de mandioca molhada em agua fria.

VII

Cotitiribá
Pag. 168, lin. 7

Arvore da familia das guttiferas, que produz um fructo do mesmo nome. Outros escrevem cutipiribá.

VIII

Tijuco
Pag. 170, lin. 3

Tijuco, tujuco e tyjuca; o mesmo que lama.

IX

Gentleman
Pag. 170, lin. 14

Homem bem nascido, ainda que não seja nobre.

Todos sabem que é palavra ingleza; e quando digo todos, refiro-me aos que sabem inglez ou que julgam sabe-lo.

X

Coatá
Pag. 173, lin. 15

Especie de macaco mui grande.

XI

Acauan, que dos ramos do tauari
Pag. 176, lin. 2

Acauan, acauã, macaoan, oacauam *(Falco cachinans,* Linn.) é um passaro, que parece pronunciar o seu nome cantando. Destroe as cobras, arremessando-se sobre ellas de grande altura, tornando a voar e largando-as novamente, até as matar.

Tauari, tauraria, tauiri, turari, tururi e torari *(Couratari guianensis,* Aubl.) é uma myrtacea, de cuja casca os gentios fazem vestimentas, e que lhes serve tambem para mortalhas de cigarros.

XII

Jaquiranaboia e a jeraraca
Pag. 176, lin. 4

Jaquiranaboia ou jakiranamboya *(Fulgora lanternaria);* cobrinha com azas, cuja mordedura é mortal.

Jeraraca, jararaca, jiraraca e geraraca. *(Cophias atrox,* Merr., *Trigonocephalus jararaca,* Cuv.); é outra cobra venenosissima, que chega até 8 palmos de comprido.

XIII

Anambé... sucurijú
Pag. 176, lin. 5 e 7

Anambé é um passarinho de muitas côres. Julgo ser o *Septicolor.*

Sucurijú, soucuriuh, socuriú, sucuriú, çucurijú, sucurejiú *(Boa Scytale,* Linn.) é talvez a maior serpente aquatica da America, e provavelmente a mesma que na lingua kechua, do Alto Amazonas, se chama yacumama ou mãe do rio.

XIV

Urucuri
Pag. 176, lin. 9

Urucuri é a palmeira *Attalea excelsa,* de Mart., com o caroço da qual se defuma o leite da borracha para o fazer coalhar.

XV

Cauré e salsarana
Pag. 177, lin. 9

Cauré, planta de cuja raiz se tira agua distillada odorifera.

Salsarana, é uma japecanga *(Smilax)* de raiz aromatica e caule velludoso. Salsarana quer dizer salsa espuria, para a differençar da salsaparrilha verdadeira.

XVI

Cunambi
Pag. 184, lin. 9

Cunambi, cunabi, conami, canabi ou conanú *(Phyllantus brasiliensis,* Lamk.). Euphorbia que dá uns fructinhos como pinhões,

julgados venenosos pelos indios, mas que apenas teem a força toxica sufficiente para entorpecer os peixes.

XVII

Caxinduba
Pag. 184, lin. 13

Caxinduba, caxinguba, e cuaginguba (*Ficcus anthelmintica,* Mart.). Crêem os indigenas que o leite d'esta arvore, excellente como anthelmintico, se torna em veneno mortal quando ella está carregada de fructos.

XVIII

O timbó da capoeira e o juruti pepena
Pag. 184, lin. 16

Baena affirma, que é venenosa a raiz do timbó da capoeira, assim como o juruti pepena. São plantas que não acho classificadas.

XIX

Araticúpanan
Pag. 184, lin. 18

No texto diz-se, por erro typographico, araticúcúpanan. É a *Anona palustris,* de Linn., cujo fructo os indios julgam tambem venenoso.

XX

Arvoeiro
Pag. 184, lin. 21

Diz Baena, que é arvore espinhosa e tem veneno, e que por isso lhe dão o nome de assacú miri.

XXI

Agua da raiz de manacan
Pag. 185, lin. 4

O manacan de que se trata é a *Brunfelsia hopeana,* cuja raiz, segundo Martius, produz lethargos. Ha outras especies, uma das quaes (a *Franciscea uniflora)* promove o aborto.

XXII

Poquéca de tamacuaré
Pag. 185, lin. 6

Poquéca ou pokéca significa embrulho e mortalha. Os indios mettem n'uma folha verde, bem amarrada com cipós, peixe ou caça, convenientemente temperada; enterram-n'a no rescaldo, e assim se assa perfeitamente. A isto chamam peixe ou carne de poquéca.

Tamacuaré ou tamaquaré, especie de lagarto, que as tapuias dão a comer aos inconstantes, persuadidas de que elle os reconduzirá novamente ao bom caminho.

XXIII

Piraén
Pag. 185, lin. 18

De pyra, peixe; ém ou én, secco.

XXIV

Timbó-açú
Pag. 191, lin. 25

Cipó de enorme grossura, a que por isso dão este nome.

XXV

Japecanga
Pag. 191, lin. 27

Trepadeira do genero *Smilax*.

XXVI

Guapohi
Pag. 192, lin. 1

Guapohi ou guapuy, outro cipó, cuja raiz tem propriedades medicinaes.

XXVII

Sururina
Pag. 193, lin. 3

Ave similhante ao inambú. Talvez a *Muscicapa suiriri*, de Vieill.

XXVIII

Maracaná
Pag. 194, lin. 15

Maracaná *(Psittacus severus?)* é um papagaio amarello.

XXIX

Samambaya
Pag. 194, lin. 17

Samambaya *(Polypodium lepidopteris)*; nome do feto, em lingua tupi.

XXX

Oitibó
Pag. 194, lin. 20

Ouvir o canto do oitibó ou noitibó é, para os indios, um presagio funesto.

XXXI

Piquiá
Pag. 195, lin. 19

Piquiá, pequiá, piqui, piquihy *(Caryocar brasiliensis,* St. Hil.) Arvore de grandes dimensões, que dá fructos comestiveis.

XXXII

Mamauarana
Pag. 197, lin. 17

Ou mamanarana, arvoreta do genero *Carica,* familia das papayaceas.

XXXIII

Carajurú
Pag. 199, lin. 24

Alstrœmeria peregrina, de Willd.

XXXIV

Manbariára, Pacuruína
Pag. 201, lin. 4

Rios, que lançam as suas aguas no Tapajós.

XXXV

Tijuaé-pitúba
Pag. 201, lin. 10

Tijuaé, velho; pitúba, covarde.

XXXVI

Tocantins
Pag. 201, lin. 14

Grande rio, que nasce na serra dos Veadeiros da Chapada grande do Brazil; corre ao norte da capital de Goyaz e vem desaguar na bahia do Limoeiro e costa de Marapatá, 31 leguas distante da cidade do Pará.

XXXVII

Acaiacá Piranga!
Pag. 201, lin. 21

Acaiacá, cedro; piranga, vermelho.

*

XXXVIII

Imbiri
Pag. 202, lin. 3

Canna angustifolia, de Will., que tambem se chama, n'outras partes do Brazil, herva dos feridos.

XXXIX

Um homem não chora, vinga-se
Pag. 203, lin. 16

Dizem varios escriptores, que os indios da America do Sul não riam nem choravam nunca. Ignoro se os descobridores lhes ensinaram a exprimir d'este modo a alegria ou a dor; mas affirmo, que os vi rir e chorar differentes vezes, se bem que o seu riso fosse sempre triste e melancolico. Depois de civilisados, tornam-se mais expansivos na alegria.

XL

Jaburú
Pag. 204, lin. 3

Jaburú, jabirú, tambúiáiá, tujujú e jaburú moleque *(Ciconia mycteria,* Linn.) é a maior ave ribeirinha do Brazil.

XLI

Tartaruga voltada com o peito para cima
Pag. 204, lin. 11

É o modo por que as impedem de fugir, quando se apanham a desovar nas praias.

(Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil,* no primeiro anno das *Artes e Letras.)*

XLII

Que se pinte e que solte os seus cabellos
Pag. 205, lin. 18

As mulheres costumam mudar a fórma do penteado e pintar-se com tinta de jenipapo, em demonstração de luto.

XLIII

Tibicuára
Pag. 205, lin. 26

De tibi ou tyba, jazigo; e cuára ou coára, buraco, fizeram cemiterio. O *Diccionario Portuguez e Braziliano* diz Tupán-óca-rocára, que se poderia traduzir talvez assim: 'Agora, no furo ou buraco da casa de Deus'.

AO QUINTO ACTO

I

Carapanás, morossócas, piúns, mucuíns, mutúcas, maruíns
Pag. 207, lin. 21

Carapanás e morossócas são mosquitos parecidos com os nossos, mas mordem com mais alma; os piúns pertencem a outra es-

pecie voadora e mordedora, que faz uma bolha em cada ferroada; mucuín é um insecto vermelho, pequenissimo, que se agarra á carne com mais energia do que o prego á madeira; mutúcas são grandes moscas, que parecem morder com pontas de alfinetes; aos maruíns ou meruíns chama Baena esquirolas de mosca na grandura; mas póde dizer-se d'elles, que se não devem medir pelo tamanho, attendendo á valentia das suas picadas.

II

Shocking
Pag. 212, lin. 10

Offensivo, desagradavel e inconveniente.

III

Cachimbo com tubo de taquari
Pag. 217, lin. 14

Panicum horisontale? É um arbustinho de que se fazem tubos de cachimbos e pipos de seringas. Para os cachimbos, pintam-n'o, depois de secco, de varias côres e dourados; quanto mais comprido é o taquari, maior indicio de grandeza. Alguns teem metro e meio! Creio que a palavra é composta e se deveria escrever taquara-hy, canna d'agua.

IV

Capoeira

Pag. 219, lin. 11

Logar onde houve plantação e que depois se abandonou, tornando ahi a crescer mato, sem que todavia chegue á altura dos outros arvoredos. Julgo ser corrupção de caâpoám, ilha.

V

Margens vermelhas do Curumú

Pag. 220, lin. 15

Refere-se á côr de certas barreiras, que n'alguns logares do lago é avermelhada.

VI

Jaguára-pitúba

Pag. 223, lin. 25

Jaguára, cão; pitúba, covarde.

VII

Umiri

Pag. 224, lin. 8

Humirium balsamifera, de Aubl. Dá oleo e resina aromatica, de cheiro similhante ao do benjoim.

VIII

Não quer flores, rezas, nem lagrimas estereis

Pag. 225, lin. 13

Non hoc præcipuum amicorum munus est prosequi defunctum ignavo questu, sed quæ voluerit meminisse, quæ mandaverit exse-

qui. *(Tacito,* liv. II.) O indio adivinhou, repetindo-as, as palavras do grande analysta romano.

IX

Outra banda dos grandes lagos
Pag. 235, lin. 3

O juruna suppõe, por tradição, que os mares tambem são lagos, pegados uns nos outros, como grande parte dos do Amazonas.

X

Ymiraquiynha?
Pag. 235, lin. 6

Ymiraquiynha, pau cravo ou cravo do Maranhão é a *Dicypellium caryophyllatum,* de Nees.

XI

Marapenima
Pag. 236, lin. 23

Arvore da mais formosa madeira que talvez exista. Polida, assimilha-se á tartaruga. Chamam-lhe tambem moirapinima; porém a verdadeira orthographia tupi deve ser ymira pinima, que quer dizer pau pintado.

XII

Marapaúba
Pag. 236, lin. 25

Arvore de cuja madeira se fazem bahús no Pará.

XIII

Quitute
Pag. 252, lin. 14

Quitute, diz Moraes que corresponde a paparicho.

XIV

Angelim
Pag. 252, lin. 20

Leguminosa do genero *Andira*. Andira quer dizer morcego.

XV

Jauari, Maués
Pag. 252, lin. 22

Nomes de rios, onde habitam indios bravos.

XVI

Raiz da ururina e leite da ucuúba
Pag. 254, lin. 16

Plantas medicinaes, muito estimadas no Pará. A segunda *(Myristica sebifera,* Lamk.) dá leite côr de sangue; do seu fructo oleoso tira-se uma especie de sebo amarellado, que serve para vélas.

XVII

Acarahi
Pag. 254, lin. 24

Rio tributario do Xingú.

XVIII

Jacurutú
Pag. 256, lin. 7

Jacurutú (*Strix nacurutú*, Vieill.) é ave das trevas e tem a cabeça parecida com a do gato; alimenta-se de passaros, cobras e outros reptis. De todas as noctivagas é a que mais apavora, quando quebra a mudez da noite com as suas grasnadas lugubres.

XIX

Amortalhar na bandeira do seu paiz o corpo do chefe juruna
Pag. 257, lin. 5

Desejo que nem mesmo aquelles que affirmam não serem os indios subditos do imperador do Brazil, possam offender-se com esta demonstração funebre. Esforcei-me para que o caracter do juruna o tornasse digno de tão honrosa mortalha; se não o consegui, perdoe-me a grande nação a quem é destinada a minha obra, e digne-se acolhe-la com a mesma generosidade e benevolencia com que outr'ora recebeu o auctor em seu seio hospitaleiro.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

VOCABULARIO DAS PALAVRAS TUPIS

A QUE SE REFEREM AS NOTAS DO CEDRO VERMELHO

A	PAG.
Acaiacá	291
Acanhêmo	156
Acapú	16
Acará	138
Acarahi	297
Acauan	285
Açú	60
Aipim	273
Anambé	285
Andira	297
Andiroba	212
Anhangapi	249
Aninga	154
Apiába	156
Apiácas	»
Araçá	144
Araticúpanan	287
Arauaná	176
Araúna	264
Arinos	263
Arvoeiro	288
Assacú	273
Assahy	149
Aturá	78

B	PAG.
Bacába	274
Beijú	236
Beyuxiçára	»
Biribá	244
Boré	200
Bussú	36

C	
Caá	60
Caâpoám	295
Caîpora	141
Cabureíba	202
Caititú	215
Cajú	158
Camará	152
Cambebas	145
Cambuy	181
Capiuára	242
Capoeira (timbó da)	287
Cará	247
Caraibébé	262
Carajurú	291
Caraná	274
Carapaná	293

PAG.
Caraxoé..... 119
Carybas..... 262
Cauím 236
Cauré..... 286
Caxinduba..... 287
Caxiri..... 236
Cenemby..... 273
Cernamby..... 195
Cipó..... 152
Coatá..... 284
Coropira 248
Cotia 199
Cotitiribá..... 284
Cruapé..... 177
Cuieira..... 39
Cumarú 197
Cunambi..... 286
Cunhã 249
Cunhã mocú ..... »
Cunhatém ..... »
Cupahiba..... 143
Curauá..... 24
Curimbó..... 186
Curumi..... 283
Curumú 33

E

Embaúba..... 273
Envira 195

G

Giboia 114
Girau..... 147
Goarabá..... 175
Goiabeira 39
Guainambi 141

PAG.
Guaparaíba..... 96
Guapohi..... 289
Guaporé..... 184
Guaraná..... 186
Guariba..... 108
Guarumá..... 77
Guiry..... 244
Gurupatuba 272

H

Hiumára 223

I

Iapúna..... 60
Icuipiranga..... 91
Igarapé..... 241
Imbiri..... 292
Inajá..... 31
Inambú 243
Ingá..... 144
Itaúba..... 272

J

Jabatopita..... 142
Jaborandi..... 203
Jaboti..... 199
Jaburú..... 292
Jáca..... 256
Jacarandá 16
Jacaré 63
Jacitára..... 149
Jacumá 259
Jacurutú 298
Jaguar..... 63
Jaguára (pirá) 260
Jaguára (pitúba) .. 295

PAG.
Jaguareté..... 64
Japecanga..... 289
Japim..... 264
Japinong..... 156
Jaquiranaboia..... 285
Jatuaíba..... 125
Jauari..... 297
Jejú..... 15
Jenipapo..... 145
Jeraraca..... 285
Juba..... 152
Juruena..... 184
Jurumú..... 246
Juruna..... 124
Jurupari..... 80
Jurutauhi..... 216
Juruti..... 254
Juruti (pepena).... 287
Jussára..... 147
Jutahi..... 179

M

Macacaúba..... 238
Macapá..... »
Maçarandúba..... 272
Macaxera..... 247
Magoari..... 211
Mambariára..... 291
Mamauarana..... 290
Manacan..... 288
Mandioca..... 147
Manduca..... 241
Maparajuba..... 16
Maracá..... 151
Maracajá..... 147
Maracaná..... 290

PAG.
Maracujá..... 41
Marajá..... 274
Marapaúba..... 296
Marapenima..... »
Maruin..... 293
Marupá..... 200
Maués..... 297
Membeca..... 78
Mingáu (?)..... 246
Miri..... 60
Miriti..... 274
Morossóca..... 293
Mucajá..... 258
Mucuím..... 293
Mundurucú..... 90
Munguba..... 158
Mura..... 90
Murucututú..... 262
Mururé..... 59
Muruxi..... 157
Mutúca..... 293
Mutúm..... 79

N

Niá..... 195
Noitibó..... 290

O

Oiára (mãe d'agua) 256
Oiára (flor de)..... 150

P

Paca..... 199
Pacova..... 64
Pacuruína..... 291
Paraná (Amazonas) 125

PAG.
Paranámirim..... 233
Parintim..... 155
Patauá..... 274
Pauxis..... 271
Paxiuba..... 147
Pepena (juruti).... 287
Piága..... 150
Pindoba..... 35
Pinima..... 296
Piquiá..... 290
Pirá..... 260
Piraén..... 289
Piranga..... 291
Piranha..... 138
Pirarecú..... 89
Pitúba..... 291
Pitynga..... 125
Piúm..... 293
Pixuna..... 64
Poquéca..... 286
Poraqué..... 151
Puxiri..... 197

S

Sahyré..... 231
Salsarana..... 286
Samambaya..... 290
Sapopema..... 253
Sapucaia..... 179
Saracura..... 159
Sororóca..... 64
Sucupira..... 155
Sucurijú..... 265
Samaúma..... 152
Surubim..... 176
Surubiú..... 72
Sururina..... 289
Susuarana..... 64

T

Taba..... 134
Tabóca..... 27
Tacápe..... 155
Tacuára..... 27
Tamacuaré..... 288
Tambaqui..... 176
Tangapema..... 31
Tapajós (rio)..... 90
Tapajós (indios)... 145
Tapéra..... 272
Taperibá..... 148
Tapirahiauára..... 64
Tapiyra..... 141
Taquari..... 294
Tarauyra..... 15
Tatá..... 156
Tátú..... 257
Tauari..... 285
Tejupar..... 119
Tibicuára..... 293
Ticuára..... 284
Tiié..... 144
Tijuaé..... 291
Tijuco..... 284
Timbó..... 177
Timbóaçú..... 289
Tinga..... 220
Tinguí..... 177
Tipiti..... 76
Titica..... 177
Tocantins..... 291
Topé..... 76

PAG.
Tucuman..... 28
Tucunaré..... 176
Tucano..... 182
Tucupi..... 240
Tucuruí..... 185
Tupana..... 232
Tupi..... 122
Tupinaén..... 213
Tupinambá..... 118
Tupinambaranas .. 263

U

Ubá..... 110
Ubim..... 283
Ucuúba..... 297
Umiri..... 295
Urari..... 217
Uratinga..... 142

PAG.
Urubú..... 220
Urucú..... 157
Urucuri..... 286
Urupema..... 78
Ururina..... 297

X

Xeiro..... 241
Xibé..... 272
Xingú..... 120

Y

Ygára..... 228
Ygarité..... »
Ymiraitá..... 32
Ymirapariba..... 143
Ymiraquiynha..... 296

A. Arnaut

ERROS QUE SE DEVEM CORRIGIR

Pag.	Lin.		
35	22	que o somno o faça esquecer.	que o façam esquecer
47	1	requencia	frequencia
59	27	nymphaecea	nymphæa
64	29	preta	pretas
»	»	se	e
65	27	alimaria	alimarias
»	»	sem	em
78	4	*Marauta*	*Maranta*
»	7	membaca	membeca
110	23	bua	ubá
132	5	da	de
139	18	na	nas
»	24	Mmarituba	Umarituba
140	16	gritarem-me	gritaram-me
142	12	jabacopita	jabatopita
155	15	habitam	habita
158	17	que adhere aos ramos	que adhere a elle
171	1	ladrando	latindo
178	17	poços	poças
»	»	cheios	cheias
183	26	do	de
191	»	Da primeira passava-se	Da primeira arvore passava-se
193	4	ensinarem	ensinar
232	28	Mupana	Tupana
248	20	entrançado	entrançadas
253	28	É um	É o
257	12	em	de
271	11	comprimento	cumprimento
277	1	A direita	Á direita